ANAIS
DA
BIBLIOTECA NACIONAL

VOL. 69

1. DIÁRIO DE HENRIQUE HAECXS (1645-1654) — Tradução de Frei Agostinho Keijzers, O. C.
2. HISTORIA DE LA RECUPERACION DEL BRASIL, por Eugenio de Narbona y Zuñiga.
3. ADVERTENCIAS que de necessidad forçada importa al servicio de Su Magestad, que se consideren en la Recuperacion de Pernambuco, hechas por Luys Alvares Barriga.
4. PROPUESTA de las advertencias, que de necessidad forçada, se deven justamente descursar, sobre la seguridad y certeza con que se deve recuperar el puerto de Pernambuco, defenderse y conservarse el Estado del Brasil, por Luis Alvares Barriga.

DIVISÃO DE OBRAS RARAS E PUBLICAÇÕES

ANAIS
DA
BIBLIOTECA NACIONAL

VOL. 69

DIVISÃO DE OBRAS RARAS E PUBLICAÇÕES

EXPLICAÇÃO

Ao comemorar-se, no dia 19 de fevereiro de 1949, o terceiro centenário da batalha de Guararapes, não podia a Biblioteca Nacional deixar de associar-se culturalmente aos festejos de caráter oficial que se deverão realizar, publicando novos documentos esclarecedores daquele episódio ou em geral do domínio holandês no Brasil. A pobreza da documentação estritamente relativa a Guararapes obriga-nos a dar um caráter mais geral ao volume 69 dêstes Anais.

As fontes primordiais sôbre esta fase não estão totalmente esgotadas. Resta muito a fazer. Resta, antes de tudo, divulgar as coleções Joaquim Caetano da Silva e José Higino Duarte Pereira, uma no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a outra no Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano. Resta ainda divulgar alguns códices que brevemente serão impressos nos Documentos Históricos *da Biblioteca Nacional. Resta, enfim, traduzir e imprimir alguns relatórios e relações inéditos e reimprimir alguns opúsculos de extrema importância e raridade.*

Só assim nascerá uma historiografia autêntica, baseada nas fontes primárias, nos testemunhos diretos, nas vozes da época. Só assim será reescrita, ao depois, uma nova historiografia, verdadeira e fidedigna, que compreenda também o passado à luz das teorias modernas, que o interrogue segundo as perguntas do atual presente.

Neste volume ouviremos o depoimento de um neerlandês que comerciou com o povo dominado, e depois o governou. Escutaremos a voz de um espanhol que aqui nunca estêve e, finalmente, atenderemos às representações de um cavaleiro português. O primeiro é sêco e objetivo, tal como um comerciante e burguês, que o foi. O segundo, derramado, jactancioso, eloqüente e retórico, é uma fonte secundária, já que seu escrito deriva de informações de outros. O terceiro é um homem experimentado, conhecedor do Brasil, conselheiro que adverte os erros e indica as correções. Sua obra não teve finalidade histórica; antes pretendeu ser um roteiro político-econômico-militar, uma descrição atual das dificuldades do Brasil e dos remédios para reconquista de sua grandeza perdida

com o domínio holandês. Cada um dêsses escritos exprime, naturalmente, a subjetividade da formação espiritual, os interêsses sociais e econômicos dos autores.

O "Diário" de Hendrik Haecxs tem interêsse primordial. Êle reflete a opinião holandesa dos últimos e agonizantes momentos da fracassada experiência tentada no Nordeste brasileiro. Na historiografia brasileira nunca se ouviu para esta fase de 1645 a 1654 uma voz holandesa tão autorizada quanto esta, pela convivência e interêsse. A obra de Nieuhof era a última palavra que se tinha sôbre os acontecimentos até 1649. Depois desta data, para conhecer-se o espírito holandês devia-se recorrer a raras peças manuscritas holandesas, tôdas desconexas, desarticuladas e inorgânicas. Nenhum documento da coleção de Joaquim Caetano ou José Higino oferece um conjunto tão sistemático de informações, que expliquem cronològicamente a vida brasileira de 1645 a 1654.

Naturalmente, o verdadeiro historiador saberá controlar as opiniões menos objetivas, ou mais pessoais do Diário de um holandês duplamente empenhado na manutenção da ordem holandesa. Como agente comercial e como Alto Comissário dos acionistas neerlandeses, Hendrik Haecxs é um representante típico da burguesia urbana, então dominadora, não só na Holanda, mas nos países que disputavam a hegemonia mundial. Êle mesmo, libertado nos negócios de qualquer peia moral, pela reforma calvinista, empresta, conforme o depoimento do Almirante De Witte, a juros exorbitantes de 38, 40 e 42% ao ano (1). É por isso que ao lado das descrições do Brasil encontram-se dados e informações preciosas sôbre a vida, o comércio e a navegação holandeses de sua época. Homem de negócios, enfronhado nos caminhos e descaminhos da vida comercial, êle registra miudezas que passariam despercebidas da maioria dos observadores comuns, excessivamente preocupados, às vêzes, com as coisas políticas. E quando as registra, enquadra-as na política geral holandesa. É especialmente a sua missão aos Países Baixos em 1647, nunca referida por historiadores holandeses, portuguêses e brasileiros, como acentua Naber na introdução que se segue, que nos fornece as melhores notícias sôbre a política e a vida burguesa. As lutas das Câmaras, a vida interna da Companhia, suas formas e estilos, suas decisões aparecem claramente. É aqui também que o "Diário" nos revela muita novidade sôbre a navegação, os males e doenças que atacavam os viajantes, a deficiência da náutica dos holandeses, etc. O Relatório

---

(1) Cf. Journal van den Admiraal De Witte, no volume «Relações Diversas», da Coleção José Higino Duarte Pereira, do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano.

de 12 de novembro de 1647, apresentado dias depois de desembarcado, é um dos mais importantes trechos dêste "Diário".

Aparece denunciada em relatório de dezembro de 1647, quando Haecxs empreende a volta, uma arte dos negociantes holandeses que era comum atribuir-se sòmente aos comerciantes portuguêses. Já na Arte de Furtar, *já nos* Sermões *de Vieira ou em outros e vários autores é comum acusar-se a desonestidade dos que geriam coisas públicas ou negociavam com o público. Como se havia de restaurar o Brasil, pergunta Vieira, se o capitão de mar e guerra fazia cruel guerra ao seu navio, vendendo os mantimentos, as munições, as enxárcias, as velas, as antenas, e se não vendeu o casco do galeão foi porque não achou quem lho comprasse? (2). Açúcar e mais tarde café foram misturados com areia nos sacos exportados para o estrangeiro, denunciando pouca esperteza e pouco escrúpulo. Sempre se escreveu contra a desonestidade administrativa e a falta de escrúpulo do comércio português e sempre se louvou a respeitabilidade burguesa do comércio inglês e holandês. A respeitabilidade foi mesmo considerada como a mais alta virtude da época capitalista, ao contrário da inteligência e da santidade, orgulhos da Antiguidade e Idade Média. Pois bem, como se explicam as fraudes do comércio holandês nas suas relações com as Companhias, sociedades semi-oficiais, pela proteção que lhes dispensava o Estado? Soldados holandeses foram armados com fuzis que arrebentavam à primeira descarga. Eis um fato novo que merece ser lido e estudado.*

Alguns costumes burgueses, alguns hábitos judaicos integrados na vida holandesa transparecem destas objetivas páginas. O costume judaico de cobrir a cabeça no templo era fielmente observado nas reuniões da Companhia das Índias Ocidentais, a tal ponto que Haecxs sempre registra o fato, como registra também que em sua audiência como S. Alteza Guilherme II conservou-se de cabeça descoberta.

Como já dissemos, algumas expressões de Haecxs ou de Naber devem ser lidas com a compreensão de que se trata de um inimigo ou de um patriota que ora adjetiva a vitória de Lichthart de esplêndida, ora declara que a esquadra de Hauthain era a mão protetora que se estendia sôbre a costa em 1652. Mas isto não impede que Haecxs afirme objetivamente que a tropa brasileira, depois de treinada pela campanha de vários anos, era, às vésperas da capitulação total, "gente horrível de se ver, armados de tal modo e marchando em tão boa ordem, como jamais se viu". Como jamais se viu, escreve um holandês, conhecedor pelo menos de ouvir falar

---

(2) Antônio Vieira, *Sermões*, Seleção de Hernâni Cidade, vol. II, 1940, p. 211.

das lutas na Europa. Um pouco antes êle mostrara o definhamento da colônia holandesa, reduzida à mais insignificante expressão, pela fôrça do sitio da tropa e armada luso-brasileira. A falta de assunto, nos dias anteriores à capitulação, quando apenas registra o aparecimento de estrêlas e cometas, e o vôo de pássaros pretos sôbre cuja significação hesita, mostra bem o desespêro de Haecxs.

O conselheiro conhecia a importância do poder naval sôbre o qual deveria recair o pêso da luta, e Naber acentuou como o poderio da República Batava estava, ao fim da luta no Brasil, completamente ocupado na primeira guerra naval inglêsa. Não se pode ocultar a importância da paralisação da fôrça naval holandesa, que impediu a República de enviar seus exércitos e manter seu comércio através dos mares e oceanos. Êsse foi, sem dúvida, um dos fatôres que mais influiu para abreviar a restauração pernambucana.

O manuscrito do "Diário" de Haecxs foi publicado pela diligência de S. P. L'Honoré Naber (1865-1936), distinto oficial da marinha holandesa. Sua paixão pelos que trataram das experiências marítimas holandesas, sua capacidade e erudição, bem como o cuidado com que dirigiu a reimpressão de obras raras e valiosas, tornaram-no um nome de respeitosa memória. Êle dirigiu, prefaciou e anotou as monumentais edições de Barleus, Laet, Diederik Ruiters, Van Haghen sôbre De Witte, Michael Hemmersan, J. G. Aldenburgh, Ambrosius Richshoffer e Pieter de Marees.

Em sua magnífica e erudita introdução êle nos conta a origem, história, partes e finalidade do manuscrito. Discute com rigor sua veracidade e estabelece a autoria indiscutível de Haecxs. Engana-se apenas ao afirmar que o documento escapara até agora às investigações dos pesquisadores. Souto Maior desde 1912 havia publicado trechos dêste "Diário" (3). Impresso em 1925, no vol. 46 da revista holandesa Bijdragen en Mededeelingen van het Historisch Genootschap Gevestigd te Utrecht, *foi por nós mandado microfilmar, com fundos fornecidos pela Fundação Rockefeller na Biblioteca Pública de Nova Iorque, quando lá estivemos em 1943, por não existir na Biblioteca Nacional. Traduzido competentemente pelo Revmo. Padre Frei Agostinho Keijzers, O. C., depois de cuidadosamente revista a tradução, acrescentamos-lhe algumas notas, e no suplemento II procuramos comparar a tradução de Alfredo de Carvalho do trecho da Viagem de Nicolaus de Graaf com a tradução de Frei Agostinho Keijzers, feita segundo a reprodução de Naber.*

---

(3) Rev. do Inst. Hist. e Geog. Bras., t. 75, parte 1ª, págs. 259-504.

Com esta publicação não ficam totalmente conhecidas as atividades de Hendrik Haecxs, de vez que na coleção José Higino Duarte Pereira se encontram no volume intitulado "Vonnesien" (1654-1655), os seguintes documentos :

N.º 18. 28 de dez. de 1654. Examen voor raden van den Hove van Holland van Hendrick Haecxs gewesen hoogen raad in Brazilie-gedetineerde.

N.º 20. 11 de fev. de 1655. Examen by het collegie van den rade Hendrick Haecxs, gewesen hoghen raedt in Brazil-gedetineerde.

N.º 21. Overgeleverd 22 de fev· de 1655. Articulen over de iudicatuyre van de militaire officieren, tegen over luitenant-generaal S. van Schoppen en Hendrik Haecxs.

N.º 22. 25 de fev. de 1655. Examen voor de raden van den hove van Holland, van lieut-gener. S. van Schoppen tegen over Hendrik Haecxs.

N.º 24. s. d. Artijkelen om daarop te examineren Hendrick Haecxs, gewesen hooge raad in Brazilie.

N.º 25. s· d. Provisionele artijkelen tot examinatie van Hendrick Haecxs, gewesen hooge raad van Brazilie.

N.º 26. s. d. Namen der personen, die als getuigen dienen gehoord te worden tegen de hooge raden in Brazilie en in ' t bizonder tegen H. Haecxs.

É pelo interrogatório feito aos 28 de dezembro de 1654 (n.º 18, acima referido), que se fica sabendo ter Haecxs nascido em Wismar, na província de Mecklenburg, em 1610, tendo, portanto, 44 anos quando dirigia os destinos da colônia holandesa no Brasil. No interrogatório de 11 de fevereiro de 1655 (n.º 20, acima referido), é êle apontado por algumas testemunhas como o maior responsável pela queda do Recife. Haecxs foi o mais acusado, caluniado e odiado de todos os conselheiros do Alto e Secreto Conselho.

Na Biblioteca Nacional existe também uma cópia do "Extract uit de Notulen van Brazilie" de 29 de agôsto de 1650, extraído não sabemos se diretamente na Holanda ou das próprias "Dagelijksche Notulen der Hooghe Regeering in Brazilie", existentes no Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano.

Eugênio de Narbona, nascido em Toledo, formou-se em direito canônico e entrou para o serviço da Igreja, tendo exercido as funções de pároco, protonotário apostólico e Bispo de Toledo. Êstes são os dados biográficos do autor desta Recuperacion del Brasil, *até hoje ao que saibamos inédita e desconhecida. Registram-lhe o manuscrito Nicolau Antônio. na sua* Biblioteca Hispana Nova

(2.ª ed., Madri, 1783, 1.º t., págs. 361-362), *e Antônio Leão Pinelo, no* Epitome de la Biblioteca Occidental y Oriental *(2.ª ed., t. II, pág. 676).*

Nenhum cronista ou historiador português, holandês ou brasileiro referiu-se sequer à existência do manuscrito. A própria historiografia espanhola (4) parece ter desconhecido ou desprezado a crônica do bispo toledano. Como as outras historiografias, ela registra apenas Tomás Tamayo de Vargas, Juan de Valencia y Guzman e Duarte de Albuquerque Coelho. O primeiro desmereceu a tradução infiel de Inácio Aciòli de Cerqueira e Silva (Bahia, 1847), o segundo parece só ter sido consultado por Varnhagen, que o cita nas fontes de que se serviu para a História das Lutas, *e o terceiro, o melhor de todos, é um dos mais fiéis retratos do Brasil dos seiscentos. Não merecia também a péssima tradução de Inácio de Aciòli Cerqueira e Silva e Melo Morais (Rio de Janeiro, 1855), que foi muito usada. Em tradução revista foi editado novamente em 1944 (Recife, Imprensa Oficial). Duarte de Albuquerque Coelho é fonte autêntica para o período de 1632 a 1638, enquanto os dois primeiros cuidam da restauração da Bahia. Tamayo de Vargas foi editado em 1628 e Juan de Valencia y Guzman permaneceu inédito mais de dois séculos. Sua obra era digna de uma reedição, de vez que é rara a* Colleccion de Documentos Ineditos para la Historia de España, *onde foi impresso em 1870 (5).*

A crônica de Eugênio Narbona esperou três séculos para vir à luz. Não há dúvida que o Bispo escreveu-a em face de notícias orais, que lhe foram transmitidas pelos aventureiros espanhóis que vieram restaurar a Bahia, e de papéis da época, como relatórios e relações de oficiais e cronistas. Não há grandes novidades nem substanciosa é sua narrativa, que imita as conhecidas e omite particularidades sociais e econômicas.

Eugênio de Narbona além dessa obra escreveu mais as seguintes : Historia de d. Pedro Tenorio, Arzobispo de Toledo, *Toledo, João Ruiz Pereda, 1624, 2 vols.;* Doctrina politica civil escrita por aforismos, 1621; Exercicios espirituales y oracion afectuosa para estar en presencia del Santissimo Sacramento, *Toledo, 1624. Deixou em manuscrito as seguintes : "Annales eclesiasticos desde el nacimento de Jesu Christo Nuestro Señor"; "Dom Félix de Luna, ou seja, sob êste nome, vida e feitos de D. Gaspar de Guzman,*

(4) Cf. B. Sanchez Alonso, *História de la historiografia española*, *Madri*, 1944, págs. 422-24 e 345, onde se refere a *D. Pedro Tenorio* (1624) outro livro de E. Narbona.

(5) Madri, ed. dos Marqueses de Miraflores y D. Miguel Salva, t. LV.

Conde de Olivares". Redigiu, em boa parte, a "História de Toledo". Estas são as notícias bibliográficas que nos fornece D. Nicolau Antônio.

A "Historia de la recuperacion del Brasil feita pelas armas de España y Portugal" foi oferecida em manuscrito à Biblioteca Nacional por Augusto de Lima Júnior, segundo cópia da Biblioteca Apostólica Vaticana (Symmcta Lusitanica. Ex. Mss. Codicibus, Aliarumque Verbis, Tom. Vigesimus Sextus (1744). Sabendo da existência na Biblioteca Pública da Ajuda de um códice (6) decidimos enviar nossa cópia a Portugal, a fim de que fôsse feito cotejo.

O confronto foi feito por D. Maria Vaz Pereira Viana do Castelo, por indicação do ilustrado Padre Serafim Leite. A revisora desvelou-se no trabalho, reproduzindo uma cópia paleográfica, depois de verificar que a cópia por nós enviada "obedecia a uma forma modernamente adaptada para efeito da publicação". Neste relato como nos dois outros que se seguem resolveu-se fazer algumas pequenas modificações segundo as regras oficialmente adotadas pelo Consejo Superior de Investigaciones Cientificas da Escola de Estudos Medievais e consubstanciadas nas Normas de Transcripcion y Edicion de Textos y Documentos *(Madri, 1944). Há vários trabalhos desta espécie, mas tratando-se de documentos escritos em espanhol, estas eram a melhor lição a ser adotada.*

Seguem-se, então, as duas memórias de Luís Álvares Barriga, cavaleiro português, cujo nome e feitos bibliográficos não estão suficientemente registrados nos grandes dicionários bibliográficos portuguêses. Diogo Barbosa Machado ignora sua pátria e declara apenas que escreveu o "Discurso y Relacion certa del Reyno de Portugal, sus Conquistas, y medios verdaderos de su justa defension y desempeño", manuscrito que se encontrava na Livraria do Conde de Castelo Melhor (Biblioteca Lusitana, vol. 3, pág. 54). A informação de Barbosa Machado era certa. Quando em 1878 se publicou o Catálogo dos Preciosos Manuscritos da Biblioteca da Casa dos Marqueses de Castelo Melhor *(Lisboa, Tip. Univ.), para venda judicial, achava-se registrado no n.º 82 o Discurso referido por Barbosa Machado. As "Advertências" pertenciam à Biblioteca e, segundo nota a lápis, que se encontrava no códice, fizeram parte do espólio Linhares. Na verdade, não se encontram re-*

---

(6) Cf. Carlos Alberto Ferreira, Inventário dos Manuscritos da Biblioteca da Ajuda referentes à América do Sul, Coimbra, 1946, nº 387.

gistradas no Catálogo acima citado. A "Propuesta" foi por nós encontrada, em 1944, na John Carter Brown Library. O códice havia sido comprado recentemente em Londres. Microfilmado com os recursos acima citados fornecidos pela Fundação Rockfeller e depois ampliado, sua reprodução obedece inteiramente à forma e integridade do original, com as ligeiras modificações feitas de acôrdo com as citadas normas. Afora a "Propuesta" e as "Advertências", escreveu Luís Álvares Barriga mais duas "Breves Propuestas" em 1631 e 1633, ambas de paradeiro desconhecido.

As "Advertências" foram escritas antes da "Propuesta". O autor contava 65 anos quando as escreveu e 66 quando redigiu a "Propuesta". Pelas referências que se encontram no livro, a primeira parece de 1634 e a segunda de 1635. A diferença de um ano de redação explica também as freqüentes repetições de dados e informações que, às vêzes, tornam enfadonha a leitura seguida dos dois relatórios.

O intento da obra de Barriga era mostrar as verdadeiras causas da usurpação de Pernambuco pelos holandeses e a necessidade de recuperá-lo para defender e conservar o Brasil. Tudo faz crer — o livro e a idade do autor — que Luís Álvares Barriga escrevesse por informação de terceiros e não por conhecimento direto e pessoal. Êle mesmo declara nas "Advertências", escritas entre o terceiro e quarto anos da conquista de Pernambuco, que algumas de suas informações haviam chegado até março de 1633. Trata-se portanto de fonte derivada, escrita segundo terceiros que haviam estado no Brasil. As censuras aos portuguêses de sua época fazem crer que o autor vivesse em Espanha.

No conjunto, sua obra é essencialmente um plano político, econômico, militar e naval da reconquista de Pernambuco e de todo o Estado do Brasil, dominado pelos holandeses. Esta era a matéria mais importante que se oferecia à Monarquia de Espanha. Só Pernambuco "vale tanto como lo demas de aquele Estado", afirma o autor.

No seu plano, Luís Álvares Barriga relaciona o poder naval com a vida econômica. Êle queria manter o comércio, limpar a costa de corsários e restaurar o poder luso-espanhol no Brasil. Para isto avalia com dados seguros os prejuízos econômicos da perda de Pernambuco, os lucros e proveitos que do Brasil tiravam Portugal e Espanha e as despesas necessárias à sua pronta e definitiva recuperação. Portugal se esgotara a tal ponto, que Lisboa, uma das

praças mais ricas do mundo, estava tão pobre que não tinha mais semelhança com o que fôra. Como e onde buscar os vastos recursos necessários a uma emprêsa tão árdua e cara como a da restauração do Brasil, se Portugal e Espanha se encontravam tão depauperados? Na realidade é a esta pergunta que pretende responder Alvarez Barriga, expondo, com lógica, o remédio e as custas. Declara, então, que seriam necessários um milhão e duzentos e cinqüenta mil ducados, sem tocar na Fazenda Real, nem nos vassalos. Calcula a receita do Brasil baseado na fabricação açucareira, mostrando onde se lavraram os açúcares e qual a produção de cada capitania. Aqui se faz uma descrição muito valiosa da atualidade econômica do Brasil entre 1633 e 1635, da qual pouco ou quase nada possuímos. Produzia-se então um milhão e duzentos mil arrôbas de açúcar, e 50.000 ducados de pau brasil. Álvares Barriga desafia quem conteste seus cálculos, mandando que se consultem os livros de alfândega, não só os de Lisboa, em cujo pôrto entravam entre 1617 e 1619 cêrca de 688 mil arrôbas, mas também os de Lisboa até Viana, da Ilha da Madeira e das Ilhas Terceiras. Aos que contrariassem sua estimativa, opunha argumentos valiosos e dignos de consideração, lembrando os prejuízos causados pela carestia, pelos preços altos, pela perda no mar das remessas, pela falta de negros, pela guerra nos campos, assim justificando a queda da fabricação em certos anos. Para recuperar o Brasil, uma poderosa armada e uma milícia mesclada de gente da terra, de cêrca de 2.000 homens, seriam o necessário. Álvares Barriga indica como obter os meios de manutenção e abastecimento dessas fôrças e define seus principais intentos; correr as 340 léguas da costa da Paraíba a S. Vicente, procurando defendê-la e abri-la ao comércio; correr a Costa da Mina e procurar romper o inimigo; assegurar a navegação da Índia, trazer a Lisboa tôdas as embarcações. A "Propuesta" representa o pensamento mais amadurecido do autor e por isso é mais sintética. As "Advertências" se compõem de cinco pareceres; nos quatro primeiros expõe os meios de intentar a guerra e ganhá-la, atendendo a tôdas as considerações estratégicas, econômicas e políticas. No quinto trata da segurança do meio proposto e da conservação do estado depois de recuperado, para que nem holandeses nem outra qualquer nação volte a perturbar a paz da colônia.

Com êstes quatro novos documentos, de origem diversa e valor diferente, esclarece-se ainda mais esta aventurosa guerra que padecemos, cheia de crueldade e traições, de coragem e bravura, de erros e acertos. Muito deu em seu tempo, dizia Antônio Vieira, Pernambuco; muito deu a Bahia. O Brasil dava, Portugal levava.

Levava riquezas materiais e nos dava a unidade da língua, da formação étnica, da cultura e da pátria. Isto não pôde dizer Antônio Vieira. Só a história pode hoje acrescentar.

Fiquem aqui registrados também os nossos agradecimentos a Frei Agostinho Keijzers, O. C., pela sua magnífica colaboração e boa vontade, esforçando-se na tradução feita diretamente do microfilme; à Fundação Rockefeller, que nos possibilitou a pesquisa e a reprodução microfilmada do "Diário" e da "Propuesta" e aos funcionários da Seção de Publicações, tão devotados ao serviço e tão zelosos do renome desta casa.

Em 2 de janeiro de 1949.

José Honório Rodrigues
Diretor da Divisão de Obras Raras e Publicações

ÍNDICE DAS MATÉRIAS

DIÁRIO DE HENRIQUE HAECXS, MEMBRO DO ALTO CONSELHO DO BRASIL

1645-1654

Tradução de Frei Agostinho Keijzers, O. C.

INTRODUÇÃO

Quem pretendesse escrever para leitores holandeses a história da nossa permanência no Brasil (1630-1654), realizaria, a meu ver, trabalho supérfluo, porque tal já foi feito de modo exemplar, até 1644, por João de Laet e Gaspar Barléu, que presenciaram os fatos e conheceram os documentos. Até agôsto de 1649 o curso dos acontecimentos foi descrito, embora mediocremente, por João Nieuhof, que ocupava um cargo na colônia. P. M. Netscher, que tinha razões plausíveis para servir-se da língua francesa, depois de ter consultado o arquivo colonial, forneceu no seu *Les Hollandais au Brésil* (1853) um resumo de grande mérito sôbre todo o período de 1621-1654, o qual pode ainda ser consultado com muito proveito, mesmo que se disponha da obra do Dr. H. Wätjen *Das Holländische Kolonialreich in Brasilien* (1921). Tanto um como outro, entretanto, tiveram informações incompletas no tocante aos últimos anos da fundação. Quem se utiliza de Laet, Barléu e Nieuhof para as primeiras épocas, ou, restringindo-nos a autores holandeses, de Netscher para a história do último período, dispõe de fontes suficientes, sobretudo agora, que a grande obra de Barléu foi posta ao alcance do público dos nossos dias (êste já não lê o latim ciceroniano do grande professor de Amsterdão), pela tradução holandesa (1923) lançada com grande esmêro pela firma Nijhoff. Não temos, pois, necessidade de novos resumos. O nosso interêsse volta-se exclusivamente para relatos originais ainda não examinados, e, de preferência, para uma narrativa contemporânea do que aconteceu no Brasil nos anos 1649-54, podendo ser considerada como o elo final da cadeia: De Laet-Barléu-Nieuhof.

Felizmente ela existe. Encontrei-a sob a forma de diário, por indicação do Dr. J. de Hullu, a quem sou muito grato. Achava-se desde o ano de 1893 no Arquivo Geral do Reino, em Haia, classificado na lista das aquisições daquele ano sob o número 32A, com a observação de que fôra adquirido no dia 24 de novembro, num leilão de Frederico Muller e Cia. Escapou até agora às investigações dos pesquisadores, porém merece uma edição especial, pois contém indicações sôbre os derradeiros acontecimentos no Brasil, e

importante e está em condições de satisfazer a nossa necessidade de documentos originais.

Estas notas diárias foram redigidas num caderno *in* 4.º, encadernado em pergaminho, preenchido até a metade mais ou menos (204 págs.) com uma escrita limpa, bem legível, à maneira do século 17. O resto permaneceu em branco, com exceção da última página, a única prejudicada, da qual resta exatamente o suficiente para se constatar as anotações inseridas pelo seu autor, de alguns remédios secretos, contra o mal de que êle teria sofrido. Como não temos nenhuma curiosidade a tal respeito, nada perdemos com a parte rasgada. Não há fôlha de rosto, título, nem nome do autor. O autor começa abruptamente, descrevendo uma celebração de bodas, num lugar qualquer, no dia 29 de junho. Isto nos dá a impressão de estarmos diante da continuação de outro caderno de notas, talvez bem importante. As anotações não constituem rigorosamente um diário. Sucedem-se conforme as ocasiões em que o autor tinha algo para anotar. Êste parece ter utilizado borrões, porque às vêzes não segue a ordem dos fatos, antecipando-se aos mesmos, como, p. ex., no dia 13 de agôsto de 1652, onde já menciona algo que devia figurar no dia 16 de agôsto. O leitor descobrirá fàcilmente que o autor levou com êle o caderno em duas viagens de ida e volta ao Brasil, embora neste não haja mancha alguma proveniente da água do mar. Certamente era bem guardado dentro de uma caixa, sendo retirado apenas em dias de calmaria.

Demonstra-o a firmeza da escrita, que mui raramente denuncia a circunstância de ter sido feita no decorrer de uma viagem marítima. Mas, certamente, não se trata de uma cópia, porque o autor, que *nada* tinha anotado, desde 19 de agôsto de 1646 até 10 de agôsto de 1647 (durante quase um ano, portanto), ao retomar a pena, serve-se de outra tinta. Em geral anota apenas o que se refere a si mesmo, mas, ao lado disto, registra também coisas de maior relêvo. Por princípio, parece abster-se de anotar dados que certamente serão registrados oficialmente alhures. É, provàvelmente, por tal motivo que omite um segundo período: de 7 de outubro de 1650 até 24 de fevereiro de 1652, período, aliás, que êle deve ter passado na capital de Pernambuco. Sòmente quando os negócios tomaram um rumo de interêsse geral para os colonos, é que êle voltou a escrever. A isto devemos alguns dados muito interessantes sôbre o período em que o Brasil holandês se aproximava irremediàvelmente do fim: 25 de fevereiro de 1652 até 28 de janeiro de 1654 e datas posteriores. O autor não estêve sempre na colônia durante os nove anos a que se refere o seu diário. Encarregou-se, certa vez, de uma missão na Holanda, mas neste caso

encontrava-se em função, e função elevada. Ao que parece, era membro do Alto Conselho do Brasil. Isto nos poderia facilitar a descoberta do seu nome. Nada entretanto nos leva a descobri-lo, porque, embora o escritor evite claramente falar em si, revelou contudo, por duas vêzes, seu nome e sobrenome. Vejamos, pois, o que podemos concluir a seu respeito, diretamente pelo diário.

Desde logo ficamos sabendo que "pensara em desistir definitivamente de viajar", portanto já o fizera. Além disto, "deveria deixar por algum tempo o seu negócio". Pertencia, por conseguinte, à classe dos negociantes. Negociara no estrangeiro. Era, além do mais (p. 83), "um moço, sem encargo de mulher e filhos", e tinha um sobrinho chamado Andries Haecxs (p. 88). Esta informação nos conduz bem próximo da pessoa em questão. Pouco adiante (p. 89) vemos, pelo título de um documento oficial a êle dirigido, com data de 7 de dezembro de 1647, que seu nome é "Hendrik Haecxs". Esta carta, em que se pedem informações acêrca de fatos sucedidos em Pernambuco, em maio de 1642, demonstra que já estivera na capital naquela ocasião. Aí se demorara como "negociante livre", é o que se deduz da resposta de 25 de dezembro de 1647 (p. 91). O nome de Hendrik Haecxs é mencionado mais uma vez na assinatura de um relatório (p. 99). Com isto terminam os dados acêrca do autor do diário. Algumas anotações fazem ver que êle, encontrando-se nos trópicos, sofria geralmente de dores de cabeça. Chama também a nossa atenção uma expressão insólita em que propõe (p. 101) que os homens se "purifiquem" regularmente. Assim falaria um brabante ou flamengo! Mas, com tal nome, temos o bastante para constatar a identidade do autor; é êle Hendrik Haecxs, que em 16 de agôsto de 1646 entrou no govêrno do Brasil como membro do Alto Conselho, desempenhando esta função até o dia da rendição aos portuguêses em 27 de janeiro de 1654.

Para se ter uma idéia geral do diário, é preciso fazer uma divisão global da matéria. Poderá servir a seguinte:

I — 29 de junho de 1645 — 9 de maio de 1646 — Preparativos na Holanda.

II — 9 de maio de 1646 — 11 de agôsto de 1646 — Viagem ao Brasil.

III — 11 de agôsto de 1646 — 3 de setembro de 1647 — Exercendo suas funções em Pernambuco.

IV — 4 de setembro de 1647 — 6 de novembro de 1647 — Em viagem para a pátria.

V — 7 de novembro de 1647 — 26 de dezembro de 1647 — Em comissão na Holanda.

VI — 26 de dezembro de 1647 — 18 de março de 1648 — Em viagem para o Brasil.

VII — 18 de março de 1648 — 28 de janeiro de 1654 — Exercendo suas funções em Pernambuco.

VIII — 29 de janeiro de 1654 — 16 de abril de 1654 — Esperando navio.

Não são as 84 páginas referentes às viagens marítimas dos períodos II, IV e VI que tornam o diário importante para a história do Brasil, embora se deva reconhecer o seu singular valor, porque são raros os jornais de viagem para esta colônia. Êles nos fazem ver como os que viajavam para o Brasil, — exatamente como os navios que demandavam as Índias Orientais — desconhecendo os sistemas reinantes de correntes e ventos, costumavam ficar perto da costa africana por tempo demasiado, tornando muito morosa a travessia para a América do Sul, prolongando assim sem necessidade a viagem; mostram também como sabiam divertir-se nas ilhas de Cabo Verde, pertencentes a Portugal, embora as relações entre holandeses e portuguêses, no Brasil, fôssem o mais inamistosas possível (p. 33 e segs. e págs. 107-108); acostumam-nos também, se é que a isto já não estávamos habituados, às contínuas queixas sôbre alimentação e tratamento das tripulações, que se mostram aliás muito fundadas e, no que toca ao tratamento, são índices de condições bárbaras e escandalosas. Basta ler as respectivas passagens; depara-se com um navio em que há 60 soldados, dos quais 28 estão doentes e prostrados e onde não há nem cirurgiões nem medicamentos (7 de janeiro de 1648), e com outro onde a tripulação, durante uma tempestade, no decurso de 10 dias seguidos, "estêve sempre molhada e geralmente sem mudar de roupa" (1 de fevereiro do mesmo ano). O interêsse do diário, porém, não está nessas viagens, das quais, aliás, não mais falaremos.

A atração dêsse manuscrito está em nos dar a conhecer, além dos negócios do Brasil, a gestão dos órgãos governamentais na Holanda, que aparece no período largamente descrito de 6 de novembro de 1647 até 26 de dezembro do mesmo ano. Para têrmos, porém, idéia nítida do que se trata, a história daquela colônia deve servir-nos de rumo e ser posta em maior relêvo.

A 6 de maio de 1644 o Conde João Maurício de Nassau depusera o govêrno do Brasil e a 22 partira para a pátria. Tivera de transferir os negócios governamentais aos membros do Alto Conselho, que até então o haviam assistido na administração: Henri-

que Hamel, Pedro Bas e Adriano Bullestrate. Êstes conselheiros não eram bisonhos; pelo contrário, eram, de algum modo, formados na escola do Conde Maurício. E os governantes consideravam-nos aptos para administrar os negócios em triunvirato, mesmo sem governador ou presidente designado. A guerra terminara, e com os portuguêses vivia-se em armistício, do qual se esperava resultasse a paz. A colônia estava de certo modo organizada e parecia consolidada. Na pátria, pensavam os dirigentes que um governador, cuja atenção era absorvida na maior parte pelos equipamentos guerreiros, fazia-se agora menos necessário. Era desejo seu que o poderio militar fôsse restringido desde logo. De muitos modos poder-se-ia e dever-se-ia economizar. Tudo isto tornaria mais proveitosa a exploração da colônia. Os governantes não estavam devidamente compenetrados de que, além da guerra e da paz, se poderia pensar numa terceira possibilidade: a de uma revolta interna, apoiada secreta ou pùblicamente pelas autoridades da Bahia de Todos os Santos ou de Portugal! João Maurício percebera-o perfeitamente e, no seu testamento, apontara sèriamente tal possibilidade. E que pensavam os conselheiros, que o substituíram na administração? Êles, que pessoalmente lhe haviam solicitado instruções (1), provàvelmente estavam receosos diante de sua nova responsabilidade. É possível que lamentassem a partida de seu governador, mas deviam ficar nos seus postos e podiam considerar-se habilitados para os seus encargos, que foram acrescidos com a orientação escrita deixada pelo Conde Maurício, *enquanto tudo corresse bem*. Na colônia não era grande a confiança no futuro. Barléu (2) diz abertamente que funcionários e particulares, em disponibilidade, preferiam antes a partida a uma permanência mais prolongada. À maneira dos ratos que deixam o navio prestes a afundar, assim êles abandonavam a colônia. Ràpidamente se evidenciou que, quando o gato está fora de casa, os camondongos andam às sôltas. Porque, assim como aquêles funcionários e particulares compreendiam que a diminuição do poderio militar punha em perigo, antes de tudo, os mais altos interêsses da colônia; assim também o consideravam os colonizadores portuguêses. Para êles era chegado o momento de conspirar contra o govêrno estrangeiro, de preferência em combinação com Portugal ou, ao menos, com os patrícios da Bahia de Todos os Santos. Não lhes parecia afastado

---

(1) Johan Nieuhof, *Gedenkwaerdige Brasiliaense Zee en Lant Reize*, Amsterdão, 1682, p. 64. (*H. N.*) Vide também a edição brasileira *Memorável Viagem Maritima e Terrestre ao Brasil*, S. Paulo, Livr. Martins, 1942, p. 103-104. (J.H.R.)

(2) Gaspar Barleu Nederlandsch Braziliё onder het Bervind van Johan Maurits Grave van Nassau, Ed. de S. P. L'Honoré Naber, S'Gravenhage Martinus Nijhift, 1923, p. 373. (*H. N.*)

o momento em que haviam de sacudir o jugo. O Alto Govêrno não se sentia seguro. Assim, por exemplo, já no dia 13 de fevereiro de 1645, fazia ver aos administradores que, durante a administração do Conde Maurício, os portuguêses se haviam mantido calmos, tornando-se insubmissos depois da sua partida, provàvelmente porque haviam visto como, com Sua Excelência, uma grande parte da fôrça naval deixara a colônia, e, sobretudo porque, com a sua pessoa, havia desaparecido o regente que costumava manter vigilante o poder militar. Fazia-lhes ver igualmente que da parte dos portuguêses se espionava a capital e que viera à luz um plano de assalto repentino ao Recife com participação de seus habitantes. Para isto já havia sido marcado um dia em que uma venda pública de negros chamaria muitos interessados a Pernambuco. Êste intento porém havia sido frustrado em tempo em virtude de uma boa vigilância. Que um certo Vieira e seu sogro Beringel eram francamente suspeitos de conspiração, não sendo detidos por falta de provas e porque sua prisão talvez viesse motivar a revolta. Finalmente, que "a mínima alteração poderia ter causado efeitos perniciosos" (3).

Terá sido em meados de maio de 1645, ou mais tarde ainda, que esta carta de 13 de fevereiro foi recebida na pátria. Sendo assim deve haver alguma relação entre ela e o fato de Haecxs ter sido consultado em 29 de junho se aceitaria sua nomeação para membro do Alto Conselho do Brasil. A proposta apanhou-o como "um raio", razão por que não apressou a resposta; mas os XIX mandaram visitá-lo em casa, na mesma semana, por três delegados, a fim de lhe proporem uma missão, à qual se ajuntava a vantagem de levantar "o moral abatido" da Companhia no Brasil. Os delegados tentaram tornar a coisa apetecível a Haecxs e embora êste não cedesse imediatamente, tomou uma resolução favorável no dia seguinte (6 de julho de 1645). Não se sabe se Haecxs era o único com quem os XIX procuravam entender-se naquela ocasião. Talvez na Holanda não estivessem ainda plenamente conscientes da seriedade das circunstâncias. Isto não é impossível. Ao que sabemos, não se concertou uma data de partida — o diário aliás não apresenta anotação alguma entre aquêle 6 de julho e o dia 27 de setembro. Pressa não era o lema, como se vê.

Mas depois do referido 13 de fevereiro de 1645, os negócios no Brasil haviam tomado rumo muito grave. Fôra descoberta uma conspiração dos portuguêses, que haviam assentado um plano de assassinar todos os holandeses na colônia, numa data determinada

---

(3) G. Barléu, *obr. cit.*, p. 398. (*H. N.*)

(25 de junho). É verdade que esta traição foi descoberta a tempo, mas os conspiradores aí viram motivo apenas para tirar as máscaras. Desde então, continuaram a pôr o Brasil em polvorosa. Numa carta de 27 de junho, os conselheiros coloniais, referindo-se ao levante, insistiam no reforçamento da tropa há pouco reduzida, e na remessa de víveres e mantimentos. Já haviam avisado bastas vêzes e reclamado junto aos governantes; lavavam as mãos diante de Deus e dos homens (4).

Um órgão administrativo que enfrenta o futuro com tais sentimentos não deve ser mantido, mesmo que pareça poder arcar com a situação. Governantes e Estados-Gerais compreenderam-no. Ora, se considerarmos que a carta de 27 de junho pode ter sido recebida na Holanda no comêço de setembro, e não muito antes, então, certamente compreenderemos porque, no dia 17 daquele mês, começou de repente a haver a agitação relatada nos feitos e nas experiências de Haecxs. Em 28 de setembro vemos anotado que Walter van Schoonenborch, membro dos Estados Gerais por parte de Groningen, se declarara pronto a ir ao Brasil como presidente de um novo Alto Conselho a ser composto. Outra experiência colonial! Sinal de que na Holanda haviam compreendido que aquêle conselho do Brasil, embora capaz de dispensar um governador, precisava de uma direção mais segura do que a de um triunvirato sem presidente. Entendia-se igualmente que o colégio carecia de ampliação, pois, já no dia 9 de outubro Haecxs fala de "outros" membros. Podemos até citar os nomes; além de Schoonenborch e Haecxs, Miguel van Goch, pensionário de Vlissingen, Simão de Beaumont, advogado-oficial de Dordrech e Abraão Trouwers, negociante, os quais prestaram, todos, o juramento exigido, nas mãos dos Estados-Gerais, no dia 1 de novembro. Tomara-se, além disto, uma medida de maior alcance do que a reforma do govêrno do Brasil. Os Estados-Gerais haviam resolvido enviar uma expedição auxiliar de navios e tropas; haviam também concedido várias facilidades à Companhia das Índias Ocidentais, no que respeitava aos seus pagamentos e ao recrutamento de soldados (5).

Não se pode duvidar que os conselheiros jurados, eram conhecedores, no dia do juramento, de alguns fatos importantes que, nesse ínterim, se haviam verificado no Brasil. Realmente, dois dias antes (6), um membro do Conselho de Justiça do Brasil, Baltasar

(4) P. M. Netscher, *Les Hollandais au Brésil. Notice historique sur les Pays Bas et le Brésil au XVII Siècle.* La Haye, 1853, p. 147. (*H. N.*)

(5) P. M. Netscher, *obr. cit.*, p. 148. (*H. N.*)

(6) P. M. Netscher, *obr. cit.*, p. 147. (*H. N.*) (4a 4b)

van de Voorde, encarregado de comunicar o triste estado de coisas, estivera nos Estados-Gerais. Van de Voorde, tendo partido de Pernambuco em 2 de agôsto (7), estava a par do que sucedera entre 27 de junho e a referida data e, embora nada tivesse acontecido que indicasse uma crise imediata, os sinais não eram nada tranquilizadores. O mesmo Van de Voorde fôra, no mês de julho, em comissão à Bahia de Todos os Santos, a fim de deliberar com o Governador e Capitão General Antônio Teles da Silva, sôbre a rebelião, da qual era tido como cúmplice secreto aquêle regente. Entretanto não se pudera passar além de vagas confabulações. Êle podia, além disto, mencionar que haviam sido feitas tentativas secretas no sentido de levar à traição o seu companheiro de missão, Major Hoogstraeten (8).

Isto ainda era pouco, em comparação com as notícias que, dias mais tarde, chegaram à Holanda. No fim de novembro (9) aportaram dois navios que tinham saído do Brasil a 17 de setembro e que traziam a notícia de que tôdas as fortalezas, exceção feita das de Pernambuco, Itamaracá e Paraíba, haviam sido perdidas pela fôrça ou traiçoeiramente. Não é difícil comprovar estas notícias, no que nelas há de mais importante. Uns 700 homens da companhia, sob o comando do coronel Hoes, foram derrotados em 3 de agôsto perto do monte das Tabocas (mais ou menos à altura do antigo arraial, v. o mapa de Goliath) por 1.100 revoltosos, comandados por Fernandes Vieira, e rechaçados para Pernambuco com a perda de 200 homens. Em seguida, os revoltosos haviam cercado o Recife, de tal modo que o govêrno fôra obrigado a iniciar a evacuação das defesas externas, a arrasar uma parte da cidade Maurícia e a demolir o palácio Vrijburg, a fim de que, uma vez ocupado, não constituísse perigo para a fortaleza de Ernst. No dia 17 de agôsto, 500 homens das tropas disponíveis haviam feito um ataque, comandados outra vez por Hoes, em direção do arraial. Foram, todavia, novamente derrotados, chegando Hoes a ser capturado com seis oficiais e 240 soldados, sem poderem mesmo im-

---

(7) Johan Nieuhof, *Gedenkwaerdige Zee en Lant Reize*, p. 105. (*H. N.*). Edição brasileira, *Memorável Viagem Marítima e Terrestre*, p. 159-160 (*J. H. R.*).

(8) Sôbre as tentativas portuguesas de bandeamento de Diederik van Hoogstraeten, veja-se especialmente Johan Nieuhof, *Memorável Viagem Marítima e Terrestre*, p. 145, onde se encontra, em resumo, o relatório do próprio Hoogstraeten, publicado integralmente na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, t. 42, vol. 146, 1926, p. 206-210. Hoogstraeten passou-se para o lado brasileiro a 3 de setembro de 1645, quando entregou o Forte do Pontal de Nazaré. Sôbre isto, vide Nieuhof, *obr. cit.*, p. 189, e nota 288, da autoria de quem subscreve esta. (*J. H. R.*).

(9) Haecxs, em 27 de novembro. (*H. N.*).

pedir que os tapuias, que lutavam a serviço da Holanda, fôssem bàrbaramente assassinados (10).

Esta derrota teve como conseqüência a entrega da fortaleza de Nazaré, no cabo de Santo Agostinho, cujo comandante, major Hoogstraeten, julgou chegado o momento de se passar para o outro lado (8 de setembro). No mar tinham sido felizes; o almirante Lichthart conseguira uma esplêndida vitória (9 de setembro) (11).

Estas más notícias nos explicam a reviravolta no modo de proceder dos conselheiros recém-nomeados, mudança essa de que nos fala o diário de Haecxs, e sem o qual não poderia ser esclarecida. Schoonenborch (Diário de 11 e 12 de dez.) começou a recuar; Haecxs fêz uma manobra semelhante (Diário de 14 de dez.), chegando até a dizer que queria reconsiderar o assunto, no dia 21; mas declararam-se prontos a cumprir o que haviam prometido. Daquela data até 31 de março de 1646, o diário torna a silenciar. É que os preparativos para a expedição auxiliar exigiam tempo e eram prejudicados pela estação imprópria. Os navios, que já pareciam prontos em novembro, foram retidos nos portos por muito tempo, devido ao gêlo; sòmente na primavera começou-se a verificar algum progresso nos preparativos. Não se conhece exatamente o poderio da frota auxiliar; sabemos, porém, que era comandada por Joost Baakert, herói da batalha naval de Duins e, além disto, que ela transportaria 2.000 soldados, sob as ordens de antigos combatentes do Brasil, como Schoppe e Henderson, os quais haviam sido indicados como comandantes em 27 de março pelos Estados-Gerais. Os conselheiros recém-nomeados embarcaram em princípios de maio de 1646; Schoonenborch e Haecxs estavam na capitânia, que levantou ferros em 9 do mesmo mês. Dois navios carregados em Amsterdão, o "Valk" e o "Elizabeth", haviam seguido à frente (26 de abril). Foram êstes que vieram romper o sítio apertado de Pernambuco, onde se estava a comer o último pão, e alimentando-se os sitiados de cavalos, cachorros e gatos. Havia sido planejada uma sortida geral, a fim de abrir caminho para o interior, através das linhas inimigas, na esperança de aí encontrar-se alimento. Nieuhof, que assistiu à chegada dos dois navios,

---

(10) A luta decisiva deu-se perto da casa de campo de Gijsbert de With, situada pouco ao sul do antigo arraial. Hoje o lugar chama-se Praça da Casa Forte. Aí se encontra uma igrejinha com uma lápide de mármore, comemorativa do dia 17 de agôsto de 1645. Vide A. Vreugdenhil, na revista *Ons Element*, ano 2º, 1923, págs. 197-198 (*H. N.*). Trata-se de Hendrik Haus, ou Hous, ou ainda Hoes, comandante das fôrças derrotadas no combate da Casa Forte. A primeira grafia é a mais comum, a segunda não é rara e a terceira é raríssima. (*J. H. R.*)

(11) Sôbre a vitória do Almirante Jan Corneliszoon Lichthart, vide Nieuhof, *Memorável Viagem Marítima e Terrestre*, p. 173 e nota 276, da autoria de quem subscreve esta. (*J. H. R.*)

dá-nos uma descrição muito viva desta libertação (22 de junho de 1646) (12).

Como já disse, o diário de Haecxs recomeça no dia 31 de março de 1646; continua normalmente até o dia da partida (9 de maio). Daí em diante é preenchido diàriamente, de modo a poder o leitor acompanhar a viagem, caso o pretenda. A frota, que navegara demasiado pela costa da África, chegou à vista de Olinda de Pernambuco sòmente no dia 31 de julho, ou seja depois de uma viagem de 12 semanas, mas a correnteza fêz derivar o navio do almirante em direção norte, o que obrigou a ancorar em Itamaracá. Aí receberam Schoonenborch e Haecxs a notícia da chegada do "Valk" e do "Elizabeth" que, tendo feito uma viagem rápida, haviam chegado seis semanas antes (22 de junho). O presidente e o membro do Conselho, conduzidos em iate, desembarcaram na capital sòmente em 11 de agôsto, onde os esperavam Van Goch, Trouwers e Van Beaumont.

Com a tomada de posse passaram-se alguns dias, sendo que o novo Alto Conselho entrou em exercício no dia 16 de agôsto (1646). Haecxs relata por extenso esta tomada de posse. E deve-se insistir aqui numa circunstância importante: o antigo govêrno não voltou imediatamente para a pátria. Seus membros permaneceram primeiramente no Recife, dando, repetidamente, conselhos que eram ouvidos, sendo enviados em comissão aos portos onde continuava a flutuar bandeira holandesa, conforme se pode ver em Nieuhof. É êste um dos numerosos indícios que nos mostram terem êles cumprido com os deveres de seu pôsto anterior, conforme deviam ou, pelo menos, podiam — coisa de que às vêzes se duvidou, porque por essa época os negócios do Brasil ainda suscitavam paixões. Sòmente no dia 12 de agôsto de 1647 chegaram de volta à pátria ("Diário", p. 48) (13).

As anotações diárias de Haecxs nada dizem sôbre os doze meses subseqüentes; mais tarde, porém, recupera êle êste atraso visto como o diário contém (págs. 69-72) a minuta de um relatório importante sôbre o acontecido naquela época. Quando Haecxs prossegue nas anotações (agôsto de 1647) inteiramo-nos de que haviam passado êsses doze meses "com grandes preocupações" e cremo-lo sem restrições, porque alude a uma "preocupação" tão grande que, aos 10 de agôsto de 1647, o Conselho resolvera enviar um dos membros à pátria, a fim de pedir, como fizera Van de Voorde, dois anos antes, maiores reforços. A sorte caiu em Haecxs.

---

(12) Joan Nieuhof, *Memorável Viagem Marítima e Terrestre ao Brasil*, S. Paulo, 1942, págs. 255-56. (*J. H. R.*)

(13) Diário de Haecxs, p. 48. (*H. N.*)

que partiu para a Holanda em 3 de setembro, com os navios que voltavam à pátria sob o comando de Baakert, que se encontrava doente. Nenhum investigador nos relata esta missão de Haecxs. O diário, por conseguinte, nos revela um fato inteiramente novo que podemos estudar, guiados pela pessoa em questão.

Com a chegada de Haecxs à pátria (5 de novembro de 1647) o diário torna-se importante e interessante. Seis dias depois de ter desembarcado em Vlissingen, apresenta êle (12 de novembro) em Haia o referido relatório, do qual o jornal contém a minuta. Tendo em mãos esta minuta, cujo conteúdo fôra colorido antes favorável que desfavoràvelmente, por razões que Haecxs expõe, podemos preencher perfeitamente a lacuna apresentada pelo jornal acêrca da sua estada anterior no Brasil.

O novo govêrno, que se apoiava num exército consideràvelmente reforçado, voltara à tática comprovada do Conde Maurício, embora o diário não o diga *ipsis verbis*. Se o conde tratou em primeiro lugar de expulsar os portuguêses das suas posições perto do Pôrto Calvo e de rechaçá-los além do rio São Francisco em direção sul — o govêrno de Schoonenborch resolveu ocupar as margens dêsse rio, a fim de cortar as comunicações dos portuguêses que lutavam no interior, com a Bahia de Todos os Santos. O mar estava livre; desta forma a fôrça expedicionária de Lichthart e Henderson fôra transportada em navios para o rio de São Francisco, onde Lichthart, essa coluna básica do Brasil, perdeu a vida em 30 de novembro de 1646. O inimigo, embora temporàriamente sem comunicações com a Bahia de Todos os Santos, soube encontrar ràpidamente novas travessias do rio, e criar de tal sorte novas dificuldades aos holandeses que a expedição foi chamada de volta, no comêço de 1647. O govêrno julgou então dever acometer em outra parte, cercando a Bahia de Todos os Santos, como o fizera João Maurício. Schoppe e Beaumont ocupam a ilha de Itaparica, situada em frente à capital, São Salvador. Aí se entrincheiraram e souberam manter-se. Repeliram mesmo um ataque em 10 de agôsto de 1647. Nunca chegaram, porém, a atacar a bem defendida capital inimiga. A piora dos negócios no próprio Recife teria mais tarde como conseqüência a retirada de Schoppe; entretanto, quando Haecxs deixou Pernambuco, Schoppe encontrava-se ainda em Itaparica.

A recepção dispensada a Haecxs e, em seguida, suas urgentes conferências, podem ser acompanhadas dia a dia. Os governantes comissionados de Haia mostram-se "perplexos" com as notícias, e, em má hora, convencem o mensageiro a suavizar, de acôrdo com a política do dia, o seu relatório que irá à mesa dos Estados-Gerais

(10 de novembro). Deputados daqueles Estados recebem-no cortêsmente; revelam-lhe uma resolução de 10 de agôsto no sentido de socorrer a Companhia com uma fôrça expedicionária de 6.000 homens; de resto (11 de nov.), contentam-se com uma saudação provisória. Os Estados-Gerais, na sessão do dia seguinte, mostram-se extremamente corteses e benévolos na recepção de Haecxs; menos solene é a recepção nos Estados da Holanda. A audiência do jovem *stadhouder* Guilherme II é pomposa. Na reunião dos governantes, realizada no dia seguinte, nota-se um certo tom amargurado. Mostram-se ofendidos (e não de todo sem razão) com certas queixas vindas do Brasil, êles que se tinham esforçado por obter do Estado-Maior o referido refôrço! Houve debate nessa reunião e, como geralmente acontece em reuniões, discutiram-se acaloradamente problemas que não podem ser considerados de primordial importância. Felizmente o presidente, em boa hora, manda servir uma garrafa de vinho do Reno, levando a reunião, onde algo faltou ao bom tom, a um têrmo conveniente! As coisas não correm melhor, alguns dias mais tarde, com os governantes de Amsterdão. Cena digna de pequenos burgueses, no mau sentido da palavra. Só se tratam de interêsses secundários, e revela-se o ciúme existente entre uma câmara e outra! Haecxs, aliás, mostra-se bastante ativo; sabe calar-se, quando necessário e, depois de ter tratado os seus negócios em Amsterdão em três dias, já está novamente a caminho de Haia, onde sua presença é reclamada. Indagado a respeito, declara-se pronto a voltar imediatamente ao Brasil, caso se faça necessário. Mantém a sua palavra; negocia onde e quanto pode; e em 10 de dezembro encontra-se em Hollvoetsluis, pronto a embarcar juntamente com a frota de refôrço, comandada por Witte Corneliszoon de With. Diverte-nos, por um instante, o encontro de Haecxs com o famoso almirante, que, nada satisfeito com um passageiro de cabine, tenta removê-lo para outro navio mediante um estratagema de marinheiro. Mas Haecxs não se deixa iludir, obrigando o chefe naval a uma conveniente cortesia.

As páginas que então se seguem, revelam-nos a figura de Haecxs de modo mais cabal. Quando, antes mesmo de partir a frota, lhe chegam várias queixas sôbre o equipamento e o tratamento das tropas expedicionárias, abre imediatamente rigoroso inquérito e não recua diante de uma viagem imediata para Haia, a fim de queixar-se sôbre os preparativos escandalosos. Sério e digno como sempre, é bem acolhido pelos Estados-Gerais e pelo príncipe; mas, diante dos governantes mais ou menos diretamente interessados, vê-se forçado a defender seu próprio modo de cumprir o dever, o que faz com firmeza, apelando com muito direito para a

honra e a consciência. Consegue que se faça novo inquérito sôbre os abusos cometidos e que se dêem novas ordens, onde mais se fizesse sentir sua falta. Sua atividade num assunto como êste causou, provàvelmente, boa impressão ao áspero almirante Witte Corneliszoon de With. Ao que parece, não surgiram desinteligências entre Haecxs e o almirante, durante tôda a travessia, da qual tratam as páginas seguintes do diário.

Tendo partido em 26 de dezembro de 1647, Haecxs, a 18 de março, leva a bom têrmo a viagem ao Recife, que se encontrava ainda sob nosso poder. A penúria, aí, se tornara grande· A fortaleza, antigamente tão defensável, fôra envolvida. da parte da terra, em um cêrco, jamais tão apertado. A bandeira holandesa, entretanto, dominava o mar e enquanto tal sucedesse a fortaleza podia ser dada como inexpugnável. De resto, a situação era tão crítica que o comandante Schoppe viu-se obrigado a fazer uma sortida em direção à fortaleza de Nazaré, no cabo de Santo Agostinho, com tropas que mal se haviam refeito da viagem marítima, e que não se encontravam treinadas nem disciplinadas. Nesse lugar havia um ancoradouro do qual os portuguêses (vindos da Bahia de Todos os Santos) começavam a servir-se cada vez mais, como de base naval ou estação intermédiária. Como correram as coisas nesta expedição, quando as tropas principais se encontraram a 19 de abril de 1648, perto do engenho de Guararapes, pode-se deduzir parcialmente de um relatório de Schoppe, que faz parte dos suplementos que se seguem a êste diário. No nosso lado, numa fôrça de 3.000 homens perderam-se mil, entre mortos e feridos! Não é de admirar, pois, que três dias mais tarde, como conseqüência da derrota, se desistisse da defesa da cidade de Olinda. Admira-nos sobretudo o fato de que a marcha sôbre o cabo de Santo Agostinho fôsse repetida em 19 de abril de 1649 com 3.500 homens. A derrota, novamente perto do engenho de Guararapes, se possível, foi mais fragorosa ainda do que a primeira! O comandante, coronel Van den Brincke, morreu em combate. As baixas foram superiores a mil! (14) O fato de Witte Corneliszoon de With, vigilante como sempre, ter nesse ínterim cruzado o litoral, pondo de prontidão a Bahia de Todos os Santos, e "espoliando", em janeiro, 23 engenhos, não trazia nenhuma vantagem para a região de Pernambuco. A única medida capaz de resolver o problema era o envio de maior refôrço da Holanda! Para o conseguir, foi mandado à pátria em

---

(14) Há aqui o que retificar. Os cálculos de Naber são excessivos. Vide sôbre isto, Nieuhof, *Memorável Viagem Marítima e Terrestre*, S. Paulo, 1942, nota 377. A segunda batalha não se feriu a 19 de abril e sim a 19 de fevereiro. (*J. H. R.*)

22 de abril de 1649 o conselheiro Van Beaumont. O êxito de sua missão deve ter sido mais ou menos idêntico ao de Van de Voorde em 1645 e ao de Haecxs em 1647, os quais aqui chegaram para ouvir dizer que na Holanda não eram esquecidos de modo algum os interêsses da colônia, e que já haviam sido tomadas medidas para o envio de novos socorros, tão ansiosamente esperados. Assim é que no outono de 1649 aprestou-se uma frota sob o comando de Hauthain. Depois de levantar ferros, voltou aos portos para aí passar o inverno. Em março seguinte, saiu novamente chegando a Pernambuco em maio de 1650. Esta frota se destinava a substituir Witte, mas onde estava Witte? Sem saber o que fazer e para salvar da destruição os navios a êle confiados, já havia partido em meados de 1649 de Pernambuco para a Holanda por sua própria iniciativa, onde deu entrada a 28 de abril de 1650. É de notar que todos os pesquisadores têm até agora silenciado sôbre a frota de Hauthain, que devia constar de pelo menos 12 navios e que prestou bons serviços. Alguma coisa, contudo, se pode ler a respeito no excelente livrinho de N. de Graaff "Reisen na de vier gedeeltens des werelds", que foi editado em Hoorn, em 1701. O que aí se conta dos feitos de Hauthain, encontra-se também nos suplementos anexos a êste diário. Felizmente, Hauthain não chegou demasiado tarde ao Brasil, embora a colônia holandesa tivesse passado por uma crise, quando uma poderosa fôrça naval portuguêsa se demorara perto da costa ("Diário" 16-24 de fev. de 1650), frota da qual quase conseguiu escapar o comandante Goverts, com manobras muito hábeis. Não se sabe porque os portuguêses não se aproveitaram mais da situação naqueles dias. Com a chegada de Hauthain, o perigo do lado do mar estava temporàriamente conjurado. Houve muitas escaramuças na costa. A Bahia foi novamente molestada. Não se conseguiu porém uma reviravolta favorável na situação geral. O diário de Haecxs e as "Reisen" de N. de Graaff completaram-se de algum modo durante essa época, o que é de grande importância, porque não sòmente Netscher como também Wätjen começam a abandonar-nos nesta altura.

O diário não contém anotações, sôbre o ano de 1651, o que dá a impressão de que o autor estêve doente, ou, o que parece mais provável, que êste período se passou em relativa calma. Seja como fôr, a mão protetora de Hauthain ainda se estendia sôbre a costa em 1652, embora já não pudesse agir ostensivamente. Assim é que mais se lê a respeito de uma frota portuguêsa ameaçadora, do que de uma frota holandesa protetora. A primeira vinha molestando a costa desde fins de fevereiro até comêço de março de 1652, se bem que nunca se chegasse a uma grande batalha. Começou então a de-

cair aos poucos a frota de Hauthain, como antes acontecera com a de Witte de With. Quatro navios de guerra, a 18 de março, deixaram a costa "triçoeiramente", como diz Haecxs. Na verdade deve ter sido a penúria que os afastou, porque Haecxs anota honestamente que a bordo só dispunham de víveres para oito dias. O ano de 1652, prestes a findar, caracterizou-se pelo aparecimento de um grande cometa, que possìvelmente vinha anunciar o próximo fim da colônia. O novo ano (1653) foi inaugurado com uma missão de Van Goch à Holanda (8 de março), naturalmente com o fim de pedir socorro; mas não foi tão bem sucedido quanto Van de Voorde, Haecxs e Van Beaumont, que tinham vindo procurar novos equipamentos. O seu pedido de retirar os holandeses do Recife, caso não fôssem enviados reforços, não foi atendido. O poderio da República estava agora completamente ocupado na primeira guerra naval inglêsa. O tráfego com a colônia estava paralisado quase por completo. A sorte do Brasil foi pròpriamente decidida nesta guerra naval, pois, já que as frotas holandesas não apareciam e os colonizadores não se podiam manter por mais tempo nas suas próprias águas territoriais, conseguiram os portuguêses portar-se como senhores do mar, naquela zona, estendendo as mãos aos revoltosos que operavam no interior. Haecxs descreve extensamente a agonia da colônia (dez. de 1653 e jan. de 1654), e por isso lhe somos gratos, não sòmente em vista dos dados históricos até então desconhecidos, mas principalmente, porque agora podemos ver como Pernambuco se defendeu com tenacidade tal que, depois de tudo o que se passara, não obstante o juízo desfavorável que a êste respeito, aos poucos, se foi formando, é capaz de provocar a nossa admiração, se bem que a palavra admiração pareça estar fora de lugar. Durante mais ou menos 9 anos, de agôsto de 1645 até 27 de janeiro de 1654, a fortaleza principal foi sitiada e defendida, para finalmente se render ao inimigo sob condições justas. É o que se pode ver em Haecxs, que partiu para a pátria em 16 de abril de 1654, e que depois desta data não trabalhou mais em seu diário.

Sôbre Hamel, Bas e Bullestrate, Schoonenborch e Haecxs, que afinal constituíam o govêrno do Brasil, nada mais se encontra, daí por diante, a não ser o que foi escrito por Netscher e Wätjen. Uma coisa, contudo, conheço a seu respeito que muito os dignifica. Portaram-se como homens ajuizados, depois de terem sucumbido; não escreveram brochuras ou panfletos, nem lhes replicaram. Souberam silenciar, quando convinha o silêncio, isto é, sempre e em tôda parte, deixando o julgamento à posteridade. Sou de opinião que êste julgamento será cada vez mais favorável, e que os últimos anos da colônia foram mais honrosos do que se julga geralmente, com base em panfletários e poetas.

Na história do Brasil holandês, com respeito ao que até agora conhecemos, há algo que nos enche de alegria: os regentes, com exceção do Conde João Maurício, geralmente caluniados e nunca elogiados, vão fazendo melhor figura à medida que, com os anos, se nos vai oferecendo ocasião de melhor observá-los no seu modo de proceder. Sôbre o governador Waerdenburch, já o próprio Conde Maurício (15) proferiu uma palavra de aprêço, e os méritos do próprio Nassau são, ainda hoje, realçados em todo o Brasil. O govêrno de dois anos, de Hamel, Bas e Bullestrate foi acerbamente criticado; todavia já Netscher chama a atenção para o fato de que, depois de sua volta à pátria, puderam êstes figurar entre os administradores da Companhia. Êles merecem, quando menos, o elogio de não terem silenciado, quando se tratava de defender a colônia. Schoonenborch, Haecxs e seus colegas, inclusive o comandante Schoppe, não foram pior sucedidos que os conselheiros que os haviam precedido. O próprio Haecxs, sempre considerado o membro mais fraco, como se nos apresenta de modo favorável, neste seu judicioso diário, pelo menos enquanto o seu físico não o abandonou ! Mesmo as autoridades da pátria, a quem foi atribuída grande parte da culpa, que até acusadas foram de haverem abandonado os colonizadores à sua própria sorte, parecem inatacáveis ou mesmo acima de crítica. E como intervieram séria e decididamente os Estados-Gerais, enviando poderosos reforços sob a direção de hábeis comandantes ou frotas consideráveis sob o comando de almirantes experimentados, tal como nos anos de 1646, 48 e 50 ! Como devia ser ativo o Colégio dos XIX para conseguir levar o Alto Govêrno do país a tão grandes preparativos ! A atitude dêsses regentes resgata perfeitamente a estreiteza de vistas das Câmaras, como por exemplo a de Amsterdão ! Como explicar então o fracasso completo da experiência colonial no Brasil ? Provàvelmente, deve-se procurar a origem de todos os males no "vitium originis" com que nascera a Companhia das Índias Ocidentais. Criada a um só tempo, para colonização, cultura, guerra, navegação, cristianização mesmo, queria atingir todos os fins ao mesmo tempo. Desta feita se criou uma colônia que vinha ao mundo, ela mesma, com um "vitium originis", que residia no fato de ser fundada em uma região onde os portuguêses já se encontravam radicados, como esforçados burgueses e negociantes. Eram os portuguêses que tinham levado a região a certa prosperidade, se bem que fôsse pelo trabalho de escravos. Os mesmos não podiam ou não queriam submeter-se a um govêrno herético, govêrno de comerciantes, ávidos de lucros imediatos, aliás produzidos pelos próprios colonizadores de ontem, os quais encon-

---

(15) Gaspar Barléu, obr. cit., p. 146. (*H. N.*)

travam sempre ocasião de se comparar com os habitantes da região mais próspera da Colônia, a Bahia de Todos os Santos, e de para ela apelar. Esta, por sua vez, nunca os perdia de vista, estando seu govêrno, assim na América quanto na Europa, duplamente amargurado com o modo desairoso de proceder dos holandeses que, em 1641, haviam capturado a Angola africana. As cartas dos regentes holandeses mostram claramente que, se a Bahia tivesse caído, tôda a questão do Brasil teria tomado outro aspecto. Não foi entretanto a Bahia que sucumbiu aos golpes dos holandeses; muito pelo contrário, Pernambuco é quem cedeu sob a pressão dos portuguêses. Esta catástrofe seguiu seu próprio caminho, devendo ser atribuída diretamente à primeira guerra inglêsa, à insegurança dos mares do mundo durante essa guerra, à dificuldade daí proveniente para o govêrno da pátria de manter a vigilância nas próprias águas territoriais brasileiras. Na ausência de uma frota auxiliar holandesa, a fortaleza principal viu-se forçada a arriar bandeira, em conseqüência da superioridade portuguêsa naquelas águas. Assim sendo, perdeu-se com Pernambuco tôda a "conquista" obtida a custo de tanto "sangue holandês". Os milhões de holandeses que delirantemente se alegram quando é rejeitada uma lei naval, devem refletir sôbre isto, e saberão para que estão contribuindo.

O MAPA DE GOLIATH

Para esclarecer a situação originada pelo cêrco de Pernambuco, pode servir o mapa de Goliath, cujo original se encontra na coleção Bodel Nijenhuis em Leide, e do qual se podem obter reproduções com o editor Martinus Nijhoff em Haia, pelo preço de 5 florins. Conforme diz o seu título, êste mapa apareceu em 1648, *editado por Claes Jansz Visscher em Amsterdão e feito por Cornelis* Goliath. As suas bases concordam com as dos mapas de Barléu e, por conseguinte, não são geogràficamente fiéis no que toca à curva da costa (16). Isto porém não impede que nêle se possa estudar com bons resultados as grandes linhas da situação local durante os anos difíceis de 1648-1654. De acôrdo com a medida miliária nêle desenhada, a escala deve ser mais ou menos de 1:20.000.

O mapa (note-se que a parte leste está em cima), revela-nos a situação de Olinda ainda intata, ao lado de um Recife fortificado

---

(16) Cf. V. Fournié e E. Béringer, «Verhandeling over de haven van het Recief enz», *Aardrijskundig genootschap Bijldaden*, III, nº 8, Amsterdão, 1881 (*H. N.*). Traduzido para o português por Alfredo de Carvalho, *Rev. do Inst. Arq. e Geog. Pern.*, t. XI, 1904, p. 37-80. (*J. H. R.*)

por um corte no dique da costa. A cidade de Maurício já se encontra, por um canal, dividida em duas partes. A parte sul da cidade, ao que diz a legenda, foi demolida. A parte norte serve de bairro residencial. O palácio Friburgo ainda se encontra intato, ainda que parcialmente, porque a montanha dos coelhos, no jardim, foi transformada em bateria. Do outro lado do rio, em frente à cidade de Maurício, encontram-se fortificações portuguêsas, às quais Haecxs tem também ocasião de se referir. Mais para o norte, em frente à fortaleza Madame de Brum, encontram-se as baterias, que serviam também de defesas ao inimigo.

No caminho para o forte Príncipe Guilherme, além da pequena obra Emília, surgiram dois novos fortes, dos quais o mais ocidental tem o nome de "Kijk in de Pot" (17).

São as seguintes as defesas interiores dos portuguêses :

1. um antigo reduto camuflado, de Van Uffelen, que não encontrei nos relatórios;

2. um arraial (acampamento) ao norte do rio Capibaribe. É o antigo acampamento português, nos anos anteriores à vinda do Conde Maurício. Em seu tempo, aí se encontravam as três (ou talvez quatro) obras abandonadas, das quais fala Van Der Dussen (18), chamadas Herderson, Tourlon e Ernst. Agora (1923) encontra-se uma igrejinha mais ou menos no mesmo local (19) com uma placa de mármore comemorativa da capitulação de Hoes, em 17 de agôsto de 1645;

3. o forte "Arraial Nôvo do Bom Jesus", denominado Altena (20) pelos holandeses, nome também citado por Haecxs. É o

---

(17) O «Kijk in de Pot» estava situado entre o Forte Frederico Henrique e o Príncipe Guilherme. Cf. Nieuhof, *Memorável Viagem*, p. 278. Sôbre êle, vide especialmente Naasson Figueredo, «O Kijk in de Pot», o Milhou e a Capitulação de Taborda», *Rev. do Inst. Arq. e Geog. Pern.*, v. 32, págs. 81-88. Naasson Figueredo pretende emendar, sem êxito, a afirmativa de Varnhagen de que a capitulação dos holandeses se verificou neste forte e não no Milhou. (*J. H. R.*)

(18) Barléu, obr. cit., p. 180. (*H. N.*)

(19) A. Vreugdenhil, na revista «Ons Element», 2º ano, 1923, p. 197. (*H. N.*)

(20) Naber equivocou-se ao escrever que o Altenar fôsse o Arraial Nôvo do Bom Jesus. A confusão data de Nieuhof, em quem se louvaram não só Naber, como Fournié e Béringer. Cf. Nieuhof, *Memorável Viagem*, p. 279, e Fournié e Béringer, tradução de Alfredo de Carvalho, *Rev. do Inst. Arq. e Geog. Pern.*, t. XI, 1904, p. 48. Se Naber tivesse lido com atenção o que está escrito, veria que o forte demorava à margem esquerda do Capibaribe entre Santo Amaro e Boa Vista. Quem ler com cuidado a *Breve Relaçam dos ultimos sucessos da guerra do Brasil* (Lisboa, 1654, reproduzida nos *Anais da Bib. Nac.*, vol. 20, p. 167-86), e a *Relaçam diaria do sitio e tomada da forte praça do Recife* (Lisboa, 1654, reproduzida nos *Anais da Bib. Nac.*, vol. 20, p. 187-205), verá claramente descrita a campanha pela posse do Forte Altenar ou Altenarti, primeiro passo tático na reconquista do Recife. «Está à borda da agoa da outra parte do Rio, fronteiro à Força de Santo Antonio, por um lado, e pelas costas a todo o Recife» (*Breve Relaçam*, p. 170). Ora, se o Arraial Nôvo do Bom Jesus era o forte português, construído segundo Calado e o próprio Nieuhof

acampamento que, durante a última revolta, serviu geralmente como quartel-general. Agora (1923) encontra-se aí um singelo monumento (21);

4. um acampamento português, mais ou menos a sudoeste do Arraial do Bom Jesus, do qual não falam os documentos.

O engenho de Guararapes, onde se travaram as sangrentas batalhas de 19 de abril de 1648 e de 19 de fevereiro de 1649, não se encontra no mapa, porque está fora do traçado (com a Melckhuys de que fala o relatório de Schoppe). Guararapes encontra-se mais para o sul, na direção do cabo de Santo Agostinho. Atualmente (1923) existe aí uma igrejinha, dedicada a Nossa Senhora dos Prazeres, onde uma inscrição lembra as referidas batalhas (22). O "Melckhuys" pode ser visto no mapa de Barléu, ao sul de Pernambuco, perto da costa.

S. P. L'Honoré Naber

---

na Várzea, em terras do engenho do Bribão (cf. Calado, *Valeroso Lucideno e Triunfo da Liberdade*, 1ª ed., 1648, p. 269, 4ª ed., Recife, 2º vol., p. 168, e Nieuhof, *Memorável Viagem*, p. 229), como iriam os portuguêses iniciar a luta final pela tomada do seu próprio forte? Segundo o *Inventario das Armas e Petrechos Belicos que os holandeses deixaram em Pernambuco*, 1838, ed. Recife, 1940, p. 58, o Altenar era o reduto fora das Cinco Pontas, o que concorda com a descrição das Relações acima citadas. Realmente, de posse dêle, fêz o Mestre de Campo general um divertimento para o de Waerdenburgh ou Três Pontas, a fim de evitar que o inimigo se fortificasse no Forte Frederico Henrique ou das Cinco Pontas, por onde tinha destinado continuar a emprêsa. (*J. H. R.*)

(21) Vreugdenhil, p. 182. Cfr. Fournié e Béringer, p. 16. (*H. N.*)

(22) Vreugdenhil, p. 216. (*H. N.*)

DIÁRIO DE HENRIQUE HAECXS, MEMBRO DO ALTO CONSELHO DO BRASIL — 1645-1654

Ano 1645 — *Dia* 29 *de junho* — *Amsterdão*

De manhã, sendo o terceiro dia das bodas do senhor Joseph Coymans de Jonge, a meu requerimento, obtive a bela apostila sôbre os negócios do senhor Heuft.

No mesmo dia 29

De tarde, quando estava para ir a umas bodas, o senhor Daniel Bernart comunicou-me que o senhor Pergans o havia procurado, a fim de lhe perguntar se eu estaria disposto a fazer mais uma viagem ao Brasil, a serviço da Companhia das Índias Ocidentais, na qualidade de Alto e Secreto Conselheiro. Isto soou-me como um verdadeiro trovão, já que nunca em tal pensara em minha vida, nem sequer ouvira a respeito.

Dia 30 *de junho*

Na sexta-feira, ia com [. . .] Bernart ao Bemster e aí me demorei até a têrça-feira, 4 de julho.

Dia 4 *de julho de* 1645

Na manhã de têrça-feira, os Srs. XIX haviam mandado um mensageiro à casa do Sr. Jean Bernart. Perguntaram por mim, pedindo que caso eu não estivesse, me enviassem um expresso a Bemster solicitando-me a volta imediata à casa, já que os referidos Srs. XIX precisavam falar comigo. Cheguei à casa na mesma noite, nada sabendo sôbre o expresso.

Dia 5 *de julho*

De manhã, por volta das 9 horas, chegaram à casa do Sr. Jean Bernart os Srs. Carel Looten (23) de Amsterdão, o senhor Jean Pelletier, da Zelândia, e [. . .] Enchuysen, todos três como dele-

(23) Em outros lugares chamados também Loots, ver 6 de junho de 1645 (*H. N.*)

gados do Conselho dos XIX. Êstes, depois de longo e circunstanciado relato acêrca do estado decadente do Brasil, chegaram finalmente ao seu objetivo, declarando que o Conselho dos XIX, depois de muitas e maduras deliberações, havia votado unânimemente no meu nome, para atribuir-me, caso fôsse de minha aceitação, o lugar de Alto e Secreto Conselheiro. Não duvidavam de que eu o aceitaria de bom grado para glória de Deus, soerguimento do estado desolado da Companhia e de muitas viúvas e órfãos interessados e *** reputação da minha própria pessoa. Ao que respondi que isto se me afigurava muito estranho e inesperado. Não conhecia nenhum dêstes senhores, nem êles a mim. Ao que me respondeu o senhor Looten: "Seja-vos bastante que, nós, não vos conhecendo, vos conheçamos". Eu lhes agradeci o fato de ter sido a minha indigna pessoa, em plena reunião, colocada em tão grande aprêço, ao lado de outros homens eminentes. O mesmo fiz com referência à honra de quererem distinguir-me com cargo tão respeitável. Visto, porém, tratar-se de assunto de tanta relevância, dependendo daí minha honra e reputação, não poderia eu decidir-me sem mais consideração, razão porque solicitava me concedessem algum tempo para refletir, o que me foi outorgado de bom grado, conforme declararam. Aliás a reunião não se encerraria em menos de dois dias. Deram-me, pois, prazo para pensar, até as dez horas do dia 6 de julho, solicitando cortêsmente a minha decisão com estas palavras:

"Considerai tão sòmente que homens eminentes, o que há de melhor no país, e além do mais nossos amigos, anseiam por êste cargo. Vimos, porém, convidar-vos a vós, da mesma forma que um vassalo precisa de sua Soberana. Esperamos que vos animem a dilatação da glória de Deus, os múltiplos anelos de inúmeros interessados e a nossa emprêsa, que não deve resultar infrutífera". Certamente, a honra, a reputação, o grande proveito, que disto resultaria e sobretudo a admiração do mundo inteiro, e conseqüente renome imortal, tudo isto exigia muita deliberação. Forneceram-me também uma Instrução de 14 de abril de 1645 e uma resolução de 3 de maio de 1645.

Dia 6 de julho

Depois de ter orado fervorosamente ao Senhor Deus durante todo o dia e noite, e de ter consultado meus melhores amigos, os três referidos senhores delegados, às 10 horas, vieram novamente à nossa casa, insistindo pela minha decisão. Apresentei-lhes primeiramente todos os "gravamina", tais como os previa no trabalho da Companhia das Índias Ocidentais, e afirmei-lhes que me seria muito difícil (já que tinha resolvido deixar de viajar) abandonar

por tanto tempo a pátria, meus amigos, minha profissão, negócios e hábitos de vida, além de muitas outras circunstâncias, que me preocupavam, o que êles bem compreendiam. Disse finalmente o senhor Loots que, apesar de tudo, era preciso tomar uma resolução. Enfim, resolvi aceitar, e os senhores me desejaram felicidade, dizendo com grande solenidade : "Estamos certos de que nos apresentaremos à reunião com uma boa e agradável notícia".

Separamo-nos em perfeito acôrdo, recebendo eu duas especiais recomendações : que eu sempre ajudasse a propagar, conforme melhor pudesse, a glória de Deus e que não desse preferência a nenhuma Câmara (24).

Dia 17 *de setembro*

Recebi ordem do Conselho dos XIX, da Zelândia, para aí comparecer; ao que em

Dia 19 *do mesmo mês*

parti de Amsterdão, e cheguei bem à Zelândia aos 22 do mesmo mês.

Dia 28 *de setembro*

Presente o Senhor Van Schoonenborch, do exército de Sua Alteza, declarou aos Senhores XIX que queria ir ao Brasil como presidente do Colégio dos Altos Conselheiros (25).

Dia 9 *de outubro*

Ao lado dos outros senhores (26) foi apresentado pela primeira vez ao Conselho dos XIX, onde, então, de nada se tratou. Apenas, o presidente, que era o senhor van der Cameren, nos perguntou se tínhamos a fazer algumas considerações, de ordem pessoal, as quais apresentamos oralmente a S. Ex.ª.

---

(24) Significa que não deveria favorecer com cargas uma Câmara de preferência a outra. Cf. as queixas a êste respeito na reunião dos diretores de Amsterdão, no dia 18 de novembro de 1647. (*H. N.*)

(25) Walter van Schoonenborch, membro dos Estados-Gerais por Groningen, exerceu o cargo de presidente do Alto e Secreto Conselho do Brasil, o qual, depois da partida de João Maurício de Nassau (1644), tinha dirigido sem governador e sem presidente designado. (*H. N.*)

(26) O presidente Schoonenborch e os novos conselheiros Michiel van Goch (pensionário de Vlissingen), Simon van Beaumont (advogado-fiscal de Dordrecht), Abraham Trouwers e Hendrik Haecxs (negociantes). (*H. N.*)

Walter ou Wouter van Schoonenborch escreveu juntamente com Hendrik Haecxs e Sigismondus van Schoppe a *Kort, Bondigh ende Waerachtigh Verhael van 't Schandelijck over-geven ende verlaten vande voornaemsts conquesten van Brasil, onder de Regieringe vande Heeren...* Middelburgh, 1655. É um relatório de defesa, no qual procuram explicar por que não puderam extinguir o movimento restaurador e porque assinaram as capitulações. (*J. H. R.*)

Dia 13 *de outubro*

Foi-nos lido pelo senhor van der Cameren o juramento, que prestamos de pé, com as mãos estendidas e abertas, juntamente com o presidente e os conselheiros.

Dia 17 *de outubro*

À noite, viajei outra vez de Middelburg, via Dort etc., para Amsterdão, e no dia 20, louvado seja Deus, cheguei em casa.

Dia 27 *de outubro*

Fui chamado a Haia pelo senhor Jan Lowiessen (27) para comparecer diante de S. Ex.[a].

Dia 29 *de outubro*

Sem nada ter feito, voltei de Haia para Amsterdão.

Dia 9 *de novembro*

Fui chamado pela segunda vez a Haia e aí fiquei até

18 *do mesmo mês*

Os senhores de Laet (28), Allwijn de Leijden e Ten Hove nos introduziram na reunião dos Srs. Estados-Gerais. Encontramos S. Ex.[as], aproximadamente 30 senhores, todos de pé. Começou então o Griffier Meuxh (29) a ler a fórmula do juramento, feito o que, o senhor Jacó Veth, então presidente, perguntou-nos, a nós cinco (30) colocados diante da mesa, se estávamos dispostos a prestá-lo. Respondemos afirmativamente, e o confirmamos no mesmo instante, com as mãos para o alto. Após o que o Sr. Veth, estendendo-nos a mão, desejou-nos muita felicidade. Despedimo-nos então, e voltamos à antecâmara.

---

(27) O diretor-presidente dos delegados; ver 14 de dezembro de 1645. (*H. N.*)

(28) João de Laet, diretor da Companhia das Índias Ocidentais, que morava em Leida, o mesmo autor das grandes obras históricas. (*H. N.*)
João de Laet escreveu a *Nieuwe Wereldt ofte Beschrijvinghe van West-Indien* etc., Leyden, 1635, e especialmente a *Historie ofte Iaerlijck Verhael van de Verrichtinghen der Geoctroyeerde de West-Indische Compagnie*, Leyden, 1644, traduzida por José Higino Duarte Pereira e Pedro Souto Maior, e publicada nos *Anais da Biblioteca Nacional*, 1916-1925. (*J. H. R.*)

(29) Cornélio Musch. (*H. N.*)

(30) Ver os nomes, na nota de 9 de outubro de 1645. (*H. N.*)

Dia 19 *de novembro*

Parti novamente de Haia, em companhia de van der Voorde (31) para Amsterdão.

Dia 27 *de novembro*

Procedentes do Brasil, chegaram dois navios, que de lá haviam partido aos 17 de setembro, trazendo-nos tristes notícias sôbre o estado precário de lá, bem como da perda de todos os fortes, com exceção do Recife, Itamaracá e o Forte Margarida até Paraíba, pela fôrça e pela traição. Isto causou a todos grande consternação (32).

Dia 11 *de dezembro*

Viajei para Haia a fim de falar com o senhor Schoonenborch (33), já que aqui se propalava que êle agradecia a S. Ex.[as] e desistia da viagem.

Dia 12 *de dezembro*

Soube do senhor Schoonenborch que, na véspera, agradecera por escrito ao Conselho dos XIX (34) e que se propunha fazer o mesmo quanto aos Senhores Estados-Gerais. Tal me pareceu muito estranho.

Dia 13 *de dezembro*

Compareci, em Doelen, à reunião dos XIX, na qual encontrei alguns senhores bastante faladores. Um dêles, de Enchuysen, chamado Semeijts, pôs-se a dar conselhos, dizendo que não nos devíamos desencorajar uns aos outros. Perguntei-lhe então, sem rebuços, se êle se referia a mim. Respondeu êle afirmativamente,

---

(31) Baltasar Van der Voorde, membro do Conselho de Justiça do Brasil, que em 2 de agôsto de 1645, em nome do govêrno do Brasil, dera um relatório aos Estados-Gerais sôbre o triste estado da colônia (Netscher, p. 147). Pior era a revolta que estalara em meados de junho no seio da população portuguêsa. (*H. N.*)

(32) *Referências* : I, *à derrota sofrida pelos nossos, sob o coronel Hoes, no Monte* das Tabocas, a 3 de agôsto de 1645; II, ao cêrco de Pernambuco levado a efeito, em terra por Vieira; III, à demolição parcial de Maurício, ordenada pelo próprio govêrno; IV, à nova derrota sofrida pelos nossos, sob o comando do coronel Hoes, em 17 de agôsto de 1645, em que o próprio Hoes foi capturado; V, à rendição traiçoeira do forte do Cabo, Santo Agostinho em 10 de setembro de 1645. Tudo isto ainda foi de algum modo compensado pela vitória do almirante Lichthart sôbre a frota portuguêsa na baía de Tamandaré em 9 de setembro de 1645. Cf. Netscher, págs. 149 e 150. (*H. N.*)

(33) Ver nota de 28 de setembro de 1645. (*H. N.*)

(34) Talvez por causa das noticias recebidas em 27 de novembro. (*H. N.*)

alegando que eu havia escrito uma carta ao senhor Beaumont (35), na qual dava mostras do meu desgôsto. Eram estas as palavras dirigidas a Beaumont : "*Agora convinha mais a Companhia enviar soldados para lá do que diretores*". Êsse senhor interpretara mal esta passagem; eu defendi o meu ponto de vista, não vendo em que agira mal; separamo-nos então como bons amigos.

Dia 14 de dezembro

Os Senhores XIX intimaram-me a comparecer diante dêles e, entrando, fizeram-me sentar numa cadeira que estava ao lado do presidente do advogado Rudolphii. O referido presidente começou então a interrogar-me sôbre minha disposição, indagando se eu ainda permanecia firme na resolução anteriormente tomada de fazer a viagem ao Brasil, acrescentando que para mim haviam arranjado o navio "Maurício" a fim de que eu pudesse viajar com os primeiros. Os outros senhores (36) seguiriam em breve nos outros navios. Respondi então que, se os reforços a serem enviados correspondessem à atual situação, cumpriria a minha promessa e mostrar-me-ia um homem honesto. Disse também que estava bastante admirado pelo fato de me mandarem à frente sòzinho, com um navio, tão-sòmente, expondo-me lá à vista de todos, que haviam de rir-se de mim, julgando-se desiludidos em suas esperanças. Disse mais que as nossas instruções eram bem diferentes, pois delas constava expressamente que daqui iríamos todos juntos, e muitas outras coisas ainda, longas demais para serem repetidas. A isto o senhor De Laet (37) redarguiu que eu declarasse, sem rodeios, se queria ir ou se queria ficar. Eu então repliquei : "Isto é muito forte; se os senhores assim o querem e não pensam ouvir condições, digo que dou a S. Ex.as, desde já, tôda a liberdade de dispor do meu lugar e cargo, conforme S. Ex.as acharem melhor, e que de bom grado desisto, agradecendo a S. Ex.as a grande honra de me julgarem digno de ocupar cargo tão respeitável, ao lado de outros homens eminentes". Mostraram-se todos surpresos, não esperando de mim tanta coragem. Convidaram-me cortêsmente a ficar por um momento na antecâmara, onde me demorei quase uma hora. Chamado novamente, entrei e sentei-me e o presidente Jan Lowiessen iniciou dizendo que o Conselho estava muito surpreendido com

---

(35) Um futuro colega de Haecxs no conselho, ver nota do dia 9 de outubro de 1645 (*H. N.*). Symon Van Beaumont foi a princípio diretor na Câmara da Zelândia e mais tarde chegou a pensionário, cargo de alta relevância política. Era homem culto e delicado poeta, seguidor e tradutor de Ronsard. Cf. J. Greshoff e J. de Vries, *Geschiedenis der Nederlandsche Letterkunde*, Arnhem, 1925, p. 82. (*J. H. R.*)

(36) A saber, o presidente Schonenborch, Van Goch, Beaumont e Trouwers. (*H. N.*)

(37) Ver nota em 18 de novembro de 1645. (*H. N.*)

respostas tão resolutas, que êles não podiam acreditar fôssem estas as minhas intenções; pediam, por conseguinte, que eu ponderasse sôbre os prejuízos que daí adviriam para a Companhia, e visto que a minha reputação também sofreria com isto, eu deveria pensar bem antes de tomar tal resolução; devia lembrar-me também de que não era intenção do Conselho mandar-me ao mar sòzinho, mas que seu plano e intenção fôra de mandar comigo do Mosa o senhor Beaumont e da Zelândia o senhor van Goch (38). Respondi, então, que, em se tratando de assunto de tal importância, não podia resolver sem mais nem menos, devendo antes aconselhar-me com meus amigos. Isto lhes deu alguma esperança. Perguntaram-me logo de quanto tempo precisaria para pensar. Prometi-lhes que não demoraria nem abusaria, mas que passados mais ou menos cinco ou seis dias eu lhes levaria minha resolução final. Em seguida, nos despedimos com bons modos e com tôda a cordialidade.

Dia 15 *de dezembro*

Viajei novamente de Haia para Amsterdão e relatei aos meus amigos tudo o que se passara. Êstes concordaram que eu havia procedido bem, falando com franqueza. Não foi pequena a consternação verificada em Amsterdão entre todos os interessados, os quais me assaltavam com perguntas, tendo eu respondido a todos.

Dia 21 *de dezembro*

Parti novamente de Amsterdão para Haia, onde encontrei os senhores delegados ainda reunidos, esperando ansiosamente pela minha volta. Comparecendo diante de S. Ex.as, manifestei-lhes minha resolução de aceitar o cargo em nome de Deus e de fazer de bom grado a viagem, conforme havia decidido com meus amigos. A alegria dos senhores foi unânime, desejando-me novamente felicidade. Em seguida, despedi-me e parti no mesmo dia para Amsterdão.

Ano de 1646. *Último dia de março*

Tendo sido anteriormente cedidos por S. Ex.as três navios de guerra, para transportar tropas ao Brasil, e como agora alguns dêstes personagens estivessem dispostos a impedir tal coisa, resolveu-se que o senhor presidente Schoonenborch e eu nos transferíssemos imediatamente para a Zelândia, a fim de fazer-nos ao mar em sua companhia. Isto me foi escrito de Haia, a fim de que me aprontasse. Levei tal resolução ao conhecimento dos senhores re-

---

(38) Ver nota do dia 9 de outubro de 1645. (*H. N.*)

gentes. Êstes decidiram enviar comigo para Haia os seus delegados, para congratular-se com o referido senhor presidente e desejar-lhe boa viagem. Nesse mesmo dia, partimos para Haia em número de cinco, a saber, os senhores Albert Coenradij, Spex, Raij, Trouwers e eu (39).

Dia primeiro de abril

De manhã, pelas oito horas, nos reunimos aos outros, em número de cinco, na Casa de Amsterdão (40). O burgomestre Coenradij (41) pôs-se novamente a discursar : desejando-nos primeiramente felicidade e prosperidade na nossa viagem, e mostrando em seguida por extenso e demoradamente o estado e a situação do Brasil, quais os remédios a serem empregados, para repará-lo; que por ora era impossível munir o novo govêrno de alguma instrução definida (em que nós muito insistíamos), mas que teríamos que regular-nos pelas circunstâncias do momento e pela situação reinante. Confiavam, desta forma, que a nossa dedicação e boa administração saberiam tratar de tudo convenientemente, e sôbre isto não tinham dúvida. Fêz ainda muitos outros elogios, demasiado longos para serem repetidos aqui. Em seguida, expôs que o nosso intento e fim principal deveria ser libertar novamente nossos patrícios aí residentes, que haviam arriscado nessa emprêsa seus bens e seu sangue, e de pôr a salvo os nossos fortes; molestar o inimigo com cartas e protestos; incorporar o cabo de Santo Agostinho, do mesmo modo como êles haviam feito, ou então pela fôrça, quando se apresentasse ocasião para tal. Se não pudéssemos dominar o inimigo por meio de missivas, cartas e protestos, o atacariam com o nosso poderio naval, em que recairia o pêso da luta, atendendo especialmente à ilha de Itaparica, cheia de engenhos e animais, situada exatamente em frente à Bahia, a fim de incorporá-la, tomando-a como que uma nova Dunquerque. Ordenou-nos que assumíssemos o Alto Govêrno logo que chegássemos no Recife, exigindo contas *et reliqua*, tanto dos haveres quanto dos débitos; que não acreditássemos de nenhum modo nas palavras bonitas dos portuguêses, mas os tratássemos, ao contrário, como a vencidos, não os deixando dominar ao nosso lado, e que nos portássemos com êles como nas Índias Orientais (42). Diversos discursos ainda

---

(39) Conradi, Spex e Raij, diretores, Trouwers e Haecxs, recém-nomeados membros do Conselho do Brasil. (*H. N.*)

(40) Entenda-se a Casa dos Senhores de Amsterdão, em Haia. (*H. N.*)

(41) Na sua qualidade de diretor. (*H. N.*)

(42) Mas isto não era possível, porque no Brasil os portuguêses formavam uma classe média desconhecida no Oriente. Tôda a cultura de açúcar no Brasil estava em mãos dessa classe, que a realizava por meio de escravos. Eliminando-a arruinar-se-ia a própria

foram pronunciados, demasiado longos para serem aqui repetidos, de modo que, despedindo-nos, saímos pelas onze horas e nos dirigimos para Amsterdão.

Dia 10 *de abril*

Em reunião plenária de todos os senhores diretores, constando aproximadamente de 17 pessoas, fiz as despedidas, sendo presidente o senhor Jerônimo Hesters, e, tendo cada um dêles me desejado boa sorte na viagem, não se tocou mais em nenhum assunto, apenas o senhor Boaventura Broen me ameaçou com um enorme copo de vinho, mas sentiu-se mal nesse instante e foi substituído pelo senhor escabino Verdoes.

Dia 13 *de abril. Ano* 1646. *Sexta-feira*

Parti, pelas 4 horas da tarde, de Haarlem para Amsterdão, em companhia de muitos amigos, para encetar com Deus a grande viagem. Diversos dêles foram até a porta de Haarlem, notadamente os senhores Daniel e Jean Bernart com suas espôsas, os quais desejavam que eu passasse pela cidade uma última vez entre êles e estas, o que foi feito, ainda que sob muitos protestos. Chegando à noite em Haarlem, jantei ainda uma vez com o senhor José Coeijmans e, despedindo-me às nove e meia, parti para Haia naquela mesma noite em companhia dos senhores Jean e Daniel Bernart Jr. e meu primo Andries Haecxs.

Dia 14 *de abril*

Pelas oito horas da manhã chegamos a Haia e, depois de têrmos almoçado juntos, fui com o senhor presidente Schoonenborch, por volta de uma hora (despedindo-nos dos amigos que também partiam imediatamente daí para Amsterdão, via Leide), para Dort, via Delft e Rotterdão, onde, Deus seja louvado, chegamos pelas nove da noite.

Dia 15 *de abril*

Continuamos a nossa viagem de Dortrecht para a Zelândia.

---

cultura do açúcar, tornando-se assim ilusório o único interêsse que tinha a colônia (*H. N.*). Os senhores de engenho, quer reinóis, quer mazombos, só fizeram parte da classe média durante o domínio holandês, quando sentiram os primeiros agravos ao seu poder, feitos pelos mercadores burgueses. Antes foram os grandes senhores do Brasil, e, se em 1687 sofreram grande crise, ainda em 1711 Antonil iniciava sua famosa obra louvando o senhor de engenho. A moratória geral de 1738, requerida e obtida, ainda não desfaz totalmente a aristocracia ou o patriarcado rural do senhor de engenho. (*J. H. R.*)

Dia 16 de abril

Chegamos, graças a Deus, de tarde em Veerze, embora com vento inteiramente contrário, e daí por volta da uma hora em Middelburch.

Dia 17 de abril

Fomos a Vlissingen e os nobres senhores diretores nos trataram bem no hotel de Bijekorff.

Dia 26 de abril

Trataram-nos magnìficamente em sua residência os senhores diretores de Middelburch e de outras cidades, como Vlissingen e Ter Vere, estando também presente o senhor burgomestre de Middelburch, sendo ao todo 26 pessoas.

Dia 4 de maio

No paço municipal, o Exmo. senhor magistrado de Middelburch tratou-nos principescamente. Presentes, ao todo, 14 pessoas.

Dia 7 de maio

Dois dos senhores diretores, o senhor van Neck e o senhor Bisschop, comunicaram-nos que em reunião fôra resolvido despachar-nos, que nos preparássemos, como se no dia seguinte houvéssemos de partir para Vlissingen e daí fazer-nos ao mar. Respondemos a S. Ex.as que não estaríamos prontos amanhã mas hoje mesmo, o que muito lhes agradou.

Dia 8 de maio

Despedimo-nos dos Exmos. Srs. diretores, reunidos na Casa das Índias Ocidentais, e agradecemos a S. Ex.as tôdas as cortesias e honrarias recebidas. Foram-nos recomendados insistentemente os negócios da Companhia, para o serviço da mesma. Daí fomos aos conselheiros delegados da Zelândia e ao magistrado da cidade de Middelburch, agradecendo-lhes da mesma forma, como acima, tendo êles nos recomendado os negócios. Ao cair da noite, fomos para Vlissingen com os senhores delegados regentes, bem como o senhor Van der Heijden e o senhor Bisschop, hospedando-nos no Beijekorff.

Dia 9 de maio, quarta-feira

Fomos para bordo em companhia dos senhores diretores, bem como os senhores Bont, Wesdorp, van der Heijden, Pelletier e Biss-

chop, o vice-almirante Evertren e grande número de pregadores, tanto de Middelburch e Vlissingen, como de outros lugares e, ainda de numerosos e bons amigos. Por volta de uma hora, com tempo agradável e ameno, vento N.O., depois de têrmos levado os senhores do navio para o iate, levantamos ferros pelas 4 horas mais ou menos e em nome de Deus nos fizemos ao mar, em três navios, a saber, o navio de Middelburch do senhor comandante Joos van Trappen, chamado "Banckert" (43), e o navio do capitão Frans Jannsen, chamado "Vlissingen"; cada navio tinha 36 peças, entre as quais vários meios canhões de metal, cada um de 24 libras de ferro; o terceiro era o iate "Arent" com 6 peças de metal. Nestes três navios havia ao todo seiscentas e onze almas.

Dia 10 *de maio*

Tínhamos tempo bom e ameno, vento N.E., e pelas 7 horas da manhã estávamos entre Calais e Douvres, que víamos ambos perfeitamente. À tarde encontramos uma frota de umas 50 ou 60 velas, vindas do Mosa, entre as quais um grande e belo navio das Índias Orientais e um navio-Guiné (44) chamado "São Pedro", que nos convidou a navegar em sua companhia.

Dia 11 *de maio*

Tempo bonito e ameno; vento E.N.E., rumo S.O. De madrugada, perto de Vaelmuijden, encontramos cinco cruzadores parlamentares inglêses, mas não nos comunicamos com êles.

Dia 13 *de maio*

Tempo bonito e ameno, mas um tanto parado, vento E.N.E., rumo S.O. para S. Neste dia o pastor Gribius fêz a sua primeira prédica e foram também enviadas as cartas para os dois outros navios.

Dia 14 *de maio*

Estávamos na altitude de 47 graus e 50 minutos, com vento O. Durante a noite tivemos vento mais forte, que fomos acompanhando, tendo o mesmo se prolongado até a manhã.

---

(43) O mesmo que em 1637 se distinguira em Dunquerque e em 1639 em Duins. Faleceu na viagem de volta ao Brasil em 12 de setembro de 1647. Ver mais adiante a referida data. (*H. N.*)

(44) Isto é, um navio que se destinava à Guiné. (*H. N.*)

Dia 15 de maio

Pela manhã começou a haver calmaria, mas o mar ainda estava agitado. Neste dia faleceu o filho do lugar-tenente van Gijseling, que tinha cêrca de um ano; pela tarde foi lançado ao mar num caixãozinho. Tínhamos vento O.N.O., rumo S.O., *altitude 45 graus* e 15 minutos.

Dia 16 de maio

Tornou-se o tempo muito mais calmo. Estávamos na altitude de 44 graus e 33 minutos, vento N.O., rumo S.O. para O. Mas o mar continuava agitado.

Dia 17 de maio

Tempo bonito, vento N. e N.N.O., rumo S.O.; à noite porém não havia mais vento, de modo que não avançamos.

Dia 18 de maio

Pela manhã ainda não havia vento e flutuamos em calma até *mais ou menos* 9 horas. Houve então um belo N.O., com tempo ameno. A altitude era de 43 graus e 7 minutos. Estávamos à altura do cabo de Finisterra, e tomamos rumo S.S.O. Neste dia morreu um soldado chamado Davi Morgan. Vimos no mesmo dia um pequeno iate, que perseguimos durante umas duas horas, mas não o pudemos alcançar; nós o julgávamos turco.

Dia 20 de maio

Tempo bonito e ameno, bastante fresco, vento N.E., rumo S.S.O. Altitude 41 graus e 45 minutos.

Dia 21 de maio

Tempo bom e agradável, com tão grande avanço quanto as velas permitiam, vento N.N.E., rumo S.S.O., altitude 38 graus e 20 minutos.

Dia 22 de maio

Tempo bom e ameno, com razoável avanço. Vento N.N.E., rumo S.S.O. De manhã vimos quatro navios que iam para o estreito de Gibraltar com vento favorável. De tarde morreu mais um soldado chamado Steven Goossen.

Dia 23 de maio

Tempo bom e ameno, bastante fresco. Altitude 33 graus e 43 minutos. Vento N.N.E., rumo S.S.O. Eu sentia, neste dia, fortes dores de cabeça e grande alteração em todos os meus membros, chegando a me preocupar, principalmente porque o nosso cirurgião-chefe estava muito doente.

Dia 24 de maio

Tempo bonito e agradável com avanço razoável, vento N.N.E., rumo S.S.O. Nesta manhã mandei buscar o cirurgião do outro navio, e mandei tirar mais ou menos 6 onças de sangue, o que me causou boas melhoras, graças a Deus.

Dia 25 de maio

Tempo ameno, vento favorável; altitude 29 graus e 40 minutos, vento N.E., rumo S. para O. Neste dia já quase não sentia dor de cabeça.

Dia 26 de maio

Tempo ameno e quente; de manhã vimos o Pico e as ilhas Canárias. Por volta do meio-dia morreu um marinheiro do Van Ter Vooere, chamado Cornelis Krijnssen.

Dia 27 de maio, domingo

Tempo bonito e agradável; vento favorável e bastante fresco; de manhã víamos ainda as ilhas Canárias. Tomamos rumo S.O. para S.

Dia 28 de maio

Tempo e vento bons, altitude 25 graus e 25 minutos, curso S.O. para S. Neste dia deu-se o primeiro racionamento à tropa, a saber um pote de cerveja por dia e 4 libras de pão por semana; também o cozinheiro não fornece mais a não ser duas vêzes por dia.

Dia 29 de maio

Tempo bom, vento favorável. Altitude 24 graus e 45 minutos, vento N., rumo S.O. para S. Neste dia, graças a Deus, passamos o trópico de Câncer e a minha cabeça estava outra vez bastante perturbada.

Dia 30 de maio

Tempo bom, vento favorável, vento N.E., rumo S.S.O. Altitude 22 graus e 22 minutos; neste dia resolvemos fazer escala na ilha de Maio (45) para reabastecer-nos. Sentia então fortes dores de cabeça. Faleceu mais um soldado, um francês, chamado Pieter Winte. Ao cair da noite, víamos atrás de nós dois navios, que se aproximavam muito de nós, mas quando anoiteceu, usamos a vela pequena até ao amanhecer.

Último dia de maio

Estávamos muito próximos dos navios que vinham em nossa direção com vento favorável. Estávamos certos que fôssem portuguêses, mas ao se aproximarem de nós, verificamos tratar-se do navio "Dolphein", fretado especialmente pela Câmara da Zelândia, a fim de navegar por sua conta para o Brasil com carga de farinha, toucinho, vinho e aguardente. Tinha saído há seis semanas da Rochelle. O outro era uma fusta, que também procedia da Rochelle, e se destinava à ilha do Fogo, para daí partir carregado de alguns animais para as ilhas Caríbias· Não estavam na devida altitude em conseqüência do nevoeiro; o vento era N.E., o rumo S.O. Neste dia morreu mais um soldado, chamado Jan Gilman.

Dia primeiro de junho

Tempo bom e agradável, vento favorável, soprando fortemente, rumo S.S.O., vento E.N.E., altitude 18 graus e 18 minutos. Aqui, graças a Deus, a minha dor de cabeça começou a ceder um pouco.

Dia 2 de junho

Tempo bom e ameno, altitude 16 graus e 40 minutos, vento N.N.E., rumo S.S.O. Neste dia mudamos de rumo para fazer escala nas ilhas; com êste fim fomos em direção O.S.O., e usamos vela muito pequena naquela noite, para não passarmos além das ilhas. Neste dia vimos muitos peixes voadores.

Dia 3 de junho, domingo

De manhã tornamos a empregar tôdas as velas e rumamos em direção E. Tínhamos tempo bom e ameno. Por volta do meio-dia, às 11 horas, vimos terra em nossa frente, duas grandes montanhas, e velejamos mais umas 6 horas, até à noite; então lançamos a âncora

---

(45) Uma das ilhas do Cabo Verde. (*H. N.*)

do lado oriental da ilha de Maio, encontrando a 15 côvados boa areia; os outros quatro navios também ancoraram ao nosso lado em 9 e 8 côvados. De manhã muito cedo, mandamos para a terra a nossa chalupa com 8 mosqueteiros, que foram recebidos na praia por um português e três negros; fizeram-nos embarcar e voltaram para bordo. O português dizia-se governador da ilha e chamava-se Bravo Rodrigues de Mora, um tipo ingênuo, que aí já estivera dois anos e que fôra obrigado a ficar mais quatro. Um dos negros, chamado Seis Centos Lobos, por falta de padre exercia a função de sacerdote, e era estimado também pelo governador. Os outros dois negros eram seus escravos. O referido governador e o pretenso padre apresentaram-nos tudo quanto a ilha podia dar, como bodes, galinhas, batatas e outras coisas, pedindo-nos que proibíssemos aos nossos soldados de atirar nos bodes e de espantar a caça, mas assegurando que, de bom grado, nos dariam tudo quanto desejássemos. Agradecemos-lhes cordialmente e asseguramos que não teriam a temer nenhuma insolência por parte do nosso pessoal. Honramo-los com um queijo holandês e algum fumo, tratamo-los bem e lhes demos a beber vinho, deixando-os partir com uma salva de três tiros de cada navio. Pescamos neste dia muito peixe bom e, pelo meio-dia, pusemos todos os nossos soldados em terra para se refrescarem. Na volta, os botes trouxeram cinco bodes novos, pegos, conforme se dizia, à mão, tendo sido visto milhares dêles em terra.

Dia 5 de junho, têrça-feira

De manhã, o presidente (46) e eu fomos à terra e vimos o reservatório de água, o qual era muito bom e estava com água fresca que vinha das montanhas, a mais ou menos mil passos da praia. Esta era plana e dura, própria para rolar as barricas. Por ordem do governador, foram postos à nossa disposição 4 cavalos e alguns burros. Montamos e fomos visitá-lo, em companhia do senhor coronel Schoppe (47) com uma comitiva de 100 soldados, marchando mais ou menos 4 horas. No trajeto vimos muitos bodes, gansos selvagens e galinhas. Matamos logo alguns a tiros. Chegando perto da aldeia, onde ao todo se viam 57 cabanas feitas de pedras rochosas, veio o governador cumprimentar-nos a alguns passos da sua casa. Diante da porta encontravam-se 6 negros com longas espingardas, que deram salvas. O governador tratou-nos muito bem,

(46) Schoonenborch. (*H. N.*)

(47) Sigismund Schoppe, um dos antigos combatentes do Brasil, que ali já servia antes da vinda do conde João Maurício de Nassau ao Brasil (1637). Ia assumir agora o comando supremo, estando à testa da nova fôrça expedicionária de cêrca de 2.000 homens. (*H. N.*)

à sua maneira, tendo matado um boi, do qual comemos carne cozida e assada. Havia também repolho de forno e leite de ótima qualidade. Vimos por ali cêrca de 40 vacas. A bebida era água limpa, o pão eram bolachas feitas de milho, muito saborosas e boas. Depois de permanecermos à mesa durante umas duas horas, levou-nos ao seu jardim, onde havia pouco legume, em conseqüência da longa sêca, já que aí não chovera durante 8 meses; contou-nos que no tempo da chuva, que durava mais ou menos 4 meses, tudo ficava verde, o que é provável, visto que em todos os campos por onde passamos, embora fôssem muito rochosos e pedregosos, víamos abundante capim sêco, alto e queimado pelo sol. Na ponta leste existe uma salina, onde anualmente os inglêses vêm buscar sal. Nisto consistem suas maiores riquezas, como também na caça aos bodes, cujas peles vendem aos inglêses para se fazerem luvas. A carne dos mesmos, salgada ou sêca, mandam em barcos para a Madeira, para trocá-la por vinhos. Mais ou menos a 3 ou 4 milhas para oeste, encontra-se a ilha de São Tiago, a qual, no dizer do governador, era muito fértil, sendo habitada por cêrca de 20.000 homens, na maioria pretos, e governada por um bispo, que tem jurisdição sôbre tôdas estas dez ilhas. Na ilha de Maio haverá 150 homens no máximo, dos quais alguns casados. Os solteiros, tornando-se adultos, vão para S. Tiago e aí aliviam o seu coração no período de cinco ou seis semanas e depois voltam, o que a mitra do bispo tem de suportar, sem aplicar castigos. Depois do meio-dia despedimo-nos, chegando à noite na praia junto da nossa gente. Em conseqüência das grandes ondas não podíamos chegar até os nossos navios, de modo que tivemos de pernoitar aí.

Dia 6 de junho

Ao amanhecer, voltamos para bordo, e por volta do meio-dia veio visitar-nos o governador com 4 hóspedes negros. Tratamo-lo bem e conservamo-lo a bordo durante a noite. Na manhã seguinte fizemo-lo levar novamente para a terra, depois de ter tomado o primeiro almôço. Oferecemos-lhe uma partida de biscoitos brancos, queijos, aguardentes, vinho espanhol e francês, também uma partida de peixes secos e deixamo-los ir (48).

Dia 7 de junho

Pelas 10 horas, partiu de Roterdão rumo à Guiné o navio "St. Pieter", no qual estava o capitão Cornelis Lenarts.

---

(48) Onde se diz «peixes», deve ler-se «bokking», e não «bocken», bodes que vinham precisamente da ilha. (*H. N.*)

Dia 8 de junho

Do lugar onde estávamos, vimos passar dois grandes navios, realmente muito grandes, e suspeitamos que fôssem os dois que se dirigiam às Índias Orientais, os quais haviam partido juntamente conosco de Vlissingen e rumavam para a ilha de São Tiago. Neste dia nos trouxeram uns 60 bodes para o pessoal e recebemos água a bordo; também o recebeu todo o pessoal, com exceção de 20 homens; o vento N.N.O., que vinha da terra, felizmente soprava muito forte; do contrário, teria sido impossível, em conseqüência das grandes ondas, embarcar a nossa gente e a água. Já havíamos ido ver na outra ponta, perto da salina, se aí havia melhores possibilidades, mas visto como também aí as ondas eram muito altas, tivemos que fazê-lo aqui mesmo. Êste pôrto não é próprio, mas graças sejam dadas a Deus, que nos ajudou a sair daqui. Neste dia eu padecia de fortes dores de cabeça.

Dia 9 de junho, sábado

De manhã trouxeram-nos a bordo muitos bodes e galinhas campestres ainda vivas. O resto do nosso pessoal vinha trazendo muitos peixes, variados e bonitos, que havia pego. O capitão disse que todos aquêles bodes e galinhas tinham sido capturados para nós. Oferecemos-lhe um par de sapatos novos, três camisas novas, um pouco de aguardente, pão, vinagre e óleo, com o que êle ficou muito contente, agradecendo-nos vivamente; fizemo-lo levar para a terra, levantamos âncora depois do meio-dia e por volta das 4 horas, em nome de Deus, começamos a navegar, tomando rumo S. para E., sendo o vento N.E.

Dia 10 de junho, domingo

Tempo bonito, vento favorável, rumo S. para E., vento N.N.E.. Altitude 13 graus e 10 minutos.

Dia 11 de junho

Tempo bom e ameno, mas um tanto parado. Altitude 12 graus e 34 minutos. Eu sentia então grande dor de estômago e estava muito indisposto.

Dia 12 de junho

Tempo bom, vento favorável. Altitude 11 graus e 3 minutos, vento N.E., rumo S. para E., bastante fresco. Vimos novamente neste dia, e pela segunda vez, o navio das Índias Orientais que saíra do Mosa e que antes havíamos deixado no Canal. À noite, tivemos a primeira chuva, que durou até o dia seguinte.

Dia 13 de junho

Vento contrário, com muitas chuvas. A corrente era bastante S.O., sendo que, em virtude do tempo encoberto, não tínhamos altitude.

Dia 14 de junho

Céu bastante escuro, sem podermos tomar altitude. Muitas chuvas, com pequenas trovoadas.

Dia 15 de junho

Tempo muito tranquilo e calmo, altitude 9 graus e 3 minutos; pegamos aqui muitos tubarões. À noite refrescou um tanto.

Dia 16 de junho

Por volta de meia-noite começamos a ter um bom vento N. com temperatura fresca e agradável. Rumávamos em direção S.. Altitude 8 graus e 34 minutos.

Dia 17 de junho

Muita trovoada e muita chuva; altitude 7 graus e 36 minutos. Noite calma.

Dia 18 de junho, segunda-feira

Muita calmaria, nenhum avanço. Apanhamos novamente grande quantidade de tubarões.

Dia 19 de junho

Continuou a calmaria, de modo a não avançarmos nada.

Dia 20 de junho

Ainda a calmaria. De noite vento S.. Durante duas ou três horas, houve tempestade, que, pela manhã, veio a acalmar.

Dia 21 de junho, quinta-feira

Calmaria; durante êste dia começamos a racionar a água para todo o nosso pessoal, marinheiros e soldados, cabendo uma caneca de água por dia para cada pessoa. Em conseqüência do céu encoberto, não tínhamos altitude.

Dia 22 de junho, sexta-feira

De manhã, víamos atrás de nós um grande navio, do qual procuramos aproximar-nos, mas chegando perto verificamos ser o

mesmo navio das Índias Orientais, do qual antes fizemos menção. Por volta da tarde o vento era N.E., o que a todos alegrou.

Dia 23 de junho

De manhã vimos novamente o navio das Índias Orientais. Neste dia recebeu todo o nosso pessoal de bordo quatro medidas de aguardente para cada lote (constando êstes de 7 pessoas). Ao anoitecer, começamos a ter bom vento com forte trovoada e muita chuva, que duraram até mais ou menos meia-noite.

Dia 24 de junho

Tempo bom porém com vento S. Encontramos três navios, comunicando-nos com um dêles, o das Índias Orientais, chamado "Olimphant", e mais dois outros, que haviam partido de Texel bem uns três meses antes de nós. Disseram-nos que na véspera haviam encontrado o senhor Trouwers (49) com 4 navios, os quais se haviam reabastecido em S. Vicente. Disseram-nos, além disto, que os navios das Índias Orientais estiveram em São Tiago achando-se providos em abundância de tôda a sorte de abastecimentos, e que, à sua partida, tinham visto chegar à ilha São Tiago os dois navios das Índias Orientais, que haviam partido de Vlissingen no mesmo dia que nós, para fins de reabastecimento. Neste dia não tínhamos altitude.

Dia 25 de junho

Vento S., direção O., com tempo muito fresco.

Dia 26 de junho, quinta, isto é, têrça-feira

Vento S., forte, com mar agitado, mas tempo bonito; direção bastante O.

Dia 27 de junho

Mesmo tempo e vento, direção muito O. Altitude 5 graus e 12 minutos.

Dia 28 de junho

Continuava o mesmo vento S. Altitude 4 graus e 36 minutos, com mar agitado. Ao anoitecer vimos na nossa frente 3 navios. Rumamos imediatamente em sua direção e verificamos tratar-se do "Blauwe Haan", "Graeff Enno" e o "Goude Leeu" de Amsterdão, que haviam partido de Texel 13 dias antes da nossa partida;

---

(49) Um dos novos conselheiros. Ver nota em 9 de outubro de 1645. (*H. N.*)

o quarto, do qual já antes se fêz menção, era o "Wapen van Medenblick", que em 26 dêste se havia afastado dêles. Juntos rumamos durante esta noite em direção S. E. S.

Dia 29 de junho, sexta-feira

De manhã, demos sinal de que queríamos reunir a bordo todos os capitães de navios e pilotos. Êstes chegaram pelas 10 horas, achando-se também entre êles o senhor Trouwers, que nos contou detalhadamente tôda sua viagem, e como na ilha de S. Vicente tinha falado com o senhor Beaumont no seu navio "Wapen van Dort" e um pequeno iate, chamado "Sterretje", que aí haviam demorado três dias estando prontos para partir dentro de 2 ou 3 horas, o que realmente sucedeu· Contou, também, como, na altura do cabo Finisterra, se havia afastado com êstes dois navios do senhor van Goch (50) e, não o encontrando aqui, receava que o mesmo se houvesse aproximado demasiado da costa africana e por isso talvez fizesse escala em Serra Leoa para reabastecimento; em conseqüência disto, teria uma viagem muito longa, encontrando grandes dificuldades. Não foi pequena a preocupação que isto nos causou, razão por que resolvemos despachar sem demora para o Recife o melhor veleiro, que era o iate "Arent" do capitão Lucas Pol, a fim de levar ao Alto Govêrno o aviso da nossa chegada. Despedindo-se de nós, êle partiu por volta do meio-dia. Ficou também na mesma ocasião resolvida a redução de ração, cabendo a cada homem seis medidas de água; a aguardente continuava como dantes; 1 1/2 libra de carne, 3/4 libras de toucinho, uma libra de bacalhau, 3 1/2 libras de pão por semana para cada homem.

Último dia de junho

O nosso rumo era fortemente E.S.E. até a noite, quando se tornou novamente O.S.O., com temperatura bastante fresca. Não tivemos sol durante o dia, nem estrêlas durante a noite, de modo que não pudemos tomar a altitude.

Dia primeiro de julho, domingo

Tempo bonito e aproveitável, com céu encoberto, vento S.S.E. a ponto de não podermos viajar além de S.O. Em conseqüência do mar agitado, derivávamos tanto que só conseguíamos rumo O.S.O.

---

(50) Segundo Nieuhof, van Goch e Beaumont não se haviam separado casualmente, mas Beaumont tinha-se afastado de Goch com os navios holandeses, porque entre ambos surgira uma desinteligência a respeito da bandeira do almirante (*H. N.*). Cf. Joan Nieuhof, *Memorável Viagem Marítima e Terrestre ao Brasil*, S. Paulo, 1942, p. 259. (*J. H. R.*)

Dia 2 de julho

Continuava o mesmo tempo, não velejávamos acima de S.O. para S., de modo que éramos obrigados a derivar. Na parte da tarde chamamos novamente à bordo todos os capitães e pilotos, a fim de deliberarmos sôbre o rumo a tomar. Constatou-se, já que durante vários dias seguintes não pudéramos tomar a altitude, que devíamos ter as seguintes latitude e longitude, embora tudo mais ou menos adivinhado:

Capitão Frans Jannsen. Latitude, graus 6-30; longitude 4 graus. Êste se queixou de que seu navio estava fazendo tanta água, que cada meia hora deviam dar aproximadamente 400 bombadas.

"Graeff Enno". Latitude graus 4-33 e a ilha Bravo ao N. para E. dêle. Êste se queixou de que havia muito escorbuto entre o seu pessoal.

"Blauwen Haen". Latitude graus 4-26 e longitude 347-40. Êste se queixava muito da falta de água.

O nosso navio, do senhor comandante Banckert, latitude, graus 4-11 e longitude 7-11.

De modo que, tudo bem considerado pelos marítimos, ficou resolvido continuar a rumar em direção S.O. por mais 24 horas, e isto na esperança de encontrar vento S.E.

Dia 3 de julho, têrça-feira

Tempo bonito, com céu encoberto; derivávamos em direção E. e E. para norte, com temperatura bem fresca.

Dia 4 de julho

Derivávamos em direção E., tínhamos altitude 3 graus e 55 minutos, com tempo bonito e temperatura fresca.

Dia 5 de julho

Tempo muito agradável e fresco; tínhamos altitude 3 graus e 50 minutos, na parte da tarde. Rumávamos novamente em direção S.O. para O. A noite foi-se tornando muito calma.

Dia 6 de julho, sexta-feira

Tempo, vento e rumo continuavam o mesmo; tínhamos altitude 3 gr. e 40 minutos.

Dia 7 de julho

Tempo e vento, o mesmo, com temperatura muito fresca; tínhamos 3 graus e 22 minutos. Rumo E. e E. para N.

Dia 8 de julho

Tempo e vento, o mesmo; rumo E. para N., altitude 3 graus e 36 minutos; vimos u'a multidão de peixes dos quais pegamos muitos : bonitos, corretes, albacora e alguns dourados (51).

Dia 9 de julho

Ainda o mesmo tempo e vento, com temperatura muito agradável. Por volta de meia-noite o vento começou a soprar S.S.O. e nós velejávamos em direção S.E.

Dia 10 de julho

Continuávamos a navegar em direção S.E. e S.E. para E. com temperatura agradável. Na parte da tarde chamamos todos os capitães de navios e pilotos; vieram ao mesmo tempo também o senhor Trouwers e o senhor coronel Schoppe (52), a fim de se entenderem mùtuamente a respeito do pessoal, da água e dos víveres, e verificamos que, com o racionamento adotado, teríamos água para 5 semanas; por conseguinte, resolvemos aguardar por uns 8 a 14 dias se devíamos atracar na costa africana para reabastecimento (53) ou, se Deus quisesse, poderíamos passar o equador com alguma mudança de ventos. Os navios se encontravam mais ou menos nas seguintes altitudes:

Nosso próprio navio, latitude (54) 3-55. Longitude (55) 8-53.

O "Blauwen Haen", 3-10 e 350-57.
Capitão Frans Jannsen, latitude 4-12 e longitude 8-30.
"Graeff Enno", idem, 3-35 e 5. A ilha Bravo ao N. de nós.
"Gouden Leeu", idem, 3-20 e 9-10.
"Jan Sidrechs", idem, 4-18 e 8-15.

---

(51) Os têrmos científicos são : *thynnus pelamys, thynnus alalonga, coryphaena hippurus* (*H. N.*). Já em Nieuhof se encontrava a mesma palavra escrita sob a forma «Koreten». Cf. ed. holandesa, p. 5, ed. brasileira, p. 5. Segundo Margrave (*História Natural do Brasil*, ed. brasileira, S. Paulo, 1942, p. 150), a expressão indígena é Curvata Pinima. Segundo o naturalista do Museu Nacional, Paulo de Miranda Ribeiro, trata-se do Bonito de barriga riscada, família *scompridae*, gen. *thynnus*, segundo Lineu, e *gynanosarda*, segundo M. Ribeiro, espécie *pelamys*. (*J. H. R.*)

(52) Ver nota em 5 de junho de 1646. (*H. N.*)

(53) Em vez de atravessarem para a América, os navios haviam ficado por espaço demasiado perto da costa africana. Ainda se podia pensar em visitar um lugar de reabastecimento na costa, p. ex. Serra Leoa ou um pouco mais para o sul na costa Grein. (*H. N.*)

(54) São tôdas latitudes norte. (*H. N.*)

(55) As longitudes foram provàvelmente calculadas do meridiano de Cabo Verde. (*H. N.*)

Dia 11 de julho, quarta-feira

Tínhamos ainda o mesmo tempo e vento e navegávamos em direção S.E. para E.S.E. Neste dia morreu um marinheiro, chamado Jacob Cornelis van ter Vecere; estivera deitado miseràvelmente durante 9 semanas, de modo que a sua carne estava completamente carcomida.

Dia 12 de julho

Tempo, vento e rumo ainda idêntico, como na véspera.

Dia 13 de julho

Tínhamos altitude 3 graus e 38 minutos. Pela tarde naveguei para o "Blauwen Haen", para visitar o senhor Trouwers.

Dia 14 de julho

Rajadas muito frescas, de modo que mal podíamos usar a vela da mesena a meio mastro; o vento era S.S.E. e derivávamos para E. Tínhamos altitude 3 graus e 28 minutos.

Dia 15 de julho, domingo

Durante a noite o tempo se acalmou bastante, de modo que tendo dado um tiro de canhão, tomamos rumo oeste. De manhã perdemos contacto com dois dos nossos navios, o "Blauwen Haen" e o "Gouden Leeu", razão por que tomamos novamente rumo este e encontramo-los por volta do meio-dia, com o que muito nos alegramos e tomamos então rumo S.O. Na parte da tarde o vento era S.E., de modo que podíamos rumar em direção S.S.O. com bom avanço. Altitude 3 graus e 20 minutos.

Dia 16 de julho

Tempo bonito e ameno, vento E.S.E., com mar agitado e bom avanço. Tínhamos altitude 2 graus e 20 minutos.

Dia 17 de julho

Tempo bom e ameno, vento E.S.E. Rumo S. e S. para O. Tínhamos 1 grau e 16 minutos.

Dia 18 de julho

Tempo bonito e agradável, vento e rumo como na véspera, altitude 19 minutos ao norte do equador. Neste dia passamos finalmente, graças a Deus, a longamente suspirada linha equinocial, na longitude de 8 graus e 55 minutos. Eu, graças a Deus, estava bem

disposto, como também o senhor presidente e, em geral, todo o pessoal, com exceção da minha camareira que estava mortalmente enfêrma. Fazia exatamente dez semanas que havíamos partido de Vlissingen e isto quase na mesma hora em que nós passávamos o equador.

Dia 19 de julho, quinta-feira

Tempo e vento bons e agradáveis, vento E.S.E., rumo S., com correntes fortes, provenientes também do sul; tínhamos altitude 19 minutos abaixo da linha equinocial.

Dia 20 de julho

Tempo bonito e agradável, altitude 55 minutos. Rumávamos em direção S. e S. para O. Vento S.E. Neste dia julguei perder minha camareira, porque suas mãos, pés e braços já estavam frios.

Dia 21 de julho

Novamente tempo bonito e agradável, vento S.E., e rumo S. para O.. Altitude 1 grau e 27 minutos.

Dia 22 de julho, domingo

Tempo bonito e ameno, vento quase E., rumo S. e S. para O. Altitude 2 graus e 35 minutos.

Dia 23 de julho

Tempo bonito e agradável, com rajadas muito frescas. Altitude 4 graus e 1 minuto. Vento E., rumo S. e S. para E. Graças a Deus, eu estava bem disposto.

Dia 24 de julho

Tempo bonito e agradável, vento E.S.E. Direção S. e S. para O.. Altitude 5 graus e 20 minutos.

Esta manhã o "Blauwen Haen" deu um tiro, porque estava atrasado, e resolvemos esperá-lo. Ao se aproximar, ficamos sabendo que, em pleno dia, na direção E.S.E., a cêrca de 12 milhas de distância, tinha avistado terra, a qual seria, no seu dizer, a ilha Fernando (56). Esta declaração foi objeto de zombaria em todos os navios, porque havendo em todos êles tanta gente quanto no seu, nem porisso se havia avistado terra nem nada que se lhe assemelhasse; êles haviam, pois, cometido um grande êrro.

---

(56) Fernando de Noronha. (*H. N.*)

Dia 25 de julho, quarta-feira

Tínhamos ainda o mesmo tempo, vento e rumo. Altitude 6 graus e 26 minutos.

Dia 26 de julho

Tempo bonito e agradável, altitude 7 graus e 12 minutos. Durante esta noite caíram cêrca de 50 peixes voadores na nossa chalupa, amarrada atrás do navio. Fizemos assar a metade, preparando o resto com manteiga e mostarda; eram melhores do que os eperlanos da Holanda.

Dia 27 de julho

Tempo bonito e agradável, com rajadas muito frescas. Altitude 8 graus e 12 minutos. Pouco depois do meio-dia rumamos em direção à terra, O. para S., com vento favorável, graças a Deus.

Dia 28 de julho, sábado

Esta noite o vento era muito forte, de modo que rumamos em direção O. para S., com uma única bujarrona. Tínhamos a mesma altitude de 8 graus e 15 minutos; à tarde tivemos a primeira chuva com fortes trovoadas. Houve ligeira calma, desabando logo depois uma tempestade.

Domingo, 29 de julho

À noite passada houve temporal, e sendo as ondas muito altas, julgávamos estar já perto da terra. Por isso navegamos com a vela grande (*schooversijl*), a fim de esperarmos o dia e avistarmos a terra. De manhã, sendo

30 *de julho, segunda-feira*

o tempo acalmou-se ligeiramente, continuando porém as trovoadas com chuva e vento forte, durante o dia inteiro. Então começamos a navegar com tôdas as velas em direção O. e O. para S., tendo o vento favorável, porém sem avistarmos terra. De noite, houve novamente terrível temporal, de modo que navegamos com uma única bujarrona, e de duas em duas horas deitávamos sonda, sem todavia encontrarmos terra. Tínhamos a altitude de 8 graus e 27 minutos e calculávamos ter navegado 30 milhas.

De madrugada, as trovoadas começaram a cessar e também o mar tornava-se mais calmo; lançamos mão de tôdas as velas, rumando em direção um tanto O. e O. para S., com vento nos sobrejoanetinhos (*topzeilskoelte*). Na parte da tarde, às 4 horas, avis-

tamos terra bem à nossa frente; todos os navios que nos acompanhavam, com receio de derivarem para baixo, navegavam aproximadamente uns dois graus mais alto do que nós (57). Demos um tiro de canhão e içamos a bandeira, agradecendo a Deus, que fôra tão misericordioso em nos fazer avistar terra, antes do cair da noite. Pelas 6 horas, a 3 milhas da terra, segundo os nossos cálculos, lançamos a âncora a uns 20 côvados em boa areia. Durante tôda esta noite houve vento forte, e quando, pela manhã, quisemos levantar ferros, rompeu-se a corda em conseqüência da agitação do mar, e perdemos nossa âncora.

Têrça-feira, último dia de julho

Depois de estarmos navegando novamente, rumamos em direção à terra com rajadas muito frescas. Avistamos a cidade de Olinda e vimos 8 navios no ancoradouro. Havíamos derivado para baixo, isto é, para o norte, mais ou menos uma milha, de modo que nos fizemos novamente ao mar até a tarde. Rumamos então para a costa e constatamos que havíamos derivado mais 2 milhas. Voltamos novamente ao mar com não pequeno aborrecimento e, aproximando-nos da costa ao anoitecer, derivamos ainda muito mais. Então de bom grado teríamos lançado a âncora, mas achamos a terra tão rochosa e dura, que fomos forçados a fazer-nos ao mar. Houve temporal até por volta de meia-noite, quando êste serenou; alçamos as velas da mesena e rumamos em direção E. e E. para S. e E. para N. até pela manhã; depois nos dirigimos novamente para a costa.

Quarta-feira, 1 *de agôsto*

Neste dia fazia exatamente doze semanas que havíamos partido de Vlissingen. Lançamos a âncora ao norte de Itamaracá a 12 côvados. Avistamos lá um navio em prontidão, ao qual enviamos a nossa chalupa com um tenente e 10 mosqueteiros, portador de uma carta ao diretor Dortmont (58), na qual avisávamos a S. Ex.ª da nossa chegada. Pela tarde, voltou a chalupa a bordo, trazendo o pilôto do navio de prontidão, que nos relatou detalhadamente a situação extremamente agitada em que o Brasil se encontrara pouco antes da nossa chegada, e que com a vinda dos dois navios

---

(57) Banckert, em cujo navio se encontrava Haecxs, como veremos, derivou de fato para baixo, isto é, para o norte. O perigo de derivar para baixo existia sempre para os navios a vela, porque a corrente de direção ocidental que vai bater na costa do Brasil se divide em dois ramos, dos quais o que vai para o norte fàcilmente pode levar um navio para além do cabo de S. Roque. (*H. N.*)

(58) Êste pereceu em 11 de junho de 1649. Ver esta data. (*H. N.*)

"Elisabeth" e "Verguld Valck" (59) haviam sido libertados. Contou também que quando os navios chegaram, cada pessoa não tinha mais que uma libra de pão por semana e que não havia mais que 4 barris de farinha no armazém, que um alqueire de farinha havia custado 75, 100 e até 150 florins, e muitas outras coisas graves, as quais nos alteraram sobremaneira, deixando-nos em parte satisfeitos, em parte tristes.

Quinta-feira, 2 de agôsto

Mandou o diretor Dortmont, por intermédio do seu secretário e comandante do pequeno navio, abastecer-nos com um pouco de laranjas e limões. Confirmava ao mesmo tempo as referidas peripécias.

Sexta-feira, 3 de agôsto

Foi-nos enviado pelo Alto Govêrno do Recife um bote de pesca com uma missiva de 2 do corrente, em que S. Ex.ª nos solicitava que, caso desejássemos um iate, lhe fizéssemos saber, porque mandariam um imediatamente para buscar-nos. Despachamos o mesmo imediatamente, aceitando agradecidos a oferta, já que pela inclemência do vento e das correntes, não existia a possibilidade de irmos no navio. De tarde, enviamos novamente a nossa chalupa para o navio de prontidão, a fim de buscar o tenente e os soldados. Vieram com êles o diretor Dortmont e alguns abastecimentos. Êste também confirmou o grande desespêro em que o Brasil se encontrava pouco antes da chegada dos navios. Ficou conosco essa noite, até o amanhecer, sendo,

Sábado, 4 de agôsto

Pelas 8 horas, o diretor Dortmont voltou à terra, e pouco depois do meio-dia veio o senhor Walbeeck (60) com o iate "Arent", e mais um pequeno bote, a fim de nos conduzir. Embarcamos todo o pessoal no bote. De nossa parte, embarcamos às 5 horas, no referido iate "Arent". Por volta de meia-noite desabou medonho tem-

---

(59) Dois navios de Amsterdão, que haviam partido em 26 de abril de 1646 de Texel depois de terem feito uma viagem rápida, chegaram a Pernambuco aos 22 de junho com a notícia de que os reforços estavam a caminho. Segundo Nieuhof, que descreve vivamente a memorável chegada dos dois navios, foi cunhada uma moeda comemorativa do fato. Ela não é descrita por Van Loon, se bem que êste descreva moedas de ouro do Brasil, dando as suas cópias. (*H. N.*). Vide Joan Nieuhof, *Memorável Viagem Marítima e Terrestre ao Brasil*, p. 256, nota 361. (*J. H. R.*)

(60) Secretário do Alto Conselho do Brasil. (*H. N.*). Johannes van Walbeeck escreveu juntamente com Henri de Moucheron o «Relatório sôbre o Estado das Alagoas», em outubro de 1643. *Rev. do Inst. Arq. e Geog. Pern.*, n. 33, 1886, p. 152-165. (*J. H. R.*)

poral, de modo que fomos obrigados a recolher por 3 ou 4 horas as nossas velas de mesena e bujarrona, e estávamos satisfeitos pelo fato de que de manhã, sendo

Domingo, 5 de agôsto

fomos ancorar bem uma milha e meia mais baixo do que o nosso navio. O temporal continuava, de modo que não podíamos levantar ferros e tivemos que ficar aqui êste dia. O mesmo vento continuou também durante a noite inteira, até o dia seguinte, sendo

Segunda-feira, 6 de agôsto

quando, depois do meio-dia, o tempo dava indícios de querer serenar um pouco, conseguimos, com grande esfôrço, navegar, parecendo que o vento queria arrancar de bordo todos os mastros, paus e apetrechos. Mas na mesma noite chegamos ao nosso navio, com não pequeno perigo e grande contentamento. Agradecemos a Deus a nossa conservação.

Têrça-feira, 7 de agôsto

O tempo acalmou bastante, mas o vento era contrário. Por volta de meio-dia veio o senhor de Luid com um barco da Paraíba para o nosso navio, com o que muito nos alegramos e resolvemos navegar com o mesmo até o Recife.

Quarta-feira, 8 de agôsto

Continuava o vento sul, pelas 8 horas da manhã; contudo, começamos a navegar lado a lado com o barco e entramos para dentro do Recife, ao norte de Itamaracá, e pelas 4 horas da tarde, graças a Deus, chegamos ao forte Sul, chamado Orange. Hospedamo-nos com o senhor Dortmont durante aquela noite, porque estava muito escuro. Pelo mesmo motivo não tínhamos coragem de navegar por entre o recife e a terra. De manhã, sendo

Quinta-feira, 9 de agôsto

começamos a navegar e queríamos ir pelo recife a dentro, mas, não estando a maré bastante cheia, tivemos que ancorar até às 11 horas, quando então navegamos. O barqueiro Pieter Willemsz, estando embriagado, foi, por imprudência, bater num rochedo do lado da terra; o vento se tornou muito forte e o barco começou a jogar tão fortemente que receávamos ir a pique, ademais estávamos bastante indispostos, e todo o pessoal se achava também embriagado, pois durante a noite haviam mexido no nosso vinho, fartando-se dêle. Içamos imediatamente um sinal e fizemos dar um tiro, ao que

o senhor Dortmont nos despachou imediatamente dois barcos, que estavam ancorados diante do forte. Êstes, porém, só podiam se aproximar de nós com a maré cheia, o que se dá pelas 3 horas. Entrementes, o nosso barco começou a encher-se de água, de tal modo que só com 3 bombas o mantínhamos à superfície. Por fim, depois de termos lançado duas âncoras, pusemos as velas e ainda que com muita dificuldade safamo-nos, graças a Deus. Navegamos então até o forte e puxamos o barco para terra, desembarcando tôda a nossa bagagem, para pernoitarmos novamente com o senhor Dortmont.

Sexta-feira, 10 *de agôsto*

De manhã, o barco estava completamente sêco. Examinamo-lo então completamente, constatando algumas fendas inteiramente abertas em conseqüência dos fortes abalos. Como não houvesse outra embarcação para prosseguirmos viagem, e sendo os dois outros barcos (dos quais anteriormente fêz menção) demasiado pequenos para nêles embarcarmos, pusemos todos os carpinteiros a trabalhar, para calafetar o nosso, razão por que tivemos que passar ainda aquela noite com o senhor Dortmont.

Sábado, 11 *de agôsto*

De manhã embarcamos novamente, e, pelas 6 horas da tarde, chegamos ao Recife, com tempo e vento muito bons. Então todos os fortes deram salvas em honra à nossa chegada. O almirante Lichthart veio dar-nos as boas vindas em seu iate. Entramos com êle no mesmo e navegamos para o Hooft, cais onde nos receberam os altos conselheiros, que levaram em sua companhia o senhor presidente, dando-me como companheiros dois membros do Conselho de Justiça. As ruas do Hooft estavam ocupadas dos dois lados por cidadãos armados, até além da ponte, junto da casa do senhor Walbeeck. Fomos levados até a casa do referido senhor Walbeeck, para aí pernoitarmos; eu, porém, depois que o pessoal se retirou das ruas, a convite do senhor Marten Meijnerts, fui para a casa dêste, deixando o senhor presidente e o senhor Walbeeck.

Domingo, 12 *de agôsto*

Em companhia do senhor Beaumont, fui com os altos conselheiros demissionários (61) à igreja e agradeci ao Senhor Deus sua imerecida graça e tão múltiplos benefícios recebidos Daquele, cujo nome santo e glorioso deve ser louvado agora e no além por tôda a eternidade. Amen. Amen.

---

(61) Bullestrate, Hamel e Bas. (*H. N.*)

Segunda-feira e todos os três dias seguintes

Tomamos o nosso descanso. Entre nós havia alguns bem indispostos, devido à longa viagem. O senhor Trouwers estava doente e acamado. Fomos em grupo visitar S. Ex.ª no dia 14 do corrente e, mediante sorteio, distribuímos os cargos, cabendo o primeiro ao senhor Trouwers, o segundo a mim, o terceiro ao senhor Beaumont, e o quarto ao senhor Van Goch, realizando-se um rodízio mensal.

Quinta-feira, 16 *de agôsto*

As melhoras do senhor Trouwers eram lentas, e havendo poucos indícios de poder levantar-se tão cedo, resolvemos entre nós tomar posse do govêrno. Com êste intento dirigimo-nos em conjunto ao edifício do Conselho (62). Aí fomos felicitados com máxima solenidade pelo Alto Govêrno e seu Ex.^mo^ Assessor (63) J. Van Walbeeck. Entregamos aos mesmos as nossas credenciais, a fim de serem registradas. Primeiramente fizemos comparecer diante de nós todo o Conselho de Justiça e, em seguida, separadamente, os seguintes colégios : Colégio dos Escabinos da cidade de Maurício, todos os oficiais marítimos e militares, todos os pregadores e anciãos, todos os comissários e guardas e todos os anciãos dos judeus. O senhor Walbeeck, que falou em nome do govêrno antigo, repetia a cada momento que, por solicitações reiteradas dos antigos senhores, havia chegado, pela graça de Deus, o nôvo govêrno, enviado por S. Ex.^as^ os Altos e Poderosos Senhores Estados-Gerais e pelo Conselho dos XIX, devidamente provido das suas credenciais e que, por conseguinte, todos deveriam cumprir as ordens do referido govêrno. Após êste ato os antigos senhores receberam agradecimentos com apertos de mão, sendo augurado aos novos tôda sorte de felicidade no govêrno. Tendo tudo decorrido desta forma, havia sido preparado um banquete em casa do senhor Hamel (64), da parte do antigo colégio do Alto Conselho demissionário, banquete êste para o qual nos haviam convidado a todos. Foram também convidados os conselheiros de justiça, os coronéis, almirantes e pregadores, ao todo mais ou menos 30 pes-

(62) Estava situada na *ilha de Antônio Vaz, portanto na cidade de Maurício, perto* da ponte. Ver a cúria na gravura 35 (I) em Barléu, ou no mapa de Goliath (em baixo à esquerda) sob o nº I : «Raethuys ou Out Hof». (*H. N.*)

(63) O secretário do Alto Conselho do Brasil chamava-se Assessor. (*H. N.*)

(64) Um dos três conselheiros demissionários Hamel, Bullestrate e Bas. O último, Pieter Jansz Bas, já havia sido membro do Conselho de Justiça sob João Maurício. Vide Barléu, p. 169-170. Os conselheiros antigos ficaram na colônia até maio de 1647 e desempenharam várias missões políticas. Só êste fato demonstra que o nôvo govêrno em nada podia repreender o antigo. (*H. N.*)

soas. Ficamos reunidos até as cinco horas da tarde e então nos despedimos.

Sexta-feira, 17 de agôsto

Teríamos a nossa primeira sessão; não se passou nada de especial, apenas ordenamos um dia geral de ação de graças e oração para 22 do corrente, e fizemos um exame dos livros e papéis.

Domingo, 19 de agôsto

Falece, às 5 horas da tarde, o senhor Trouwers. Nós (65) governamos durante todo o ano seguinte com grandes preocupações e, vendo que às nossas reiteradas solicitações tanto aos Altos e Poderosos Senhores quanto ao ilustre Conselho dos XIX não se seguia o socorro para a nossa libertação, resolvemos de comum acôrdo em 10 de agôsto de 1647 enviar pessoalmente um membro do nosso Conselho, que demonstraria claramente a S. Ex.ª e ao Conselho dos XIX as aperturas e preocupações em que no momento se encontrava a colônia do Brasil, como também o modo pelo qual poderia a mesma ser reconstruída. Esta missão coube-me a mim, mediante sorteio feito entre nós quatro (66).

Segue-se a descrição de minha viagem à pátria e do que me sucedeu na mesma.

Laus Deo neste 3 de setembro do ano de 1647

Depois de estar provido de conveniente instrução e de cartas credenciais do Alto Govêrno, tanto para Sua Alteza como para o Conselho dos XIX (67), despedimo-nos pelas 9 horas da manhã do Conselho, e os Ex.mos Srs. presidente e conselheiros acompa-

(65) Dêste «nós» em diante o diário é escrito com outra tinta e, ao que parece pelo conteúdo, foi feito sòmente depois do dia 10 de agôsto do ano seguinte, 1647. Estando em Pernambuco, Haecxs não precisava dar-se ao trabalho de escrever um diário, porque o que era digno de nota era registrado por parte do govêrno. Sòmente quando êle recebeu a sua missão para a Holanda, é que retomou da pena. Assim, não há diário de 19 de agôsto de 1646 até 10 de agôsto de 1647. Esta lacuna porém é preenchida principalmente pelo relatório que Haecxs entregou aos Estados-Gerais, e que encontramos adiante em 10 de novembro de 1647. O período é caracterizado principalmente pelo seguinte : I. alastramento da revolta; II. falta de víveres e medicamentos; III. expedição malograda ao rio de São Francisco que o almirante Lichthart pagou com a vida; IV. expedição para a Bahia e a posição arriscada do General Schoppe nesta região; V. perigo da vinda da esquadra portuguêsa. (*H. N.*)

(66) Schoonenborch, naturalmente, não tomava parte no sorteio. Van Goch, Beaumont e Haecxs perfazem o total de três. Talvez tomasse parte o assessor (secretário) Walbeeck. (*H. N.*)

(67) O Govêrno do Brasil não sabia e nem podia saber que, em 10 de agôsto de 1647, os Estados-Gerais haviam resolvido enviar um refôrço de 6.000 homens. Êste refôrço partiu sob o comando de Witte Corneliszoon de With, em meados de janeiro de 1648 e Haecxs voltou com êle ao Brasil. Os navios chegaram diante de Pernambuco em meados de março de 1648. (*H. N.*)

nharam-me do Conselho até o cais. Em seguida, naveguei com o coronel Henderson (68) para o ancoradouro e, por causa da calmaria, chegamos ao navio do Sr. almirante Banckert sòmente às 4 horas. Demos ordens ao senhor de Witte (69) e ao advogado-fiscal Le Maire, no sentido de aprontar os navios na mesma noite, o que foi feito. Durante tôda esta noite continuou a calmaria, até pela manhã.

Quarta-feira, 4 de setembro

Tendo feito oração, levantamos ferros pelas 10 horas e, em nome de Deus, começamos a navegar com os nossos cinco navios, a saber : os dois navios de guerra "Middelborch" e "Vlissingen", cada um com 32 peças; o navio da Companhia "De Witte Hoop" (70), com 6 peças; um cargueiro "Abrahams Offerande", com oito peças, e, por fim, um navio dos navegantes da Zelândia, com 24 peças; nos três últimos navios havia cêrca de 1.200 caixas de açúcar, tôdas conquistadas ao inimigo. Mais ou menos à mesma hora veio do Recife o cargueiro "'T Wapen van Alcmaar" com 2 companhias de soldados, destinados à Bahia (71). Êste continuou sua viagem junto conosco, sem lançar âncora. Uma leve brisa vinha do este, de modo que íamos um tanto para o sul. Depois do meio-dia veio a bordo o comandante do navio da Zelândia, que me entregou uma missiva assinada por Brest e Elfsdijck (72) em que exigiam que o seu navegador conduzisse a bandeira do contra-almirante, do contrário lhe dariam ordens de nos deixar sòzinhos e de atravessar o mar por sua própria conta; desta carta diabólica enviei cópia ao Alto Govêrno, por intermédio de um pescador, declinando o convite e, em seguida, o navegador, sem se despedir, foi ao seu navio, deu às velas e partiu.

Quinta-feira, 5 de setembro

Víamos ao nosso lado o cabo de Santo Agostinho. Estávamos mais ou menos a 2 milhas da costa e tomamos rumo norte; por volta de meio-dia chegamos diante do Recife; começou a soprar uma brisa mais forte; desta forma passamos com vento S.E. além da cidade de Olinda. À tarde, vinha na nossa retaguarda o navio "Vlissingen", comunicando que só dispunha de uma âncora e que

(68) Também, com Schoppe, um dos antigos combatentes do Brasil. O motivo por que êle deixava a colônia não transparece. (*H. N.*)

(69) Talvez Gijsbert de With, membro do Conselho de Justiça no govêrno de João Maurício. (*H. N.*)

(70) Êste navio vinha de Angola; ver 27 de setembro e 18 de novembro de 1647. (*H. N.*)

(71) Para reforçar Schoppe, que defronte da baía ocupava a ilha de Itaparica. (*H. N.*)

(72) Comerciantes particulares do Recife. Brest é conhecido como tal. (*H. N.*)

a outra se quebrara na véspera no canal do Recife, onde ficara. Queixou-se também que seu navio fazia tanta água que deviam dar 300 bombadas à hora. Em conseqüência disto, lhe demos ordem de vir ao encontro do nosso navio depois de têrmos considerado maduramente a situação, tendo em conta, de um lado, a estação adiantada do ano, com a possibilidade da viagem ser obstada com a escala na Paraíba, e de só podermos chegar à pátria correndo tudo bem, no coração do inverno; e de outro lado, que seria impossível ir à terra vermelha (73), a fim de calafetar o navio. Sendo assim, resolvemos fazê-lo navegar em nome de Deus e ajudar-nos mùtuamente, enquanto possível. Em seguida o capitão voltou ao seu navio. Ao anoitecer o tempo refrescou muito, sendo o vento S.S.E. Nesta noite navegamos em direção N.N.E.

Sexta-feira, 6 de setembro

Vimos mais ou menos a 3 milhas de nós a terra vermelha da Paraíba. Tempo bom e agradável, vento S.S.E., rumo norte. Tínhamos a altitude de 6 graus e 28 minutos. Neste dia eu senti fortes dores de cabeça. Por volta de meia-noite o vento tornou-se este, mas o tempo era bom.

Sábado, 7 de setembro

Continuava o mesmo tempo bonito. Vento E.S.E. Altitude 4 graus e 28 minutos, rumo N.N.E., com rajadas frescas.

Domingo, 8 de setembro

Tempo e vento como na véspera, altitude 2 graus e 36 minutos.

Segunda-feira, 9 de setembro

Tempo e vento continuavam os mesmos; altitude 50 minutos ao sul. A essa altura eu sentia dor de cabeça, e a asma começava a dominar-me. Calculávamos passar naquela noite a linha equinocial. Louvado seja Deus, que até agora nos fizera navegar com boa sorte. Ao anoitecer, o capitão Frans Jannsen veio ao nosso encalce queixando-se muito de seu navio que estava furado, devendo-se, noite e dia, sem cessar tirar água, para manter o navio à superfície.

---

(73) Paraíba. (*H. N.*) A Terra Vermelha não é a Paraíba em geral, mas o Pôrto de Lucena, por ser dessa côr o solo da região. Assim explicam Nieuhof, *Memorável Viagem*, p. 55 e nota 134, e Elias Herckmans, «Beschrijvinge van de Capitanie Paraiba», *Bijdragen en Mededeelingen van het Historische Genootschap gevestigd te Utrecht*, 2º tomo, 1879, traduzido por José Higino Duarte Pereira, «Descrição geral da Capitania da Paraíba», *Rev. do Inst. Arq. Geog. Pern.*, t. V, 1886, p. 261. (*J. H. R.*)

Têrça-feira, 10 *de setembro*

Tempo e vento mantinham-se invariáveis. Nós nos encontrávamos ao norte da linha equinocial, na altitude de 56 minutos. Ao anoitecer, vento S.E., rumo N.N.E., com tempo bonito e agradável. Aqui veio a agravar-se consideràvelmente a doença do almirante Banckert, caindo êle em extrema debilidade.

Quarta-feira, 11 *de setembro*

Tempo muito ameno e agradável, vento S.E. para E., rumo N. para E. Neste dia uma febre fortíssima assaltou o almirante Banckert, febre que durou a noite tôda. Altitude 3 graus e 5 minutos.

Quinta-feira, 12 *de setembro*

Neste dia tínhamos o sol a pino, com tempo muito bonito e agradável; calculávamos estar na altitude de 5 graus· Vento S.S.E., rumo N. para E., com rajadas frescas; todavia o navio estava muito abafado, o que causou não pequeno incômodo ao almirante, cuja febre era tão veemente, que eu fiz descer a chalupa a fim de trazer para bordo todos os cirurgiões dos outros navios. Todos julgaram conveniente abrir-lhe uma veia, e assim aliviar a febre; feito isto, tornou-se êle tão fraco que começou a falhar-lhe o juízo, entrando a delirar. Pelas 10 horas, vendo-o muito aflito, perguntei-lhe se não estaria tranquilo caso Deus resolvesse levá-lo dêste mundo, confiando encontrar um Deus misericordioso. Respondeu-me êle que sim, embora estivesse bastante arrependido, pois era um grande pecador. Consolei-o como pude com a palavra de Deus, dizendo-lhe que ia à oração comum para, em conjunto, orarmos ao Senhor Deus pela sua saúde e por uma solução salutar, o que êle aceitou de boa mente. Mas quando, pelas 11 horas, voltei da oração comum, encontrei-o completamente alienado, tendo a febre atacado o cérebro. Tinha muita sêde. Demos-lhe de beber, mas tudo lhe parecia amargo. Por fim, continuando com falta de ar até às 3 horas da tarde, depois de fazer oração, veio a falecer, no 49.° ano de sua vida. No mesmo instante, a pedido de seus dois filhos, mandei fazer um caixão (para o qual mal encontramos tábuas em todos os navios da esquadra), mandei pixá-lo por dentro e por fora, colocando nêle o corpo três vêzes revestido de precintas e depositando-o na sala das cordas, e assim o levamos para a Zelândia, sem que jamais sentíssemos cheiro algum desagradável. No dia seguinte convoquei todos os pilotos e oficiais menores. Sendo,

Sexta-feira, 13 de setembro

Depois de ter sido levado o corpo do falecido senhor almirante Banckert ao seu lugar de destino, com a bandeira a meio mastro e cinco tiros de canhão, lembrei-lhes a todos em geral e também a cada um em particular o seu dever, dando-lhes ordens de obedecer devidamente ao capitão e aos pilotos, em tudo quanto se referia ao trabalho marítimo durante a viagem, e de recomendar o mesmo com o seu exemplo aos marinheiros inferiores, tudo isto sob o juramento feito ao país e à Companhia das Índias Ocidentais. Todos responderam unânimemente que sabiam ser êste o seu dever e que o cumpririam como homens honestos. Dei-lhes um copo de vinho espanhol e cada um foi para o seu trabalho. Neste dia não tínhamos altitude, mas calculávamos estar a 6 graus e meio.

Sábado, 14 de setembro

Já que tôdas as nossas velas estavam tão gastas que se rasgavam continuamente, recorremos às melhores e últimas que possuíamos, a fim de com elas completar a viagem, se Deus quisesse. Neste dia tínhamos a altitude de 8 graus e 4 minutos, vento S.S.E., rumo N. para E., com vento fraco e tempo ameaçador. Ao anoitecer, o vento cessou completamente; durante a noite tivemos muita trovoada com tempo e vento inconstantes.

Domingo, 15 de setembro

Vento O.N.O., rumo N. e N. para E. O céu estava encoberto; em conseqüência não tínhamos altitude; o tempo porém era sofrível. Por volta de meia-noite rumamos em direção N., até o amanhecer, quando cessou o vento.

Segunda-feira, 16 de setembro

Continuamos sem vento, de modo que nada ou quase nada avançávamos. Tínhamos a altitude de 9 graus e 4 minutos. Muitos marinheiros deitavam-se ao mar e nadavam em volta do navio, devido ao grande calor. Mas, pelas 9 horas da noite, começou a soprar vento S.S.O. que durou a noite tôda.

Têrça-feira, 17 de setembro

Tempo bom e agradável, com rajadas frescas S.S.O., rumo N., altitude 10 graus e 31 minutos. Neste dia morreu um soldado de Dordrecht de nome Robbert van de Hoeck, que havia passado muito mal. Foi lançado ao mar depois do meio-dia. Eu sentia neste dia fortes dores de cabeça e apêrto no peito, de modo que mal podia ficar em pé. Ao anoitecer cessou o vento. Pelas 8 horas co-

meçou a relampejar muito, sem trovoadas, de sorte que nos vimos obrigados a recolher as velas, ficando desta forma a flutuar. Por volta de meia-noite despregamos as velas com tempo muito bom.

Quarta-feira, 18 de setembro

Com a luz do dia vimos, diante de nós, uma vela, que perseguimos imediatamente, mas aproximando-nos dela por volta do meio-dia constatamos tratar-se do iate dos navegantes-comissários, que no ancoradouro de Pernambuco se havia afastado de nós e que agora, por conspiração do seu próprio pessoal e de alguns prisioneiros portuguêses que queriam assassinar os outros, aceitou de bom grado a nossa companhia. Eu padecia forte dor de cabeça, não suportando a friagem; por isso, me fiz sangrar às 4 horas, o que me trouxe considerável alívio. Tínhamos a altitude de 11 gr. e 54 minutos e ao anoitecer cessou o vento.

Quinta-feira, 19 de setembro

Por volta de meia-noite começou a soprar uma brisa do N.N.O. Até à noite tínhamos rumado em direção N.E. para E.; passando o vento a soprar do N.E., mudamos de direção e, durante tôda a noite, navegamos rumo N.N.O. e N.O. para N. Altitude de 12 graus e 24 minutos. Nesta tarde procuraram-me todos os oficiais do navio, queixando-se muito do toucinho que, cru, pesava bem meia libra, mas cozido mal chegava a um quarto de libra, porque o resto se perdia na panela. Pediam pois lhes fôsse dado de ração não apenas meia libra, mas três quartos de libra. Com todo o tato e boas palavras fiz com que se sentassem, significando-lhes que nisto não podia haver modificação, visto como só dispúnhamos de mantimentos para 11 semanas sendo melhor economizar, enquanto possuíssemos qualquer coisa, do que chegar depois à extrema penúria. Ao que parecia, contentaram-se com isto, mas alguns sorrindo responderam : bem sabemos, senhor Haecxs, que não tendes culpa dêste miserável toucinho. Mas nós bem quereríamos ter aqui os fornecedores, pois lhes ensinaríamos a comer toucinho até terem espuma na bôca. Passado isto, começaram a dizer que as ervilhas eram de dois anos atrás e que, cozidas, eram duras como pedras e, como soubessem que havia ervilhas novas no navio, pediam cortêsmente que estas lhes fôssem dadas, porque, do contrário, receavam todos ficar com escorbuto, do que até agora estávamos livres, graças a Deus. De bom grado acedi ao pedido.

Sexta-feira, 20 de setembro

Continuava o mesmo vento N.E. e rumávamos em direção N.N.O., com tempo bonito. Altitude 3 graus e 4 minutos. Relam-

pejou tanto durante tôda esta noite que, com receio de alguma desgraça, recolhemos tôdas as velas. De vez em quando havia fortes trovoadas, dando a impressão de que o navio ia a pique. Por volta de meia-noite o vento norte trazia forte tempestade, tornando o mar muito agitado, o que nos forçou a recolher as velas grandes; pela manhã ouvíamos terríveis e surdos trovões.

Sábado, 21 de setembro

A tempestade norte continuou até a tarde, quando acalmou, para dar lugar pouco depois a nova tempestade, vinda do sul. O mar, que ainda estava agitado, tornou-se horrível. Fomos forçados a usar só as velas pequenas, a fim de não quebrar o navio. Depois do meio-dia caiu chuva tão forte que durou a noite inteira. Pudemos assim encher de água todos os nossos barris vasios. Estando o céu encoberto, não tínhamos altitude.

Domingo, 22 de setembro

A tempestade amainou consideràvelmente; o navio "Witte Hoop", que se tinha afastado de nós em virtude do temporal, por volta de meio-dia voltou para junto de nós; vento E.S.E. com rajadas frescas, de modo que empregamos tôdas as velas. Rumávamos em direção N. e, continuando o céu sombrio, não tínhamos altitude.

Segunda-feira, 23 de setembro

Tempo bonito e agradável, vento E.N.E., rumo N. para O. A nossa altitude era de 16 graus e 30 minutos. Eu sentia insuportáveis dores de cabeça, de modo a não poder levantar-me e, em três dias, não comi nem um pedaço de pão. O capitão Frans Jannsen comunicou-nos que, durante a grande tempestade, o seu navio sofrera 8 rombos, os quais foram tapados, mas que ainda devia trabalhar com duas bombas.

Têrça-feira, 24 de setembro

Tempo, vento e rumo continuavam os mesmos. Altitude 18 graus e 4 minutos; aqui a minha dor de cabeça começou a ceder um pouco.

Quarta-feira, 25 de setembro

Tempo ameno e agradável, vento N.N.E. Altitude 19 graus e 40 minutos.

Quinta-feira, 26 de setembro

O capitão Frans Jannsen veio ao nosso navio e contou por extenso o apêrto por que passara o navegante-comissário Slieman e como os portuguêses quase haviam liquidado o seu navio, não tendo o referido capitão coragem de vir ter comigo, com medo de uma repreensão. Estas desgraças entretanto tiveram origem ùnicamente no orgulho dêsses belos dirigentes, como já se falou em 4 de setembro. Não tínhamos altitude; o vento era N.E.

Sexta-feira, 27 de setembro

Vento E. fraco. Rumo N. para E.; altitude 21 graus e 32 minutos e longitude 355 graus e 40 minutos. Neste dia morreu um guarda vindo de Angola, chamado Joris le Blon, nascido em Francfort, irmão do embaixador da Suécia junto à Coroa da Inglaterra; morreu asfixiado e nada deixou. E como, em várias viagens, haviam faltado entre o pessoal coisas que não mais se encontravam, embora eu houvesse mandado proceder a uma rigorosa busca, fiz ler pùblicamente, depois da oração feita pelo superintendente, os artigos, conforme se pode ver adiante na minha lista de artigos.

Sábado, 28 de setembro

De manhã foi lançado ao mar Joris le Blon, falecido na véspera, e honrado com um tiro de canhão; o vento era muito instável, ora N.E., ora N.O., de modo que rumávamos ora numa, ora noutra direção; altitude 22 graus e 6 minutos.

Domingo, 29 de setembro

À noite passada houve calmaria, como também durante todo êste dia; ao anoitecer tivemos rajadas fracas do sul. Altitude 22 graus e 16 minutos.

Segunda-feira, último dia de setembro

Rajadas frescas do E.S.E., rumo N.N.E.. Altitude 23 graus e 17 minutos; longitude 365 graus e 7 minutos· Graças a Deus, passamos nesta tarde o trópico de Câncer estando o navio muito abafado, o que causou a muitos grande dor de cabeça, a que também eu não escapei. Verificaram-se fortes trovoadas com terríveis relâmpagos.

Têrça-feira, 1 de outubro

Tempo bonito, ameno e agradável, com vento nos sobrejoanetinhos. Vento E.S.E., rumo N.N.E.. Altitude 24 graus e 57 minutos. Percebemos aqui pela primeira vez lentilhas d'água em grande quantidade; antes do meio-dia um marinheiro português caiu aci-

dentalmente do navio do capitão Frans Jannsen; êste colocou imediatamente no mastro a bujarrona e desceu a chalupa, mas em vão, porque o navio já se havia adiantado demais, por causa de sua grande velocidade, de modo que o infeliz pereceu.

Quarta-feira, 2 de outubro

Tempo bonito e agradável, com rajadas frescas, vento E.S.E., rumo N.N.E., altitude 27 graus e 2 minutos.

Quinta-feira, 3 de outubro

Tempo e vento continuavam os mesmos; altitude 28 graus e 52 minutos. Eu padecia então insuportáveis dores de cabeça, tais como jamais padecera.

Sexta-feira, 4 de outubro

A noite passada foi calma, mas pela manhã começou a haver vento E., rumo N.N.E., altitude 30 graus e 11 minutos. Depois do almôço mandei dar sinal para reunir junto de mim todos os capitães de navios, que vieram imediatamente com os seus pilotos, que me entregaram seus diários e sinais nos mapas. Constatei que :

O capitão Frans Jannsen tinha a latitude de 30 graus e 14 minutos e longitude de 2 graus e 20 minutos, mas estava bem umas 60 milhas mais para E. do que nós;

o navio "Witte Hoop" tinha a latitude de 30 graus e 10 minutos, mas estava umas 70 milhas mais para E. do que nós;

o navio "Abrahams Offerande" tinha 30 graus e 12 minutos, mas deferia umas 70 milhas para E. e L..

A seguir, dei-lhes um copo de vinho e recomendei-lhes que vigiassem bem, tivessem tudo pronto e estivessem a postos. Êles foram, então, para seus navios.

Sábado, 5 de outubro

Mostrando-se o tempo extraordinàriamente bonito e calmo, limpou-se e pintou-se a parte externa de nosso navio. Altitude 31 graus e 23 minutos.

Domingo, 6 de outubro

Tempo muito bonito e agradável, vento E.S.E. Altitude 32 graus e 30 minutos. Por volta de meio-dia veio o capitão Frans Jannsen com seu bote e chalupa, a fim de buscar a âncora prometida, o que lhe foi concedido; mas, na hora de entregá-la, um marinheiro novo e ligeiro foi, por sua própria imprudência, ferido na perna, estando em perigo de perdê-la. Na parte da tarde, houve

desarmonia entre o pilôto e o comissário de bordo, a ponto de se agredirem, razão por que fiz recolher o pilôto, i. é., o comissário de bordo, no rancho da proa, por 24 horas, depois do que foi pôsto em liberdade.

Segunda-feira, 7 de outubro

Vento E.S.E. tão forte que navegávamos apenas com duas velas. Altitude 33 graus e 52 minutos. Ao anoitecer o vento acalmou e empregamos tôdas as velas.

Têrça-feira, 8 de outubro

Estando o mar muito agitado, com vento N.O., o navio era sacudido violentamente. Altitude 35 graus e 33 minutos.

Quarta-feira, 9 de outubro

Tempo bonito e agradável mas com o céu encoberto não tínhamos altitude. Vento E., rumo N.N.E.

Quinta-feira, 10 de outubro

Tornou-se o tempo muito sereno, mas com uma corrente forte vinda de N.E. Vimos muitos pássaros, já não se viam porém as lentilhas d'água, donde concluímos não nos acharmos muito longe das ilhas (74); o vento era muito variável, de modo que avançávamos sem rumo certo. Estando o céu encoberto, não podíamos obter altitude, mas calculávamos ter 38 graus e 30 minutos de latitude.

Sexta-feira, 11 de outubro

Já que soprava forte vento S.O. e nos encontrávamos na altitude de 38 graus e 54 minutos, sem avistarmos terra, tornava-se certo que navegávamos mais para O. do que haviam calculado os outros navios em 4 dêstes, e resolvemos unânimemente tomar doravante rumo N.E. para E., até a altitude de 44 a 45 graus e assim, caso o vento continuasse E.N.E., chegaríamos ao Canal.

Sábado, 12 de outubro

Tempo bonito e agradável, vento S.O., rumo N.E. para E. Altitude 39 graus e 35 minutos.

Domingo, 13 de outubro

Na noite passada o vento era pronunciadamente N., depois E., de modo que mudamos de rumo; altitude 40 graus e 40 minutos.

---

(74) Os Açôres. (*H. N.*)

Segunda-feira, 14 de outubro

Vento S.O. forte nos sobrejoanetinhos; o mar estava agitado, mas o navio avançava a grande velocidade. Rumo N.E. para E. Altitude 41 graus e 50 minutos.

Têrça-feira, 15 de outubro

Tempo mau e vento S.O.; navegávamos com uma única bujarrona e a vela da mesena a meio mastro, com tôda a velocidade possível. Altitude 43 graus e 36 minutos e calculávamos ter navegado bem umas 50 milhas nessas 24 horas.

Quarta-feira, 16 de outubro

Ontem à noite o vento era bastante O., com uma tempestade que continuou durante o dia; as ondas eram altas, de sorte que o navio parecia quebrar-se. No navio "Witte Hoop", quebrou-se a verga da vela da mesena, que êle substituiu pela verga cega (?). Altitude 45 graus e 5 minutos. Ao anoitecer, o vento era N.O. e o tempo bom.

Quinta-feira, 17 de outubro

Tempo bom, com trovoada e chuva de vez em quando. Altitude 46 graus e 20 minutos. Depois do meio-dia começou a haver calmaria, de modo que não faltavam reviravoltas; ao anoitecer, o vento era S., depois S.S.E., com bom progresso de 2 milhas aproximadamente, por hora (75).

Sexta-feira, 18 de outubro

Ao amanhecer quebraram-se novamente a vela da mesena e a rêde do navio "Witte Hoop", e, embora avançássemos bem uma milha por hora, tínhamos que diminuir as velas, a fim de esperá-lo até a tarde. Êste navio imprudente nos causou não pequeno estôrvo durante a viagem, atrasando-nos bem umas 100 milhas. O céu estava encoberto, e não tínhamos altitude. Na parte da tarde e, principalmente, ao anoitecer, veio uma terrível tempestade do sul; as ondas eram tão altas que, embora o vento fôsse favorável, não podíamos usar as velas, que foram tôdas recolhidas, baixando também as vigas e paus. Ficamos assim a flutuar confiados nas

---

(75) 8 milhas, segundo o nosso modo de calcular. Trata-se de uma informação importante, já que na antiga literatura marítima nada encontramos acêrca da velocidade medida ou calculada. Vemos no caso que um progresso de 2 milhas germânicas, isto é, 8 milhas marítimas modernas, era considerado como «ótimo progresso». Mas, se Haecxs fala de milhas de 5.655 m, que no seu tempo já eram antiquadas, então o progresso era de 6 milhas por hora. (*H. N.*)

graças de Deus. Vendo isto os demais navios fizeram o mesmo. Pelas 11 horas, em plena escuridão da noite, balançávamos tanto que os orifícios dos mosquetes, no convés de cima, ficavam debaixo dágua, de modo que fomos forçados a usar a bujarrona, a fim de nos salvarmos. Ao soltar o leme, um marinheiro foi ferido mortalmente. Dei ordem de acompanharmos o vento com os outros três navios, acendendo três fogos e dando um pesado tiro de canhão, o que foi feito. O rumo era E.N.E. até pela manhã.

Sábado, 19 de outubro

Voltou a calmaria e deparamo-nos tão sòmente com dois navios. Nós e o capitão Frans Jannsen, estando os outros fora do alcance da nossa vista. Até a tarde navegamos com uma vela de mesena, a fim de esperar os outros, mas em vão, razão por que pusemos tôdas as velas e tomamos rumo E.N.E. O vento era S.O., com bom vento nos sobrejoanetes; todo o pessoal do navio julgava que os outros, que ainda haviam visto na noite passada, deviam estar mais para a frente, tendo alçado as velas antes de nós, para não perecerem. Tínhamos a altitude de 48 graus e 12 minutos. Ao anoitecer, cessou o vento, vindo depois o N.O., que durou até o amanhecer.

Domingo, 20 de outubro

Víamos muitas medusas e pássaros; altitude 49 graus e 5 minutos, vento N.O. Na parte da tarde, aprontamos as cordas e âncoras e calculávamos estar a umas 60 milhas do Canal.

Segunda-feira, 21 de outubro

Tempo muito agradável, mas um tanto parado; altitude 49 graus e 25 minutos. O vento continuava N.O., rumo E. e E. para N. Deitávamos a sonda de manhã e de noite, mas não encontrávamos terra; ao anoitecer vimos uma vela no horizonte. Tomamos rumo E. e calculávamos ter viajado bem umas 44 milhas nessas 24 horas.

Têrça-feira, 22 de outubro

Com a luz do dia percebemos o navio "Abrahams Offerande", que nos relatou que ontem haviam visto o "Witte Hoop"; neste dia havia neblina e calmaria, vento N.O., altitude 49 graus e 8 minutos, rumo E. e E. para N. À noite, na hora da oração, foi visto para trás o "Witte Hoop"; fiz disparar imediatamente um tiro de canhão, ao que êle respondeu.

Quarta-feira, 23 de outubro

De manhã, o navio "Witte Hoop" estava junto de nós. Havia muita calmaria, com vento fraco de E.N.E. e não havíamos avançado 3 milhas sequer. Altitude 49 graus e 16 minutos. Só tínhamos 15 barris de água e, porque a viagem parecia atrasar-se um pouco, resolvemos dar 6 medidas de água para cada um, o que foi observado no dia seguinte.

Quinta-feira, 24 de outubro

Tempo bonito e agradável, vento E.S.E. um tanto frio. Altitude de 49 graus e 24 minutos; rumo N.E. Depois do almôço, vieram todos os oficiais de bordo, para mostrar-me o pão, feito esta noite, que não era comestível e que constava ùnicamente de feijão, castanhas e farinha de centeio, tendo sido mandado assim da pátria. Mandei secar dois pães e guardei um saco dessa farinha, a fim de mostrá-los aos diretores e, em lugar do pão, mandei dar biscoitos ao pessoal.

Sexta-feira, 25 de outubro

Vento E., mas o bom tempo e o frio continuavam; calculávamos a altitude em 49 graus e 52 minutos. Sendo o vento contrário, rumamos em direção S.S.E.

Sábado, 26 de outubro

De manhã, com a luz do dia, o navegante-comissário (76) juntou-se a nós novamente. Altitude 49 graus e 12 minutos. Depois do meio-dia tomamos rumo N.N.E. e mais ou menos uma hora antes do anoitecer deitamos a sonda e verificamos, graças a Deus, a 90 côvados, areia fina e branca, misturada com algumas conchas. Mandei disparar imediatamente um tiro de canhão, a fim de que também os outros navios fôssem avisados.

Domingo, 27 de outubro

Vento fraco, de modo que pouco avançávamos; ao anoitecer, alcançou-nos um navio estranho tendo hasteada uma bandeira vermelha, mas não pudemos chegar perto dêle (77); fiz disparar dois pesados tiros de canhão, mas êle não quis parar nem se aproximar, e com a noite desapareceu; deitamos novamente a sonda e encontramos areia a mais ou menos 100 côvados, como anteriormente.

---

(76) Vide dias 4, 18 e 26 de setembro de 1647. (*H. N.*)

(77) Era de Hamburgo, ver 29 de setembro. (*H. N.*)

Segunda-feira, 28 de outubro

Calmaria, sem que pudéssemos avançar; também não tínhamos altitude, por causa do céu encoberto; à noite, deitamos novamente a sonda e encontramos areia fina, como antes.

Têrça-feira, 29 de outubro.

Na noite passada tivemos vento fraco do E., o que perdurou durante todo o dia. Ao anoitecer veio atrás de nós o navio de Hamburgo, que tínhamos visto dois dias antes (78); fiz com que se descesse um bote trazendo para bordo o seu comandante. Perguntei-lhe então por que dois dias antes não quisera aproximar-se; respondeu que julgara sermos turcos; vinha do Pôrto, carregado com 200 caixas de açúcar, e chamava-se "Jacob Rusmaijer", e o navio "Fortuna", montado com 6 peças, com 14 tripulantes. Partira há 11 semanas de Hamburgo e há 13 dias do Pôrto a fim de prosseguir a viagem para a sua cidade. Calculava estar na altitude de 50 graus e 30 minutos, com areia a 70 côvados e a 10 milhas e meia das ilhas Scilly. Contou-nos que, havia mais ou menos seis semanas, tinha chegado um iate da Holanda em Viana (Portugal), trazendo a notícia de que os Altos Poderes haviam tomado a sério os negócios do Brasil e 4 semanas antes haviam equipado uma esquadra poderosa para lá. Tal notícia abalou de tal modo a Portugal, que o rei resolveu na mesma hora preparar uma esquadra, constando de 32 navios grandes e pequenos, entre os quais o almirante dispunha de 89 peças, sem que pudesse dizer ao certo quanta gente haveria nos navios ou quem os comandaria; só sabia dizer que se apanhavam em tôda parte camponeses e agricultores, por falta de soldados, que eram embarcados à fôrça, que o pão era extremamente caro e que o pão duro era vendido a 30 R. ou shillings; independentemente disto era de opinião que a mesma armada teria partido 8 ou 10 dias depois da sua saída (79). Dizia também que haviam invadido tôdas as casas dos comerciantes, tomando os seus livros e, depois de tê-los conservado e folheado alguns dias, os haviam devolvido. Que no Pôrto o açúcar custava 32 tostões, sendo que nunca chegara a tanto e que durante a sua estadia haviam chegado 8 caravelas, grandes e pequenas, entre as quais uma com 400 caixas e que, diàriamente, muitas eram esperadas. Contou, em seguida,

---

(78) Ver em 27 de set. (*H. N.*)

(79) O hamburguês estava bem informado. Havendo partido êle próprio no dia 16 de agôsto, julgava que a armada sairia do Tejo a 24 de outubro. De fato, essa esquadra de 20 navios, com 5 a 6.000 homens, partiu a 18 de outubro, e chegou diante da Bahia (pelo menos em parte) em dezembro; exatamente 9 dias antes, Schoppe abandonara suas posições em Itaparica. Cf. o diário de Witte de With, nº 989 do Arquivo do Almirantado. (*H. N.*)

que a Conferência Geral da Paz em Münster fracassara de vez, sendo que os senhores plenipotenciários haviam partido sem conseguir o seu intento, no que a Coroa da França tinha muita culpa.

Que os navios suecos e holandeses, juntamente com outros, haviam invadido o país do Rei da Dinamarca, causando consideráveis danos, sem poder dizer quais os motivos; que o rei da Dinamarca também havia pago o impôsto em Gluckstadt e abandonado a cidade quase por completo, a qual, aliás, estava em ruínas.

Que a Inglaterra estava em paz, tendo o rei se reconciliado com o Parlamento, sendo restituído na sua anterior dignidade e posse, e muitas outras inverdades, desnecessárias de repetir aqui.

Depois disto, convidei-o para jantar; honrou-nos com 50 limões frescos e pediu-nos para navegar até a Holanda sob a nossa bandeira, o que lhe concedi; voltou então ao seu navio, depois de se ter despedido, com esta espontânea promessa : quando eu partir, ser-lhes-ei muito grato; mas, êle se foi sem aviso e despediu-se de tal modo que ninguém o ouviu.

Quarta-feira, 30 de outubro

Na noite passada o vento era bastante N.E. e a corrente S.; rumávamos em direção E., altitude 49 graus e 45 minutos. À noite, como no dia anterior, deitamos a sonda em 70 côvados de terra arenosa com fôlhas.

Quinta-feira, último dia de outubro

Faz hoje exatamente 8 semanas que vimos pela última vez a terra do Brasil, e desde então não vimos terra a não ser esta tarde, quando nos encontrávamos na altura das ilhas Scilly (ao N.N.E. de nós); a nossa altitude era de 49 graus e 38 minutos e com certeza estávamos no Canal. Era uma graça que Deus Nosso Senhor nos concedia (pelo que êle deve ser louvado), pois, em menos de uma hora originou-se tão denso nevoeiro e tempestade, que tivemos de recolher quase tôdas as velas; a vela da mesena da frente rasgou-se em pedaços, sendo que conservamos mais ou menos a metade da mesma.

Sexta-feira, 1 de novembro

Era dia de Todos os Santos, e os santos vinham bem a propósito. Estávamos a 7 milhas aproximadamente da terra. O vento era tão terrível que tôdas as velas tiveram de ser recolhidas; isto durou até a noite, quando decresceu o temporal e pudemos navegar com as duas velas inferiores do grande mastro.

Sábado, 2 de novembro

Tempo bonito e agradável; faltava o navio de guerra do capitão Frans Jannsen, que voltou ao cair da noite. Vento O.S.O., rumo E. para N.; vimos Poortland Noorden a cêrca de 3 milhas de nós, e pela tarde também a ilha de Wicht.

Domingo, 3 de novembro

Vento O.N.O., com tempo muito agradável e sol; o navio de Witte Hoop, destinado a Texel, queria saber como devia proceder, já que não havia aparecido um comboio holandês. Eu interroguei os oficiais de ambos os navios, que se mostraram muito preocupados pelo fato de estarmos no fim do ano com a provisão de água e carne a ponto de se extinguir, não sendo aconselhável navegar tanto para o norte com navios furados e tripulação indisposta. No meu próprio navio, o pessoal estava sendo amotinado, havendo propósitos sediciosos de que eu me inteirava com ouvidos moucos e que com razão não castigava. Dei ordem ao referido navegante de ir conosco para a Zelândia, porque não havia nenhuma probabilidade de poder comboiá-lo com gente indisposta. Navegamos em direção E. para N. com vento forte e com a maior velocidade possível.

Segunda-feira, 4 de novembro

De manhã cedo, nos encontrávamos exatamente entre as duas pontas, vendo claramente Dovres e Calais; encontramos cêrca de 20 veleiros, que acompanhavam a costa francesa; vimos uma multidão de pescadores franceses e navios de arenques, ancorados diante dos seus estabelecimentos. O tempo era muito ameno e agradável, com rajadas frescas do sul. Pouco depois do meio-dia vimos Ostende ao S.S.E. de nós. Ao anoitecer o vento era S.S.E., o qual aliás cessou de modo que ancoramos diante do Spleete em sete côvados (80).

Têrça-feira, 5 de novembro

Vento E., tempo bonito; levantamos âncora e nos pusemos a velejar, entrando no Spleete; o dia tornou-se nevoento e escuro, de modo que, navegando por sôbre um banco com 5 côvados de água, fomos dar no Wielingen e, com a mudança da maré, tivemos que lançar âncora. Ao anoitecer, veio um barco de Vlissingen, através

---

(80) Um canal na bôca do Escalda, que corre paralelo com o Wielingen, com o qual em certo sentido faz um todo. (*H. N.*)

do qual enviei uma carta aos senhores diretores, avisando-os da nossa chegada; fazia noite escura com tempo meio tempestuoso, de modo que não achei aconselhável deixar o navio e ir pessoalmente até Vlissingen.

Quarta-feira, 6 de novembro

De manhã cedo levantamos novamente a âncora e velejamos com vento S.E. e (passada a maré alta) ancoramos outra vez por volta do meio-dia. Na parte da tarde, veio um barco de Vlissingen. Aluguei-o imediatamente, e com o coronel Henderson (81) naveguei para Vlissingen, onde chegamos bem, graças a Deus, pelas 3 horas. Os senhores diretores haviam ido com o seu iate para o navio a fim de buscar-me, mas nós nos desencontramos em virtude do tempo escuro, da neblina e da chuva. O Senhor seja louvado pela graça que novamente nos concedeu e por isso nos faça eternamente gratos, aqui e na outra vida. À noite, vieram os senhores diretores, como A. Lamsen, Jas. Pietersen e van Ecke, na estalagem Bijekorff onde estávamos hospedados, a fim de congratularem-se conosco. Trataram-nos magnìficamente, despedindo-se de nós por volta das 11 horas.

Quinta-feira, 7 de novembro

Dois dos senhores diretores foram comigo para Middelburch, Jas. Pietersen e van Ecke e, pelas 11 horas, fomos introduzidos junto aos senhores diretores, que estavam todos reunidos e aguardavam a nossa chegada. Depois de me ter dado cada um dêles, em particular, as boas vindas, assentaram-se todos os senhores, sendo presidente o senhor van de Perre, defronte ao qual também me assentei. Perguntado por êle se tinha algo a apresentar àquele conselho, narrei por alto e com poucas palavras as aflições do nosso Brasil, e que eu havia sido designado expressamente para mostrar com tôda a clareza a S. Ex.as os Altos Poderes, a S. Alteza e ao nobre Conselho dos XIX, tal estado de coisas, sendo por isso de opinião que devia empreender quanto antes a viagem para Haia, a não ser que S. Ex.as dessem outras ordens. A isso o senhor van de Perre me respondeu que ouviam com muito prazer que o Alto Govêrno houvesse tomado a resolução de designar um membro do seu Conselho, a fim de notificar tôdas as aflições, e que esperavam daí abundantes frutos. Agradeceram-me pelo bom relatório a êles apresentado, e pelo esfôrço de ter empreendido tão longa e árdua viagem, a serviço do país e da Companhia, justa-

(81) Ver 3 de setembro de 1647. (*H. N.*)

mente ao aproximar-se o inverno. Que êles não tinham nenhum motivo para desaconselhar-me a continuar a viagem, antes a favoreciam. Insistiram apenas que eu tomasse a refeição, nesta tarde, em companhia de S. Ex.as na estalagem de Perre, ao que não me opus, porquanto havia completa calmaria e não se podia viajar. Foram escolhidos os seguintes senhores para tratar de mim: senhor van de Perre, Louissen, Wesdorp, Van Ecke e de Haze, com os quais me entretive até às 3 horas aproximadamente e, depois de despedir-me, fui para Ter Veere. O coronel Henderson, vendo que eu era introduzido sòzinho na casa dos senhores diretores, ficou mal humorado e o levou a mal, indo daí para a casa do senhor Pelletier de ânimo exacerbado, dando ordem ao camareiro de aí procurá-lo, caso os senhores dêle precisassem, o que causou a êstes estranha impressão; leram a cópia de sua carta e não tomaram conhecimento dela e nada lhe disseram, a não ser que o convidavam também para o banquete, onde compareceu com o coronel van de Brande (82). Antes do banquete, êle me perguntou se a cópia de sua missiva escrita no Brasil ao Alto Govêrno havia sido apresentada aos diretores, já que isto lhe havia sido dito por um dêles.

Eu lhe respondi entre sorrisos que sim, que os senhores no Brasil, bem como os Principais nada faziam, nem comunicavam; ao que êle respondeu : Diabo, quem havia de pensar tal coisa; bem vejo eu que aqui fazem um homem andar como se fôsse Jan Gath, sem necessidade alguma. Notei claramente que êle estava arrependido de não ter ficado no Brasil. Fomos interrompidos e chamados para o banquete, de modo que se ficou nisso.

Sexta-feira, 8 de novembro

Já que na noite passada não havia vento, fomos obrigados a ficar em Ter Veere; de manhã até a noite continuou a mesma calmaria, e, pelas 5 horas, depois de uma reunião com os senhores diretores na Tôrre da Cidade, empreendi a viagem.

N.B. Ontem, na minha partida de Middelburch, fui convidado pelos armadores gerais, em nome dos navegantes em comissão à costa do Brasil, para almoçar com êles no dia de hoje, pelo que lhes agradeci, escusando-me. Os senhores diretores que, segundo as aparências tinham parte nisto, já anteriormente me haviam feito compreender o mesmo.

---

(82) *Também um dos veteranos do Brasil; seu nome é encontrado algumas vêzes* em Barléu. (*H. N.*)

Sábado, 9 de novembro

Cheguei a Dort por volta de meio-dia e daí prossegui viagem para Roterdão, onde só chegamos às 8 horas da noite, devido a calmaria.

Domingo, 10 de novembro

Parti de manhã de Roterdão e, graças a Deus, cheguei a Haia pelas 11 horas, hospedando-me em Doelen, onde encontrei alguns dos senhores diretores especialmente designados para mim, como os senhores Schoonenborch e Moorthamer (83), aos quais solicitei que se marcasse uma reunião para a tarde, o que aceitaram, e por volta das 3 horas nos reunimos os senhores Schoonenborch, Moorthamer, Ten Hoove, Harmen Willmsen, de Enchuysen, Ruffelaer, de Groningen, e eu. Depois de ter saudado os senhores presidente e membros do Conselho, manifestei o motivo da minha viagem e mostrei por alto que o Estado do Brasil devia ser acudido imediatamente e com vigor, porque do contrário, mais tarde, quando se quisesse fazê-lo, seria demasiado tarde, com o que S. Ex.as mostraram-se muito perplexos.

Em seguida, perguntei se devia entregar a S. Ex.as o meu relatório, de tal modo que êles aceitassem todos os papéis e documentos e dêles dispusessem, conforme lhes agradasse, porque em caso contrário eu tinha ordens de transportar-me para Amsterdão e dirigir-me à Câmara presidencial. Ao que o advogado Ridolphi, que também estava presente, me respondeu que tivesse paciência, porque o número dos senhores delegados não estava completo.

Alguns senhores dos Estados-Gerais, como os senhores Jacó Veth, o senhor Huygen, da Gélria, e o senhor van de Capelle, de Overijssel, tendo sabido da minha vinda, mandaram-me dizer à noite pelo senhor burgomestre Tibout, que então estava hospedado em Doelen, e também os senhores diretores, que visto como os negócios referentes à Conferência da Paz em Münster, bem como os relativos ao restabelecimento do Brasil, estavam em bons têrmos,

---

(83) Pieter Moorthamer, ou também Morthamer, antigo membro do Conselho de Justiça do Brasil, chefe da expedição que, em 1641, conquistou S. Paulo de Loanda, e agora um dos diretores, ao que parece. (*H. N.*). S. P. L'Honoré Naber publicou, alguns anos depois desta nota, um documento de Pieter Moorthamer, precedido de uma excelente introdução. Trata-se do Relatório de 29 de junho de 1643, quando Moorthamer ocupava o cargo de comissário da Justiça e Diretor de S. Paulo de Loanda. A «Nota van Pieter Morthamer over het gewest Angola» foi publicada nas *Bijdragen en Mededeelingen van het Historische Genootschap te Utrecht*, 1933, p. 1-42. Na coleção de Documentos Holandeses trazida por José Higino Duarte Pereira dos Países Baixos, existe uma carta de Moorthamer datada de 12 de fevereiro de 1640 e dirigida à Câmara da Zelândia. Vide «Brieven uit Brazilië», 1640. (*J. H. R.*)

esperando-se a cada momento uma boa decisão, pediam que eu fizesse o meu relatório tão moderado quanto possível, não apresentando o nosso Estado do Brasil de modo muito desesperado (embora S. Ex.as soubessem e tivessem compreendido que eu viera com grandes aflições e com suficientes motivos para queixar-me), a fim de assim não impedir aquela solução desejada, ou retardá-la, e para não aborrecer ou indispor os seus membros. Com êste fim, li junto com os diretores o relatório referente aos negócios do Brasil, concebido pelo Alto Govêrno. Depois de longa deliberação, foi julgado desaconselhável mostrá-lo ao Govêrno, mas pediram-me que o redigisse de outro modo, comunicando-o no dia seguinte a S. Ex.as, o que eu aceitei fazer, nos seguintes têrmos:

"Relatório, feito por mim em Haia, a S. Ex.as os Estados-Gerais dos Países-Baixos Unidos e a S. Alteza o Sr. Príncipe de Orange, no dia 12 de novembro de 1647 e entregue por escrito".

Exmos. Srs. etc. *mutatis mutandis* a S. Alteza.

O presidente e conselheiros, representando o Alto Govêrno do Brasil, desde o comêço do seu desembarque até o momento, escreveram reiteradamente, a V. Ex.as acêrca de tôda a situação do Brasil, e como se portaram o inimigo e os portuguêses na sua chegada, incendiando desesperados, primeiramente as duas ótimas capitanias Paraíba e Igaraçu, nas quais havia mais de 30 engenhos, enviando suas mulheres e filhos com o necessário para a Bahia e, em seguida, juntando-se êles mesmo às tropas da Várzea e às da Bahia, para resistir-nos. Além disso, cientes pelos nossos desertores da imperícia de nossos guerreiros, muitos dos quais estavam doentes e exaustos da longa viagem, e de que não poderíamos lançar mão dêles sem abastecimentos e medicamentos, tornaram-se mais audaciosos ainda, e perseveraram no seu perverso propósito e, embora tenhamos feito várias tentativas sôbre o inimigo, não pudemos, contudo, conquistar um único passo de terreno fora das nossas fortalezas.

Por conseguinte, não vendo nenhuma vantagem aparente para nós em Pernambuco, tivemos por bem fortificar-nos no rio São Francisco sob a direção do coronel Henderson (84) e do senhor almirante J. Cornelis Lichthart (85), a fim de assim distrair o inimigo, provocando-o a sair da Várzea e cortar-lhe a passagem para a Bahia, rompendo assim o cêrco de Pernambuco, e também para

(84) Ver 3 de setembro de 1647. (*H. N.*)

(85) A frota de transporte de 10 navios da Companhia e 8 embarcações alugadas, partiu do Recife em 24 de outubro de 1646. Fêz-se uma fortaleza, Lichthart morreu em 30 de novembro. Henderson, depois de ter encontrado sérias dificuldades, recebeu ordens de evacuar o lugar em princípio de 1647. (*H. N.*)

prover os nossos armazéns de animais, o que a princípio tornou o inimigo bastante apreensivo, mas depois pouco o preocupou, porque êles passaram ao norte pelas matas ou selvas, tendo feito muitas passagens conforme o seu agrado, o que os nossos não puderam impedir, de modo que finalmente chegamos à conclusão de que era melhor desmantelar o nôvo forte que havíamos feito, empregando o nosso pequeno poderio em outro local.

Em seguida, preparamos uma frota para a Bahia, sob a direção e o comando dos senhores Simon de Beaumont e coronel Schoppe (86) e, pela graça de Deus, incorporamos diante da Bahia de Todos os Santos, na ilha Itaparica, a ponta das Baleias, a qual ainda mantemos com tôda a fôrça, e então não deixamos de comunicar a V. Ex.as os Altos Poderes e ao nobre Conselho dos XIX o grande feito, depois do qual esperamos um socorro suficiente, a fim de atacar o inimigo no coração e fazer-lhe sentir o poderio das armas de V. Ex.as os Altos Poderes.

Mas o inimigo, percebendo novamente ali o nosso pequeno poderio, e não deparando com nenhum refôrço para nossa libertação, vendo pelo contrário que deixávamos partir os três navios de guerra, que eram a fôrça e o nervo de nosso poderio marítimo que já não podíamos conservar, tomou coragem de assaltar os nossos a 10 de agôsto dêste ano, no dia de S. Lourenço, com cêrca de 2.000 homens, às 3 horas da noite, exatamente no ponto em que estávamos aquartelados, com uma terrível gritaria, chegando a lutar com os nossos corpo a corpo. Ao despontar da aurora, porém, teve que retirar-se, com a perda de cêrca de 300 homens entre mortos e feridos, dos quais foram enterrados 97 em uma vala e 36 numa outra. Nós pelo contrário não tivemos mais que um morto e oito feridos, pela qual vitória o Senhor Deus seja louvado e pela qual V. Ex.as os Altos Poderes receberam felicitações (87).

Vendo-nos, pois, fracos em soldados e em poderio marítimo, conforme se pode ver em tôdas as listas, que os senhores delegados do nobre Conselho dos XIX de nós receberam, e não vendo saída alguma, já que nada enviamos com respeito ao envio de reforços para a nossa libertação, os quais necessàriamente deviam proceder daqui, fomos tomados de grande perplexidade. Finalmente o govêrno vendo aproximar-se uma nuvem pesada e triste que nos ameaçava com muitas dificuldades, a fim de escapar dela, e de não chegar ao extremo como antes acontecera, depois de muitas e sérias deliberações, não obstante a longa viagem e inverno, não obstante

(86) Em janeiro de 1647. (*H. N.*)

(87) Schoppe evacuou o lugar no comêço de dezembro de 1647. Ver nota em 29 de outubro de 1647. (*H. N.*)

também as fortes tempestades e contrariedades, enquanto o permitia o tempo e não fôsse demasiado tarde, resolveu não poupar as pessoas ao serviço do país e da Companhia, mas fazer com que um membro do seu conselho fôsse ter com V. Ex.as os Altos Poderes, a fim de mostrar claramente as aperturas e preocupações, em que atualmente se encontra a *conquista do Brasil comprada por* preço tão elevado e, por outro lado, porque chegara o tempo e a ocasião não sòmente de vingar o prejuízo sofrido por causa dos rebeldes portuguêses, mas também de apoderarmos definitivamente da Bahia; o primeiro, porque nos causaram muito prejuízo e o segundo porque, sem ela, o Brasil de nada nos serve. Porque, se não cuidarmos da Bahia, podemos esperar a tôda hora, quando os portuguêses quiserem, os mesmos prejuízos e desgraças do momento, já que não se pode acreditar ou confiar em portuguêses.

O principal, e de que se trata agora, é que os reforços em conseqüência da boa e salutar resolução de V. Ex.as e pela qual tantos milhares de fiéis súditos de V. Ex.as assim no Brasil como aqui na querida pátria, até agora suspiraram, sejam enviados quanto antes e ainda antes do inverno, já que neste período se pode transpor melhor a linha equinocial, a fim de podermos executar os bons desígnios e intenções de V. Ex.as. Ademais V. Ex.as têm pé firme em Pernambuco, de modo que os reforços a serem enviados podem desembarcar ali sucessivamente, sem tocar num lugar de abastecimento. Assim se colherão os frutos desejados já em janeiro, isto é no coração do verão, enquanto ainda há muito tempo até os meses de abril e maio (quando começam os meses de inverno e de chuva), a fim de fazer algo de notável e de proveitoso no serviço da Companhia. Do contrário, sendo os reforços enviados lá para o verão, desembarcarão em época imprópria e serão infrutíferos, isto porque não se pode dar um passo em terra devido às grandes chuvas e correntes d'água, como vivamente experimentamos há 18 meses.

Além disto, o coronel Schoppe deve ser socorrido necessàriamente na ilha de Itaparica antes da chegada da esquadra portuguêsa e, se fôr possível, os nossos reforços devem anteceder a mesma esquadra, e esperamos que isto possa ser feito, pois encontramos no Mar Espanhol, a cêrca de 60 milhas do Canal, um navio hamburguês, que partira do Pôrto a 16 de outubro, e que relatou como em Lisboa estava pronta uma esquadra composta de 32 velas entre grandes e pequenas (entre as quais 16 grandes, sendo as restantes caravelas). Disse que lá era voz corrente que a mesma se faria ao mar dentro de 8 a 10 dias depois da partida dêle, desde que não viesse a faltar pão ou gente, visto como diàriamente os

camponeses eram embarcados à fôrça, contra a sua vontade, do Pôrto para Lisboa, e que o pão duro era vendido a 60 R. a arrôba, coisa que lá jamais se ouvira. Esta e outras inconveniências nos fazem crer que a mesma até hoje não terá partido e, por conseguinte, sendo aproveitada esta ocasião, poderíamos assegurar-nos a vitória com o auxílio de Deus, porque na nossa partida do Brasil nada pudemos perceber com respeito a uma esquadra portuguêsa ou reforços, seja por cartas interceptadas ou prisioneiros, da Bahia como da Várzea.

Os da Bahia só agora começam a compreender que se saíram mal por duas vêzes na ilha de Itaparica e é certo que estão em apuros, porque, enquanto pudemos observar, mantêm reunidas as suas fôrças e não deixam sair mais ninguém para a Várzea ou para Pernambuco (como acontecia antes) e com a chegada da nossa esquadra ficarão completamente desanimados.

Com isto julgamos ter-nos desincumbido da nossa tarefa, e com todo o respeito solicitamos aos Altos e Poderosos Senhores aproveitar esta oportunidade tão importante e almejada, conforme presentemente ela se apresenta, a fim de que nós, tendo sido acelerado o socorro para a nossa libertação, e depois de têrmos conquistado a vitória sôbre o nosso inimigo perjuro e rebelde, sejamos finalmente coroados com o sucesso longamente suspirado de uma possessão pacífica, o que deseja, etc. etc.

Altos e Poderosos Senhores de V. Ex.as súdito dedicado e servo fiel.

Segunda-feira, 11 *de novembro*

Uma vez que naquele dia S. Ex.as tinham grandes preocupações, não pude conseguir uma audiência; compareci apenas numa sala a parte diante dos exmos. Srs. delegados para os negócios do Brasil: o Sr. van de Capelle como presidente, o Sr. Veth, o Sr. W. Hijgens, o Sr. van Beveren, o Sr. van der Hoolck e ainda um velho senhor de Groningen, em companhia dos diretores, Schoonenborch, Moorthamer, Ten Hove, Harmen Willemsen, de Enchuysen, e Ruffelaer, de Groningen. Para mim foi colocada uma cadeira à ponta da mesa tendo sido convidado a sentar-me e a cobrir-me. Em seguida, o Sr. presidente começou a interrogar-me, se tinha alguma coisa a entregar aos Altos e Poderosos Senhores e qual era precisamente o motivo de minha viagem, já que S. Ex.as haviam sido incumbidos pelos Altos e Poderosos Senhores, no momento muito ocupados, de saber isto da minha parte e de fazer um relatório a respeito. Começando então a falar sumàriamente das nossas aperturas, angústias e tôda sorte de falhas; veio o meirinho

dizendo que na reunião dos Altos e Poderosos Senhores estava sendo requerida urgentemente a presença dos senhores que aí se achavam e que esta reunião fôsse suspensa até o dia seguinte; de modo que, então, se ficou nisto. Levantando-se então o Sr. presidente, agradeceu-me pela difícil viagem empreendida, como também pelo que até então ouvira resumidamente; elogiou também especialmente o fato de que o Sr. presidente e conselheiros haviam resolvido delegar um dos seus componentes para vir pessoalmente, e esperava que isto fôsse de grande proveito para o soerguimento do Brasil. Perguntou, em seguida, se eu conhecia a salutar resolução de socorrer o Brasil com uns mil homens, tomada pelos Altos e Poderosos Senhores em 10 de agôsto, segundo a solicitação dos Srs. diretores, e o que eu pensava a respeito disto, e se isto seria suficiente. Ao que dei a seguinte resposta a S. Ex.as os Altos e Poderosos Senhores : Que eu ouvira com singular satisfação que S. Ex.as ou o país lá manteriam seis mil homens efetivos, que o almirante teria dois mil marinheiros e que, além disto, a Companhia enviaria 1.750 soldados para recruta; se todos êsses, descontando os mortos, desertores, doentes, estropiados, e ineptos, cujos lugares deviam ser necessàriamente supridos, estivessem efetivos no Brasil, conforme foi dito, eu então não duvidava do êxito desejado, e que ordinàriamente se deve calcular que a têrça parte não pode prestar serviços, o que S. Ex.a achou demasiado. Pediram-me então que eu estivesse pronto para o dia seguinte, a fim de prosseguir, em reunião plenária dos Altos e Poderosos Senhores, êsse relatório e, em seguida, nos despedimos. Saindo encontrei Henderson cheio de remorsos, o qual me perguntou se os Altos e Poderosos Senhores sabiam que êle estava lá fora. Respondi que não estava a par, e devendo tratar dos meus negócios junto a S. Ex.as não podia no momento pensar nêle e que, caso S. Ex.as quisessem falar com êle, certamente o mandariam chamar.

Solicitei aos diretores que me livrassem dêsse Henderson, afastando de mim tôdas as invejas, porque êle espalhara por tôda a parte que fôra delegado junto comigo para fazer um relatório em nome da milícia do Brasil, mas teve pouca sorte, porque no mesmo dia foi chamado pelos diretores que lhe fizeram ver o que sabiam por missivas do govêrno e da minha parte, que se tratava dos seus negócios particulares, e que dêles podia tratar conforme melhor lhe conviesse. Êle solicitou que lhe pagassem as despesas feitas na Zelândia e em Haia, mas recebeu como resposta que para isto êles não estavam autorizados, o que lhe pareceu muito estranho, e só então começou a reparar que faziam pouco caso dêle. Depois do

meio-dia veio o Sr. De Laet (88), de Leide, e todos os Srs. diretores designados compareceram em Doelen, e receberam de mim, segundo o inventário, todos os papéis e documentos, examinando-os sumàriamente. Em seguida, antes de nos despedirmos, li diante de S. Ex.as o relatório acima citado e por mim concebido; todos o apreciaram, solicitando-me que dêle tirasse três cópias, a fim de serem entregues aos Altos e Poderosos Senhores, S. Alteza e o Conselho dos XIX.

Agradeceram, ao mesmo tempo, pelo fato de o Alto Govêrno ter cumprido tão bem os seus deveres e de ter enviado um dos seus membros.

Têrça-feira, 12 *de novembro*

De manhã, pelas 9 horas, estando reunidos os Altos e Poderosos Senhores, em número de 20 mais ou menos, deram ordem ao seu camareiro de levar-me à sala de espera, caso eu estivesse na portaria, até que fôsse chamado. Pouco depois fui chamado e introduzido por dois dos Srs. diretores, os senhores De Laet e Moorthamer. O presidente, que era o Sr. Van Wimmennon, deu ordem ao camareiro para colocar três cadeiras com almofadas no meio da sala, bem à sua frente, e em seguida convidou-nos a assentar-nos e cobrir-nos. Entreguei então minhas credenciais, sendo estas passadas ao secretário que as leu pùblicamente. Em seguida, perguntou-me o citado presidente se eu tinha algo a comunicar à reunião dos Altos e Poderosos Senhores. Levantei-me e comecei a discursar, mas tôda a reunião pediu que o fizesse sentado; fi-lo então, mas com a cabeça descoberta. Cada um dos senhores ouvia atentamente e, ao concluir, entreguei ao Sr. presidente o meu relatório por escrito, que por sua vez o passou ao secretário Musch, e perguntou-me pelo estado do Sr. presidente e conselheiro, quando eu havia partido e quando chegara, agradecendo também aos senhores o bom cumprimento dos deveres e a mim pela difícil viagem empreendida. Perguntou-me finalmente se eu confiava na possibilidade de receber o socorro, ao que respondi a S. Ex.as que êste era o nosso dever e, caso o auxílio fôsse enviado em breve, então via pouca dificuldade. Isto parece ter agradado singularmente a S. Ex.as, pois levantaram-se e quase todos apertaram-me a mão. Apareceram então o mapa de Itaparica e o Manifesto da conjuração (89) em que eu estava muito interessado. O Sr. Pensionário

---

(88) João de Laet; ver nota em 18 de novembro de 1645. (*H. N.*)

(89) O Manifesto da Conjuração só foi publicado até hoje por Manuel Calado, no *Valeroso Lucideno* e *Triunfo da Liberdade* (1ª ed. 1648, p. 139-148), e numa tradução livre holandesa, sob o titulo *Manifest door d'inwoonders van Pernambuco,* etc. Antwerpen, 1646. (*J. H. R.*)

Cats (90), perguntou se na ponta das Baleias não tínhamos erigido uma boa fortaleza, ao que respondi que de nossa parte não faltava boa vontade, contanto que tivéssemos tido os materiais e o dinheiro, o que absolutamente nos tinha faltado. "Mas como", disse S. Ex.as "fazia quase um ano que estavam aí alojados; por que os diretores não se mantiveram mais vigilantes?" Ao que o Sr. De Laet respondeu: "Ex.a, a nossa insuficiência vos é bem conhecida". — Ficou-se nisso. Em seguida os senhores assentaram-se novamente e, depois de ter-lhes exposto novamente a situação geral, agradeceu-me o Sr. van Wimmennon pelo bom relatório dizendo que recomendariam essas coisas aos Srs. deputados, que queriam deliberar mais comigo, e que eu tivesse por bem ficar mais algum tempo em Haia. Deu ordem ao secretário Musch de ler pùblicamente meu relatório escrito e, depois de nos têrmos despedido convenientemente, saímos os três e fomos para casa. Na saída, recomendou-me o Sr. presidente que me mantivesse de prontidão, a fim de fazer também o meu relatório aos Estados da Holanda, já que S. Ex.as estavam muito desejosos de ouvi-lo. Na parte da tarde, pelas 4 horas, fui introduzido pelo Sr. De Laet junto a S. Ex.as os Altos Poderosos Senhores Estados da Holanda, onde encontrei reunida uma grande assembléia de mais de cem Senhores. O Sr. Pensionário Cats, estando sentado junto a uma mesinha a parte, depois de haver eu explicado a minha incumbência, pediu-me quisesse explicar a S. Ex.as a situação do Brasil. Aí, porém, não nos ofereceram almofadas nem cadeiras e não nos convidaram a cobrirnos. Quando comecei a discursar, todos os presentes escutaram atentamente, fazendo-se grande silêncio. Quando concluí, o Sr. Cats tirou o seu chapéu e agradeceu-me o bom relatório, sem que mo houvesse solicitado por escrito; depois disto nos despedimos e saímos, sem sermos interrogados sôbre qualquer outra coisa.

Logo após, pelas 6 horas, eu tinha audiência com S. Alteza. Compareci diante de S. Alteza acompanhado do Sr. De Laet. O Príncipe se achava sòzinho em seu quarto e vindo ao nosso encontro até a porta, fêz sair o seu pajem. Trazia uma fita azul ao pescoço, da qual pendia o Tosão de Ouro, (Gulden Vlies) cravejado de diamantes. Trazia também na perna direita uma longa jarreteira. Depois que De Laet mo apresentou, S. Alteza estendeu-me a mão. Beijei-a, lamentei a morte do Pai de S. Alteza (91) e desejei-lhe tôda sorte de felicidade e prosperidade no seu nôvo govêrno.

---

(90) Jacob Cats (1577-1660), proprietário de terras em Grijpskerk e Pensionário em Middelburgo, foi dos maiores poetas neerlandeses do século XVII. Autor predileto de J. van Vondel, sua obra gozava de grande popularidade, sendo das mais lidas, depois da Bíblia. Como Pensionário, Cats era o árbitro virtual da política daquele Estado. (*J. H. R.*)

(91) Frederico Henrique falecera em 10 de março de 1647. (*H. N.*)

Entreguei-lhe as credenciais, que S. Alteza conservou em suas mãos; perguntou-me quando partira do Brasil e quando havia chegado; estava admirado de que essa viagem pudesse ser feita em tão curto espaço de tempo e, em seguida, indagou como estavam os negócios do Brasil. Disse a S. Alteza que se quisesse ter a paciência de me ouvir, eu lhos relataria resumidamente, conforme fôsse possível. Esta foi a sua resposta : "Com muito prazer, pois estou desejoso de sabê-lo." Em seguida fiz a minha narração do princípio ao fim segundo o teor do relatório escrito, que ao mesmo tempo entreguei a S. Alteza. Durante todo êste tempo S. Alteza permaneceu de pé, como eu, de cabeça descoberta e com o chapéu na mão, e a cada reverência que eu fazia êle não deixava de corresponder. Depois de encarecer o estado decaído do Brasil, pedindo a S. Alteza que com seu favor e graça se dignasse ajudá-lo, obtive a seguinte resposta : É justo que a Companhia em tão extremada condição seja auxiliada; prometo-lhe que da minha parte farei tudo para contribuir neste sentido. Em seguida despedi-me de S. Alteza e saí. Chegando na antecâmara, encontrei Henderson, que se fêz anunciar a S. Alteza, a fim de conseguir uma audiência, o que obteve e, voltando pouco depois, disse que S. Alteza manifestava o desejo de jantar com êle naquela noite, mas que êle recusara, agradecendo. *Si credere fas est.*

Têrça — isto é, quarta-feira, 13 de novembro

Os Srs. diretores de Haia convidaram-me a ficar mais alguns dias aí, já que S. Ex.as julgavam a minha presença sumamente necessária. Na parte da manhã S. Ex.as estiveram ocupados com a leitura das cartas e outros papéis, e pela tarde chamaram-me na sua sala e me disseram que haviam lido atentamente as cartas, tendo encontrado nelas apenas queixas. Observaram também que nós insistíamos muito em que S. Ex.as lessem as nossas cartas. Que pretendíamos pois com isto ? — É que, respondi, nunca tínhamos obtido qualquer satisfação pelas nossas petições e cartas, não podíamos portanto admitir outra explicação a não ser que, uma vez lidas, elas iam parar num canto qualquer, porque : *Lectio placet, decies lecta placebit.* O Sr. De Laet compreendeu-me e respondeu : "É verdade, quando as cartas tratam de assunto agradável, a gente as lê muitas vêzes". Retruquei, então, que me julgava infeliz por ser mensageiro de notícia tão triste, e que eu bem podia perceber que, caso eu e as cartas falássemos de alguns milhões em ouro, conquistados para a Companhia, as mesmas seriam de leitura mais agradável e haveria mais interêsse por mim, do que era agora o caso; mas que era do nosso dever escrever a verdade e que aqui se

aplicava o adágio de ser considerado como amigo aquêle que avisa alguém do seu prejuízo, ruína ou falência e, caso S. Ex.as o julgassem e interpretassem mal, que então nos fariam grande injustiça, já que tudo obráramos com reta intenção a fim de impedir maiores prejuízos à Companhia, e em tal caso muito nos arrependeríamos do bem que já havíamos feito com as nossas pessoas e deveres. Se nos tivessem dado apoio e enviado o que nos fôra prometido à nossa partida, poderíamos ter feito mais. "Senhor Haecxs", respondeu o Sr. Schoonenborch, "não penseis que os serviços e bons deveres vossos e dos outros senhores não nos sejam agradáveis; pelo contrário, ainda no presente vô-los agradecemos; mas, por favor, considerai se na verdade as vossas cartas não foram lidas com grande cuidado, uma vez que por meio delas pudemos obter tão considerável poderio e socorro junto aos Altos e Poderosos Senhores e S. Alteza (92), conforme agora podeis ver e ouvir e, certamente, podeis crer que nós aqui não ficamos parados, mas fomos obrigados a abandonar as nossas casas e famílias durante 6, 8 e mesmo dez semanas e tivemos que insistir dia e noite, por meio dos nossos delegados, junto aos Altos e Poderosos Senhores e S. Alteza, a fim de levar a têrmo êste grande trabalho".

Prosseguiu então Moorthamer, como também o advogado Rudolphii, e perguntaram se eu não poderia aprontar-me para embarcar, já que as coisas agora se encontravam neste pé e o socorro estava quase pronto; ao que respondi que eu tinha muitos e variados pontos a apresentar ao nobre Conselho dos XIX e que tinha ordens dos Exmos. Srs. presidente e conselheiros de pedir a êsse respeito resolução e decisão dos Exmos. Senhores; caso isto pudesse ser tratado pelos Srs. delegados, eu veria o que poderia fazer. Disse, também, que não estava disposto a ser mandado de volta pela segunda vez, com uma série de promessas, mas gostaria de ver primeiro sair as ovelhas, seguindo então como bom pastor, a fim de livrá-las da violência dos lôbos. Retrucou o advogado Rudolphii : "Vós sabeis como nos é difícil convocar uma reunião dos XIX, quanto tempo se requer para isto, e como o tempo urge, e a vossa pessoa foi requisitada imediatamente na petição do Alto Govêrno de lá, tanto mais que o socorro estava quase pronto, sendo que êste fôra o objetivo da minha missão e para a sua execução a [...] conjunta dos senhores é sumamente necessária". Disse também que recentemente se haviam reunido os XIX durante 12 dias, tendo-se dissolvido a reunião sem que nada de notável se fizesse, embora fôsse de grande interêsse a expedição dêsse socorro, e que então

(92) Cf. 11 de novembro onde se faz menção dessa resolução de 10 de agôsto de 1647. (*H. N.*)

havia sido resolvido não convocar outra reunião, antes que fôsse despachado êsse socorro. Solicitavam por isso quisesse eu escrever todos êsses pontos que, de qualquer modo, havia manifestado a S. Ex.as, a fim de que S. Ex.as os mostrassem à primeira reunião dos XIX que fôsse convocada, mandando-nos êles a resposta de S. Ex.as, o que aceitei. O Sr. De Laet perguntou se eu julgava que, ficando algum tempo, conseguiria mais em proveito da Companhia junto aos Altos e Poderosos Senhores do que os senhores delegados ou diretores. Ao que fiz ver que muitos dos Altos e Poderosos Senhores, como também dos Srs. diretores, não tinham profundos conhecimentos dos negócios da Companhia e de seus males, e que, para curá-los, julgávamos sumamente necessário notificá-los dêles. Então Moorthamer exclamou : "Deve-se fazer alguma coisa pelos 800 florins mensais". Eu repliquei que, nos tempos atuais, nós merecíamos o dôbro, que os gastávamos com dor no coração e em pobreza, que eu e os outros senhores pouco tínhamos visto até então dos nossos 800 florins, que recorríamos aos nossos próprios recursos, e que, caso não houvesse pagamento mais rápido, isto viria causar grande incômodo a todos os senhores. Aliás como podia êle falar de 800 florins quando a sua Câmara da Zelândia, por causa da sua cota de 3.200 florins, perseguia o nosso tesoureiro durante um ano inteiro. Estaríamos, porventura, obrigados a pedir-lhes uma esmola por amor de Deus, para desprêzo das nossas credenciais e desprestígio das nossas pessoas? Disse êle além do mais: Prezo os antigos senhores (93) que esperaram até o último momento para escreverem com tanta preocupação. — "Por isso é que as coisas agora vão tão bem", respondi; sois o primeiro e o último a quem ouço afirmar semelhante coisa; eu não sabia porque êles eram tão festejados e homenageados aqui em Haia, talvez sejam honrados também com uma cadeia de ouro, como outros, que antes prestaram bons serviços à Companhia fora do país, aos quais aliás não invejo. A isto êle respondeu com cara feia e silêncio. Também se falou das drogas estragadas e por nós devolvidas, declarando que se tinha feito tanto barulho a êsse respeito, embora isto não importasse em dinheiro. Em seguida, após ter eu replicado que tal se fizera a fim de revelar a ganância e as fraudes dos fornecedores, sendo que êste caso servia de exemplo para todos os outros, entre os quais a carne podre enviada pelos de Hoorn, o Sr. Schoonenborch anunciou que seria trazida uma garrafa de vinho do Reno e bebemos à saúde do presidente e conselheiros e (ao que parece) despedimo-nos em boa amizade.

---

(93) Referência aos conselheiros resignatários do Brasil, Hamel, Bas e Bullestrate, que haviam voltado à Holanda em 12 de agôsto. (Cf. êste diário em 15 de novembro). (*H. N.*)

Quinta-feira, 14 de novembro

Nada aconteceu de notável. Apenas S. Alteza apostou uma corrida em Schevelingen, com um senhor inglês, numa vistosa égua, pela soma de seis mil florins. O percurso era de cêrca de uma hora. S. Alteza fazia a corrida pessoalmente; fêz-se pesar antes e pesava 16 libras menos que o senhor inglês. Êste pêso, em chumbo, foi colocado na sela de S. Alteza, a fim de se igualar com o outro. S. Alteza triunfou, chegando bem uns dois tiros de pistola antes do outro, o que causou grande alegria entre os admiradores da côrte.

Sexta-feira, 15 de novembro

S. Ex.as os Altos e Poderosos Senhores estiveram em deliberação acêrca das negociações de paz, desde às 8 horas da manhã até as quatro horas da tarde, sem se separarem, e chegaram a tal ponto que, não há dúvida que amanhã, depois de feito o resumo, se chegará a uma conclusão. Às 11 horas chegou notícia de cima, de que os Altos e Poderosos Senhores haviam resumido e assentado a resolução de ontem sôbre a paz, e que a esquadra que estava pronta seria despachada imediatamente para o Brasil, a fim de hostilizar todos aquêles que haviam hostilizado a Companhia ou os que viessem a ofendê-la, o que foi divulgado com grande alegria por todos os senhores que desciam. O Sr. Jacó Veth, que também desceu, apertou-me a mão, desejando-me muita felicidade pela paz e disse-me que, graças a Deus, a minha vinda se dera em boa hora, tendo contribuído consideràvelmente para acelerar a resolução. Em suma, era em tôda a parte : *Gaudeamus*. Solicitei licença aos senhores delegados para ir a Amsterdão, no que de bom grado consentiram e, no mesmo dia, às 8 horas da noite, cheguei a Haarlem. Pouco antes da minha partida vieram em grupo os Srs. Hamel, Bullestrate e Bas congratular-se comigo, porque S. Ex.as tinham sabido da minha partida para Amsterdão. Perguntaram o que Luchenie (94) pretendia e maquinava contra êles. Eu respondi que êle tinha escrito notas que davam para um livro e que nela havia aduzido sôbre suas pessoas muitas acusações e grandes injúrias, as quais êle pretendia analisar e provar com argumentos claros e verdadeiros. Ao que Bullestrate respondeu : Sentimo-nos muito consolados e desejávamos que êle estivesse aqui, pois então estaríamos livre de muitas calúnias, que agora temos que ouvir diàriamente com muito pesar. Em seguida, contou o Sr. Bullestrate o que êles tinham feito, à chegada dêles, junto aos Altos e Poderosos

---

(94) Ver em 9 de dezembro (duas vêzes). (*H. N.*)

Senhores, a fim de conseguir êsse tão considerável socorro e, caso êles não tivessem insistido tão urgentemente com vários dos senhores, êsse auxílio, segundo tôdas as aparências, ainda teria sido protraído por muito tempo. Agradeci-lhes muito pêlo fato de terem vigiado tanto por amor à Companhia e perguntei quando havia sido assentada a resolução acêrca do envio dêsse auxílio. Bas então tomou a palavra, dizendo que isto se dera pouco depois da chegada dêles, palavras estas que provocaram uma explosão da minha parte e me fizeram contradizer-lhe provando-lhe que aquela resolução (o que é notável) foi tomada pelos Altos e Poderosos Senhores exatamente no mesmo dia em que a nossa gente foi assaltada pelo inimigo em Itaparica, no dia de São Lourenço, o que foi a 10 de agôsto, enquanto que êles haviam chegado sòmente no dia 12 de agôsto (95). A isto êles pouco replicaram, preferindo guardar silêncio.

Domingo, 17 de novembro

Graças a Deus, cheguei bem em Amsterdão, pelas 11 horas, quando o povo estava saindo da igreja, e hospedei-me com o Sr. Daniel Bernart.

Segunda-feira, 18 de novembro

Fiz com que se convidasse o Sr. Isac van Beeck, então presidente dos diretores, a convocar uma assembléia; em seguida, pelas 10 horas, reuniram-se em número de quinze, e me deram audiência. Depois de terem ouvido com boa paciência o meu discurso e de terem recebido oralmente e por escrito os motivos da minha viagem, foi-me dada a seguinte resposta pelo Sr. presidente van Beeck: A assembléia muito me agradecia pelo esfôrço feito e pela árdua viagem empreendida a êste país, como também pelos bons avisos recebidos de quando em quando da parte do Alto Govêrno. Fôra de seu desejo que os dois avisos enviados, o primeiro em 1 de agôsto com destino à Bahia e o segundo em 17 do mesmo mês para o Recife de Pernambuco, pudessem ter chegado antes da minha partida do Brasil, a fim de que eu tivesse sido dispensado de tão difícil viagem de ida e volta (96); que S. Ex.as haviam lido com atenção as nossas missivas, e por elas haviam visto não sòmente agora, mas também antes, as nossas angústias e aflições, não tendo

---

(95) Segundo Nieuhoff (p. 191) êles haviam partido do Brasil em maio de 1647. (*H. N.*) Ed. bras., já cit., p. 323. (*J. H. R.*)

(96) Neste caso, no Recife teriam tido notícia da resolução dos Estados-Gerais, datada de 10 de agôsto de 1647, para o envio de um socorro de navios e soldados (ver 11 de novembro), mas, para êste fim, Haecxs deveria ter ficado mais três meses no Brasil, a fim de poder ver chegar o navio que havia partido da Holanda em 17 de agôsto. (*H. N.*)

poupado esforços para ajudar-nos com tôda pressa e enquanto possível; que nós quiséssemos crer que não lhes havia faltado boa vontade, mas que na generalidade e nas províncias tudo havia sido retardado pelas negociações de paz em Münster, conforme certamente eu teria ouvido suficientemente em Haia. Depois de ter respondido a isto com poucas palavras, Eduart Man e Marcus de Vogolaer começaram a apouquentar-se e a perguntar porque era que a Câmara da Zelândia era preferida e favorecida em tudo a esta Câmara. Porque tínhamos feito chegar à mesma tantos retornos e, sobretudo, porque o navio "Abrahamns Offerande", cujas cargas na viagem de ida pertenciam a esta Câmara, lhes havia sido subtraído na volta para ser beneficiada a Câmara da Zelândia; finalmente, porque a Câmara da Zelândia tinha recebido recentemente tanto açúcar de S. Tomé, quando não era a sua vez. Tudo isto para prejuízo considerável e dano desta Câmara; e, além disto, quando se alugavam navios de carga, para serem por vêzes usados na navegação costeira, tinham sido tomados os de Amsterdão e dispensados os da Zelândia. A tudo isto respondi, da seguinte maneira, com a maior mansidão : Que S. Ex.as quisessem ter paciência e receber a minha resposta sem paixão (segundo me parecia, alguns estavam apaixonados). Primeiramente, que S. Ex.as bem sabiam que o presidente e os conselheiros tinham deveres não para com uma Câmara em particular, mas para com a outorgada Companhia Geral das Índias Ocidentais, no sentido de agirem sem se importar com alguma das Câmaras ou de sem motivo preferir esta àquela, mas de prestar serviços à Companhia em geral, enquanto possível, sem ambição alguma. Segundo, que o navio "Abrahams Offerande", por falta de outros, devia ter sido despachado necessàriamente para Zelândia, uma vez que todo o açúcar que levava para ali se destinava, e os proprietários, não querendo comércio algum com a Holanda, queixavam-se amargamente de que não se mandava um navio para a Zelândia, se bem que com esta intenção êles tivessem escolhido açúcar tão caro e pago à Companhia tão elevado frete. Ao que outro retrucou inquirindo por que então não se despachara também um navio com açúcar como no caso do navegante-comissário Slieman (97). Respondi indagando, também, por que S. Ex.as não haviam animado os navegantes-comissários de Amsterdão, que em tais condições também poderiam receber cargas como os da Zelândia, e que me parecia mais proveitoso para a Companhia usar os navios dos comissários para o transporte de

---

(97) O navio carregado por Brest e Elfsdijck, de que se falou em 4 de setembro, 26 de setembro e 26 de outubro de 1647. (*H. N.*)

açúcar do que tomar espaço em navios particulares, para maior incômodo e prejuízo da Companhia. Terceiro, que nunca viera ao nosso conhecimento que o navio Ter Veere, carregado de açúcar, havia chegado ao seu destino, procedente de S. Tomé, e que caso disto tivéssemos sido avisados, talvez tivéssemos resolvido de outro modo, e que, francamente, era sua própria culpa deixar-nos sem aviso, sem falar de outras queixas amargas que tínhamos a fazer acêrca de outros assuntos. Quarto, que quando precisávamos de alguns navios para serem empregados na costa, a serviço do país e da Companhia, não podíamos proceder a uma escolha no carregamento, tendo que regular-nos pela situação do momento, pela capacidade dos navios e pela compra mais vantajosa dos carregamentos, não nos sendo lícito esperar pelos navios de uma ou outra Câmara. Sirva como exemplo "T. ' Wapen van Alcmaar" (98), despachado para a Bahia antes da minha partida; solicitava por isso não quisessem S. Ex.as recriminar-nos por isto nem pensar que tivéssemos qualquer intenção de prejudicar alguma das Câmaras, mas que só queríamos prestar serviços à Companhia em geral e livrar as Câmaras, enquanto possível, de despesas inúteis. Recomendei, em seguida, que continuassem enviando socorros e, principalmente, que fizessem com que os restantes 1.350 recrutas fôssem aceitos para serem enviados nessa esquadra, ao que responderam que por ora isto não era possível, mas que ficaria para o fim do ano. Solicitei também que quisessem mandar cêrca de 1.000 ou 1.500 marmitas com asas, de mais ou menos 2 litros de líquido, para comodidade dos soldados, já que não as possuíamos, sendo os soldados muitas vêzes obrigados a comer a sua ração crua, o que causava não pequeno dissabor. Fiz ver ainda que os da Zelândia haviam concordado em mandar mais 500 auxiliares nessa esquadra, e pedi também que S. Ex.as se dignassem dar-me comissários a fim de poder deliberar com êles. Êles aceitaram a proposta solicitando que comparecesse à Câmara às 9 horas da manhã. Em seguida, nos despedimos.

De alguns diretores soubemos que havia grande descontentamento nas Câmaras com respeito às nossas cartas, que as mesmas não eram bastante extensas nem circunstanciadas, parecendo que eram forjadas superficial e apressadamente pelo secretário, e enviadas como extrato de apontamentos. Exemplo dos navios de Witte Hoop (99) e de Saijer, vindo de Angola, ao que eu rebati demonstrando o contrário. Diziam-me que particulares e outras pessoas tinham conhecimento das nossas resoluções em praça pú-

(98) V. 4 de setembro de 1647. (*H. N.*)
(99) 4 de setembro de 1647. (*H. N.*)

blica e nas feiras, e que avisávamos aos nossos amigos antes de o fazer aos diretores (100).

Têrça e quarta-feiras, 19 *e* 20 *de novembro*

Nada aconteceu neste intervalo, apenas estive com os da tesouraria (Rekenkamer) do nosso Estado Geral e entreguei aos Srs. comissários em Haia os papéis e nótulas, discorrendo sôbre êles e explicando-os detalhadamente a S. Ex.as, com o que se mostraram muito satisfeitos pois era o que desejavam há muito tempo. Solicitavam que se continuasse nesse pé. Insisti também muito junto dos mesmos Srs. contadores nos nossos pagamentos particulares atrasados, e êles apresentaram suas desculpas e prometeram que jamais ficariam em falta quando recebessem, conforme lhes fôra prometido, aquilo que afetava à contadoria relativamente aos navegantes para as Índias Ocidentais; que nisto estivéssemos confiantes. Da mesma maneira insisti junto aos diretores no sentido de que estivessem preparados para mandar uma considerável soma de dinheiro com esta gente e com esta esquadra, e mostrei-lhe a situação da nossa caixa, conforme os livros e relatórios do contador-geral, fazendo ver também que tínhamos diàriamente grandes despesas que, necessàriamente, deviam ser pagas à vista, para o que não tínhamos absolutamente provisões e rendas. Os diretores lamentaram também os desmandos do inspetor-geral da comarca de Hodenpijl e a única explicação possível era que êle fôsse um homem de má-fé.

Quinta-feira, 21 *de novembro*

Recebi uma missiva dos Srs. delegados de Haia, em que S. Ex.as solicitavam que eu fôsse quanto antes a Haia. Em vista disto, empreendi a viagem na mesma tarde, viajando de noite e chegando a Haia pela manhã.

Sexta-feira, 22 *de novembro*

Os Srs. delegados começaram a discorrer extensamente sôbre os negócios do Brasil e, finalmente, indagaram-me se não seria possível que eu embarcasse num dêstes navios. Reconheciam que era uma viagem cansativa e agradeciam aos Srs. presidente e conselheiros pelo cumprimento dos seus deveres, e pelo fato dêles tanto zelarem pelo bem comum. Contudo, sendo eu um moço sem encargo de mulher e filhos, confiavam que eu continuasse no bom cumprimento do dever e não me furtasse a esta viagem difícil. Com

(100) Uma velha queixa, já citada por Barléu. (*H. N.*)

isto prestaria um serviço excepcional aos Altos e Poderosos Senhores, que viam tal coisa com bons olhos, principalmente porque eu bem sabia como a minha presença era necessária no Brasil, sôbre a qual o presidente e os conselheiros haviam escrito com muita seriedade, solicitando que, assim que fôsse concedido o socorro, cujos componentes, graças a Deus, no momento já estavam organizados, S. Ex.as lhes remetessem, na primeira ocasião, a minha pessoa.

Ao que respondi que estaria pronto imediatamente, contanto que pudesse concluir a minha missão e que os Altos e Poderosos Senhores recebessem resoluções sôbre todos os pontos que eu lhes havia apresentado, conforme as instruções recebidas; ao que S. Ex.as me pediram que escrevesse os mesmos e os entregasse à Câmara presidencial, com a promessa de que seria dada plena satisfação ao presidente e conselheiros na primeira reunião dos XIX e que de tudo seriam informados imediatamente, e que sem perda de tempo eu fôsse a Amsterdão para preparar-me, e, caso não me ficasse bem ir o almirante, no Mosa (101) estaria pronto o navio do capitão Foran e, na falta dêste, se estaria preparando na Zelândia o navio de Slieman (102), a fim de que eu pudesse fazer com êle a viagem. Deixei-os dizer tudo isto, mas não pude deixar passar a ocasião de mostrar aos Altos e Poderosos Senhores os incômodos experimentados pelo presidente e conselheiros em virtude dos maus pagamentos, com referência à sua hospedagem e tratamento; referi que na capitulação havia sido resolvido que precisamente cada seis meses poderiam êstes receber seu dinheiro na contadoria-geral da Companhia das Índias Ocidentais em Amsterdão, mas que até esta data nada se fizera neste sentido, o que nos causava grande descontentamento, pois num tempo e num país onde tudo era custoso e caro, tínhamos de lançar mão dos nossos próprios recursos para prejuízo nosso, consumindo-nos a nós mesmos, o que não convinha a nenhum de nós, e que mais tarde nunca poderíamos alegrar-nos com os resultados do nosso trabalho e difíceis serviços. Ao que responderam que a grande aflição em que a Companhia se encontrava, de algum tempo para cá, era a causa por que não tinham podido remediar tal situação, mas que os Altos e Poderosos Senhores, considerando bem êsses fatos, haviam creditado em favor de cada um de nós o que nos tocava, em provisão de seis meses, dêste novo subsídio; prometeram também que velariam no sentido de que tudo fôsse satisfeito prontamente e no tempo devido, e depois nos separamos.

---

(101) Naquele tempo, geralmente, se entendia por Mosa a enseada de Goeree. (*H. N.*)

(102) O navegante-comissário de que já se falou repetidamente. (*H. N.*)

Sábado, 23 de novembro

Pela tarde parti de Haia chegando a Haarlem às 8 horas da noite, e aí pernoitei.

Domingo, 24 de novembro

Cheguei pela segunda vez em Amsterdão, graças a Deus, pelas 11 horas.

Segunda-feira, 25 de novembro

Cheguei pela manhã à casa de Jan Alewijn, que então presidia, e solicitei a S. Ex.as quisessem convocar uma reunião. Esta se deu às 10 horas, estando presentes cêrca de onze pessoas. Foi-me concedida audiência e então comuniquei a S. Ex.as a ordem dos Altos e Poderosos Senhores que tinham resolvido e ordenado que eu houvesse por bem empreender a viagem ao Brasil, com a frota que agora estava pronta, no navio do almirante Witte Cornelisz, de With (103). Declarei que aceitara tal proposta e que quanto antes me prepararia para a viagem, a não ser que S. Ex.as entendessem o contrário; que, nesta hipótese, de boa vontade me submeteria ao critério dêles. Então o Sr. Alewijn, e o presidente, convidaram-me a entrar no recinto. Entrei novamente, e assim que tomei assento, o referido senhor respondeu-me que a resolução dos Altos e Poderosos Senhores agradava à reunião e que, a meu pedido, o comunicariam à Câmara do Mosa, a fim de se providenciar convenientemente o camarote antes da minha chegada.

Solicitei também que S. Ex.as quisessem ordenar aos comissários de aceitar todos os pontos que eu pretendera apresentar ao nobre Conselho dos XIX, caso o tempo o tivesse permitido, a fim de que se resolvesse e se dispusesse sôbre o mesmo na primeira reunião dos citados senhores do Conselho dos XIX. Isto dito, nos separamos. Foi-me comunicado na parte da tarde pelo Sr. *Blommaert* (104) que S. Ex.as os Srs. van *Baerle* (105), le Schoor e Altingh haviam sido nomeados comissários, a fim de deliberarem comigo. Depois do que, no dia seguinte, sendo

---

(103) O almirante Witte Corneliszoon de With é autor não só do Diário inédito citado por Naber, nas notas 79 e 130, como também do *Voor Looper van D'Hr. Witte Cornelissz de With Admirael van de West-Indische Compagnie* Nopende den Brasijlschen Handel. s. d. (1650). (*J. H. R.*)

(104) Trata-se de Samuel Blommaert (1583-1654), várias vêzes diretor da Companhia das Índias Ocidentais, como representante da Câmara de Amsterdão. Manteve ativa correspondência com Axel Oxenstierna, chanceler da Suécia, a propósito dos negócios das Índias Ocidentais, a qual foi publicada por G. W. Kernkamp, sob o título de «Zweedsche Archivalia» na revista holandesa *Bijdragen en Mededeelingen van het Historische Genootschap te Utrecht*, 1908, 29, p. 3-196. (*J. H. R.*)

(105) Gaspar Barléu. (*H. N.*)

Têrça-feira, 26 de novembro

começaram as deliberações, as quais prosseguiram antes e depois do meio-dia, até

Quarta-feira, 4 de dezembro

Antes do meio-dia em reunião plenária dos diretores fiz minhas despedidas agradecendo muito a S. Ex.as a cortesia e amizade (embora nunca me tivessem oferecido uma gôta de água, e muito menos de vinho), e recomendando muito as coisas gerais e manutenção de socorro e de dinheiro, o que êles me prometeram observar com todo zêlo.

Tôdas as vêzes que discorremos sôbre os negócios do Brasil o fizemos sumàriamente e o mais essencial foi anotado pelos Srs. comissários, a fim de ser ampliado mais tarde, conforme S. Ex.as diziam, e entregue aos Srs. diretores. Notando porém que o tempo era escasso, quiseram que eu escrevesse tudo distintamente, o que comecei sem terminar porque fui chamado antes a Haia, com ordens de ir com minha bagagem para Roterdão e de empreender a viagem, de modo que então tudo ficou nesse pé. Todavia, estando ainda em Roterdão, não deixei de escrever sumàriamente todos os pontos de importância e de enviá-los a S. Ex.as, com o pedido de que quisessem examinar tudo e comunicar quanto antes ao Govêrno a salutar resolução de S. Ex.as (106).

Em seguida, solicitei também que S. Ex.as tomassem o cuidado de que fôssem, em tempo, considerados todos os pontos por mim apresentados aos comissários, na Contadoria, o que S. Ex.as aceitaram, a fim de serem tratados na primeira reunião dos XIX, e de se transmitir quanto antes a resolução tomada.

Recomendei também as mil marmitas (107) para uso dos soldados, que deviam ser mandadas na primeira ocasião, o que também aceitaram.

Pedi outrossim uma explicação acêrca da sua intenção com respeito às cargas de cidadão livre, já que tínhamos apresentado bilhete sem que quisessem transportar as nossas cargas, e prometeram escrever sôbre isto ao Govêrno.

Queixei-me também do mau pagamento dos salários dos respectivos senhores, alegando os exemplos de Hoorn e Enchuysen; prometeram, para o futuro, pôr ordem nessas coisas.

---

(106) Êste parágrafo todo encontra-se no livro de Haecxs numa fôlha solta. Quanto ao assunto, êle continua nas páginas 131-134 e em 5 de dezembro volta à página 121. Ao fazer-se a cópia, restabeleceu-se a ordem exata. (*H. N.*)

(107) V. 18 de novembro de 1647. (*H. N.*)

Entreguei a lista de algumas miudezas e presentinhos para serem dados aos tapuias e brasileiros, e êles prometeram enviá-los na primeira ocasião.

Requeri também que me fôssem entregues tôdas as faturas de mercadorias embarcadas, que iriam nesta esquadra, como também uma declaração do cumprimento da minha missão, e igualmente as missivas destinadas ao Alto Govêrno do Brasil.

Quanto ao primeiro pedido, referente às faturas, declararam que era impossível, já que não lhes tinham chegado ainda as das outras Câmaras; quanto ao segundo, referente à declaração, transmiti-lo-iam aos comissários, da parte dos XIX, que agora estavam reunidos em Haia; e quanto às missivas, disseram que as fariam chegar às minhas mãos ou que as entregariam aos capitães ou navegantes. Queixei-me, em seguida, da precipitação na minha partida, pois, apesar de ter feito viagem tão difícil na vinda, ainda devia partir, agora, no meio do inverno. Ao que me responderam que êles reconheciam serem tais viagens realmente penosas, mas confiavam que eu estivesse disposto a empreendê-las ao serviço do País e da Companhia, razão por que solicitavam, nessa mesma ocasião, que eu aceitasse esta sem tristeza. Pedi mais uma vez que continuassem enviando tôdas as coisas necessárias, conforme as promessas feitas por S. Ex.as, acrescentando que eu teria preferido tratar pessoalmente de todos os assuntos que me haviam sido confiados. Ao que o Sr. Van Beeck perguntou, já um tanto irritado, se eu era de opinião que a minha presença poderia dar melhores resultados do que tôdas as intervenções dos Srs. comissários junto aos XIX, acêrca das solicitações feitas aos Altos e Poderosos Senhores. Contive-me, apesar desta ofensa, e respondi, sem me alterar, que eu confiava que os Altos e Poderosos Senhores e os Srs. diretores, caso fôssem instruídos oralmente e de modo completo por um dos seus fiéis servidores, que aqui tudo vira e vivera, poderiam resolver antes e melhor; e, uma vez que estávamos em perguntas e respostas, que eu pudera observar que alguns diretores em vários pontos não tinham pleno conhecimento da situação. Indaguei, além disto, o que achavam S. Ex.as acêrca do pôsto que eu devia ocupar junto ao almirante.

Declararam-me que o almirante durante esta viagem ao Brasil devia ser considerado como chefe da esquadra e que, chegado ao Brasil, êle deveria receber ordens do Alto Govêrno, do qual eu participava; por conseguinte, estando eu em missão extraordinária, só podia ser considerado como passageiro. Pediram-me que me contentasse com isto, ao que aqüiesci.

Inquiri, depois, sôbre o mineral que havia sido encontrado por Roelof Baro (108) e que viera comigo, ao que declararam que nêle nada se encontrara a não ser um pouco de chumbo, aliás pouco considerável.

Solicitei também que me restituíssem, segundo declaração, as despesas feitas e o dinheiro da viagem, o que me foi entregue na parte da tarde pelo Sr. Rijckert, importando tudo na soma de 119 florins.

Em seguida, agradeci a S. Ex.[as] por haverem feito chegar até nós víveres para o nosso uso, sem cobrarem o frete devido, e então nos despedimos, recomendando-me êles as suas mais recentes ordens aos Srs. presidente e conselheiros daqui.

Ao chegar em casa depois desta reunião, encontrei dois pregadores que me esperavam, Ds. Wittewrongel e Ds. Ruleu, que se diziam delegados da igreja de Amsterdão. Cumprimentaram-me e perguntaram-me pela situação da igreja aqui e, em face da resposta, agradeceram ao Alto Govêrno o zêlo e dedicação que até então tinham observado, pedindo que assim prosseguíssemos; recomendaram-me em seguida o envio de maior número de pregadores bons e edificantes e de consoladores de doentes, sugestão que aceitei, prometendo agir neste propósito com todo zêlo, e assim nos despedimos.

Vieram igualmente alguns rabinos acompanhados de comerciantes judeus, qualificados, em número de 7 ou 8, agradecendo também ao Govêrno pela proteção e manutenção da sua nação aqui, e pedindo que assim se continuasse. Despediram-se e, na parte da tarde, enviaram-me alguns confeitos raros, dos quais conservei alguns, devolvendo os restantes com os meus agradecimentos.

Quinta-feira, 5 de dezembro

(109) Pelas 3 horas, empreendi, em nome de Deus, a viagem a Haarlem. Começou então a cair uma geada tão violenta, que só a custo de muito esfôrço, rompendo e quebrando o gêlo, consegui chegar aí pelas 7 horas da noite. Depois do jantar em casa do Sr. José Coeijmans, parti para Haia às 11 horas da noite, em companhia dos Srs. Govert van der Raeck, Manuel Sprange e meu primo Andries Haecxs.

---

(108) Um descobridor muito previdente, de que Barléu já fazia menção. (*H. N.*) Roelof ou Roulox Baro é autor da *Relation du Voyage... au pays des Tapuies dans la terre ferme du Brésil*, traduzida do holandês para o francês por Pierre Moreau e publicada nas *Relations veritables et curieuses de Lisle de Madagascar, et du Brésil, avec l'histoire de la dernière guerre faite au Brésil, entre les Portugais et les Hollandais...* Paris, A. Courbé, 1651, p. 197-307. Esta Relação tem extraordinária importância etnográfica. (*J. H. R.*)

(109) Aqui se volta à p. 121 do manuscrito. Ver nota em 4 de dezembro de 1647. (*H. N.*)

Sexta-feira, 6 de dezembro

Depois de ter chegado em Haia pela manhã, tive às 11 horas audiência em reunião plenária dos Altos e Poderosos Senhores, e, depois de terminar o meu discurso e recomendar os negócios gerais, despedi-me, erguendo-se todos os senhores, que me deram a mão e me desejaram feliz viagem. Em seguida, segui viagem para Roterdão, onde cheguei na mesma noite, sem nada saber da minha gente nem da minha bagagem.

Sábado, 7 de dezembro

Naveguei com meu empregado o Mosa acima para Gouda, a fim de obter notícia da minha gente e dos meus bens, mas encontrei tanto gêlo nas águas que resolvi mandar pelo canal o meu empregado com uma guiga para Amsterdão a fim de colhêr informações seguras. Permaneci aquela noite em Gouda, onde, às duas horas da madrugada, foi-me enviado um expresso a cavalo pelo Sr. Raeck (110) com a notícia de que a bagagem e a gente haviam chegado em Roterdão; muito contente com isto, fui pela manhã, sendo

Domingo, 8 de dezembro

a cavalo outra vez para Roterdão, estando o tempo tão ruim que nem um cão sairia à rua e sem qualquer aparência de que o almirante poderia fazer-se ao mar com a frota, pelo que tardei até o dia seguinte.

Segunda-feira, 9 de dezembro

Já a ponto de navegar para bordo, recebi por um mensageiro expresso do Estado uma missiva escrita pelo Sr. Van Ecke, delegado da reunião dos Altos e Poderosos Senhores, do seguinte teor :

> Prudente, prezado, sábio, previdente, muito discreto e bom amigo, S. Ex.as os Altos e Poderosos Senhores ordenaram-me ouvir a V. Ex.a sôbre os seguintes pontos, os quais resolvi mandar-lhe por um expresso, a fim de que possa enviar pelo portador resposta escrita em lugar de uma notícia oral, pelo menos se a verdade a respeito fôr conhecida, a qual V. Ex.a não quererá ocultar a preço nenhum, conforme confiam os Altos e Poderosos Senhores. Desejo-lhe uma boa viagem, chegada e permanência felizes.
>
> Seu criado e amigo,
> H. V. Ecke
>
> De Haia, aos 7 de dezembro de 1647.

---

(110) Cf. 5 de dezembro de 1647. (*H. N.*)

Os pontos, conforme os recebi, juntamente com a citada missiva, eram textualmente os seguintes :

Memorandum para ser respondido pelo Sr. Hendrick Haecxs.

Primeiramente, se S. Ex.ª não sabe ou não se lembra que no mês de maio de 1642 foi comprada uma partida de óleo à razão de 26 *sous* por litro por Joost van Bullestrate (111) e Verdios de Moses e Israel da Cunha, judeus do Recife, e que êstes o venderam à Companhia por 28 *sous* por litro, e isto imediatamente, sem que passassem pelo armazém de Bullestrate; e também se S. Ex.ª em pessoa não quis fazer êste negócio, tendo-lhe vendido a mesma partida.

Se S. Ex.ª, depois que Joost van Bullestrate diante dos escabinos da cidade de Maurício declarara ter recebido uma certa importância de 3.700 florins por conta do Estienne Lancquier (112), tendo-a omitido no crédito da conta que exibiu, não havia respondido que a mesma lhe havia sido dada em veneração de seu pai e, tendo falado mais tarde com Bullestrate a respeito, que resposta obtivera S. Ex.ª do mesmo.

Por causa da sua condição de juramentado, se não tinha aconselhado Bullestrate a aceitar três caixas de açúcar de Martin de Couto.

As ações e má vida de Michiel Pietersen Schilders, como e de que modo a Companhia as havia atalhado, e como foi o seu fim e sua morte; quanto se tinha avançado nos dez mil florins do Castelo do Mar e como êle tinha parte nisso com o empreiteiro e se com efeito fôra escolhido para tomar a si o trabalho.

Diversas más ações de Gijsbert de With, conselheiro de justiça, que V. Ex.ª conhece, e das quais os Altos e Poderosos Senhores querem ser informados.

Também das más ações de van de Linge e o homicídio no forte Margarida. O que S. Ex.ª sabe a respeito.

Finalmente, porque Jacó van Luchenie (113) e Abrão de Vries, chegando ao Brasil, não puderam aí fazer os seus negócios junto aos Srs. presidente e conselheiros, segundo resolução e ordem dos Altos e Poderosos Senhores.

O que V. Ex.ª souber a mais, embora não seja mencionado aqui, desejam os Altos e Poderosos Senhores que o mande dizer por êste portador ao Sr. Ecke.

---

(111) Conforme se verá adiante, trata-se de um filho do conselheiro que recentemente se demitira. (*H. N.*)

(112) É citado mais uma vez; ver a resposta de Haecxs sob art. 2. (*H. N.*)

(113) Já citado em 15 de novembro de 1647; ver o art. 7 da resposta de Haecxs. (*H. N.*)

Escrevi imediatamente as seguintes respostas, mandando-as para Haia pelo mesmo mensageiro expresso do Estado :

Nobre, prudente, mui respeitável, sábio, previdente e mui discreto senhor :

Assim bruscamente, estando prestes a partir daqui para o navio do almirante, foi-me entregue pelo portador desta a missiva de V. Ex.ª datada de 7 dêste, referente às ações do Sr. Bullestrate, a fim de responder o que eu poderia saber a respeito.

Quanto a isto, direi de boa vontade a verdade, conforme a pude constatar com tôda certeza, e quanto ao primeiro artigo.

Art. 1

Sei muito bem que o azeite foi comprado no ano de 1642 à razão de 25 *sous* pelo jovem Bullestrate dos Aucoenjes (114) e que foi fornecido à Companhia por 28 *sous*, sem que pròpriamente possa precisar o mês.

Art. 2

Ouvi dizer dêsse homem ordinário que o filho do Sr. Bullestrate respondera a Estienne Lancquier, em reunião plenária dos escabinos, que os 3.700 florins lhe haviam sido dados em honra de seu *pai, como também que não tinha levado em conta os mesmos, sem* que pròpriamente me lembre que resposta recebi do Sr. Bullestrate.

Art. 3

Quanto ao depoimento referente às três caixas de açúcar de Martin de Couto, reconheço que lho aconselhei, e o referido Couto também me declarou que o seu filho mais nôvo aceitara igualmente duas; da terceira não tenho certeza.

Art. 4

A má vida e as ações vergonhosas de Michiel Pieters Schilders são tão conhecidas de tôda gente que não necessitam de uma declaração particular, sob correção. O nôvo Govêrno, chegando ao Brasil nesse ano, deixou-o continuar no seu cargo anterior, por falta de outro perito mestre de obras, mas vendo que, de acôrdo com muitos avisos, ia diàriamente de mal a pior, para grande prejuízo dos negócios da Companhia, eliminaram-no finalmente, tirando-lhe salários e hospedagem. Poucas semanas depois adoeceu e durante muito tempo estêve de cama em estado miserável, sendo quase devorado pelos piolhos, vindo a falecer, enfim, miseràvelmente. No Castelo do Mar, aceito por um certo Warnarts para reparos, pela

---

(114) Cunhas. (*H. N.*)

soma de 10 mil florins, êste mesmo Warnarts me declarou que avançou em 7 mil florins; mas que perdera os mesmos em outras obras da Companhia, sem que jamais quisesse confessar que Michiel Pietersen Schilders tivesse qualquer parte nisso.

Art. 5

Da pessoa de Gijsbert de With, conselheiro de justiça, ouvi dizer em geral que era um tanto interesseiro, mas não posso dar nenhum exemplo especial a respeito.

Art. 6

Da pessoa de Paulo de Linge circularam os mesmos rumores e, quanto ao homicídio que lhe é atribuído no forte Margarida, houve um certo murmúrio, a respeito, sem que sôbre isto jamais ouvisse quaisquer acusadores, já que tal se deu antes da chegada do nôvo Govêrno.

Art. 7

Abrão de Vries (115) nunca apareceu no Brasil durante o nôvo Govêrno, mas Jacó van Luisenich (116) estêve ocupado até a minha partida em longas suposições a respeito, antes que a entregasse e o Alto Govêrno deu ordem para examinar sua conta e de dispor acêrca da mesma conforme fôsse conveniente, mas estando as partes ausentes, já que se encontravam aqui no país, não se pôde tomar decisão a respeito, e a questão deverá ser enviada para cá. É o que sei destas coisas, porque nesse período pouco me preocupei com as ações dos regentes, uma vez que era negociante livre, permanecendo com isto

Nobre, prudente, mui respeitável, sábio, previdente, mui discreto senhor, inteiramente ao dispor de V. Ex.ª.

Roterdão, 9 de dezembro de 1647.

Têrça-feira, 10 *de dezembro*

Naveguei pela manhã com a minha gente e bagagem para Hellevoet, onde estavam ancorados o navio do almirante De With com os outros navios, mas, chegando a bordo, não encontrei ordem

(115) Um particular em Pernambuco que, como assegura Nieuhof, em companhia de um certo Pieter Verhagen e Joh. Greving, se teria dedicado especialmente à tarefa de tornar suspeitos os conselheiros demissionários: Hamel, Bas e Bullestrate. Ver Nieuhof, ob. cit., p. 228-234. (*H. N.*). Ed. bras. de Nieuhof, p. 323. Vide também a *Brasilsche Gelt-Sack,* 1647, traduzida por José Higino Duarte Pereira e publicada na *Rev. do Inst. Arq. e Geog. Pern.,* nº 28, 1883. José Higino atribui a autoria da «Bolsa do Brasil» a Abraham de Vries, Pieter Verhagen e Johannes Greving. (*J. H. R.*)

(116) Anteriormente é designado como Luchenie e, ao que parece, fazia parte da companhia de De Vries, citada na nota precedente. (*H. N.*)

nem dos Srs. diretores nem do referido De With de aceitar-me com a minha gente, conforme ficou dito; não obstante, convenci com boas palavras o secretário e lugar-tenente de De With a transferir a minha bagagem até a chegada do chefe. Êste, chegando ao navio no outro dia, convidou-me a viajar no navio do capitão Colster, mas, desculpando-me, respondi que tal não me era possível, já que S. Ex.as os Altos e Poderosos Senhores, S. Alteza e os delegados do Conselho dos XIX me haviam ordenado expressamente de viajar no navio Brederode do almirante, cujas ordens eu queria e devia cumprir, ao que êle me fêz certas demonstrações de cortesia, recebendo-me e alojando-me.

Quarta e quinta-feiras, 11 *e* 12 *de dezembro*

Fizemos preparar o nosso e os outros navios para, se Deus quisesse, fazer-nos ao mar com o primeiro vento; ao anoitecer de quinta-feira entrou o iate da Companhia Leeuwaerden em Goeree, relatando ao capitão Barent Cramer que tôda a nossa frota tinha saído de Texel e nos esperaria diante de Goeree.

Sexta-feira, 13 *de dezembro*

Levantamos âncora e navegamos para os baixios de Goeree, mas tivemos que permanecer aí, porque o vento parou; na parte da tarde vimos ancorar tôda a esquadra, procedente de Texel, bem em frente ao Mosa.

Sábado, 14 *de dezembro*

Na noite passada começou a vir uma tempestade do sul, e demo-nos por satisfeitos chegando a Hellevoet, onde pela tarde chegou até nós o iate Leeuwaerden, procedente do mar, relatando o que lhe havia sucedido diante de Schevelingen tendo já dois pés de água na embarcação, depois de correr grande risco de ser vencido pelo mar agitado e de perecer; não tinha visto nenhum navio da nossa esquadra e havia voltado com mêdo de derivar completamente para o norte.

Domingo, 15 *de dezembro*

Vento muito forte vindo do S.O. Ao anoitecer, já quase no escuro, entraram bem umas 30 velas em Goeree, entre grandes e pequenas, entre as quais sete que navegam para o Brasil. Esta tarde, despachei meu empregado Willem para Roterdão, a fim de solicitar aos Srs. diretores alguns víveres para o meu transporte, já que no navio nada se havia providenciado e, para o caso de uma recusa, entreguei dinheiro ao mesmo, a fim de comprar para mim de acôrdo

com a lista que lhe dei. S. Ex.[as] todavia enviaram o que figurava na lista.

Segunda-feira, 16 de dezembro

Vieram vários capitães ter comigo, queixando-se do mau estado das armas e a falta de pólvora e chumbo, como também do mau e inconfortável alojamento dos soldados e dos grandes incômodos de doenças e outros, que já se haviam originado; solicitaram que se pusesse ordem nisto, ao que resolvi percorrer todos os navios, com o coronel van Elst, a fim de fazer uma inspeção ocular e de examinar a verdade; fazendo-o na mesma manhã, encontramos tudo ainda em piores condições do que nos haviam relatado, razão por que levamos conosco uma parte das armas imprestáveis e, na mesma noite, resolvemos ir com as mesmas para Haia, a fim de mostrar tudo e de queixar-nos, onde de direito. Chegamos a 17 de dezembro, sendo têrça-feira, às 10 horas e, em reunião plenária de S. Ex.[a] os Altos e Poderosos Senhores, que encontramos reunidos em número competente, fizemos as nossas queixas (já que então não havia nenhum diretor em Haia, que pudesse ser notificado) e mostramos o fuzil exquisito, que tínhamos trazido como amostra, o qual êles observaram com grande indignação e quiseram que eu escrevesse o que tinha encontrado em cada um dos navios e entregasse êsse relatório na mesma manhã. Êste pronto, entreguei-o pelas 11 horas, sendo do teor que segue, e S. Ex.[as] os Altos e Poderosos Senhores agradeceram-me pelo bom e fiel cumprimento do dever e ordenaram que eu comparecesse às três e meia da tarde no Conselho do Estado, a fim de ser ouvido também acêrca desta matéria e, então, às 4 horas, receberia ordens mais precisas na reunião dos Altos e Poderosos Senhores.

"*Relatório* da constituição dos navios e do pessoal, destinados ao Brasil e ancorados diante de Hellevoet desde há dois dias, conforme os mesmos foram por nós encontrados, apresentado aos Altos e Poderosos Senhores em reunião plenária, em 17 de dezembro.

No navio "Eijkenboom" foram encontrados 10 doentes, sem barbeiro ou medicamentos e o pessoal, por estar muito apertado, é obrigado a dormir noite e dia no passadiço, o que causa grande descontentamento e perigo para a saúde; os mosquetes são em geral velhos e consertados.

No navio "Oliphant" os soldados têm fuzis, feito em parte de peças velhas, dos quais levamos umas amostras para Haia que mostramos a S. Ex.[as] os Altos e Poderosos Senhores, S. Alteza e o Conselho de Estado, sem que se desse aos soldados pólvora nem

chumbo; são ao todo 157 homens das companhias dos capitães Uijtenhoven e Liesma.

No navio "Den Steenoven" os fuzis são novos e bons, mas sem pólvora ou chumbo. Ao todo 167 homens, dos capitães van Ister e Coster, sem barbeiros ou medicamentos.

O navio "Castanjeboom" traz 150 soldados, dos capitães Liesma e Lambert Lamberti; só têm mosquetes velhos, sendo dos 150 apenas 20 bons, e há grande descontentamento entre os soldados por causa do mau alojamento.

No navio "T' Schaep" estão 142 homens dos capitães Panhusen e Mortier, têm mosquetes muito maus e nem todos montados, nem há chumbo para os mesmos, havendo porém pólvora. Desta arma trouxe algumas amostras para Haia.

No navio "Abbekercken" há 150 homens, dos capitães Van Ommeren e van Hem; têm apenas 100 mosquetes da mencionada qualidade.

No navio "De Jager" há 152 homens dos capitães Lefreve e Swefke, maus fuzis e muitos doentes, o que foi causado pelo apêrto, conforme ficou dito no navio den Eijkenboom.

Depois do almôço, no mesmo dia

Chegaram a Haia os Srs. diretores das diversas Câmaras, a fim de deliberar com os Srs. delegados dos Altos e Poderosos Senhores sôbre os negócios da Companhia das Índias Ocidentais; ficaram admirados de ver-me aí com tais queixas e não gostaram muito de haver eu me dirigido aos Altos e Poderosos Senhores sem disso lhes dar conhecimento, com as referidas armas imprestáveis e, embora eu alegasse várias desculpas, não se deram por satisfeitos. Vendo seu grande descontentamento, exprimi-me da seguinte forma : primeiramente, que S. Ex.as não deviam supor que me tivesse dirigido diretamente aos Altos e Poderosos Senhores em razão de algum ponto de vista particular; que nem de longe assim agira porque os quisesse desprezar, mas tivera necessàriamente de dirigir-me aos Altos e Poderosos Senhores porque nenhum dos diretores se encontrava em Haia e o tempo não permitia que aí esperasse por S. Ex.as, desde que, a qualquer momento, estávamos para nos fazer ao mar.

Que não queria que devido às vergonhosas armas caísse sôbre mim a maldição dos oficiais e soldados, fôsse por amor aos Srs. diretores ou de qualquer outra pessoa.

Que eu não podia responsabilizar-me nem diante de Deus, nem diante da minha consciência (conhecendo essas armas imprestáveis), pelo fato de levar o pessoal de encontro ao inimigo com as

mesmas, sendo assim causa da perda da vida de tantos homens bravos.

Que eu não duvidava de que convinha a S. Ex.as agradecer-me pelo fato de se abrirem os olhos aos Srs. diretores nessa emergência, a fim de que no futuro pudessem precaver-se contra tais fornecedores inescrupulosos. Finalmente, que eu também não podia assumir a responsabilidade perante os Srs. presidente e conselheiros, dos quais era delegado, e aos quais era obrigado a apresentar um relatório de tudo quanto acontecesse até a minha volta. Se bem que todos os motivos citados não fôssem bem acolhidos, ficou-se nisto.

Pelas 6 horas, compareceram na grande sala os Srs. delegados dos Altos e Poderosos Senhores, acompanhados dos seguintes senhores : o Sr. Van de Capelle, o Sr. van der Hoolck, o Sr. van *** (117) e do Conselho de Estado os Srs. van der Nieuborch e Brassert; representavam os Srs. diretores os Srs. De Laet e Schoonenborch, o conde de Delft, um burgomestre de Hoorn e um de Enchuysen, o advogado da Companhia, Rudolphii, além da minha pessoa e o coronel van Elst. Pelas 8 horas, depois de haverem discorrido extensamente acêrca de tudo quanto se referia ao assunto e de terem os Srs. diretores recebido, de vez em quando, fortes repreensões e reprimendas dos Srs. delegados, ficou finalmente assentado que, por enquanto não se efetuariam pagamentos aos fornecedores, antes que S. Ex.as os Altos e Poderosos Senhores fôssem melhor informados do negócio, e caso fôssem êles culpados, seriam castigados rigorosamente para exemplo dos outros. Ao que os senhores do Conselho do Estado, como os Srs. Nieuborch e Brassert, disseram que, relativamente aos mestres de armas, se devia proceder com cuidado, já que S. Ex.as tinham recibos dos diretores, nos quais êstes declaravam que as armas recebidas haviam sido feitas e encontradas de acôrdo com o contrato celebrado com os fornecedores, e que em cada arma fornecida se encontrava a marca do mestre, pela qual podia ser suficientemente conhecida. Tendo-se tudo passado desta forma, levantaram-se conjuntamente os Srs. delegados, agradeceram-nos pelo trabalho que tivéramos e pelo cumprimento do nosso dever, prometendo-nos que tudo seria pôsto em ordem e que as armas imprestáveis seriam substituídas, senão nestes navios, ao menos nos seguintes. Alguns senhores, como o Sr. Van de Capelle e o Sr. van der Hoolck, chamando-me a parte, asseguraram-me em seu próprio nome e em caráter particular que fôra singularmente agradável aos Altos e Poderosos Senhores

---

(117) Espaço vazio. (*H. N.*)

terem sabido dêsses fatos por meu intermédio. Com isto nos despedimos de todos que aí estavam reunidos e recebemos votos de boa viagem e saudações para os respectivos senhores daqui, dirigindo-nos logo à sala de S. Alteza que, tendo-se demorado algumas semanas na terra de Cleve, chegara nessa tarde a Haia. Obtivemos audiência por volta das 9 horas e S. Alteza, depois que examinou atentamente as referidas armas, mostrou-se bastante perturbado, desejando que as mesmas aí ficassem, com promessa muito séria de que no dia seguinte êle compareceria pessoalmente em reunião plenária dos Altos e Poderosos Senhores para pôr tudo em ordem e, se ainda fôsse possível, faria encomendar outras armas em lugar destas, castigando os mestres convenientemente, de acôrdo com os resultados do inquérito; e ordenou-nos expressamente que notificássemos o Alto Govêrno no Brasil e tôda a oficialidade acêrca da boa intenção de S. Alteza. Gratos por êste tratamento amigável da parte de S. Alteza (que nos assegurou que esta nossa viagem e notificação lhe haviam sido sumamente agradáveis), despedimo-nos com grande respeito; durante todo o tempo da nossa permanência na sala de S. Alteza conservamo-nos de cabeça descoberta e em pé, tendo êle nos conduzido até a porta.

Pela meia-noite, com vento N.E., empreendemos a viagem para Hellevoet num correio, onde chegamos a 18 de dezembro, dando tôda a satisfação possível aos capitães (118).

Sexta-feira, 20 de dezembro

Com vento S. e tempo nublado, resolvemos ir para bordo pelas 11 horas da manhã.

Sábado, 21 de dezembro

Ao anoitecer, recebemos a bordo um expresso, procedente de Hellevoet, da parte dos comissários enviados pelos Altos e Poderosos Senhores para inspecionar os navios, a saber o burgomestre Van der Dussen, Martinii, Schoonenborch e Ten Hove; dirigi-me imediatamente para a terra, e ao chegar junto dos referidos senhores soube que S. Ex.as os Altos e Poderosos Senhores e S. Alteza houveram por bem, em conseqüência da nossa queixa, delegar êstes comissários, a fim de que procedessem a uma inspeção ocular de tudo, o que foi feito imediatamente.

Domingo, 22 de dezembro

Acompanhei os senhores comissários a todos os navios e os examinamos, achando-os em condições ainda muito piores do que

(118) Das tropas embarcadas. (*H. N.*)

eu havia dito no relatório de 16 de dezembro aos Altos e Poderosos Senhores e a S. Alteza.

Segunda-feira, 23 de dezembro

Fizemos levar para a terra uma boa porção das armas, a fim de experimentá-las, convidando os Srs. comissários para assistir à prova, mas êles recusaram, alegando que para tal não tinham ordens; continuamos porém com a experiência e chegamos à seguinte conclusão :

"62 mosquetes rebentaram à primeira prova e foram enviados para Haia com os Srs. comissários;

"Dentre as 900 peças que antes haviam sido experimentadas e aprovadas, e que foram novamente carregadas com uma medida de pólvora grossa e com uma bala 46 igualmente rebentaram, como se pode ver no caixão, no qual as mandamos aos nobres Srs. diretores junto com os pedaços de mosquetes quebrados, a fim de mostrá-los aos Altos e Poderosos Senhores e a S. Alteza, ficando conosco uma boa quantidade, dos quais alguns tinham o cano rebentado e as caçoletas em pedaços, ou danificados de outros modos, mas que confiamos possam ser reparados de algum modo no Brasil; comprovamos também que muitos dos mosquetes experimentados tinham as culatras em duas peças coladas, que nos países quentes provàvelmente descolarão e, por conseguintes, serão imprestáveis para o uso.

Dos fuzis, muitos foram encontrados impróprios, e 45 peças, que eram de todo imprestáveis, foram entregues aos Srs. comissários; além disto, levamos 25 peças, que esperávamos pudessem ser reparadas no Brasil, sendo êstes fuzis encontrados num total de 180 peças.

Dos sabres apenas um entre 4 que serve para ser empregado contra o inimigo".

Têrça-feira, 24 de dezembro

Os senhores comissários voltaram para Haia, e embora fôssem convidados pelos principais oficiais para assistir à experiência das armas, coisa em que também eu insistia sèriamente, recusaram-se, dando como resposta que não tinham ordens para tal.

Quarta-feira, 25 de dezembro

Enviamos pela manhã um expresso com missivas dirigidas aos Altos e Poderosos Senhores, S. Alteza e o nobre Conselho dos XIX, nas quais relatávamos o que se tinha passado com os comissários,

o que se tinha achado nos navios e o estado das armas, enviando também aos comissários cópia no seguinte teor :

"Altos e Poderosos Senhores,

Ouvimos com singular satisfação que, em conseqüência das nossas queixas, V. Ex.as tiveram por bem enviar para cá os Srs. Van der Dussen, Martinii e dois senhores diretores que, à sua chegada, fizeram chamar-nos do navio do almirante De With para a terra e nos patentearam a boa intenção de V. Ex.as, os Altos e Poderosos Senhores.

Depois do que navegamos, no dia seguinte, em direção a todos os navios, encontrando o mísero alojamento dos soldados em estado realmente lamentàvel. Fizemos todo o possível para reparti-los pelos diversos navios, mas encontramos pouco ou nenhum lugar, já que todos êles estão mais do que cheios e, embora todos os dias já morram algumas pessoas, é entretanto de se receiar que venham ainda a desfalecer aos poucos (em vista dos incômodos já sofridos), pelo que não pouco se enfraquece a nossa fôrça. Os Srs. diretores fizeram com que todos os navios, onde faltavam barbeiros ou medicamentos, fôssem providos de modo conveniente para a viagem, o que já causou grande contentamento ao pessoal.

Quanto às armas, como mosquetes, fuzis e, principalmente, sabres, foram encontrados muito piores do que nós mostramos a V. Ex.as; os coronéis presentes, não querendo expor-se a si e a suas tropas com tais armas, fizeram levar as mesmas dos navios para a terra, fizeram carregá-las com uma única medida de pólvora e com uma bala, como se fôssem empregá-las contra o inimigo, e convidaram os Srs. comissários para assistirem à experiência; mas já que S. Ex.as disseram que não tinham ordens para tal, o mesmo foi feito sem a assistência de S. Ex.as e, entre tôdas, rebentou a quantidade que está especificada na lista anexa e, ao mesmo tempo, ficou resolvido lembrar a V. Ex.as, os Altos e Poderosos Senhores, que talvez nos outros navios, que estão na nossa frente, as condições do pessoal e das armas imprestáveis sejam relativamente as mesmas daqui. Os mestres ou fornecedores das armas alegam como desculpa que o prazo da encomenda foi muito breve e que, além disto, a maior parte do trabalho teve que ser feita nestes dias curtos, à noite e à luz de velas, e que por isso não sòmente êles, mas também todos os outros mestres, que para isto foram contratados, devem ser culpados neste ponto. Também teria sido lamentável (se não tivéssemos reparado nestas falhas), que estas armas imprestáveis causassem a perda da saúde, do corpo e da vida de muito homem valente.

Desejamos que os mosquetes rebentados, que enviamos, fôssem trocados por fuzis bons, mas se o tempo o não permitir, já que a qualquer momento pode começar a soprar bom vento, queremos pedir e suplicar com tôda sujeição a V. Ex.as, que queiram continuar nas suas boas disposições costumeiras e ordenar que tôdas as falhas, não sòmente as de que tratamos mas também tôdas as outras, sejam reparadas com os navios seguintes, a fim de que assim a resolução salutar e a boa intenção de V. Ex.as sejam postas em prática. Nós, do outro lado, não faltaremos, mas com o bom cumprimento do dever mostraremos por obras que somos e permanecemos

de V. Ex.as Altos e Poderosos Senhores

Servos fiéis e dedicados.

Hellevoet, 25 de dezembro de 1647.

Estava assinado por

Witte Cornelisz. de With
Cornelis van der Brande (119)
Henr. Haecxs
V. Elst (120).

Quinta-feira, 26 de dezembro

Com o Almirante Witte Corneliszoon de With navegamos para o navio (chamado "Brederode") e, por volta das 2 horas da tarde, levantamos âncora, sendo ao todo 9 fustas, 2 fragatas e um galeão destinado ao Brasil, e cinco outros navios, que iam para a França e, pelas 5 horas, estávamos no mar; o referido navio traz montadas 26 peças de metal, 25 de ferro e leva 276 almas.

Sexta-feira, 27 de dezembro

Até a tarde não havia vento; em seguida, começou a ventar do norte, sendo o nosso rumo S.O. para O.; de noite navegávamos sôbre Haijsant (121) em 8, 9, 10 e 11 côvados de água.

Sábado, 28 de dezembro

Tempo muito calmo, começando todavia a ventar do sul às 9 horas; avistamos na parte da tarde Dovres e Calais. Ontem havíamos dado ordem ao Drente de fazer fogo, mas hoje o não percebemos. Sendo a vasante da maré muito forte de noite, achávamo-nos

---

(119) — (120) Ambos coronéis das tropas embarcadas. (*H. N.*) Martin van Elst. (*J. H. R.*)

(121) Um baixio no Mar do Norte que não me é conhecido. (*H. N.*) Literalmente: Areia de tubarão (fr. Agost.).

bastante atrasados e, por conseguinte, lançamos a âncora atrás de Noort Voorlant, a 2 milhas da costa, em 12 côvados.

Domingo, 29 de dezembro

Vento S.O.. Aproximaram-se de nós os iates "Drente" e "Leeuwarden" e uma fusta "Blauwe Leeu", relatando que haviam deixado duas das nossas fustas em Duijns.

Segunda-feira, 30 de dezembro

Vento S.O. e nenhum avanço; na parte da tarde vieram a bordo o capitão Panhusen e o seu comandante. O capitão se queixava de que o comandante só dava carne podre, mal-cheirosa e bacalhau, mas que jogava fora muita carne estragada; foi ordenado ao comandante que fornecesse convenientemente, conforme a carta de racionamento, e que não jogasse fora quaisquer víveres, sem nô-los mostrar antes; o que êle aceitou, com a declaração de que esta queixa lhe era desagradável, mas que os seus armadores, que tinham fornecido os víveres, eram os culpados.

Têrça-feira, 31 de dezembro

Vento forte do S.O. para S. e nenhuma aparência de avanço provável.

Quarta-feira, 1 de janeiro de 1648

Vento O. Foi dado sinal para fazer-nos à vela, na esperança de alcançar Duijns (embora contra as ordens dos Diretores) e de aí prover-nos de água; mas, uma vez navegando, o vento tornou-se tão forte, que nos demos por satisfeitos podendo lançar âncora novamente.

Quinta-feira, 2 de janeiro

Vento S.O. com tempestade. Veio até nós o comandante do navio "Leijden" de Duijns, que recebera para isso ordem juntamente com o outro navio que estava ao seu lado em Duijns.

Sexta-feira, 3 de janeiro

Forte tempestade do S.O., que nos obrigou a encolher as velas e soltar os cabos da âncora; na parte da tarde voltou a calma, sendo o vento N.O. Fizemo-nos à vela com tôda a frota e, antes do escurecer, avistamos Dovres e Calais. Por volta de meia-noite vento S. e usamos a vela da mesena.

Sábado, 4 de janeiro

Vendo que nada podíamos adiantar com vento contrário, tempo escuro, neblina e mar agitado, fomos obrigados a voltar e, embora tivéssemos ordem de evitar Duijns, consideramos por outra parte o perigo da longa e escura noite, a fim de assim fugir a um mal maior. Finalmente, lançamos a âncora em Duijns, às 4 horas.

Domingo, 5 de janeiro

Vento acompanhado de forte temporal.

Segunda-feira, 6 de janeiro

Vento e tempo como antes. Os barris vazios foram enviados à terra para serem enchidos de água, voltando a bordo à noite.

Têrça-feira, 7 de janeiro

Vento S., tempo agradável. Vieram queixar-se vários comandantes e oficiais que o pessoal em quase todos os navios desfalecia sem mais nem menos, morrendo sùbitamente, principalmente no navio "Den Getrouwen Herder", que só tinha 60 soldados a bordo, dos quais 28 já estavam de cama, sem terem cirurgião ou medicamentos. Enviamos para lá o doutor e cirurgião do nosso navio e antes organizamos tudo do melhor modo possível; nesse dia também se foi buscar um pote de água. Na parte da tarde veio um grande navio inglês, procedente do rio, atravessou por entre os navios da nossa esquadra e, sem nada dizer, afastou-se novamente. Não podíamos saber qual a sua intenção. Apenas nos relataram aquêles que tinham ido buscar água que, em terra, corria o boato de que nós queríamos ir para Wicht, com a nossa esquadra, em assistência ao Rei, o que nos fêz refletir e avisar todos os capitães no sentido de estarem de sobreaviso.

Quarta-feira, 8 de janeiro

Vento S.O. com tempo razoàvelmente agradável. Fomos buscar água pela última vez e, como se observou que os soldados preferiam ser sufocados pela sujeira e pelo mau cheiro a conservar-se limpos, deram-se ordens terminantes a todos os comandantes e oficiais no sentido de fazerem lavar os navios de 3 em 3 dias, purificando-os com um pouco de vinagre.

Quinta-feira, 9 de janeiro

Vento e tempo como antes. Um galeão, que se destinava a Wicht e que partira há seis dias da Zelândia, comunica-nos que

com êle haviam partido mais cinco navios (122) para o Brasil e que, em conseqüência do mau tempo, estavam ancorados atrás de Noort Voorlant. Hoje também foram aceitos 8 belos soldados inglêses, aos quais se deu um adiantamento de dois meses.

Sexta-feira, 10 *de janeiro*

Na noite passada houve forte ventania, de modo que tivemos de recolher as velas no nosso navio; alguns outros navios se desgarraram das âncoras, mas durante o dia o vento acalmou mais; por volta de meia-noite já o vento era completamente O., havendo forte tempestade que durou até o amanhecer.

Sábado, 11 *de janeiro*

Continuação da tempestade.

Domingo, 12 *de janeiro*

Vento e temporal continuam os mesmos.

Segunda-feira, 13 *de janeiro*

Vento como dantes, mas o tempo estava mais calmo, de modo que despachamos um galeão para Noort Voorlant, para colhêr informações acêrca dos cinco navios zelandeses (123) e, encontrando-os, fê-los chegar para junto de nós.

O piloto da fragata "Drente", em conseqüência de delitos cometidos, foi condenado pelo Conselho Naval a cair três vêzes da verga, a receber cem chicotadas nas calças molhadas, a ser destituído do seu cargo e a pagar 10 florins de multa, e a pena começou a ser executada imediatamente.

Daí por diante vieram tantas queixas de todos os oficiais e de todos os navios, de não estarem bem acomodados e bem tratados, que já se tornava insuportável. Um queixava-se da falta de medicamentos, outro do mau cheiro do alimento, outro ainda do mau cheiro da água, etc. Principalmente os navios "Den Steenoven", "Eijkenboom" e "Trouwen Herder", com carregamento de Claes Gerb, de Hoorn, tinham já alguns dêles 8 a 10 mortos, que eram lançados ao mar; um tinha 38, outro 30, e o terceiro 23 doentes e, visto que alguns dêles já estavam a bordo a 8, 10, 12 e 15 semanas, tinham consumido tôda a cerveja. Eram obrigados neste frio extremo a beber água e desde que os navios não estavam providos de vinho ou aguardente, já se pode prever qual será o resultado. O médico, chamado Jacó Thierens, queixa-se também de que seus

(122) Vide 13 de janeiro de 1648. (*H. N.*)

próprios medicamentos, levados para seu uso (e que eu suponho terem sido poucos), já estão consumidos. Em resumo : fêz-se com que, de alguns navios, em que existiam caixas de medicamentos, se distribuísse o mais necessário e assim foram satisfeitas as necessidades mais prementes. Convidou-se também o coronel Van den Brande (124) a visitar todos os navios com dois majores e alguns capitães, a fim de providenciar que êstes fôssem lavados e limpos, porque desta negligência advêm as citadas doenças e males. Breve, querendo levar esta gente limpa para o matadouro, não haveria método melhor do que êste.

Têrça-feira, 14 *de janeiro*

Durante a noite vento N.O.; por meio de um tiro de canhão fêz-se sinal e, ao amanhecer, levantando as âncoras, fizemo-nos ao mar com as nossas 50 velas. Entre estas havia alguns navios parlamentares, dos quais um à noite deu um tiro real, e que nos fêz esperá-lo, colocar todo o pessoal sob as armas e levar as peças para bordo. O inglês, depois que o esperamos por mais ou menos meia hora, passou-nos e deu ordem : Saudação ao Rei da Inglaterra, ao que imediatamente fizemos descer a grande vela da mesena a meio-pau e subir novamente ao tôpo, e assim continuamos viagem durante essa noite junto com os outros.

Quarta-feira, 15 *de janeiro*

De manhã nos encontrávamos na ponta oriental de Wicht; fizemos atravessar o iate "Leeuwarden", a fim de colhêr informações acêrca dos nossos navios. Os inglêses, vendo que íamos além de Wicht, afastaram-se de nós e voltaram; ao anoitecer, vimos Poortland e bem uns 20 navios que vinham de Wicht, mas não podíamos comunicar-nos com êles; sòmente um navio que fazia a rota do Canal, adiantando-se mais, comunicou-nos que entre êles havia 5 navios de guerra e 7 fustas da nossa esquadra, ao que diminuímos as velas e com velas pequenas rumamos nessa noite em direção O.S.O., sendo o vento E.N.E.

Quinta-feira, 16 *de janeiro*

Nesta manhã a nossa esquadra aumentou de 33 velas, já que o vice-almirante (125) com mais três navios de guerra, três fra-

---

(123) Vide 9 de janeiro de 1648. (*H. N.*)

(124) Vide 25 de dez. de 1647. (*H. N.*)

(125) Quem teria sido ? Provàvelmente, Hauthain, do qual ficamos sabendo em 22 de abril de 1649 que foi enviado para a Holanda e do qual sabemos por outra fonte (V. Supl. *II*) que voltou da Holanda com uma frota auxiliar em maio de 1650. (*H. N.*)

gatas, seis navios de transporte e dois galeões se juntaram a nós e, depois de cada um dêles ter apanhado em nosso navio sua carta de sinais, continuamos a navegar juntos com tempo bonito e vento N.E.; à noite, avistamos Lezard ao O.N.O.

Sexta-feira, 17 *de janeiro*

De manhã avistamos a ponta da Inglaterra; tempo bonito com vento fresco do N.E., rumo S.O. Ao anoitecer, avistamos bem umas 25 velas à nossa frente e, chegando perto, verificamos tratar-se dos navios que tinham ido buscar sal e que haviam saido conosco de Duijns.

Sábado, 18 *de janeiro*

Tempo muito calmo; mar do N.O.; balançávamos muito. Altitude de 48 graus e 34 minutos. Aproximou-se de nós o navio-transporte "Abbekercker", que deixara Goeree a 7 dêste.

Domingo, 19 *de janeiro*

Vento O.S.O.; rumávamos em direção E. Ao anoitecer, o vento era O. e o rumo S.

Segunda-feira, 20 *de janeiro*

Tempo feio com neblina, temperatura razoàvelmente fresca; rumo S.S.O. Não tínhamos altitude. Ao escurecer, um dos nossos navios estava dando muitos sinais luminosos e suspeitávamos da presença de um navio estranho; por isso colocamos todo o pessoal sob as armas e demos três salvas de canhão para aviso, mas no dia seguinte verificamos o contrário.

Têrça-feira, 21 *de janeiro*

Muita neblina e mar agitado do O.S.O., de modo a avançarmos pouco.

Quarta-feira, 22 *de janeiro*

Continuação da neblina e calmaria; depois do meio-dia, vento sul, rumo O.S.O., altitude 45 graus e 12 minutos; ao anoitecer, vento completamente S.E. e, durante essa noite, rumávamos em direção S.O., com temperatura fresca e tempo agradável.

Quinta-feira, 23 *de janeiro*

Tempo bonito e agradável, vento S.E., rumo S.O. para O., altitude 44 graus e 40 minutos.

Sexta-feira, 24 de janeiro

Vento S.O.. rumo O.N.O., com temperatura bastante fresca; ao anoitecer, recolhemos as velas da mesena e começou vento forte.

Sábado, 25 de janeiro

Forte temporal, de modo que recolhemos joanetes e bujarronas e navegamos com velas pequenas. Só avistávamos 20 dos nossos navios.

Domingo, 26 de janeiro

Continuação do temporal e do vento; ao *** (126) o tempo acalmou de repente, mas na noite seguinte continuou o temporal.

Segunda-feira, 27 de janeiro

Continuação do mesmo tempo e vento; navegamos com uma só vela.

Têrça-feira, 28 de janeiro

Continuação do temporal e só avistávamos 15 navios, a maior parte dêles sem vela.

Quarta-feira, 29 de janeiro

Em conseqüência da forte tempestade, estávamos em más condições e receávamos ser tragados a tôda hora pelo mar agitado; só avistávamos seis navios, dos quais alguns sem avarias. É o sexto dia que o pessoal não tem roupa enxuta no corpo, nem comida quente. Relampejava e chovia pedras.

Quinta-feira, 30 de janeiro

Continuação da forte tempestade, sem que se observasse a mínima modificação.

Sexta-feira, último dia de janeiro

Tempo extremamente mau, com granizo, relâmpagos e muitas chuvas. Avistávamos 9 dos nossos navios, todos com uma única vela.

Sábado, 1 de fevereiro

Ao amanhecer, contávamos ainda seis navios e começou tão horrível tempestade e temporal que receávamos perecer; por volta

(126) Falta uma palavra. (*H. N.*)

do meio-dia serenou, mas de noite começou outra tempestade com relâmpagos, granizo e chuva tão horrível que, marinheiros que durante 30 anos vinham enfrentando o mar, jamais haviam visto tal coisa; altitude 42 graus e 32 minutos; fêz-se oração em comum, pedindo salvação ao Senhor. Quase não se via diferença entre céu e água, mas tudo parecia misturado; hoje era o décimo dia que o pessoal estava molhado e sem trocar de roupa.

Domingo, 2 de fevereiro

Continuação da terrível tempestade e mau tempo do N.O., mas ao anoitecer começou a acalmar um pouco. Calculávamos ter retrocedido bem umas 30 milhas e estar a umas 14 ou 15 milhas do cabo Finisterra; de noite, havia vento forte, de modo que usamos só a vela pequena.

Segunda-feira, 3 de fevereiro

Vento N.O., rumo S.O., com as velas da mesena a meio-pau e altitude 42 graus e 30 minutos. Avistávamos dois pequenos navios que julgamos franceses.

Têrça-feira, 4 de fevereiro

Vento contrário com muitas chuvas de granizo e, fôsse qual fôsse a direção que escolhêssemos, o vento era sempre contrário e parecia que, por enquanto, não haveria vento favorável.

Quarta-feira, 5 de fevereiro

Tempo variável, por volta do meio-dia completamente parado e o mar bastante agitado.

Quinta-feira, 6 de fevereiro

Finalmente, vento bom do N.N.E., rumo S.S.O., com bom progresso.

Sexta-feira, 7 de fevereiro

Rumo e vento como antes, com tempo bom e agradável, altitude de 34 graus e 40 minutos. Por volta do meio-dia veio até nós o navio de Jacó Paulus, contando-nos por que perigos haviam passado nos dias anteriores.

Sábado, 8 de fevereiro

Tempo, vento e rumo como antes, altitude 36 graus e 9 minutos.

Domingo, 9 de fevereiro

Tempo muito bonito e agradável, mas pouco vento O.S.O., rumo S. Em conseqüência do céu encoberto, não tínhamos altitude.

Segunda-feira, 10 de fevereiro

Tempo bonito e agradável, mas pouco vento N.N.O. Rumo S.O. para S. Nesse dia, certo marinheiro que tinha arrombado o caixão de um soldado, roubando-lhe a ração de pão, foi condenado pelo Conselho Naval a cair três vêzes da verga e a receber, além disto, 100 chicotadas nas calças molhadas e a ficar acorrentado alguns dias, a qual sentença foi imediatamente executada; altitude 34 graus e 3 minutos.

Têrça-feira, 11 de fevereiro

Tempo muito bonito e agradável, vento O.N.O., rumo S.O. para S., altitude 32 graus e 40 minutos. Nesse dia voltei a sentir pela primeira vez a falta de ar e dores no peito, que antes tivera no Brasil.

Quarta-feira, 12 de fevereiro

Tempo muito agradável. Vento N.N.E., rumo S.O. para S., com temperatura muito fresca. Na parte da tarde, foram chamados os capitães e pilotos do Zutphen e Utrecht, a fim de concertar com os mesmos um rumo fixo e para saber quanto estávamos para E. coisa em que havia pouca discordância, e ficou resolvido continuar com velas pequenas nessa noite. Altitude de 30 graus e 30 minutos.

Quinta-feira, 13 de fevereiro

De manhã cedo, avistamos a bombordo, a três milhas de nós, o Forte Ventura, e demos duas salvas de canhão para aviso. Rumo S.O. para O., temperatura muito fresca; ao anoitecer, avistamos a terra alta de Canárias; vento N.E., rumo S.O. para S., com uma bujarrona. Altitude 28 graus e 30 minutos e verificamos ter navegado 42 milhas nessas 24 horas.

Sexta-feira, 14 de fevereiro

Tempo bonito e agradável, vento do N.E. muito fresco. Rumo S.O. para S. Navegamos 47 milhas e a nossa altitude era de 26 graus e 5 minutos.

Sábado, 15 de fevereiro

O mesmo tempo bonito e o mesmo vento. Navegamos 42 milhas; passamos nesse dia o trópico de Câncer. Eu sentia fortes dores de cabeça. Altitude 23 graus e 30 minutos.

Domingo, 16 de fevereiro

Continuação como antes. Altitude 21 graus. Por causa da forte dor de cabeça fiz uma sangria, o que causou considerável melhora. Na parte da tarde, o capitão e os pilotos do navio Utrecht receberam ordens de, assim que passarmos o grau 18, rumar em direção das ilhas de S. Vicente (127). Nessas 24 horas navegamos 48 milhas.

Segunda-feira, 17 de fevereiro

Vento e tempo bons como antes. Altitude 18 graus e 50 minutos. Navegamos 35 milhas nessas 24 horas.

Têrça-feira, 18 de fevereiro

Tempo encoberto, mas parado; por volta de meia-noite, íamos em direção O. De manhã, o navio Utrecht, que voltou quando o sol estava S.S.E. Altitude 17 graus e 50 minutos e navegávamos em direção O. para S., rumo às ilhas; ao anoitecer, tomamos rumo O.

Quarta-feira, 19 de fevereiro

Ao amanhecer, avistamos terra em nossa frente e, por volta do meio-dia, estávamos entre S. Vicente e Santo Antônio. A alguma distância da terra, ancoramos em 5 côvados de areia. Encontramos água razoàvelmente boa e apanhamos muitos peixes e alguns bodes.

Quinta-feira, 20 de fevereiro

Tôda a soldadesca foi conduzida à terra, para refrescar-se; o navio foi arrumado e provido de várias cargas que aí podem ser obtidas. Depois do meio-dia juntaram-se a nós mais cinco navios da nossa esquadra, a saber :

O "Blauwe Leeu", contando 31 mortos e um marinheiro morto, e mais 36 doentes, entre soldados e marinheiros; o capitão Valbuijker, morto; não tem além disso pilôto-chefe, o cirurgião está quase morto, e sem medicamentos. Êste pessoal, depois de ter es-

---

(127) As ilhas do Cabo Verde. (*H. N.*)

tado bem umas 6 semanas nas chatas, foi levado para bordo em 22 de novembro e está em más condições.

O "De Jager", 40 doentes, entre marinheiros e soldados, e dois mortos.

O "Bonte Koe" ainda está provido de tudo.

No "Het Wijnvat", há 24 doentes, entre soldados e marinheiros, e 12 mortos, entre os quais o cirurgião.

No "Oranjeboom", há 8 a 9 doentes e 12 mortos.

A má situação do capitão e pilotos, de que falei, foi aliviada quanto possível.

Sexta-feira, 21 de fevereiro

Juntou-se a nós o navio "Leijden", que tem 14 doentes e 2 mortos. Neste dia em terra foi morto um soldado a bala num incidente; em conseqüência, deu-se ordem de não atirar, sob pena de morte. Neste dia também a mulher de um sargento deu à luz um filho a que deu o nome de Vicente. Ao todo éramos então 277 almas no nosso navio.

Sábado, 22 de fevereiro

Já que o nosso pessoal ficava cada dia mais doente, seja pelo ar picante ou pela mudança da água, e já que agora também todos os navios estavam providos de água, ficou resolvido que (se Deus quisesse) havíamos de fazer-nos novamente ao mar a 24 do corrente e isto foi anunciado em terra por meio de bilhetes afixados e rufar de tambores.

Domingo, 23 de fevereiro

Depois de feita uma pregação em terra, todo o pessoal se dirigiu a bordo, a fim de partir no dia seguinte.

Segunda-feira, 24 de fevereiro

De manhã, pusemo-nos a navegar com dez navios e, ao partir, se nos juntaram dois galeões, que durante a forte tempestade se haviam desgarrado; todo o pessoal dêles ainda estava disposto e com saúde, mas o material estava muito avariado, no que foram por nós providos e, daí por diante, ficaram junto de nós. Ao partir de terra, deixamos aí uma carta, a fim de avisar os da nossa esquadra que chegassem mais tarde, dizendo que não demorassem muito aí por causa da má atmosfera. Da ilha de Santo Antônio recebemos uma partida de laranjas azêdas e um quarto de boi ou vaca. O navio Leijden bateu num escolho ao levantar a âncora e ficou balançando por mais de uma hora, e tendo sido livrado pela maré

cheia e pelo auxílio de outros navios, foi constatado que não vasava; conservação como esta só se dá com um entre mil navios pelo que demos graças a Deus.

Têrça-feira, 25 de fevereiro

Chegou o iate da Companhia Senegal, que deixara Vlissingen em 6 de dezembro; não tinha mais lenha e não dispunha senão de um barril de água; demos-lhe dois barris (128) de água e ordem de ir até S. Vicente, a fim de prover-se de lenha e água e de apressar a sua viagem.

Quarta-feira, 26 de fevereiro

Ao amanhecer, avistamos a ilha Bravo e a ilha do Fogo, a cêrca de 10 milhas a E. de nós. O vento era N.N.E., e rumo S. Altitude 14 graus e 26 minutos.

Quinta-feira, 27 de fevereiro

Tempo bonito com temperatura fresca, vento N.N.E., rumo S. Altitude 12 graus e 10 minutos. Neste dia vimos os primeiros peixes voadores.

Sexta-feira, 28 de fevereiro

Prossegue o tempo bonito. Vento e rumo, os mesmos. Altitude 9 graus e 50 minutos· Sentia aqui grande dor de cabeça; foram chamados para bordo uma parte dos capitães e pilotos e, deliberando-se com os outros acêrca do rumo a tomar, ficou resolvido navegar em direção S. para E., até passar o equador, e, ao anoitecer, os citados capitães voltaram para seus navios.

Sábado, último dia de fevereiro

Tempo bonito com temperatura muito fresca, vento e rumo como antes, altitude 7 graus e 36 minutos. Eu sentia dores de cabeça extremamente fortes.

Domingo, 1 de março

Continuação como antes, mas em conseqüência do tempo encoberto, não tínhamos altitude. Neste dia começou a ceder a minha dor de cabeça.

---

(128) No texto está *oxhoft* que se escreve também *okshoofd*. É uma medida equivalente a um grande barril de cêrca de 230 litros. (*J. H. R.*)

Segunda-feira, 2 de março

Tempo bonito e agradável, vento E.N.E., rumo S. para E. Em conseqüência das nuvens não tínhamos altitude, mas supúnhamos ter 4 graus e dois terços. Depois do meio-dia passou na nossa retaguarda o navio "Blauwe Leeu", comunicando que o comandante falecera e mais 38 pessoas entre soldados e marinheiros; e que 15 homens estavam gravemente doentes, o que foi causado pelo fato de o navio ter chegado havia pouco da Groelândia, estando de tal modo infeccionado pelo óleo (de baleia), que tôda esta pobre gente foi sacrificada. O almirante De With nomeou, em provisão, o pilôto como comandante e eu dei ordem ao superintendente de conservar fechado o depósito do navio, já que as mercadorias aí guardadas ficavam sob a sua responsabilidade, o que êle aceitou.

Têrça-feira, 3 de março

Tempo muito abafado e carregado, com grandes relâmpagos e fortes trovões. Estávamos novamente sem altitude, mas calculávamos 3 graus e dois terços. Vento E.N.E. Rumo S. para E. Depois do meio-dia, tempo muito variável.

Quarta-feira, 4 de março

Tempo variável, sem vento, muitas chuvas, trovões e relâmpagos; à noite, foram mandados para a frente os dois galeões, e, percebendo qualquer coisa, deviam içar duas luzes e dar duas salvas. Deu-se também ordem para prover de medicamentos o navio "Oranjeboom".

Quinta-feira, 5 de março

Vento e tempo como antes; altitude 1 grau e 17 minutos.

Sexta-feira, 6 de março

Vento fraco do S.E., rumo S.S.O. Altitude 53 minutos ao norte do equador, com muitas chuvas e trovoadas.

Sábado, 7 de março

Céu encoberto e sem altitude, vento e rumo como antes. Do navio Leijden veio a comunicação de que só contava com 4 marinheiros com saúde e por isso se servia dos soldados.

Ao anoitecer achegaram-se a nós os seguintes navios. O "Blauwe Leeu" queixava-se de que só tinha um marinheiro com saúde e que o capitão Cramer falecera.

O navio "'T Wijnvat" queixava-se de que o comandante e o pilôto estavam gravemente enfermos, e que o carpinteiro falecera.

Domingo, 8 de março

Na noite passada, graças a Deus, passamos a linha equinocial, com muitas trovoadas e chuvas, vento e rumo como antes. Na parte da tarde, altitude 1 grau e 40 minutos ao sul do equador.

Segunda-feira, 9 de março

Esta noite não havia vento; ao amanhecer, vento do S. E. Navegamos a S. e S. para O. Altitude 2 graus e 6 minutos. Depois do meio-dia chamou-se a bordo um certo número de capitães e deu-se ordem relativa ao comportamento de cada qual em caso de aparecimento do inimigo, enviando-se ordem escrita aos comandantes ausentes por meio dos galeões; também aos oficiais militares foram dadas ordens acêrca dos soldados que lhes estavam sujeitos, o que êles aceitaram.

Têrça-feira, 10 de março

Tempo bonito e agradável, vento e rumo como acima, altitude 3 graus e 8 minutos. Neste dia, o sol, que então se retirava para o trópico de Câncer, estava bem em cima da nossa cabeça.

Quarta-feira, 11 de março

Tempo bonito e agradável, vento e rumo como acima, com temperatura fresca e ótimo progresso. Altitude 4 graus e 20 minutos.

Quinta-feira, 12 de março

Tempo agradável, vento fraco E., rumo S. Altitude 5 graus e 20 minutos e, em conseqüência do grande calor, estava muito abafado no navio.

Sexta-feira, 14 de março, isto é, 13

Vento e tempo como antes, altitude 6 graus e 15 minutos; neste dia fêz-se o julgamento de dois soldados, o que durou bem umas quatro horas.

Sábado, 14 de março

Vento fresco do E.S.E. Direção S. para O. Altitude 7 graus e 30 minutos; pelas 11 horas da noite, calculávamos ter a altitude de 8 graus e 20 minutos, razão por que se deram salvas de canhão e se acenderam dois fogos, como sinal que todos deviam seguir; feito isto, tomamos rumo O.

Domingo, 15 *de março*

Continuação do vento, do tempo e do rumo altitude 8 graus e 20 minutos; na parte da tarde, os dois galeões receberam ordem de ir à frente na noite seguinte e de lançar o chumbo a cada dois vidros (*ampulhetas-nota*) e, *caso encontrassem terra, cada um devia* dar duas salvas e acender dois fogos.

Segunda-feira, 16 *de março*

Tempo, vento e rumo como antes. Nessas 24 horas navegamos 30 milhas e já estávamos ao largo da costa do Brasil; constatamos a altitude de 8 graus e 4 minutos e rumávamos em direção O.S.O. Lançávamos muitas vêzes o chumbo, mas sem encontrar terra.

Têrça-feira, 17 *de março*

Por volta do meio-dia nos comunicamos com o navio "Loando" e o iate "Den Arent" e soubemos que o Recife ainda estava em nossas mãos; ao anoitecer, avistamos terra e nos encontrávamos bem em frente ao cabo de Santo Agostinho. Continuamos velejando esta noite com temperatura bastante fresca.

Quarta-feira, 18 *de março*

Por volta do meio-dia, ancoramos diante do Recife e veio o secretário *L'Hermite* (129), *a fim de cumprimentar-me em nome* do Govêrno; junto com o mesmo, veio também o Sr. Schoppe (130), a fim de receber sua mulher e seus filhos. Pelas 3 horas da tarde, navegamos juntos para a terra, onde me deram solenes boas-vindas os senhores Schoonenborch e Beaumont na praia, como também todos os colegas, oficiais militares, civis e tôda a população. Em seguida, todos os fortes e navios deram salvas. O Senhor seja louvado pela sua graça e boa viagem, o qual continuará a abençoar todos os nossos feitos para sua glória e nossa salvação. Amen.

18 *de abril*

Todo o nosso poderio, composto de militares, marítimos, brasileiros e tapuias, saíram ao encontro do inimigo, rumo às montanhas

---

(129) Antigo advogado de Dordrecht, chegado ao Brasil em 1646 com a esquadra de Bankert. V. Nieuhof, obr. cit., p. 177. (*H. N.*) Era filho do conhecido navegante holandês. Cf. Nieuhof, ed. bras., obr. cit., p. 258, nota 363. (*J. H. R.*)

(130) Êste saíra da ilha de Itaparica com as suas tropas, 9 dias antes de aí chegar a frota auxiliar dos portuguêses (dezembro de 1647). Cf. Diário de Witte de With, nº 989, do arquivo do almirantado. Vide também nota 4, do dia 29 de outubro de 1647. (*H. N.*)

dos Guararapes (131), ao todo cêrca de 5 mil homens e o inimigo cêrca de 3 mil.

19 *de abril*

Seguiu-se a triste derrota, principalmente porque as tropas avançadas de Cornelis van Elst, atacando o inimigo, não esperaram a retaguarda que estava a mais de uma hora de marcha para trás, deixando cêrca de 1.500 mortos e bem uns 500 feridos, dos quais mais tarde muitos se curaram (132).

20 *de abril*

O pessoal restante marchou de volta para o Recife da Barreta (133) e no mesmo dia foi ocupado o forte Altenar (134), abandonado pelo inimigo.

---

(131) Uma colina a cêrca de 18 quilômetros ao sul de Pernambuco e perto da costa. Provàvelmente, a expedição visava o cabo de Santo Agostinho e foi atacada no caminho e rechaçada. Vide nota em 19 de fevereiro de 1649. (*H. N.*)

(132) Segundo o relatório de Schoppe, 470 mortos e 523 feridos, baixas totais, 1.000. (*H. N.*) Sôbre os mortos e feridos na primeira batalha de Guararapes e sôbre as principais fontes, vide nota 377 da edição brasileira da *Memorável Viagem* de Nieuhof (S. Paulo, Livr. Martins, 1942, p. 280). Aqui, van Elst aparece com o apelido de Cornelis. No *Extract uit de Missive van den President ende Raden Aen de Ho. Mo. Heeren Staten Generael*, Haia, 1648, aparece apenas Van Elst, sem o primeiro nome, como desaparecido ou morto, e nos «Documentos Holandeses», coligidos por Joaquim Caetano da Silva, vol. 4, fls. 198-201, fala-se no Regimento do Coronel Martijn van Elst. A *Lyste vande Hoge ende Lage Officieren mitsgaders de gegeene soldaten*, etc. (s. l. e s. d., fol.) só consigna Van Elst. Serão dois ou haverá equívoco quanto ao apelido? (*J. H. R.*)

(133) Rio de Barreto é a água entre a costa e o recife, ao sul de Pernambuco, onde havia um passo que levava para o sul. Vide o mapa de Goliath. (*H. N.*) Não existe rio de Barreto. Trata-se de equívoco do cartógrafo C. Goliath, seguido pelo anotador. O rio tapado entre os arrecifes e o continente era formado pelas águas do Afogados, Capibaribe. No mapa de Goliath, o nome rio de Barreto aparece onde corriam águas do Afogados. Na linha dos arrecifes havia a barreta dos Afogados e a dos Curraes, a primeira em frente à ilha de Antônio Vaz e a segunda bem mais afastada, na extremidade sul do mar, em face do Continente. O *Inventário das armas e petrechos bélicos* deixados pelos holandeses (Recife, 1940, p. 61-62), refere-se à Barreta, ou forte de Schoonenborch e à Barreta Pequena. (*J. H. R.*)

(134) Os portuguêses o denominavam «Bom Jesus» e é com êste nome que figura no mapa de Goliath. Presentemente aí se encontra singelo monumento, com a legenda: «*Aqui existiu o forte real de Bom Jesus (Arraial Velho)*». O velho arraial, porém, na realidade, encontrava-se mais para o norte, onde se acha agora a «Praça da Casa Forte». Há aí uma igrejinha com uma placa de mármore, em comemoração da vitória de 17 de agôsto de 1645, contra o Coronel Hoes. Vide nota em 27 de novembro de 1645. (*H. N.*) O mapa de Goliath não dá a localização do forte Altenar. Sôbre êste, vide nota 20, p. 18. A batalha de 17 de agôsto de 1645 feriu-se na casa de dona Ana Pais, casada com Charles de Tourlon, e depois com Gijsbert de With. Chamava-se Engenho de Nassau e demorava um pouco ao norte do Arraial Nôvo do Bom Jesus. Cf. Mapa em Barléu, ed. holandesa, «Perspectivae Pernambuco Pars Borealis», e Matheus van den Broeck, *Diário ou Narração Histórica*, trad. de José Higino Duarte Pereira, Rio de Janeiro, 1877, p. 23 e 24. Segundo o Diário, o Engenho

21 *de abril*

A cidade de Olinda, abandonada pelo inimigo, foi revistada pelos nossos e para aí se mandaram mais 400 homens; em seguida, como se julgou que êste lugar por ora nos era inútil, foi o mesmo abandonado com a perda do capitão Vogel, dois tenentes e alguns soldados, sendo o pessoal retirado; a maior parte dos soldados abandonou como poltrões os seus oficiais, fugindo como bandidos, sem que por isso fôssem punidos pelo tribunal militar.

29 *de abril*

O Almirante De With navegou com todos os navios de guerra para Paraíba, a fim de limpá-los e ir para a Bahia, em viagem de exploração.

3 *de maio*

Fizeram os nossos uma emboscada perto do Altenar, com 70 homens, entre os quais 30 tapuias, que atacaram os exploradores do inimigo e causaram 40 mortos e muitos feridos. Dos nossos ficaram dois mortos e 5 feridos.

21 *de junho*

Virou o barco de Lambert Lieves, por imprudência dêle, perto do Castelo do Mar, ao sair do pôrto; afogaram-se 16 homens, sendo os restantes salvos a custo.

23 *de julho*

Voltou da Bahia o almirante De With com tôda a esquadra sem nada ter feito, e dando um relatório sôbre o sucedido.

9 *de agôsto*

O Senhor Warnsingh, estando com êle Krol e Van der Dussen, caiu com a sua galeria, que ao que parece estava podre; os dois últimos estavam feridos e êle mesmo veio a falecer dois dias depois da queda.

---

de Nassau não é o Rotterdam, já que, por duas vêzes, escreve van den Broeck que partiu do Engenho Rotterdam para o Nassau. Matheus van den Broeck foi muito explícito para que se possa confundir os dois engenhos. Dêste modo, Honoré Naber confundiu o Arraial Novo, perto do qual se situava o Engenho de Ana Pais ou Nassau, com o Velho, localizado muito mais ao sul e à margem esquerda do Capibaribe. Por outro lado, incorreu ainda em engano quando disse que o forte de Bom Jesus era o de Altenar, identificando dois fortes diferentes, como se explicou na nota 20. Foi próximo ao Arraial Novo que se feriu o combate da Casa Forte. (*J. H. R.*)

Dia 10 *de agôsto*

Foi prêso João de Albuquerque, acusado de manter correspondência secreta com o inimigo, sendo remetido ao Conselho de Justiça para tortura. Êle negou tudo e, com o fito de libertar-se, comunicou ao Sr. De With (135) que conhecia uma mina de prata secreta, no Ceará, da qual êle até vira, antes de os holandeses se apoderarem de Pernambuco, duas caixas cheias de prata refinada, em casa de Martim Soares Moreno, as quais foram enviadas ao Rei de Portugal; que o mineral, examinado em Portugal, fôra encontrado extraordinàriamente rico, razão por que o citado Moreno fôra liberalmente presenteado por Sua Majestade e advertido sèriamente no sentido de nada revelar a ninguém. O govêrno foi cientificado por De With e deu ordem a Albuquerque de entregar suas informações por escrito, com a promessa de que, se tudo fôsse encontrado sincero e verdadeiro, êle não sòmente recuperaria a sua liberdade, mas além disto seria liberalmente remunerado por esta revelação.

23 *de setembro*

O almirante De With foi novamente à Bahia com 7 navios, a fim de procurar a sua vantagem sôbre o inimigo.

18 *de outubro*

Tendo o pastor Kammius, algumas semanas antes, pregado de modo muito sedicioso e com desrespeito ao Govêrno e aos outros Colégios, recebeu ordem de retratar-se pùblicamente na igreja, diante de tôda a comunidade, ou então, de partir para a pátria com o primeiro navio; êle preferiu a primeira hipótese e retratou-se *in facie Ecclesiae.*

21 *de outubro*

Com um iate vieram notícias de Angola, como também

em 19 *de novembro*

com o navio "'J Postpaert", confirmando que, no dia 18 de agôsto, Angola passara para os portuguêses por capitulação (136).

(135) Provàvelmente Gijsbert de With, membro do Conselho Político ou de Justiça. (*H. N.*)

(136) Witte de With já o soubera em 13 de novembro. Em lugar de 18 de agôsto provàvelmente deve-se ler 15 de agôsto, sendo êste o dia em que, segundo outras fontes, a bandeira portuguêsa foi novamente hasteada em São Paulo de Loanda, fato êste que é até hoje comemorado no lugar com uma procissão, no dia da Assunção de Maria (15 de agôsto). (*H. N.*) Há vários trabalhos sôbre a restauração de Angola ao domínio português. Uma das melhores fontes é o *Manifesto das Ostilidades*, etc. Lisboa, 1651, reeditado por Edgar Prestage, Coimbra, 1919. Foi aos 18 de agôsto que os holandeses pediram paz e a 21 que se assinou a capitulação. Cf. ob. cit., p. 31 e 37. (*J. H. R.*)

3 de dezembro

O Sr. Van Goch foi à Bahia com uma esquadra de 23 navios, em viagem de exploração (137).

Ano 1649 *no dia* 30 *de janeiro*

O Sr. Van Goch, depois de ter incendiado nas redondezas da Bahia 23 engenhos e de ter causado outros danos, voltou com tôda a sua esquadra.

18 *de fevereiro*

O nosso exército, composto de cêrca de 4.000 homens, marchou novamente para Guararapes e

em 19

depois do meio-dia, vendo que o inimigo não queria sair a campo, resolvemos retirar-nos pelas várzeas. O inimigo, atacando pela retaguarda, provocou entre os nossos tal desordem e confusão, que aproximadamente mil homens foram mortos, e os soldados fugiram como poltrões, abandonando escandalosamente os seus oficiais que, em grande parte, também foram massacrados; pelo contrário, se os soldados tivessem permanecido firmes, parece que a vitória teria estado do nosso lado, se Deus quisesse (138).

Em 22 de abril

O Sr. Beaumont partiu para a pátria com o Coronel Hauthain (139) a fim de pedir socorro e assistência.

---

(137) Segundo Witte de With, Van Goch chegou defronte à Bahia a 7 de dezembro, com 2.400 homens. Os navios de Witte também foram usados na exploração. O ataque pròpriamente dito foi feito no dia 11; foram, então, espoliados 23 engenhos. Segundo o sentir de Witte, a expedição foi realizada à custa de navios que podiam ter sido apresados em alto mar. (*H. N.*)

(138) Cf. nota de 18 e 19 de abril. Em comemoração das vitórias de abril de 1648 e fev. de 1649, junto dos Guararapes, os portuguêses construíram no local uma igrejinha, chamada de N. S. dos Prazeres. Encontra-se aí uma placa comemorativa com inscrição. A igrejinha pode ser vista do mar. (*H. N.*) As melhores fontes sôbre a segunda batalha de Guararapes estão indicadas na nota 377 da edição brasileira da *Memorável Viagem* de Nieuhof (S. Paulo, Livr. Martins, 1942, p. 280-281). No maço terceiro dos Documentos Holandeses trazidos por José Higino, encontram-se alguns depoimentos sôbre a segunda batalha de Guararapes. (*J. H. R.*)

(139) Netscher diz (p. 160) que Van Beaumont, ao mesmo tempo, se demitiu como membro do Alto Conselho. Provàvelmente esta missão teve as mesmas experiências de Haecxs em 1647, isto é, que estava exatamente sendo organizada uma expedição de socorro. Tanto assim que, no dia 16 de maio de 1650, Hauthain chegou com uma esquadra de ao menos 12 velas no Recife. (*H. N.*)

Em 11 *de junho* (140)

A nova ponte levadiça entre o Recife e Antônio Vaz cedeu sob a passagem de gente, porque ainda estava sem correntes, e afogaram-se umas 12 pessoas, entre os quais Dortmont (141) e Davi Ottens Born.

Em 20 *de agôsto*

Chegou notícia do Ceará de que aí, na montanha Itarema, a sete milhas da costa, fôra encontrada uma rica mina de prata, notícia transmitida detalhadamente no extrato do jornal do Sr. Beck com as datas de 21 de junho até 23 de julho inclusive.

Nos meses de setembro e outubro de 1649

O Almirante De With e todos os outros navios de guerra partiram da costa, sem consentimento do govêrno, para as Índias Ocidentais e para os Países-Baixos (142), o que causou não pequena alteração.

16 *de fevereiro de* 1650

Um barqueiro, vindo de Paraíba, relatou que vira nesta manhã pelas 8 horas, bem em frente a Itamaracá, a uma milha do mar, uma esquadra de cêrca de 40 velas grandes, sendo êle perseguido por três delas até os rochedos, donde voltaram para junto da esquadra e, por volta da noite, o mesmo foi confirmado por um pescador, vindo do mar. Ao que foi imediatamente despachado para o cabo um galeão, sendo esta a única embarcação existente no pôrto, a fim de advertir o nosso poderio, compôsto de três navios e três iates.

No dia 17 *de fevereiro*

O comandante do navio da companhia "Samson", vindo esta noite de Itamaracá, relata que no dia anterior contara 43 velas. Da

---

(140) Entre 14 de abril e 21 de julho Witte de With fazia um cruzeiro diante do Rio de Janeiro. (*H. N.*)

(141) É citado em 1 de agôsto de 1648 como diretor de Itamaracá. (*H. N.*)

(142) Segundo a biografia de De With (H. S. Algemeen Rijks-Archief te S'Hage) êle deixou o Brasil por volta de 10 de novembro de 1649. Parece que êle não podia ficar mais em virtude da falta de víveres, razão por que não quis esperar novos socorros. Que De With não deixasse nenhum navio na costa, deve ser inexato : ao menos, em 19 de fevereiro de 1650 fala-se da «nossa esquadra». A esquadra de Hauthain, que vinha substituir a primeira, só chegou em maio de 1650. (*H. N.*) *Na Relaçam dos Sucessos da Armada, que a Companhia Geral do Comercio expedio ao Estado do Brasil ao ano passado de* 1649, *de que foi Capitão General o Conde de Castelmelhor* (1ª ed., Lisboa, 1650, e 2ª ed. nos *Anais da Bib. Nacional*, vol. 20, 1898, p. 158-165), se diz que a 19 de fevereiro de 1650 a esquadra portuguêsa recebeu aviso do Mestre de Campo General Francisco Barreto de que o Almirante Witte Cornelisszoon de With «com as naus grandes de seu cargo se havia feito na volta de Holanda, entendendo verdadeiramente o pouco serviço que naqueles mares podia fazer à sua República». Dizia que ficaram 24 navios de pequeno porte, que navegavam repartidos em três esquadras. (*J. H. R.*)

mesma forma chega um barco de pesca por ordem expressa do comendador Van der Wal, barco êste que estivera entre a esquadra portuguêsa, podendo verificar que esta constava de 20 navios capitais, sendo o resto navios comuns, ao todo 57 velas; que êle fôra perseguido por três navios com boas velas, que o abandonaram depois de longa perseguição, do que concluímos que faziam tudo para conseguir um prisioneiro.

18 *de fevereiro*

Ao anoitecer, chegou de Itamaracá o barco da companhia "Commamou" (143), relatando o comandante que tôda a esquadra portuguêsa estava ancorada ao norte de Itamaracá e que fôra perseguido por três bons veleiros.

19 *de fevereiro*

Ao amanhecer, vieram três grandes navios inglêses, procedentes da cidade de Olinda, dos quais se havia visto por volta do meio-dia, perto da citada cidade de Olinda, tôda a esquadra portuguêsa; as três naus inglêsas voltaram em sua direção, e, ao se acercarem dela, perceberam a aproximação da nossa esquadra de seis navios sob o comando [de] Casper Goverts. As três citadas naus inglêsas (equipadas, ao que se dizia, cada uma com 40 peças) içaram atrás a bandeira vermelha inglêsa e uma bandeirinha no primeiro mastro e levaram tôdas as suas peças para bordo; os portuguêses (alguns), abandonando a sua esquadra e confiando em seus navios, chegaram pela segunda vez perto do pôrto com grande bravata; içaram a vela grande e esperaram sem mêdo o nosso comandante, que fêz o possível para por-se no meio e impedir-lhes a volta para junto de sua esquadra; percebendo isto, fugiram, mas o último, abandonado pelos companheiros, começou primeiro a atirar furiosamente nos nossos e foi respondido de tal maneira que tudo era fogo e fumaça. Passando-se tudo isto diante do Recife, separaram-se depois de cêrca de três horas de luta, sem danos, e acreditava-se com certeza que, se os nossos o tivessem abordado, sem dúvida dêle se teriam apoderado.

Em 20 *de fevereiro*

O comandante Casper Goverts enviou um barco ao govêrno com aviso de que tudo ia bem e de que se aprontavam para hoje novamente atacar o inimigo, pedindo que fôssem providos de papel cartucho; não sendo o mesmo encontrado nos armazéns da Compa-

(143) *Provàvelmente, deve-se ler Conjahou, nome geográfico que se encontra nas* redondezas de Itamaracá. (*H. N.*)

nhia, pediu-se algum emprestado ao Sr. Brest (144) e, com um barril de vinho espanhol para encorajar o pessoal, foi despachado novamente para a nossa esquadra. O inimigo, em conseqüência do vento contrário, cruzava na altura da cidade (145).

Em 21 de fevereiro

Por volta do meio-dia, os nossos cercaram, perto de Candelário e na proximidade dos rochedos, um contra-almirante, o qual, ao que se dizia, possuía umas 40 peças. O mesmo atirou contra os nossos com tanta fúria, que tivemos de afastar-nos para não dar nos rochedos. Também o navio português partiu de noite.

Em 22 de fevereiro

Dezoito dos grandes navios portuguêses, partindo da cidade (146), ficaram cruzando o dia inteiro, em conseqüência do vento S.E. Com respeito aos restantes navios menores, suspeitávamos que parte dêles já tivesse sido comboiada para o Cabo.

Em 24 de fevereiro

Três dos grandes navios permaneceram entre o Cabo e o Recife, mas não tiveram coragem de atacar os nossos; na parte da tarde foi apresado pelos nossos um patacho português, abandonado pela esquadra, na altura da cidade, no valor de 60 mil florins e, depois disto, não foi mais vista a esquadra portuguêsa (147).

Em 3 de setembro

Chegou do cabo de Santo Agostinho o iate "De Jager", relatando o comandante que, na manhã de ontem, três dos nossos navios de guerra, sob a bandeira do coronel Hauthain (148) obrigaram dois navios franceses, cada um com 30 peças, e uma grande fusta com 300 tripulantes e 20 peças, todos êles com preciosa carga, a passar pelos rochedos em frente à barra do Cabo, onde pereceram umas 150 vidas, entre as quais muitas mulheres, como também que uma outra fusta, já estando dentro da barra, dera num escolho e perecera. Além disto, relatou que fôra aprisionado pelos nossos o

---

(144) Negociante particular. V. 4 de setembro de 1647. (*H. N.*)

(145) Olinda. (*H. N.*)

(146) De Olinda. (*H. N.*)

(147) Da chegada da frota auxiliar sob Hauthain, em maio de 1650, Haecxs não fala. Cf. nota seguinte. (*H. N.*)

(148) Segundo De Graaff, Hauthain fizera-se ao mar em 10 de março e chegara ao Recife em 16 de maio de 1650; em seguida, êle guardou principalmente o cabo de Santo Agostinho. (*H. N.*)

almirante francês chamado Villroy com 33 peças (149), que se entregara sem qualquer resistência, na esperança de assim salvar o seu navio, o qual foi trazido até aqui no dia 4. Os restantes três pequenos navios inimigos escaparam no Cabo.

Em 17 de setembro

De noite, entre 9 e 10 horas, incendiou-se aqui em seu próprio fogo uma fusta particular de Roterdão, chamada "Den Engel" e queimou-se até a água com uma boa parte das mercadorias holandesas que tinha a bordo, não sem grande perigo de incendiar todos os navios e todo o Recife, o que o bom Deus impediu misericordiosamente, pelo que seu nome seja louvado.

Em 6 de outubro

Veio atracar o navio da companhia "Prins Willem", em que está o capitão Hubrecht Cornelis Wels, procedente da Bahia, onde cruzou durante algum tempo; relata como, há 9 dias, na altitude de 40 graus (150) e a 60 milhas no mar, observou uma esquadra portuguêsa de cêrca de setenta velas (151) e tivera o propósito de segui-la, se o mesmo não lhe fôra impedido pelo *** (152) do seu navio; confiava, porém, que êles se dirigissem ao Cabo; foram imediatamente avisados todos os navios de guerra com um fogo, como também tôdas as outras embarcações particulares, a fim de esperarem a chegada do inimigo.

Ano 1651, *isto é*, 1652 *em* 25 *de fevereiro* (153)

Por volta do meio-dia dirigiu-se para o nosso pôrto uma esquadra portuguêsa de mais de 60 velas, procedente do mar, com vento N.N.E., dirigindo-se em seguida para o Cabo de Santo Agostinho, sem dar um único tiro, se bem que dois dos nossos barcos, que iam para Itamaracá, passassem pelo meio dessa esquadra, e imediatamente foram despachados três barcos para o Cabo, a fim de advertir os nossos da chegada do inimigo, pois eram onze navios que se detinham diante do Cabo.

---

(149) Provàvelmente, um corsário. Nesta época principalmente no Mediterrâneo havia muitos corsários franceses. (*H. N.*)

(150) Parece que deve ser 14. (*H. N.*)

(151) Também De Graaff fala desta esquadra, referindo-se ainda a uma batalha não decidida entre ela e Hauthain, perto do cabo de Santo Agostinho, depois da qual os portuguêses foram para a Bahia e os holandeses para o Recife. (*H. N.*). A relação quinta da viagem de Nicolaus de Graaff à costa do Brasil, sob o comando do Almirante Hauthain ou Houtin, como êle grafa, é transcrita adiante, como Suplemento II. (*J. H. R.*)

(152) Palavra ilegível. (*H. N.*)

(153) Note-se bem que aqui o diário salta ano e meio, isto é, de 6 de outubro de 1650 até 25 de fevereiro de 1652. Será que Haecxs esteve doente durante todo êsse tempo, ou será que em todo êsse período a colônia levou existência de tuberculosa ? (*H. N.*)

Em 26 de fevereiro

Veio notícia de que tôda a esquadra portuguêsa estava ancorada ao longo do recife, diante do Cabo, e que o coronel Hauthain com cinco navios se conservava na proximidade, esperando os outros, a fim de então atacar o inimigo conjuntamente, e quando a esquadra portuguêsa passava, o mesmo Hauthain atirou nela e um navio muito grande dos portuguêses explodiu pelo seu próprio fogo, perecendo tudo.

Em 27 de fevereiro

Sendo o vento E.S.E., viu-se descer durante o dia quase tôda a esquadra portuguêsa até diante do Recife, já que o vento era pouco, mas na parte da tarde, quando o vento se tornou mais forte, a mesma avançou novamente em direção do Cabo; durante todo êste dia porém não se viu nenhum dos nossos navios.

Em 28 de fevereiro

Foram vistos novamente durante o dia cêrca de 30 navios diante do Recife, que ao anoitecer navegaram para o Cabo. Na parte da tarde, o Govêrno recebeu missiva do coronel Hauthain, que estava diante do Cabo, pedindo víveres e ordens até onde devia seguir a esquadra; foram-lhe enviados víveres do melhor modo possível e, quanto a perseguir a esquadra, já que estava sendo de tal modo favorecido pelo tempo e pelo vento, era conveniente que o inimigo fôsse atacado de rijo nesse local e, se isto não fôsse possível, que então o seguisse, uma vez que de acôrdo com o seu próprio pedido seus poderes não eram limitados.

Em 29 de fevereiro

Depois do meio-dia, o Govêrno recebeu uma missiva do coronel Hauthain, em que avisava que no momento todos os seus navios estavam agrupados, com exceção do "Pyer de Groote", do qual se suspeitava ter-se afastado da costa, e que êle era de opinião que a esquadra portuguêsa, composta de quatro avisos, vinte navios, entre os quais cinco galeões, devia ser atacada de rijo, logo que se afastasse um pouco da costa, já que agora estava ancorada perto demais do recife. Comunicava ao mesmo tempo que estava sendo atormentado pela febre.

Em 1 de março

Ao anoitecer, foram vistos 48 navios e parece que todos estavam navegando em direção da costa; se os nossos também aí esta-

vam, não se pode saber, já que estavam a uma distância de três milhas uns dos outros.

Em 2 de março

Não se viram mais navios, nem se receberam notícias do mar, de modo que se suspeitava que estivessem conjuntamente a distância suficiente da costa, já que o vento era E.N.E., com temperatura bastante fresca.

Em 3 de março

Recebeu-se uma missiva do coronel Hauthain, dizendo que, logo que a esquadra estiver afastada da costa, a atacará e o conselho naval não podia entender isto de outro modo.

O portador da citada carta, chamado Adão Martens, declara que ontem de manhã juntaram-se à esquadra 8 ou 9 embarcações, com pesada carga, procedentes do Cabo, e que êle pôde contar ao todo 48 velas; os nossos se mantém acima dela.

Em 4 de março

Chegou um cruzador particular, "Capitão Geleijn Pickee", conduzindo o *iate* "Samaritaen"; relata que ante-ontem se encontrara com a esquadra inimiga, mas que de noite, depois das 7 horas, não havia visto mais navios portuguêses, mas que na manhã de ontem vira o inimigo, com 52 navios, em sua frente, a tão grande distância que mal os enxergava, assim como também mal avistava os nossos navios, que estavam em direção norte, atrás dêle; por isso, aproximando-se dos nossos e dando-lhes sinal, chègaram os nossos junto dêle na parte da tarde, e sabendo pelo referido capitão que o inimigo estava para o sul, a cêrca de cinco milhas de distância, seguiram então o mesmo, e se o capitão tivesse avisado os nossos da partida do inimigo, segundo tôdas as aparências, teríamos alcançado a Bahia, sem que êles percebessem um dos nossos, o que foi recebido pelo Govêrno com grande consternação.

Em 6 de março

Hubrecht Boone, do navio mercante "Fortuna", que também perseguiu a esquadra portuguêsa, e que regressou, relata que juntamente com os nossos navios de guerra perseguira os portuguêses até à altura do rio de S. Francisco, mas percebendo que para êle não havia vantagem nisso, regressou; que a nossa esquadra em geral velejava com dificuldade, e a portuguêsa estava sempre umas cinco milhas na frente.

Em 8 de março

Esta manhã atracaram todos os nossos navios, exceto o "Villeroy", sem nada terem feito, e apresentaram suas escusas, que não é necessário repetir aqui.

Em 18 de março

Quatro dos nossos navios de guerra, como o "Graaf Willem", "West Vrieslant", "Princesse Aemilia" e "Ter Tholen", partiram desta costa traiçoeiramente sem, e até mesmo contra o consentimento do Govêrno, sendo que alguns só tinham víveres para oito dias (154).

Tendo-se reunido o Govêrno pelas 9 horas da manhã, soube-se que depois de grandes redemoinhos de vento, a Câmara Municipal começara a mover-se, sendo que o fenômeno só podia ser um terremoto e que o mesmo fôra observado em várias outras casas, tanto no Recife como na Cidade de Maurício.

Em 13 de agôsto

Chegaram da Bahia duas fragatas zelandesas, "Den Dolphin" e "De Braeke", relatando que na sexta-feira passada, sendo 10 do corrente, na altura de 12 graus, a 20 milhas no mar, tinham visto a esquadra baiana, composta de 66 ou 67 navios, rumando para o norte, havendo navegado no seu encalce na esperança de vantagem, até a altitude de Tamandaré; então acharam melhor vir para cá e comunicar o fato, mas já que não havia nenhum navio ou embarcação da Companhia disponível, resolveu-se mandar para lá um barco de pesca e observar a conduta do inimigo, que, tendo voltado no dia seguinte, 16, disse que havia cruzado durante três dias num e noutro sentido, sem perceber qualquer navio, sendo de opinião que todos se haviam afastado da costa.

Em 17 de agôsto

Alguns soldados espalharam no Recife o boato, sem que jamais se pudesse conhecer o verdadeiro autor, que a Ilha Itamaracá já se entregara ao inimigo, e que ademais já se distribuíra a última reserva de pão.

Em 24 de agôsto

Escreveu-se de Itamaracá que o barco da Companhia Zelândia, carregado de víveres e dinheiro no valor de cêrca de 10 mil

---

(154) E a certeza de que da costa não se podia prover nesta falta de víveres. Exatamente como no tempo de Witte de With. (*H. N.*)

florins, para as guarnições de Itamaracá, havia desertado e navegado para as Índias Ocidentais e que quatro homens, que não haviam concordado com a deserção, haviam sido desembarcados em Cabo Branco.

Em 28 e 30 de outubro

Nos fortes Salinas (155) e Altenar (156) o inimigo prendeu em cada um dêles seis dos nossos reconhecedores, ao todo, portanto, 12 homens, assassinando mais dois.

Estas afrontas foram levadas ao conhecimento do tenente-general (157), convidando-o a vingá-las; o mesmo tomou o assunto em consideração, mas pouco fêz neste sentido.

Em 2 de novembro

Cartas do comandante Jan Hoeck, na ilha Fernando, comunicam que em 13 p. p. se descobrira ali terrível traição. Os negros ali residentes haviam conjurado para matar todos os habitantes brancos numa só noite. Êle envia para cá nove dos principais revoltosos, sendo julgados pelo advogado-fiscal do Conselho de Justiça, e sendo pronunciada pelo mesmo Conselho, segundo informações recebidas e confissão própria, a seguinte sentença : três serão esquartejados vivos e três depois de sufocados; um absolvido; um enviado novamente para lá, a fim de ser ouvido mais detalhadamente, e um, que revelou a traição, restituído à liberdade e remunerado, sendo que tudo isto foi fielmente executado.

Em 15 de dezembro

À noite, vi pela primeira vez um cometa, surgindo no E.S.E., tendo a sua cauda para o norte e a estrêla para o sul, sendo que começou a aparecer pelas 7 horas e permaneceu até meia-noite.

Em 16 de dezembro

Vi aparecer e desaparecer a citada estrêla às mesmas horas e na mesma posição, mas com maior clareza do que antes.

Em 17 de dezembro

Apareceu e desapareceu como anteriormente. A estrêla parecia maior, mas muito triste.

Em 18 de dezembro

Idem.

---

(155) Em frente ao forte holandês Madame de Brune. Vide o mapa de Goliath. (*H. N.*)

(156) Bom Jesus. (*H. N.*) O mapa de Goliath não dá a localização do forte Altenar. Vide sôbre isto as notas 20 (p. 18) e 134. (*J. H. R.*)

(157) Schoppe. (*H. N.*)

Em 19 de dezembro

A estrêla foi vista como anteriormente, apenas um tanto mais escura e a cauda mais curta.

Em 20 de dezembro

Viu-se aparecer o cometa bem em cima das nossas cabeças, tendo a cauda, que se tornava cada vez mais curta, para o N.E.

Em 22 de dezembro

Apareceu o cometa, na hora do dia anterior, porém mais alto e muito diminuído, tendo a cauda para o E. e E. para N.; desapareceu às três horas no O.N.O., sendo a sua claridade a mesma de quando apareceu.

Em 23 de dezembro

A estrêla foi vista como anteriormente, mas quase sem se poder reconhecer a cauda.

Em 24 de dezembro

Vi aparecer e desaparecer o cometa na posição anterior, sem nada poder distinguir da cauda.

Em 25 de dezembro

Foi visto como anteriormente.

Em 26 de dezembro

Não vi nem estrêla nem cauda, embora estivesse o céu bastante claro, e o bom Deus bem conhece o significado desta aparição, e a Êle suplicamos queira aparecer cheio de graça, a todos aquêles que amam e esperam a sua aparição.

Ano 1653. *Em 3 de março*

O Sr. Van Goch foi designado para ir à Pátria (158), a fim de solicitar socorro para reerguimento dêste estado desolado.

---

(158) P. M. Netscher, obr. cit., p. 162, diz que Van Goch foi designado em junho de 1653; provàvelmente êste deverá ser o mês da sua chegada à Holanda. Segundo Netscher, êle tinha instruções para pedir que se fizesse retirar os holandeses residentes no Brasil, caso não se pudesse enviar socorro. (*H. N.*)

Sábado, 20 de dezembro

De manhã, pelas 10 horas, apareceu uma esquadra portuguêsa, composta de mais de 60 velas, procedente do E., em boa ordem, a qual se dirigiu diretamente para o pôrto do Recife e rumou em seguida para o cabo de Santo Agostinho; o Govêrno deu ordens a todos os fortes e suspeitava que daí a mesma partiria para a Bahia, conforme anteriormente já acontecera por duas vêzes (159). N.B. Eu estava gravemente enfêrmo.

Domingo, 21 de dezembro

A referida esquadra de mais de 50 velas, depois de ter comboiado alguns navios até o Cabo, daí voltou e, por volta do meio-dia, a maior parte dela ancorou em frente à cidade de Olinda, sendo que o resto continuou navegando.

Segunda-feira, 22 de dezembro

A esquadra inimiga, composta de 58 velas, foi vista ancorada, nesta manhã, sendo que 11 dos seus maiores navios continuavam navegando, a fim de se encontrarem com os nossos navios, que eram em número de 7, e de quando em vez trocavam alguns tiros de canhão com os outros, mas por enquanto nós não podíamos saber qual o desígnio da referida esquadra.

Têrça-feira, 23 de dezembro

Ontem, na parte da tarde, a esquadra portuguêsa movimentou-se novamente e, ao anoitecer, ancorou acima do nosso pôrto, em forma de meia-lua.

Quinta-feira, 25 de dezembro

Henrik Harmans, de Opperpfalts, lugar-tenente do capitão Steve de Monchy, relata que na noite de ontem, à meia-noite, e nesta última, às duas horas, um sem-número de grandes e desconhecidos pássaros pretos voou da floresta sôbre o forte de Brum e daí novamente para a floresta. O significado disto é do conhecimento do bom Deus.

Ano 1654. *Domingo, 4 de janeiro*

Esta noite chegou da Paraíba o barco da companhia "Hollandia", trazendo cem brasileiros, que escaparam ilesos, depois de

(159) V. fevereiro de 1650, março de 1652. (*H. N.*)

terem sido atacados por várias pequenas embarcações portuguêsas. O mesmo barco foi atacado com muitos tiros de canhão, sem dano, porém.

Segunda-feira, 5 de janeiro

Mais de 20 chalupas, cheias de gente e de soldados, partiram da esquadra para a cidade de Olinda, não se sabe com que finalidade.

Têrça-feira, 6 de janeiro

Nesta noite passada chegou de Paraíba o barco de Brest (160), trazendo a companhia do capitão van Hem, que escapara depois de um duro combate, mas o segundo barco do referido Brest, com doze soldados, foi apresado pelo inimigo.

Quarta-feira, 7 de janeiro

Partiram 34 navios inimigos, sendo que nêles havia um almirante e um vice-almirante, e rumaram para o sul; o almirante da esquadra e mais 16 dos melhores navios, ao lado das pequenas embarcações, entre barcos e caravelas, ficaram diante do pôrto e assim bloqueavam o Recife.

Quinta-feira, 15 de janeiro

Viu-se esta manhã que o inimigo construiu na noite passada, perto do forte de Salinas, onde começa a floresta, uma grande obra de gabiões, e com 5 peças pesadas ataca o forte; fêz também trincheiras ao derredor, donde contìnuamente se atira em cargas pesadas, e se aproxima com os aproxes.

Sexta-feira, 16 de janeiro

Na noite passada entregou-se ao inimigo o forte de Salinas, por falta de água e munições de guerra, como balas, mechas e víveres, depois de três tentativas malogradas de fazê-los chegar ali. Resolveu-se então abandonar êste forte para aumentar o nosso poderio com o pessoal e as munições, a Barreta (161) e o forte da ilha em frente ao das Cinco Pontas (162).

---

(160) Negociante particular, já várias vêzes citado. (*H. N.*)

(161) Vide nota em 20 de abril de 1648. (*H. N.*)

(162) Talvez se refira ao forte «Kijk in de pot», entre o das Cinco Pontas e o Príncipe Guilherme. Vide mapa de Goliath. (*H. N.*). O Diário de Arnhem diz que se começou a construir o «Kijk in de pot» a 19 de janeiro de 1646. Êle se situava entre o Forte Frederico Henrique ou Cinco Pontas e o Príncipe Guilherme ou Afogados. Cf. Journael ofte Kort Discours nopende de Rebellye... Arnhem, 1647, trad. por J. Higino Duarte Pereira, Diário ou Breve Discurso, in *Rev. do Inst. Arq. e Geog. Per.*, n. 32, 1887, p. 171. No Mapa de Goliath êle está claramente situado próximo ao forte dos Afogados. Vide também nota 17. (*J. H. R.*).

Sábado, 17 de janeiro

O inimigo entrincheirou-se em redor do forte Altenar e dos aproxes descarregou os mosquetes sôbre os nossos, ao mesmo tempo que na parte sul do citado forte começou a fazer uma obra ou bateria de gabiões.

Domingo, 18 de janeiro

Na noite passada, o inimigo concluiu a bateria iniciada e esta manhã começou a atirar contra o forte Altenar com duas peças com balas de 18 libras, e dos aproxes descarregou mosquetadas durante o dia inteiro. Conforme escreveu o comandante, os nossos estavam bem dispostos e reagiam valentemente.

Segunda-feira, 19 de janeiro

Ao amanhecer, o inimigo recomeçou a atirar com veemência contra o forte Altenar e, apesar do comandante do mesmo forte Willen Ten Berge haver escrito esta tarde sôbre a grande coragem do nosso pessoal, ao anoitecer (vendo chegar o socorro de homens, munições e outras coisas, que se reuniam com dificuldade indizível, por causa da pouca vontade do pessoal que navegava voluntàriamente) foi erguida uma bandeirinha branca, a fim de entregar ao inimigo o citado forte, conforme foi feito, sendo que os soldados obrigaram o comandante Van de Wal juntamente com os outros oficiais a descer para o interior do forte, onde declararam categòricamente que já não queriam lutar. Quando se teve notícia disto pelos brasis refugiados, que se salvaram pulando o baluarte e nadando (163), houve grande indisposição entre pequenos e grandes.

20 e 21 *de janeiro*

Neste dois dias o inimigo se manteve quieto, sem atentar qualquer coisa; qual seja a sua intenção, o tempo o dirá.

Quinta-feira, 22 de janeiro

Durante a noite passada, o inimigo atacou com muita gente e sobrepujou a paliçada de bambu perto do Emília (164), fora do forte Frederico Henrique, aliás das Cinco Pontas, de que era comandante o capitão Goenraet Brinck; depois de haver o mesmo se defendido valentemente com os seus quarenta homens, foi obrigado a render-se ao inimigo, tendo já oito mortos e alguns feridos. Em seguida, o inimigo começou a atirar com um canhão contra o citado

---

(163) Sabiam por experiência que não havia vigilância. (*H. N.*)
(164) V. o mapa 10 de Barléu ou «A» no mapa de Goliath. (*H. N.*)

forte Frederico Henrique e aproximou-se de tal maneira que, a julgar por tôdas as aparências, em pouco tempo nos poderia cortar a água potável.

A êste respeito foi feita, na parte da tarde, convocação do Sr. tenente-general e os delegados dos colégios efetivos, e propôs-se a discussão o que convinha fazer nesta triste situação, já que agora, conforme hoje ficou provado, estava fora de cogitações expulsar o inimigo daí. De comum acôrdo, os mesmos declararam unânimemente que convinha entrar em entendimento com o inimigo quanto mais cedo possível, a fim de conseguir as condições mais favoráveis que fôsse possível, e evitar derramamento de sangue inocente de tantas mulheres e crianças, como também por muitas outras razões, alegadas nos apontamentos, mas longas demais para serem aqui tratadas.

Sexta-feira, 23 de janeiro

Em conseqüência da resolução ontem tomada, aprovou-se enviar ao inimigo o capitão Wonter Falloo (165) com missiva ao mestre de campo Francisco Barreto (166), a fim de entrar em entendimento com o mesmo, segundo o acôrdo feito, e de retornar com resposta escrita. Êle voltou na mesma noite.

Sábado, 24 de janeiro

Foram nomeados e partiram do meio-dia os Srs. Gijsbert de With, Hubrecht Brest e capitão Wonter Falloo, a fim de negociar um acôrdo com o inimigo, os quais nesta mesma noite quando voltaram fizeram relatório do sucedido.

Domingo, 25 de janeiro

Partiram novamente os citados delegados com ordens mais detalhadas, os quais trouxeram resposta ao anoitecer.

---

(165) Aparece neste documento, possivelmente por êrro, Fallco. O nome é Falloo, como se pode ver nos *Articulen ende conditien gemackt by het overleveren van Brasilien*, etc. Gravenhagen, 1645 (*sic*) e no *Accord van Brasilien*, Amesterdão, 1654. Os autores brasileiros, a começar de Varnhagen, que se baseou nos opúsculos portuguêses da época, costumam escrever Van Loo. Assim como nestes os nomes estrangeiros aparecem estropiados, nos holandeses os nomes portuguêses estão completamente adulterados. (*J. H. R.*)

(166) Êste mestre de campo foi enviado de Portugal em 1649, e preso pelos holandeses, conseguiu fugir da prisão e tomou em suas mãos a direção da resistência. (*H. N.*) Honoré Naber escreveu Francisco Barreto de Meneses. Êle foi nomeado chefe da campanha, por decreto de 12 de fevereiro de 1647. Aprisionado pelo almirante Bankert, foi levado ao Recife, de onde escapou. Cf. Alberto Lamego, «O Mestre de Campo General Francisco Barreto», in *Mentiras Históricas*, Rio de Janeiro, Record, s. d. (*J. H. R.*)

Segunda-feira, 26 de janeiro

Já que o inimigo não nos dava quase tempo de examinar convenientemente sua resposta, vimo-nos obrigados a dar ordens aos nossos delegados no sentido de concordar em tudo sem encontrar-se mais com os outros.

Têrça-feira, 27 de janeiro

Os Srs. de With (Van de Wal), adjunto ontem, a pedido da milícia, Brest e o capitão Falloo voltaram esta noite, trazendo todos os pontos do acôrdo assinado pelos delegados portuguêses, ao que o Sr. Schoppe, tendo convocado os delegados dos respectivos colégios, ouviu junto com êles a interpretação feita pelo Sr. de With, já que não havia tempo para fazer a tradução, e, em seguida, aprovou-se que fôsse assinado pelo Sr. Schoonenborch, por mim e Schoppe (167), o que foi feito; os senhores partiram com êsses pontos, a fim de serem assinados pelo mestre de campo e, feito isto, voltaram de tarde.

À tarde, os nossos marcharam do forte de Brum, St. Joris e do Recife para Antônio Vaz, e os portuguêses, com três regimentos, compostos de uns 4 mil homens, voltaram para lá. Era gente horrível de se ver, armados de tal modo e marchando em tão boa ordem, como jamais se viu.

À noite, foi colocada salva-guarda em nossas casas por ordem de Francisco Barreto, a fim de nos livrar de qualquer incômodo.

Quarta-feira, 28 de janeiro

Chegou a Antônio Vaz o Mestre de Campo General Francisco Barreto, acompanhado de cêrca de setenta cavalos; aí saltou e veio a pé pela ponte com o Sr. Schoppe; nós o conduzimos até a Câmara Municipal, onde êle se hospedou, e assim voltamos para as nossas casas.

Quarta-feira, 8 de abril

Com o Sr. Schoonenborch me despedi do mestre de campo general, a fim de partir amanhã para a pátria, se Deus quiser.

Quinta-feira, 9 de abril

De manhã, pelas 8 horas, naveguei em direção ao pôrto, com os Srs. Schoonenborch, Samuel Halters e Arnout l'Hommel, junto à fragata, chamada "Den Brasiliaen", sob o comando do capitão Allert Jansz, guarnecida de 22 peças, a fim de viajar na mesma para

---

(167) Pela morte de Trouwers, a partida de Beaumont e a missão confiada a Van Goch, o govêrno, de fato, estava nas mãos de Schoonenborch e Haecxs. (*H. N.*)

a pátria. Encontrei porém a fragata tão cheia que mal achei um lugar no passadiço; estava também tão mal provida de água para tanta gente, que foi preciso, com consentimento do general português, buscar em barco mais 32 barris de água, que custaram 230 florins.

Sexta-feira, 10 de abril

Esperou-se pela água e deu-se ordem de arrumar o navio, mas com isto não se obteve muito lugar. Foi preciso mesmo que alguns passageiros com mulheres e filhos, ao todo nove almas, se transferissem com a sua bagagem para o iate de Peerle.

Sábado, 11 de abril

Veio para bordo a água potável que foi descarregada e, tendo sido colocada no passadiço, verificamos que o navio estava a ponto de virar por causa do pêso, e com êle não tivemos coragem de aventurar-nos ao mar.

Domingo, 12 de abril

A carga do navio foi arrumada de novo, a fim de fazermo-nos ao mar amanhã, se Deus quiser.

Segunda-feira, 13 de abril

Ao amanhecer, levantamos âncora com vento fraco do N.O., achamos que o navio estava a ponto de virar, de modo que não podíamos usar as grandes velas; resolvemos, então, lançar ao mar uma partida de pau-brasil, que estava no passadiço, mas era preciso ver primeiro a bagagem, os porões e os passageiros; dois ou três foram obrigados a pôr a sua bagagem num só caixão, lançando-se ao mar os caixões vasios. Tivemos que apresentar também os nossos três barris de farinha e procedeu-se de modo tão escandalosos com os bens dos passageiros, como se fôssem produto de pirataria, mas nem assim o navio se tornou mais estável.

Em 14 de abril, têrça-feira

Tempo muito calmo, com muita chuva do N.O. Estávamos ao largo da cidade de Olinda; aqui originou-se grande contenda entre o capitão e Brest. O capitão acusava Brest de ter enviado a bordo tão grande quantidade de mercadorias e tanta gente, sem ordem sua, e, assim, não assumia a responsabilidade por tôdas as desgraças que nos pudessem suceder. Exigia também que Brest lançasse ao mar o pau-brasil que estava no passadiço, o que o mesmo se negou a fazer. A êste respeito os dois foram chamados à

cabine e deu-se-lhes a entender quais as desgraças que poderiam acontecer, caso não se conseguisse acomodar melhor o navio, recomendando-se-lhes que pensassem na conservação de tanta gente, ao que êles aceitaram arrumar de tal maneira, que tudo estivesse fora de perigo e inquietações.

Quarta-feira, 15 de abril

Fêz-se uma grande arrumação, com o que se conseguiu reduzir o perigo de virar. Lançaram-se ao mar também umas 500 libras de pau-brasil. Em conseqüência da calmaria, víamos ainda a cidade de Olinda ao nosso lado. O vento era N.O.

Quinta-feira, 16 de abril

Vento E.N.E., fraco. Por volta de meia-noite o vento era N.N.O. com tempestade e chuva tão horrível, que fomos obrigados a recolher tôdas as velas. A grande vela já estava na água a tal ponto que o navio * * *

Suplemento I

Memória (168) do que se passou desde o dia 19 de abril (1648) até o dia 20.

Entregue pelo Sr. tenente-general Schoppe.

No dia 19 do mesmo mês, pelas 7 horas da manhã, atravessamos com as nossas fôrças o rio dos Afogados e fomos depois pelo campo, ao longo da praia, até o Melckhuijs. Mandei que as pequenas peças com duas companhias de fuzis fôssem pelo rio para o Cinco Pontas. Chegando ao Melckhuijs, encontramos aí cem homens, mas aí o inimigo não atacava, certo de que, por causa do pântano, não podíamos aproximar-nos dêle; mandei então imediatamente duas companhias de fuzis e os tapuias, porque êstes são velozes no correr para um lugar entre o continente e o pântano, a fim de cortar-lhes a passagem, de modo a que não pudessem chegar à floresta, e os ditos tapuias cercaram alguns dêles e mataram 25 portuguêses, trazendo dois presos que nos relataran, que, no engenho Guararapes, havia perto de 2 a 3 mil portuguêses. Durante êste dia ficamos juntos do Melckhuijs, uma vez que já eram 6 horas quando a retaguarda aí chegou. Desta forma nos vimos

---

(168) Arquivo geral do Reino em Haia «Verspreide W. I. stukken, fascículo 820». (*H. N.*)

forçados a permanecer a noite inteira na praia com tôdas as nossas fôrças.

No dia 20 do mesmo mês, às 7 horas da manhã, levantamos o nosso acampamento com intenção de irmos para o engenho de Guararapes, que dista cêrca de 2 horas do Melckhuijs, mas tendo marchado sem perigo durante uma hora, encontramos o inimigo numa planície entre um grande pântano e montanhas, sendo que de cem a 200 homens tinham atravessado o pântano e vinham ao nosso encontro, ao que imediatamente foi dada ordem a 4 companhias de fuzis de resistir ao inimigo, até que o grosso das nossas fôrças chegasse; quando estas chegaram, o inimigo retirou-se imediatamente pelo pântano para o grosso das suas tropas, que estavam atrás do pântano. Calculávamos a fôrça do inimigo em cêrca de 3.000 homens, de modo que logo dispus em ordem a minha gente nas montanhas contra o inimigo. Assestamos também as pequenas peças, na montanha, no flanco do inimigo. Êste, porém, permaneceu na sua defesa, sem querer abandonar o passo, de modo que começamos a atirar contra êle com canhões e mosquetes, das montanhas de baixo, por mais de duas horas, sendo que o inimigo não deixou de responder. Quando o carregamento das armas nos deteve por algum tempo, aproximaram-se de nós, procedentes do passo, uns 200 a 300 homens, tendo eu ordenado ao coronel Van Elst que atacasse o inimigo nas fraldas da montanha, com a brigada, composta do meu regimento, van Elst e *** Depois disto, o inimigo retirou-se pela estreita passagem para junto dos seus. Os nossos, querendo atravessar o pântano, pensando que fôsse terra firme, tiveram que voltar para trás. Vendo o inimigo que os nossos recuavam em grande desordem, sem nada fazerem contra êle, atacou os nossos pelas costas com mosquetes, fuzis, lanças e sabres, e cercou os que estavam no pântano, enquanto não era possível conter o pessoal, pelo que houve consideráveis baixas entre oficiais e soldados. Passada a desordem, dispus novamente essas tropas na montanha e vimos que éramos menos de 1.500 homens, os quais escaparam para a Barreta, levando alguns dêles uma boa parte dos feridos. Enquanto isto, o inimigo abandonou o seu passo e os nossos se dirigiram para lá, ao constatar que o inimigo havia partido. Eu fui ferido nesse encontro e, ainda que muito cansado pela perda contínua de sangue, dei ordem ao major Claes de dizer ao coronel van den Brande que conservasse as montanhas que tínhamos em nosso poder, a fim de, à noite, chegar em boa ordem ao Melckhuijs, com ordem especial de trazer os feridos que encontrassem na retirada, pertencentes a qualquer regimento. O que se passou depois

da data da minha partida, relatará a V. Ex.as, mais detalhadamente, o coronel Van den Brande (169).

Suplemento II

(Tirado de "*Reisen van Nicolaus de Graaff na de vier gedeelten des werelds, behelsende cen beschrijving van Zijn 48-jarige reise etc.* Amsterdam-Utrecht. H. en Wed. D. Boom-Ant. Schouten. 1701. 4.°) (170).

1649 e *1650*. Quando a armada holandesa, sob o comando do vice-almirante Witte Wittes, regressou à pátria, os Altos e Poderosos Senhores Estados dos Países-Baixos Unidos aprestaram uma segunda esquadra, sob o comando do almirante Hauthain, composta de 12 naus e capitâneas de guerra, sendo 4 de Amsterdão, 2 da Zelândia, 2 de Roterdão, 2 da Frísia e 2 da Região do Norte, a qual foi acompanhada de alguns transportes e navios mercantes (171).

1650. Nesta época estava eu no "Den Dolphin", provido de 38 peças e 330 homens, tendo como seus segundo e terceiro cirurgiões Dirk Govertsz e Philip Janss, de Sevenhuise.

No fim do ano de 1649 fizemo-nos ao mar com vento N.E. e, depois de pouco tempo, passamos De Hoofden, navegando em direção à saída do Canal; mas, na altura de Vaalmuiden, veio uma forte tempestade, acompanhada de granizo e neve, e todos os nossos navios se desgarraram uns dos outros, sem que um soubesse onde estava o outro. Com pressão das velas e mar agitado cruzamos com vento S.O. durante alguns dias perto de Vaalmuiden, Pleimuiden, Poortland e Wigt, quando o nosso mastro grande quebrou a certa altura e fomos obrigados a voltar; entramos no Mosa (Goerée) e fomos até Helvoetsluis e Winterlaag, sendo que du-

---

(169) Entre os documentos holandeses, trazidos por Joaquim Caetano da Silva, de Haia para o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, encontram-se o Ofício do Govêrno do Brasil Holandês de 22 de abril, datado do Recife, e o de van den Brande, de 23 de abril, também do Recife, ambos fontes importantíssimas para a história das batalhas de Guararapes. (*J. H. R.*)

(170) Fêz-se o confronto entre esta tradução e a de Alfredo de Carvalho, publicada na *Rev. do Inst. Arq. e Geog. Pern.*, vol. XIII, 1908, p. 78-83. Pelo fato de não se encontrar na Biblioteca Nacional nem a 1ª edição, indicada e utilizada por Naber, nem a 2ª edição (*Reysen van Nicolaus de Graaff, Na de vier gedeeltens des Wereids, als Asia, Africa, America en Europa...* Tweede Druck. Tot Hoorn, gedruckt by Feiken Rijp, 1704), utilizada por Alfredo de Carvalho, não sabemos se as discordâncias apontadas correspondem a variantes do texto ou correm por conta das traduções. Anotaremos nos lugares respectivos as principais diferenças. (*J. H. R.*)

(171) *Aqui o autor se engana.* É verdade que Hauthain devia substituir a esquadra de Witte, mas êste partiu do Brasil por sua própria iniciativa e só chegou à pátria em 28 de abril de 1650, enquanto Hauthain partiu em 1649, voltou depois e partiu definitivamente em meados de março de 1650. (*H. N.*)

rante êsse tempo muitos dos nossos homens ficaram doentes e alguns morreram, em conseqüência do frio e de outros incômodos que aí sofremos (172).

Findo o inverno, começamos novamente a fazer preparativos para a execução da nossa projetada viagem, a fim de levá-la a têrmo, se possível, com a ajuda de Deus. Fizemo-nos ao mar pela segunda vez em 10 de março de 1650 (173), com bom vento e tempo sofrível, e em 16 de maio ancoramos diante do Recife, no Brasil.

Encontramos aí alguns navios de guerra e mercantes, ao lado de vários corsários e flibusteiros. Enquanto o pessoal se refazia durante algum tempo e preparava o navio, foi equipada uma esquadra de guerra de 12 navios com alguns corsários e brulotes, a fim de ocupar o cabo de Santo Agostinho, que dista apenas 4 milhas do Recife e a fim de impedir aos portuguêses a entrada e a saída. Ficamos cruzando naquela paragem durante alguns meses, sem encontrarmos um só português nem praticarmos qualquer ato de hostilidade.

E, tendo dividido a nossa esquadra em várias partes, cruzamos ao longo da costa brasileira, mantendo bloqueado o cabo de Santo Agostinho com três ou quatro navios; nós, com o nosso navio e três outros, fomos para o sul, até a Bahia de Todos os Santos, e visitamos todos os ancoradouros e portos ao longo da costa, destruindo e queimando tudo quanto encontrávamos e não podíamos levar conosco, incendiando barcos, embarcações, casas, engenhos de açúcar e senzalas de escravos e levávamos para bordo a prêsa feita. Enquanto aí procedíamos desta maneira, recebemos, por um barco-correio, ordem do almirante, que continuava bloqueando o cabo de Santo Agostinho, no sentido de nos reunirmos a êle quanto antes, pois a qualquer dia era esperada de Portugal tôda a esquadra portuguêsa. Cercamos então o cabo de Santo Agostinho de tal modo com brulotes (174), que nenhum navio inimigo pudesse entrar ou sair.

Um pequeno navio português, carregado de açúcar e fumo, tentou escapar aproveitando a escuridão da noite, e navegar para Portugal; mas, para sua desgraça, veio cair em nossas mãos; seu carregamento era de 408 caixas de açúcar (175), muitos rolos de fumo brasileiro e alguns passageiros, tanto homens como mulheres, que foram mandados presos para o Recife.

---

(172) Na tradução de Alfredo de Carvalho, êste parágrafo todo aparece muito resumido (loc. cit., p. 80). (*J. H. R.*)

(173) Na tradução de Alfredo de Carvalho, lê-se 1 de março (loc. cit., p. 80). (*J. H. R.*)

(174) V. jornal de Haecxs, em 1 de agôsto de 1646.

O almirante apreendeu ainda outro navio português, de 32 peças, e fêz encalhar e destruiu mais 4, que procuravam prover de mantimentos o Cabo. Pouco depois, apresou ainda dois navios portuguêses, carregados de vinho.

Tendo cruzado aí durante algum tempo num e noutro sentido, apareceu diante do Cabo tôda a esquadra portuguêsa. Então levantamos âncoras, afastamo-nos um pouco da praia e nos dispusemos para a batalha.

A esquadra inimiga era composta de 70 velas e, à nossa vista, ancorou em perfeita ordem na baía do cabo de Santo Agostinho (176), disposta em meia-lua de uma ponta a outra : na frente os navios maiores, e os menores e menos armados perto da praia, ocupando assim tôda a extensão da baía.

Tendo o nosso almirante hasteado o sinal de conselho, vieram para o seu navio todos os oficiais, a fim de deliberarem o que se poderia fazer contra uma tão grande esquadra inimiga, ancorada no seu próprio pôrto, sendo que nós só dispúnhamos de 17 a 18 navios, estando êstes além disto sujos e com pouca gente, havendo quase dois anos que se achavam no mar e carecendo de muitas coisas necessárias, enquanto os inimigos eram quatro vêzes mais fortes em navios, dispunham de gente nova e estavam providos de materiais bélicos.

Não obstante tudo isto, os nossos resolveram atacar com coragem e boa harmonia a esquadra inimiga, assim como ela estava aí ancorada e, se possível, queimar e destruir alguns dos seus navios. Disposta a nossa esquadra, avançou em direção do inimigo, que continuou ancorado na baía; mas, enquanto navegavam, 3 ou 4 dos nossos melhores navios se desgarraram por causa do vento, de modo que já nos não podiam valer. Continuando a navegar o nosso almirante, os outros o seguiram um atrás do outro, atirando contìnuamente com canhões e mosquetes, passando perto da esquadra portuguêsa, de uma ponta a outra, sendo que neste combate muitos dos nossos navios começaram a vasar e foram postos fora de combate, tendo também vários mortos e feridos. Do lado inimigo também não se podiam gloriar de uma vitória, porque muitos dos seus navios foram valentemente bombardeados e o navio do almirante Don Juan explodiu, perecendo tudo (177).

Terminado êste primeiro combate, resolveu-se aguardar outra oportunidade melhor, já que se era de opinião que, enquanto o ini-

---

(175) Na tradução de Alfredo de Carvalho diz-se 400 caixas (loc. cit., p. 81) (*J. H. R.*)

(176) Cf. Haecxs, em fins de fev. e comêço de março de 1652.

(177) Na tradução de Alfredo de Carvalho, lê-se : «o seu Almirante d. Juan saltou em terra com 700 homens» (loc. cit., p. 82). (*J. H. R.*)

migo estivesse no seu próprio pôrto, pouco prejuízo lhe poderíamos causar, a não ser com grande perda dos nossos próprios navios; e que, portanto, devíamos atacá-lo em alto mar, durante sua viagem para a Bahia de Todos os Santos.

Enquanto isto, os portuguêses descarregavam e carregavam seus navios calmamente, e, uma vez prontos, começaram a navegar ao longo da costa, os menores na frente e os maiores atrás como seus protetores, com pouco receio dos nossos, embora os seguíssemos por algum tempo e por várias vêzes resolvêssemos atacá-los, o que não deu resultado por sermos fracos em navios e pessoal; também não era grande a nossa vontade de lutar novamente com uma tão grande esquadra de navios inimigos. Tendo-a abandonado finalmente, rumamos para o Recife e daí para a Paraíba, onde pusemos os nossos navios nas docas e os consertamos, no rio, um pouco além do forte de Santa Margarida, do qual era então comandante o Sr. Staghouwer; o pessoal dos nossos navios ia para a terra diàriamente a fim de se refazer e esquecer a longa viagem. Alguns dos doentes que foram levados para a terra restabeleceram-se ràpidamente, enquanto que outros morreram. Entre outros faleceram três dos nossos capitães de navios, a saber, Tas, Schaaf e Schonenman (178), que aí foram enterrados. E como os portuguêses tudo faziam para dominar nesta região, bem como no Recife, Olinda, Paraíba e outros lugares, estávamos cada vez mais em perigo; também se deram vários pequenos combates, tanto nas florestas como em campo aberto entre os nossos e êles; principalmente um perto da Paraíba Velha, um pouco rio acima, onde a nossa gente foi acometida e cercada por uma grande partida de portuguêses, muito mais numerosos do que os nossos. Durante algum tempo, os nossos defenderam-se valentemente, mas foram obrigados a ceder em virtude da superioridade numérica, com perda de quatro homens e alguns feridos.

Pouco tempo depois deu-se idêntico combate com 20 dos nossos, que haviam entrado na floresta para fazer vinho de caju e apanhar goiabas. Atraídos e cercados por um bando de tapuias e brasileiros, auxiliados por alguns portuguêses, caíram numa emboscada e perderam três homens, sendo que vários foram feridos por flechas, azagaias e outras armas dos índios; entre êstes estava Wouter Heilman, que tinha uma azagaia farpada atravessada no braço, que nós extraímos com grande dificuldade, e cujo curativo me custou muito trabalho por causa dos nervos atingidos, o qual, porém, sarou do ferimento (179).

---

(178) Na tradução de Alfredo de Carvalho lê-se Schone. (loc. cit., p. 82) (*J. H. R.*)

(179) Na transcrição de Naber, esta última parte da frase em que se diz que sarou do ferimento e o parágrafo seguinte foram omitidos, indicando-se a omissão com reticências. Completou-se de acôrdo com a tradução de Alfredo de Carvalho. (loc. cit., p. 83). (*J. H. R.*)

Por êste mesmo tempo, um serviçal de um engenho de açúcar, banhando-se à noite no rio, foi atacado por um caimã ou crocodilo, que lhe arrancou tôda a pele da perna direita. Na noite seguinte, tendo o crocodilo, como era seu costume, aparecido no mesmo lugar em busca de prêsa, foi visto por alguns dos nossos, que o mataram, com um tiro na cabeça. O ferido vem a falecer 23 dias depois de ter sido mordido.

Diàriamente davam-se incidentes entre os nossos e os portuguêses, como também entre os nossos e os indígenas brasileiros, mas geralmente com pouca vantagem para os nossos, porque os tapuias e brasilienses, aliados aos portuguêses, excediam os nossos tanto em número quanto no conhecimento de todos os passos e caminhos.

Nada podendo fazer os nossos chefes navais nas várias partes da América, para derrotar o inimigo, preparou-se a esquadra novamente a fim de arrancar uma prêsa das mãos do inimigo. Partimos outra vez para o Recife e daí para Paraíba, e assim para lá e para cá, e depois para o cabo de Santo Agostinho, onde passamos algum tempo sem nada fazer.

De volta ao Recife, alguns dos nossos navios foram, bem carregados, mandados para a suspirada Pátria. Mas nós, com os nossos três navios, tínhamos ordem de partir para a ilha Fernando, que se acha a 3 graus e 50 minutos, latitude sul, e daí para a ilha Barbados e outras ilhas das Índias Ocidentais; para aí partimos no princípio do ano e chegamos dias depois.

"HISTORIA DE LA RECUPERACION DEL BRASIL HECHA POR LAS ARMAS DE ESPAÑA Y PORTUGAL EL AÑO DE 1623 (SIC) POR EL DR. EUGENIO DE NARBONA Y ZUÑIGA

AL CONDE DUQUE, GRAN CHANCILLER DON GASPAR DE GUZMAN

La recuperacion del Brasil, que hicieron las catholicas armas de nuestro Soberano Monarca glorioso efecto de su poder, feliz experiencia de la proteccion divina, oficiosa tambien, y prudente disposicion de Vuestra Excelencia, escrevi en accion natural del deseo con que vivo de servir à la republica, y a mi Principe; A vos Excelentissimo Señor, la dedico, sea pues (aunque pequeña ofrenda menos bien escrita historia) culto devido, senas de amor, indicio de agradecimiento.

EL DOCTOR EUGENIO DE NARBONA Y ZUÑIGA.

LIBRO PRIMERO

Escrivire de la manera, que las armas del Rey Catholico de las Españas Phelipe Quarto, recuperaron las plazas, que en el Brasil havian ocupado los reveldes olandeses, que infieles à Dios, y à su Rey natural, inobedientes se profesan los mayores enemigos de la Iglesia Romana, y de la Monarquia de España, osando (ò en confianza de la industria en el marinaje en que se aventajan, ò de algun descuido que les hace atrevidos) infestar nuestros mares, las costas de Africa, y las provincias, que en el occidente, y levante, reconocen el Catholico Imperio de nuestros Reyes resultandoles tanto provecho destas empresas, que con el solo alimentan su reveldia; en el tiempo que les durò la paz con España, (infeliz para ella, como para sus enemigos utilissima) sentaron en el Oriente contratacion en que acabada la paz reconocieron daño notable, porque la poca seguridad hizo, que faltasse la correspondencia, y que el credito falido las ganancias fuessen perdidas, quedando obligados, faltos ya de caudal, à buscar nuevas maneras de grangerias; aportò a las islas en esta ocasion Francisco natural dellas, que haviendo vivido en las provincias del Brasil pratico y entendido, les induxo en codicia de sua conquista, proponiendoles las utilidades, que con ella conseguirân; diose principio à la platica entre personas particulares, y sucediò, que Juan Andreal Moherteam (1) olandes, hizo un discurso, donde en veinte capitulos provò los daños, que la Monarquia de España padeceria, y las ganancias, que resultarian à los estados, si se hiciessen señores de la provincia del Brasil; este discurso escrito en la Villa de Anstardam, se diò al Conde Mauricio en el Burgo de Haya; admitido el pensamiento, discurriose en la materia ponderando las utilidades que se prometian, y la importancia, y aun la necessidad, que les obligava à seguir el consejo, porque acabadas las paces, con enemigos, y sin caudal, era consequencia su daño; consideravan el tiempo, y la ocasion en que las fuerzas del Rey de España Dueño de las provincias del Brasil se

(1) O Autor refere-se ao opúsculo de Jan Andries Moerbeeck, *Redenen Waeromme de West Indische Compagnie dient te trachten het Landt van Brasilia den Coninck van Spangien te ontmachtigen...* (1ª ed., 1624), traduzida para o vernáculo pelo Rev. Pe. Frei Agostinho Keijzers e José Honório Rodrigues, com prefácio, notas e bibliografia do último. Rio de Janeiro, Instituto do Açúcar e do Álcool, 1942. (*J. H. R.*)

hallavan ocupadas, y divertidas en muchas partes, respeto de lo qual si una vez pusiessen el pie en provincias tan distantes poco armadas, y mal defendidas, era cosa mas que posible mantenerse en su posesion teniendo lugar, entre tanto que intentassen inquietarles en ella de fortificarse de modo que fuesse imposible el despoxarlos, y decian que una vez Dueños del Brasil pudieran juzgar, que lo eran del Pirù, cujas provincias se continuan por tierra firme, pudiendo tambien sin dificultad, ni resistencia pasar sus armadas al mar del Sur con gran utilidad, y no sin gloria, pues era cierto que para poderlo hacer no les faltava derecho, porque la libre navegacion de los mares se la concediò la naturaleza, contra cuyas leyes no pudieron otras positivas a cotar terminos, ni señalar dominio à algun Principe con prohibicion de que otros no pudiessen navegarlos : Y en esta razon un Sophista (2), que encubriò el nombre, publicò un libro, en que procurò provar este libre uso de los mares, pero no quedò sin respuesta docta, y de mucha erudicion, que es bien responder al necio, por no dexarle presumido de sabio; alentaronse los olandeses à esta conquista, codiciosos de la fertilidad, y riqueza de una provincia, cuya estendida capacidad es mayor que toda Europa, que tiene mas de mil, y docientas leguas de costa de mar, fertil toda, y de mucha riqueza, con cuyo dominio les parecia ya que la fortuna les disponia un Imperio glorioso de la manera, que en otras edades de igual humildad que la suya, havia levantado gentes (à su parecer de menor brio) à mayor grandeza, que la que se les proponia, el deseo facilitava muchos peligros, y graves dificultades que les proponia la razon, que los que niegan providencia justa, fian mucho de la fortuna, mudando el nombre à la primera causa, de quien son efectos ò los prosperos, ò adversos sucesos; esta platica secretamente se hizo saber à los Principes del Norte, y à personas muy poderosas de otras provincias, à quien representaron las utilidades de la empresa con los colores, que la pudiessen hacer mas apetecible; la codicia acreditò la proposicion, y la desaficion à las cosas de España, quitò la luz al juicio, para que no se viessen los daños que resultarian contra los que la aprovavan; ojòse, y admitiòse en fin, y en consequencia desto se hizo una compañia de mas de novecientas personas de mucha calidad, y grandeza, y aun Magestad de cuyo caudal crecido, se hizo un puesto riquissimo con que se havia de dar efecto à los intentos referidos, y principio al mas rico comercio, y contratacion de mayor caudal, que

(2) O Autor refere-se à famosa obra de Hugo Grotius, *Mare Liberum, sive de jure quod Batavis competit ad indicàna commercia dissertatio*, Lugduni Batavorum, Elzevir, 1609. Serafim de Freitas e John Selden replicaram, escrevendo o primeiro *De justo Imperio Lusitanorum Asiatico*, etc., Vallisdetum, 1625, traduzida para o francês por G. de Grandpont, e o segundo a obra *Mare clausum s. de Dominio Maris*, London, 1635. (*J. H. R.*)

se huviesse visto en el mundo; al tiempo que estas cosas se disponian, que era en el año de mil, seiscientos, y veinte, y tres, la grandeza de España, y la Magestad de su Catholico Dueño, (imbidiada siempre) llegò à mas temida de los mayores Principes de Europa, por ser Rey de las Españas Phelipe quarto Hijo de Phelipe tercero, y Margarita, inclitos Reyes desta Occidental Monarquia (*sic*) de veinte años, en quien la providencia felizmente proporcionò el espiritu con el Imperio, y el talento con la ocupacion, dando efecto dichoso à sus nobles calidades, haver eligido por mas cercano Ministro de su servicio, y consejo à Don Gaspar de Guzman tercero Conde de Olivares, persona en quien el suceso ha hecho juzgar acertada la elecion; Y assi conociendo los Principes imbidiosos de la Grandeza de España, que tiene tan gran Rey, y que se sirve de Ministros de Caudal, temieron que sus fuerzas pudiessen intentar empresas en su daño, los Catholicos si advitieran à la justicia con que el Rey dispone sus intentos, bien pudieran prometerse mas seguridad, como tambien devieran temer los hereges, cuyo justo miedo se hizo contagioso à los que no le devieran tener, y asi con ponderaciones, que hizo admitidas la ira, los Principes Septentrionales Hereges, introduxeron platica con otros Catholicos, para que coligassen sus fuerzas contra la Casa de Austria intentando abatir à quien la omnipotencia de Dios levantò, conserva, y aumentarà en premio de la fè, y religion de sus Principes; Por medio de Embaxadores se tratò, y efectuò esta liga en cuya consequencia, resolvieron muchas cosas, que pertenecen à otra historia; aora no nos toca sino solo decir, que sabiendo los Principes coligados lo que en Olanda se tratava por aviso de aquella republica, que concurria en la liga, pareciò conveniente, que la jornada, que se intentava, hacer por los estados, y por los mercaderes de la gran compañia de Anstardam, se despachasse brevemente, porque ocupados los puertos del Brasil, provincia, que tan importante, y de utilidad es al Rey de España, lo era forzoso acudir con la parte mayor de su poder à procurar los recuperar, y divertido en esta accion y ocupadas sus fuerzas, y sus armadas en ella dexavan posible execusion à sus designios; Y asi correspondiendo à estos intentos comunes apresuraron los Olandeses el despacho de su armada tal, y tan copiosa, como pedia la ocasion, y sus fuerzas pedian juntarla; juntose pues en la Isla de Olanda, y Zelanda una armada de veinte, y seis navios grandes, y nueve patuches, trece de los estados reveldes, y treze fletados de mercaderes, por General de tierra Juan Vandort, varon por sangre, calidad, y valor digno de la empressa; por Almirante Jacobo Villevens, por soto Almirante Pedro Pers (3) ingles de nacion, de

(3) Os nomes dos oficiais neerlandeses acima referidos escrevem-se Johan van Dorth, Jacob Willekens e Pieter Pieterszoon Heyn, que não era inglês, como está no texto. (*J. H. R.*)

mar, y guerra tres mil hombres, escogidos todos, praticos, y de opinion, ben armados con mucha, y buena artilleria, municiones, y pertrechos necessarios, la costa de todo por mitad de los estados, y los mercaderes; con summo secreto se dispuso todo, corriendo voz, que la jornada era à las Indias Occidentales, diversion importante, y que tuvo effecto por lo poco, que se creyò en España que huviesse otra parte donde les pudisse llevar su codicia; en veinte y uno de Diciembre del año de mil, seiscientos, y veinte y tres, saliò de Olanda la armada como pudo, no con muy buen tiempo, y al llegar a la Baîa de Pleamua, puerto de Inglaterra corriò tormenta peligrosa, de modo que divididos los baxeles fluctuaron hasta juntarse en Cavo Verde en la Isla de San Vicente donde estuvieron setenta dias rehaciendose de los daños padecidos; de alli partieron, y haviendo pasado la linea a seis grados del Sur, abrieron los pliegos, que traian de Olanda, leyeron las ordenes de su Republica, y supieron que la jornada era al Brasil à la Baîa de Todos Santos.

La Provincia del Brasil llamada assi por la madera de este nombre de que abunda, o, Santa Cruz, nombre que le diò el Capitan Pedro Alvarez Cabral que la descubriò, quando en tiempo del Rey Don Manuel de Portugal iba con la segunda armada a la India Oriental en el año de mil, y quinientos, está en la parte del nuevo mundo que se llama America al oriente della, y respeto de nosotros al occidente; en la division que hizo el Romano Pontifice Alexando (*sic*) sexto de los mares, y tierras de nuevo descubiertas entre los Reyes de Castilla, y Portugal, adjudicò a los Reyes de Portugal aquella parte que se considera como un triangulo cuyo lado mayor se forma de la linea de la demarcacion entre estas dos coronas que corre por la tierra adentro, terminandose por la parte septentrional, en el Rio Marañon, y por la Austral en el cabo de Santa Maria en la boca del Rio de la Plata; teniendo por aquella parte por lindes las aun no conocidas provincias del Dorado, y las asperezas de los montes que la dividen del Pirù; el menor de los otros dos lados mira al Oriente, y Septentrion, compreendiendo las poblaciones del gran Parà, Paraìba, Tamaracà, Pernambuco, cuya cabeza es la Villa de Olinda, que dista del cabo de San Augustin seis leguas, de donde tiene principio el tercer lado que fenece en el Rio de la Plata, en el cabo de Santa Maria, el qual comprehende las capitanias, y ciudades de Rio Real, San Salvador, que es la Baîa de Todos Santos, Puerto Seguro, Rio de Janero, San Vicente, y otras, esta costa toda la bañan las aguas del Occeano Atlantico, y cortan las de muchos rios, que nacen de los montes interiores de aquella Provincia que son de altura mayor que los que en el Africa, y el Azia, se juzgaron por mas levantados, formando las bocas destos rios, puertos capacissimos, y de mucha seguridad; toda esta

Provincia se comprehende desde 2. hasta 35. grados Australes segun la cosmographia de los Portugueses, respeto de estar la mayor parte deste estado debaxo de la zona Torrida, que los antigos juzgaron inhavitable, es caliente, y humida, causa de su fecundidad, frescura, y verdor continuo, los frutos principales de que abunda, es, azucar, y mandioca, que es una raiz, que reducida a harina sirve de sustento a los indios, y negros, y a los que no tienen con que comprarla de trigo que por llevarse de España sale (4) cara, el azucar se saca de Canaverales muy copiosos, haviendo socorrido la providencia de mucha leña de grandes bosques que tiene todo el distrito, y de esclavos que se traen de Angola, y otras partes de Africa, cuyas riveras se contraponen, que para la fabrica destos frutos son necessarios, cuyo comercio riquissimo equivale a los metales de las Indias Occidentales, y à las drogas del Oriente; los naturales habitadores son barbaros dificultosos de reducir à razon, y cassi incapaces de enseñanza, varios en su querer incostantes en sus acciones : y respecto del calor, y humedad, de cuerpos debiles, y poco fuertes, aun que de buena proporcion, mas altos que medianos, siendo fuertes solo quando enojados, teniendo su fiereza por el mas regalado sustento la carne humana; no por faltarles otros, porque la tierra produce frutos, animales, y aves de sabor gustoso, tanto que los animales de zerda son el mayor regalo, y de que se alimentan enfermos; la Baîa de Todos Santos, parte la mejor, mas util, y de mayor importancia de todo el estado, (que como diximos està en el lado que mira al Oriente, y medio dia) dista del cabo de San Augustin, cien leguas en treze grados de latitud Austral, es una ensenada que forma el mar, de gran capacidad, y dilatados limites con varias puntas esteros, y figuras diversas, puerto de calidad, que se juzga por el mejor del mundo, teniendo la boca de la Baîa, desde la punta de San Antonio a Taparica cassi tres leguas, no todo fondable, respecto de algunos baxos, que se hallan a la parte de Taparica; levantase en las riberas, (que son todas montuosas) con eminencia algo mas elevada en forma prolongada desde el Norte al Sur la Ciudad de San Salvador Metropoli de toda la Provincia, en que està la Iglesia Cathedral, el obispo, la audiencia de los desembargadores, Governador, y oficiales de la hacienda Real.

A esta parte (pues) tomaron los Olandeses su derrota, tenia orden el General que de improviso entrasse la armada en la Baîa se apoderasse de la Ciudad, y siendo posible pasase luego à Pernambuco, porque dueños de las dos plazas, quedaba la Provincia toda sugeta al albedrio de sus armas, haciendo, (para los intentos de

(4) A palavra está riscada. Parece ler-se *vale*.

adelante) que la Baîa fuesse plaza de armas como la mas principal del Brasil; entraron en ella, y aunque de su Republica, traian orden de intentar por medios de paz la conquista de las voluntades, primero que con violencia la de la ciudad, no lo hicieron assi, porque luego con la artilleria batieron el arraval de la marina, con el mayor daño que pudieron aunque poco en el efecto quanto a la ciudad, respecto de estar en eminencia que la defiende; està en frente della dentro del agua un fuerte empezado a hacer entonces (y que despues acavaron los Olandeses) con seis piezas gruesas de que recivia gran daño la armada, asistia en el Antonio de Mendoza hijo del Governador Diego de Mendoza Hurtado con alguna gente para su defensa, temeroso el enemigo del peligro, que reconociò en la artilleria del fuerte, y viendo que por lo baxo que tenia el mar en aquella parte, no podia con las naos mayores, acercarse a batirle, con Barcas se avecindaron mas, y con la mosqueteria hacian daño à los nuestros de modo que obligaron a desampararle aunque por breve tiempo, porque los Portugueses avergonzados de la retirada bolvieron a cobrar lo perdido, y a ocupar el fuerte, que el enemigo tomò, y al dejarle, dexò clavada la artilleria, y desencavalgada, entre tanto que por esta parte del fuerte nuevo los enemigos procuraban la entrada, y nuestros soldados la defendian, mil mosqueteros havian saltado en tierra por la viexa, que es junto a San Antonio, ya la deshilada fueron marchando la buelta de la ciudad por entre la maleza, y estrechuras de los montes, donde pudieron facilmente ser resistidos, si algun descaescimiento fatal no impidiera el brio de tres Capitanes que estavan de guardia que con su gente se retiraron feamente. Desta manera llegaron los Olandeses a San Benito donde hicieron alto por ser ya tarde asistiendo toda la noche en el puesto con harto miedo, y desorden, porque conocian, que si fueran acometidos, quedaran perdidos, y desvaratados; la gente de la ciudad viendose sin defensa ni de los soldados a quien vieron retirar, ni de muros, porque no los tenian, por la parte del Carmen salieron aquella noche, y al amanecer entrò el enemigo sin resistencia, avisado, y llamado (segun se dixo) de uno de los vecinos, que se acomodaron con la fortuna del vencedor; entraron en fin, y no hallando en la ciudad sino algunos negros, y portugueses, hebreos de nacion, apostatas del Evangelio, que esperaban el suceso, y havian sido parte en el trato, con otros que de su nacion fugitivos esperaban en Olanda: el Governador, que era Diego de Mendoza Hurtado desamparado de todos juzgò impcsible (5) la defensa, y ya que no pudo resistir la entrada de la ciudad, resistiò su fortuna, y constante à la desgracia esperò en su casa de donde le levaron preso

(5) Lê-se *mipsible*.

à la capitana, los vecinos de la Ciudad viendo huir à los soldados cuya defensa pudo animarles, huian tambien apresurados, y estimando las vidas solo, despreciavan las haciendas, medrosos, y acobardados, tanto mas, quando fuè el suceso no temido, salen à los campos constreñidos del miedo, turbados huyen, sin que detenga, ni al niño la poca edad, ni a las mujeres el recato, ni la flaqueza al viejo, que el miedo que para defenderse les quitò el brio se le daba para poder huir; confusos en el camino se preguntavan el principio de tanto daño, y aunque sienten el que padecen, considerando la causa el que esperan augmenta el sentimiento, el padre que huia incierto, si el hijo quedaba en el peligro llorava, y sentia de amor, y miedo acaesciendolo mismo al esposo amante, y a la mujer que creia a su marido preso, o, muerto, quales sean mas infelices o los muertos, y presos, o los vivos que amenazados no saven juzgarlo, afligense, viendo la ciudad entrada, las haciendas adquiridas con tanto trabajo, de valde poseìdas del tirano, y a los que amigos de Dios estiman su honra, y sienten sus ofensas, ninguna cosa aflige tanto como considerar los templos profanados, y las imagines santas ofendidas, y entre la prisa del caminar bolviendo los ojos por el miedo, veian la ciudad, y aumentavan las causas al dolor no se consalavan viendola, y oprimidos de tanto mal suspiran, gimen, lloran, y querellanse, mirando al cielo, qual con ira, qual con devocion, y desconfiados de lo humano creyendo no poderlos valer sino lo divino, piden milagros a Dios; y a los que eligiò patrones su Religion solicitan protectores los ruegos con votos repetidos, y plegarias afectuosas; en esta infelix retirada, y huida de tanto deslucimiento que los mayores, y menores de la ciudad de San Salvador hicieron cada qual fuè aquella parte que mas juzgò segura, los mas al reconcavo de la Baîa, que es lo interior della, donde estan los ingenios del azucar, tan copiosa de frutos, y de tan vistosas arboledas que en la immensidad del occeano se ignora otra igualmente fertil, y deleytosa, el obispo que era Don Marcos Texera persona, por calidad, ciencia, y virtud digna de aquella ocupacion, se retirò a una Aldea de Indios residencia de los Padres de la Compañia de Jesus con algunos de los desembargadores, y Auditor general del estado, que era Antonio de Mezquita de Oliveira, los quales ponderaban sin tiempo quan desordenadamente, y con poco acuerdo se havian dexado llevar del miedo, y desamparado la ciudad sin haverse puesto en defensa, cuidando solo de salvar las vidas, despreciando la honrra, y la reputacion, tratose que se llamassen los oficiales de Camara de la Baîa que estavan retirados en Pitanga lugar de la juridicion de San Salvador, para que juntos acordassen de dar Dueño al Govierno, para que la gente se recogiesse, y en lo restante se pusiesse orden de modo, que el enemigo, como lo era

de la ciudad, no fuesse Dueño de toda la Provincia, y que pues por la prision del Governador Diego de Mendoza Hurtado, se podia juzgar muerto, quanto à la imposibilidad del exercicio de su ocupacion, se abriessen las vias del Rei (assi llaman los rescriptos Reales con que en accidentes tales se previene sucesor al govierno de aquellas Provincias remotas quando muere el que las tiene a su cargo) juntos, pues, se abriò la primera via; y hallose nombrado por Governador en defecto de Diego de Mendoza à Mathias de Albuquerque que a la sazon governava a Pernambuco en lugar de su hermano Duarte de Albuquerque, Donatario de aquel señorio; tuvo aviso Mathias de Albuquerque de como el Rey le nombrava Governador general, y acudiò obediente, y Antonio de Mezquita Oliveira chanciller de la Justicia que es el Supremo Magistrado fuera del Governador, y hallandose Dueño de la Jurisdicion por la prision de Diego de Mendoza juzgò pertenecerle el governar la Baîa, entretanto que se nombrasse quien lo hiciesse por estar cien leguas distantes Mathias de Albuquerque, (*sic*) llegò el aviso a Portugal a veinte, y seis de Julio de mil, y seiscientos, y veinte, y quatro deste modo determinaron dar quenta al Rey del miserable suceso como lo hizo desde Pernambuco el Governador Mathias de Albuquerque, llegò el aviso a Portugal a veinte, y seis de Julio de mil, y seiscientos y veinte, y quatro, y los Governadores despacharon luego al Rey que ultimo dia del mismo mes a la hora de media noche supo como hai quien se atreva a la mayor grandeza, y como esta sugeta a malos sucesos la Monarquia de mas poder. No alterò el animo real de aquel varon a quien Dios dispuso tantas glorias a que le encamina por cuidados, y trabajos con que cultiva su entendimiento; ni le entristeciò nueva tan poco temida, y de suceso de tanto daño aunque le obligò a muchos pensamientos con que desvelado toda la noche exercitò en actos interiores las virtudes heroicas que enriquezen su espiritu. La Religion violada fuè lo que en primer lugar sintiò piadoso representandosele, con quanto atrocidad y con que denuestos serian afrentados los lugares santos, y las cosas sagradas : y mènos acordado de las utilidades, que perdia con la Provincia y del agravio con que vasallos reveldes le ofendieron atrevidos a solo vengar las ofensas de Dios, y recuperar aquellos hijos a la Iglesia fuè a lo que se dispuso bizarro. El Conde Duque cuerdo, advertido, y verdadero no procurò hacer menor el daño de la perdida lisongero al dolor sino con ajustados encarecimientos se le ponderò grande a su Rey, proponiendolo la obligacion de procurar que la recuperacion de lo perdido fuesse de modo que sirviesse tambien de castigo, y escarmientos a los que presumieron osar contra su justa (*sic*) imperio, aumentando de este modo brio,

(si havia lugar) al bizarro (6) espiritu del Rey, que afirmandolo con muchas veras, dixo que quisiera poder ir a la Jornada, en el Consejo de estado de Portugal, y despues en el de Castilla se leyeron las cartas de los Governadores de Portugal, tratose de lo que se devia hacer en aquella tan terrible ocurrencia. Significò el Conde Duque él sentimiento del Rey, y ponderò quantas razones havia para tenerlo, viendo unos vassallos reveldes tan poco temerosos, que cada dia aumentando culpas ponian a riesgo el credito de las fuerzas, y reputacion de España, y quanto era el enemigo de inferior calidad hacia la ofensa de mayor sentimiento, y obligava a satisfacion mas cierta, y mas executiva, y dixo quanto importava que las cosas se dispusiessen de modo que en la dilacion no huviesse peligro, ni para que el daño creciesse dexando lugar a que vencedores los enemigos obrassen en su aumento, y a que el mundo dudasse del justo sentimiento del Rey; ninguno huvo en el Consejo que no juzgasse la ocasion urgente a muy gran demonstracion, y de tanta importancia, que creian depender del buen suceso la duracion de la Monarquia de España en sus Principes, pues era cierto que si perseverasse el enemigo, Dueño del Brasil, lo seria de las Indias Occidentales, cuyas riquezas son las que han quedado a este imperio de España que no sin providencia en todos tiempos ha querido Dios que sea señora de los metales sin quien ninguno es rico, y que si a la infedelidad de los olandeses no se atajase el paso, era cierto haver de venir a tanta ruina la Religion, que se acortassen mucho los limites de la Iglesia, el Marques de Villa Franca Don Pedro de Toledo, (a quien formaron gran Capitan, el valor, y entendimiento, y el grande uso de grandes ocasiones) con razones vivas encareciò la importancia de la jornada, y propuso que fuesse de modo dispuesta que segun el juicio humano, no se pudiesse dudar de la victoria, y que la armada, que se embiasse fuesse tal, tan copiosa, y bien prevenida que pudiesse sufrir los accidentes de aquellos mares que havia de navegar, y que no necessitasse de socorro, pues la distancia le hacia imposible, ofreciò ir a servir en ella, y si por su edad no pareciesse a proposito, a sus hijos Don Garcia de Toledo, Duque de Fernandina, o al Marques de Valdueza Don (7) Fadrique de Toledo Osorio, a cuyo cargo estava la armada Real del mar Occeano; la nobleza de España mal ocupada en los regalos de la opulencia, y ocasiones de la Corte, si hasta entonces embarazados de si mismos y a sujos de buena gana se ofre-

---

(6) Grafia irregular.

(7) Existem de Dom Fadrique de Toledo Osorio, o restaurador da Bahia, várias relações, relatórios e cartas, todos tratando das capitulações e impressos em Barcelona, Sevilha e Nápoles, em 1625. (*J. H. R.*)

cian a la empresa culpando insufribles los plazos forzosos de su dilacion, y el que por demasiado cuidado en su atavio, desacreditò el valor heredado restituido al credito con la resolucion de ir a guerra tan justa, mejorò la opinion cambiando el vituperio en honrra, y el noble ardimiento del corazon del Rey (creido, y de que todos hablavan) encendia al mas tibio, resolviendo a los indeterminados su determinacion gloriosa.

Los Cavalleros Portugueses que se hallaron en aquella sazon en la corte de Castilla sin dilacion se dispusieron a ir a la jornada; Diò principio a esta resolucion, y con exemplo avivò el brio Don Manuel de Moura, Marques de Castel Rodrigo Gentil hombre de la Camara del Rey, que ofreciò servir con una compañia de cien mosqueteros armados, y pagados a su costa, siendo el Conde Duque eficaz instrumento con que todo se obrava que con razones, y con promesas en nombre de su Magestad dispuso los animos de todos, como con diligencia las cosas necessarias, para expedicion tan grande, la mayor dificultad que se proponia en ocasion tan apretada, era solo la falta del dinero, que la hacienda del Rey està mui apretada porque paga a hora los excesos en que no tuvo culpa, y enfermedades causadas de mal regimiento, y desorden de mucho tiempo, no tienen facil, ni breve curacion en los cuerpos humanos, quanto mas en los de las Republicas, donde los achaques son mas reveldes a la medicina, quanto tienen mas de libre, y menos de natural, pues quando assi la ocasion instava, y la falta del dinero era tan grande, que oprimidos los animos de los consejeros de hacienda, veian el socorro muy lexos del discurso, el Conde de Olivares no se embarazò en nada, y mostrò en trance tan apretado, valor, capacidad, y mucha maña, gran calidad en Ministros publicos, dispuso las cosas de manera que huvo dinero para todo sin gemido del pueblo, ni sacando de su paso las contribuciones del Reyno, que quando mas apurado nuestro Rey nunca le faltò para ocasiones justas, y son lo quantas intenta, por mas que la embidia las note de ambiciosas. El dia sigiente a la noche en que tuvo el Rey la nueva de la perdida la Baïa, reconociò como Catholico Principe, que sucesos tales tienen su causa en los pecados, y que no hai mal que dañe a quien culpas no mancillan; dispusose para recivir el Santissimo Sacramento : reciviole devoto, reconciliandose con quien temiò ofendido, rindiendose obediente al poder de que no puede huir, y debaxo de cuyo amparo solo, se halla seguridad, creyendo fiel que el mayor poder de los hombres como facil arista que lleva el viento se desparece, y falta, quando auxilios divinos no le amparan, y no solo mostrò la religion de su animo con esta accion sino que diò orden al Presidente de Castilla que con cuidado procurasse saber los pecados de la Republica para que con la fuerza de la justicia se evi-

tassen. Escriviò al Consejo cartas a todos los corregidores del Reino en esta conformidad, y el Rey escriviò al Summo Pontifice Urbano VIII. para que como Padre, y Pontifice Summo sostituto de Dios en la tierra con sus oraciones alcançasse de su piedad perdon, y de su poder ayuda contra sus enemigos, ordenando que los demas hijos de la Iglesia se dispusiessen a hacer lo mismo. A que respondiò su Santidad con el efecto con breve especial que remitiò a su Nuncia en España Julio Saqueto obispo de Gravina, que prudente, sabio, desinteresado, cortes, y apacible, siendo confidente a su Dueño, administrando justicia con igualdad se dispone a los aumentos, que le esperan, haviendo do merecido ya con aplauso comun de toda la corte de España, la purpura sacra de Cardenal, merced, con que el Pontifice Summo testifica de su justicia, y dà indicios de su magnificencia, y piedad, como de su Religion fuè testimonio lo que en sus breves escrive en esta razon a la Magestad Catholica de nuestro Rey, exortando por otros a los fieles a la empressa, concediendo indulgencias, y juvileos a los que ayudassen, o assistissen a ellas. A la Iglesia Santa de Toledo escriviò tambien el Rey mandando que haciendo patente al pueblo el Santissimo Sacramento festejandole con la grandeza, y Magestad que aquella Santa Iglesia suele hacello, diesse motivo a la devocion de sus ciudadanos para que pidiessen a Dios misericordia, y auxilios qual los pedia la ocasion; a Portugal (como diximos) llegò primero la nueva, y segun de las demostraciones se pudo juzgar nunca los Portugueses sintieron otra perdida tanto como esta, y encendidos en justa ira aquellos conrazones no vencidos sola la immensidad del occeano pudo embarazarles a una prodigiosa demonstracion en venganza del agravio que sentian en la invasion que los Olandeses hicieron en sus tierras, que esto, no las utilidades perdidas era la mayor ocasion de su dolor, mal sufridos a la dilacion forzosa que se oponia a sus intentos con que se prevenian a recuperar aquella parte de nuevo mundo que con tanta gloria havian adquirido sus Padres, y assi todos se disponian a la jornada, no solo la nobleza (cuya promptitud en ocasiones de honor acusa de perezosa la mayor actividad) sino el pueblo todo ofreciendo contribuir para los gastos, no con proporcion a las fortunas sino segund el animo, y el corage. Escrivio el Rey a los Governadores de Portugal los justos sentimientos de la perdida del Brasil, encargando se aprestassen para ir la a recuperar, ordenando que se hiciesse en aquel Reino armada de todos los mas navios que se pudiessen juntar assi de los que eran de la armada del mar Occeano, como de otras partes, dexando para la guarda de aquellas costas diez, o doze, haciendo tambien levas de tres mil infantes, y de manera que para veinte de Agosto estuviesse todo aprestado, y en la carta que es de siete, de su misma letra dice el

Rey : "Concluyo que tales vasallos en obligaciones, amor, y valor acudiran en esta ocasion a servirme, y a bolver por si mismos, con tales veras, que haya mayor trabajo en atajar a que no vayan que en animarlos para ir pues es cierto que yo lo estimo y amo tanto que holgaria ir con mi persona en esta jornada para mostrarles quanto deseó no solo la conservacion de esta Corona, sino aumentalla, y engrandecella, como tales vasallos merecen". Con estas razones se aumentò el brio, y se avivò la diligencia con que se disponia la jornada; hacia gran estorvo la ocasion en que las naves de la armada havian salido a esperar las naos de la India, que segun lo ordinario ya era tiempo que vinieran Don Diego de Silva, Conde de Porto Alegre que renunciò el estado en Don Henrrique su hermano, (a quien si la modestia retirò a la quietud reduxo la lealtad a servir buscado) era Governador de Portugal juntamente con Don Diego de Castro Conde del Basto que con el valor, y continuos servicios aumentò luces al esplendor glorioso de su calidad con cuidado procuraban entrambos satisfacer su obligacion, y al servicio de su Rey, y Reyno, para poder hacer mejor, dividieron las ocupaciones. A Don Diego de Silva se le encargò las cosas de la mar, a Don Diego de Castro las de la tierra, cada qual en lo que le tocò cumpliò, y satisfizo, obrando con tanta felicidad que pareciò cosa mas que natural lo que hicieron, porque con ser el tiempo tan breve, y la falta de la hacienda mucha sobrò de todo despues de cumplido con la ocasion, y las ordenes del Rey. No huvo alguno de la gente conocida que no contribuyesse para la jornada; menuda cosa juzgo indigna de historia referir por menor que personas, y quanto, otro que se satisfaga destas puntualidades lo escriva, lo que se ofreciò (al fin) y diò en esta ocasion fuè con que bastantemente se satisfizo a todo el gasto de la armada. El Conde de Miranda, Diego Lopez de Sosa Governador en la Chancilleria de Oporto tuvo orden de su Magestad para entre Duero, y Miño, ver con que baxeles podian aquellos puertos acudir para la armada, su diligencia fuè mucha, y lucida porque en muy pocos dias conduxo a Oporto diez navios proveidos de todo lo necessario de gente de mar, y guerra, artilleria, municiones, y mantenimientos con que se adelantò mucho la expedicion; aun que se ocupavan los Governadores en prevenir la armada, y lo necessario a ella, advertidos consideraron el estado que toda la Provincia del Brasil tenia con el enemigo dueño de la ciudad, y de la Baîa, y el peligro de los ingenios de la azucar, que hai en el reconcavo della, uno de los caudales de mas utilidad de aquel estado, y que la gente que se puso en defensa para que el daño no se aumentasse tenian necessidad de socorro con que poderse mantener seguros, y assi providos dispussieron dos caravelas encaminadas a Pernambuco a Mathias de Albuquerque, para que segun

juzgasse convenir lo repartiesse. Fueron las naves a cargo de los capitanes Francisco Gomez de Mello, y Pedro Cadena (8), personas entrambas de valor, y experiencia en aquellos mares. Fuè el socorro segun la capacidad de los baxeles, llevavan ciento, y veinte hombres de guerra, polvora, pelotas de toda suerte, plomo en pasta, y en pelotas, mil, y trecientos arcabuces con sus aderezos, cuerdas, lanzas, y algunos picos, y azadones; este socorro llegò a Pernambuco a los ultimos de Septiembre, haviendo salido de Portugal a ocho de Agosto de seiscientos, y veinte y quatro; fuè recibido con notable demonstracion de alegria de los que tristes, e atemorizados assistian en el Brasil, tanto porque se aumentavan sus fuerzas quanto porque crecieron los brios con la esperanza del mayor socorro que en España se prevenia con tan gruessa armada, y tanta diligencia, como les contaron los capitanes, a quien oian regocijados, y preguntavan prolijos. El Rey quando supo diligencia tambien acordada, agradeciò el cuydado, y alavò el acierto de los Governadores, encargando que quanto la posibilidad diesse lugar se procurasse embiar en baxeles ligeros los mesmos (*sic*) soldados, que se pudiessen avisar gente platica que a la visoña del Brasil industriasse, y dispusiesse salir de la ciudad embiando aprobacion, y nuevo titulo de Governador del Brasil a Mathias de Alburquerque. Obedientes a esta orden, y por darle suceso, se previnieron tres caravelas por capitan mayor del socorro a Don Francisco de Mora gran soldado, y buen capitan, cuya elecion aprovò el Rey, y por carta especial agradeciò haverse querido Don Francisco disponer para aquella jornada por la confianza que tenia de su buen servicio, nombrando tambien por capitan mayor de la Baïa, oficio en que tenia nombrado el Governador Alburquerque a Francisco Nuñez Mariño de Ezà soldado de esperiencia, y valor, y haciendo del el Rey la estimacion devida a quien mereciò tanto, no pareciendole conveniente reformar a Don Francisco de Mora que tambien era persona de importancia. No juzgò, indigno a la Magestad satisfacer al sentimiento que pudiera tener Francisco Nuñez de que sin desmerecerlo, y sin tiempo le reformassen, y assi le escriviò el Rey una muy honrrada carta que fuè de mucho efecto diciendo que quando supo que el Governador Mathias de Alburquerque havia

---

(8) Pedro Cadena de Vilhasanti exerceu vários cargos oficiais na Paraiba, em Pernambuco e na Bahia. Participou das lutas na Bahia e Pernambuco, de onde se retirou em 1639. É autor da *Discripcion de mil y treinta y ocho leguas de tierra del esto de Brasil, conquista del Marañon y Gran Pará*, encontrada na Biblioteca de Wolfenbüttel, editada por Gotthold Ephraim Lessing e Christian Leiste, sob o título : Beschreibung des Portugiesischen America, vom Cudena. Ein Spanisches Manuscript in der Wolfenbüttelschen Bibliothek. Brunschweig, 1780. É autor, também, da *Relação diária do cêrco da Bahia* de 1638 (Coleção dos Clássicos da Expansão Portuguêsa no Mundo, Lisboa, 1941), fonte primordial para o estudo do sítio da Bahia, promovido por Maurício de Nassau em 1638. (*J. H. R.*)

hecho eleccion de su persona para assistir al reconcavo de la Baîa, ya su Magestad la havia hecho de Don Francisco de Mora para el mismo efecto, y que entonces estava en Belem aprestado el viage por lo qual fuè forzoso haver de pasar adelante con lo hecho, y que assi se serviria le assistiesse a Don Francisco de Mora, y juntos con el valor de su caudal dispusiessen las cosas de su servicio a medida de su confianza. Con Don Francisco de Mora iban por capitanes en las dos caravelas Geronimo Serrano, y Francisco Pereira de Vargas. Llevava este segundo socorro ciento, y cincuenta hombres de guerra, arcabuces, polvora, cuerda, plomo en pasta, y moldes de hacer pelotas. Llegò a Pernambuco Don Francisco de Mora, en cincuenta, y dos dias sin daño alguno, de Pernambuco, puesta la gente, y lo demas en seis caravelones passò a la torre de Garcia de Avila, desde donde llegò a los quarteles de los Portugueses de quien fuè bien recibido. El tercero socorro que saliò de Portugal fuè al Rio de Janero tercera plaza de las del Brasil, llevole en la Nao nuestra Señora de la Peña de Francia, Salvador de Sà, y Venavides cavallero de la orden de Santiago de Castilla, mozo de veinte, y dos años gallardo, y de muchas partes, hijo de Martin Correia de Sà Governador de aquella plaza, y de Doña Maria de Venavides de la Casa de los Marqueses de Javalquinto. Fuè este socorro de menos gente, y municiones que los otros, aunque tan util como todos. El quarto que saliò al Reino de Angola no fuè menor, ni de menos importancia que todos, entre tanto que los socorros se prevenian, y despachavan se hacian las levas de los tres mil infantes, y se aprestavan las naos para la armada; Don Alonso de Noroña del Consejo de estado de Portugal capitan General en varias ocasiones Governador que fuè de Zeuta, y Tanger, y del Algarve, embiado Virrei de la India (que ya embarcado, y hecho à la vela, y navegado mucho mar, no sin providencia arrivò con que reconociò que sus decretos le destinavan para otros fines) en accion natural de su valor, y por satisfacer al ardor de su brio, y a las obligaciones con que naciò de mirar por las cosas publicas, y conservacion de la Corona de su Rey, luego que se tratò de la jornada fuè el primero que se alistò para ir, y tan eficaz exemplo pudiera persuadir à los cavalleros, y señores de Portugal que advirtieron, y consideraron la obligacion que tenian a prevenirse con resolucion de ir en persona a la recuperacion de las plazas del Brasil, que el enemigo havia ocupado no contentandose con ayudar con sus haciendas, pues sus Padres quando las conquistaron con haciendas, y vidas lo hicieron, y que aunque parecia que la forma de govierno del Reyno se havia trocado, y que las cosas no corrian como entonces, la sangre era la misma, los espiritus los proprios, que derivandose de padres a hijos sin admitir consideraciones estrañas, obli-

gavan a mantener, y conservar por los Reyes de Portugal, y en su dominio lo que les adquirio (aunque en otras venas) la misma sangre, y el propio (*sic*) espiritu, y que juzgassen esta ocasion de recobrar lo perdido, mas gloriosa que la fuè, (*sic*) quando se adquiriò porque entonces la codicia pudo aumentar el brio à la conquista pues al fin la utilidad de la empresa era para los que conquistavan, y que oy solo lealtad, solo valor, solo obediencia, y amor de su Rey, les movia à pretender recuperar lo que savian no les havia de ser de provecho, y que assi ninguno era bien se escusasse de ir a la jornada, ni por edad, ni porque a su casa faltasse sucesion; pues era cierto, que los que havian vivido mucho tiempo, no podrian tener fin mas glorioso que muriendo en servicio de su Rey, y por conservar la Religion de unas Provincias donde sus Padres plantaron las primeras cruces, que con tanto deshonor tratavan de arrancar los hereges, y que si la sucesion en los nobles se codicia por la conservacion de la memoria, con que medios mas iguales, y proporcionados podrian hacerse eternos en la fama y en la gloria que perdiendo las vidas obrando heroicamente.

Y assi haviendo todos resuelto de ir en persona a la jornada, y con estrechos abrazos dado señales exteriores de la union de los animos se confirio segun el caso, y se hizo notoria la resolucion de los mayores, con que los de inferior orden se dispusieron a su imitacion, muchos fueron los cavalleros, y señores, que se resolvieron a esta jornada, y con efecto fueron a ella, cuyos nombres no refiero sino en las ocasiones, por evitar repeticiones inutiles, y por no obligarme a escrivir matriculas de nombres a que todos tienen derecho, como tambien las faltas para ser dignos de memoria a los que no obraron cosa que la mereciesse, llevados, (pues) los vassallos de la Corona de Portugal de su propio natural brioso, y leal con sus Reyes, y con la emulacion de tanto exemplo pocos huvo que se escusasen de ir, de uno (que por ventura tuvo causa de escusarse) escrivieron a su Magestad (mas por admiracion a lo que creo, que por acusacion) que se escusava. El Rey respondiò, que sentia mucho haverlo savido, y que si el tal algun dia tratasse de pedir merced se le avisasse, que entonces se le olvidaria. Huvo porfias entre muchos, y contiendas honrrosas sobre qual havia de ir, contendiendo en tales devates los padres con los hijos, y aun las madres; esta promptitud en servir, ye el mucho aliento con que todos se disponian a jornada de tanto peligro, de mil, y quinientas leguas de navegacion de climas tan diversos, y estraños, y contra un enemigo apoderado de las fuerzas con exercito grande, y experimentado bien mereciò la cariciosa aceptacion, y agradecimiento con que el Rey se diò por servido, manifestando en muchas cartas que en esta razon escriviò a los Governadores a quien remitio cartas para cada uno

de los señores, y cavalleros que iban a la jornada, escriviendola especial a Don Alfonso de Noroña por haver con su exemplo sido tanta parte para tan noble, y generosa determinacion, y dado principio a ella. La armada se iba previniendo con toda priesa, porque con cartas, y correos mui frequentes instava al Rey a su despacho, vinieron las naos que esperavan las de la India, y juntose la armada de veinte, y seis baxeles bien prevenidos de artilleria, y municiones; nombrose por General della a Don Manuel de Meneses (9), gran cavallero, gran capitan de esperimentado valor, y prudencia persona al fin que entre tantos sugetos dignos desta empresa como tiene Portugal, mereciò ser elegido, y buscado del Rey y de sus Consejos para tan igual ocupacion. Su Magestad havia dado orden que la armada de Portugal fuesse a Cadiz a juntarse con la de Castilla que entre tanto se iba previniendo con toda diligencia y cuidado del Conde Duque, que a quien no sabe quan oficioso es, y para quanto, no se harà creible que pudiesse acudir al despacho de tantas, y tan varias·cosas todas de importancia a un mismo tiempo, quando se disponian las de Castilla a que asistia con immediato govierno, entonces con cartas (que ocupan mas y cansan harto) correspondia a Portugal, respondiendo, y ordenando segun convenia. Haciase mucha instancia al despacho de la armada de aquel Reino con ordenes muy apretadas (Como dixe) temiendo mas detenimiento en ellas, por el breve despacho que esperaba en la de Castilla, para cuyo avio fuè a Cadiz Don Diego Brochero gran Prior de Castilla en la orden de San Juan del Consejo de estado, y guerra que con la experiencia y tantas razones de grandeza y confianza satisfizo a todo, yendo tambien Bartolome de Anaja cavallero de la orden de Santiago secretario del Consejo de guerra (que hoi es consejero, de partes buenas para qualquiera ocupacion importante) con ordenes, para que donde quier que se hallase convenir, truxesse a Cadiz los baxeles, y artilleria que pareciessen necessarios nombrò el Rey por su General de aquella jornada en mar, y tierra a Don Fadrique de Toledo Osorio Marques de Villanueva de Valdueza General de la Armada del mar occeano hijo, y soldado de Don Pedro de Toledo Marques de Villa Franca, y que aunque la empresa era de mucho cuidado, y de importancia, y Don Fadrique mozo, la experiencia de su cordura en que excede a la edad le hicieron juzgar a proposito para esta ocasion y otras majores, aumentando las razones de confianza, casi con certeza de buenos sucesos el conocer su virtud, obligando a creer que siendo como es tan atento a la observancia de la ley de Dios, como su

(9) Don Manuel de Meneses escreveu a «Recuperação da Cidade do Salvador», *Rev. do Inst. Hist. e Geog. Bras.*, t. 22, 1859, p. 357-411. (*J. H. R.*)

amigo tendria su ayuda. Aunque no hay peligro que dè miedo, ni enemigo que se deba temer, la armada de Castilla se prevenia con toda diligencia, y creyendo que podria despacharse antes que la de Portugal, se hablò en que no la esperasse, porque de tal manera, se juzgava importante la brevedad del socorro que tuvo por menor daño el ir corto que tarde pero en Portugal no se descuidavan que los Governadores no son de calidad que podràn ser notados de vagarosos, en cosa que este a su cargo, prevenida (pues) y en estado de hacerse a la vela aun no estava resuelto como se havian de juntar las dos armadas; hablose primero que la de Portugal fuesse a Cadiz, despues que de Cadiz viniesse Don Fadrique a Portugal, y en esto se perseverò mas tiempo, y al fin se acordò que la de Portugal fuesse a Cadiz, y quando ya parecia conveniente ocasion de hacerse a la vela se levantò un viento levante tormentoso en la misma sazon que se tratò de levar ferro, porque se juzgò impossible que la armada doblasse el cabo de San Vicente para la navegacion de Cadiz, pues esperar alli proheando (*sic*) era peligro de que se debia huir por juzgarse cierta da ruina de la armada, quando assi las ocurrencias davan que pensar considerando de una parte la orden del Rey, y de la otra el peligro, y daño forzoso de su obediencia; Don Manuel de Meneses como quien con ciencia, y experiencia entendia las materias, advirtiò à los Governadores que estavan a bordo de la capitana en su falua, la dificultad, que havia si la armada partia con aquel viento; llamaronse Pilotos para conferir, y resolver, lo que devia hacerse, y si para huir del peligro se podia hallar algun puerto donde con seguridad pudiessen esperar las armadas y aunque ubo quien fuè de parecer que las ordenes del Rey se guardassen, aunque fuesse ariesgandose, a otros parecia conveniente, que procurando conservar la armada se acudia mejor a servirle, y unos Pilotos de mejor opinion, que acierto, dixeron que en las Islas de Cabo Verde havia una que llamaban de Mayo, de puerto capaz, mucha fertilidad, buenas aguas, y que alli podria la armada esperar segura, y acomodadamente. Este parecer se ojò de buena gana, y aunque perseveraba el escrupulo de si las ordenes del Rey se guardavan con la puntualidad debida, los Governadores, prudentemente resolvieron en que el parecer de los Pilotos se siguiesse, tomando a su cargo satisfacer al Rey, y assi, viernes, veinte y dos de Noviembre de mil, y seiscientos y veinte y quatro, dia de Santa Cecilia, partio del Puerto de Lisboa la armada que llevava veinte y seis navios de alto bordo con buena artilleria, y provision bastante, y quatro mil hombres de mar y guerra. Por General Don Manuel de Meneses, y Almirante Don Francisco de Almeida, tambien Maestre de Campo de un tercio. Hizo su derrota a la Isla de la Madera por donde pasò a veinte y nueve del mismo mes y a seis de Diciembre

por entre la Palma,, y Tenerife Islas Canarias, y a veinte y quatro de Diciembre diò fondo la capitana en la Isla de Santiago la principal de las de Cabo Verde, en frente de la Villa de la Playa, y es para muy advertir que los Pilotos por cuyo parecer se resolvio la venida de la armada a tomar la Isla de Mayo, la perdieron sin poderla bolver a tomar, y debiose observar por obra de la providencia divina que experimentamos cuidados siempre de los suyos y con especialidad de los sucesos de esta jornada, que si la Isla se toma, se aventurava toda porque el puerto con cuya esperanza venian, no le havia, y las comodidades de fertilidad, y agua faltavan totalmente, y el que se tomò en Santiago que fuè muy a proposito, no se conocia antes de aquella ocasion, ni en las cartas venia demarcada, y accidentalmente se hallò alli un Piloto de quien tuvieron aviso del puerto donde el mismo conduxo la nave, y la parte de armada que la seguia, con que brevemente se juntò lo restante della, y donde en conformidad del orden estuvo esperando a la armada de Castilla que por falta de tiempo con mucho sentimiento y no sin daño estuvo en Cadiz hasta catorce de henero de seiscientos, y veinte y cinco porque entonces se reconociò disposicion para partir. Saliò al fin la armada de Castilla, martes, haciendo la cordura y religion de Don Fadrique, agueros dichosos, lo qual la ignorancia y supersticion de otros los concevirian tristes. Era la armada de treinta y un navios de alto borde con buena y mucha artilleria provision y municiones bastantes, cinco mil, y quinientos infantes, y dos mil, y quinientos hombres de mar que juntos formaron numero de casi ocho mil, donde concurriò gran parte de la nobleza de España, muchos capitanes, y soldados de experiencia de los exercitos de Flandes, y de Italia; por General Don Fadrique de Toledo; por Almirante Don Juan Faxardo de Guevara, a cuyo cargo estava la armada del estrecho. Con vientos guenerales (*sic*) y frescos partiò la armada, alegres todos, y bien contentos, y antes de poder doblar los cabos de San Vicente, y Cantin tuvieron vientos contrarios tanto, y tan fuertes que temieron perderse, suceso que segun certificò el General Don Fadrique se le previno el venerable, y devoto Padre Fray Simon de Roxas de la orden de la Santissima Trinidad confesor de la Reyna de España para cuyo remedio le dixo que quando se hallase oprimido de mal tiempo sacase su carta, y assi Don Fadrique acordado en la ocasion fiel al aviso Santo, quando el viento estava en su mayor fuerza, y amenazaba el peligro, sacò la carta del Santo Religioso, y luego mejorò el tiempo observando auxilios divinos que reconociò agradecido; assi se lo escriviò a la Señora Doña Victoria de Toledo su hermana Marquesa de Zahara desde Tenerife, a seis de febrero llegò la armada a Cabo Verde, y en el seguidero de la Isla de Santiago reconociò

la de Portugal que havia esperado quarenta y quatro dias haviendo padecido la nao Concepcion (que iba a cargo del Maestre de Campo Antonio Muñiz Barreto) naufragio en la Isla de Mayo donde encallò en los vagios, y donde en socorro de aquel daño obrò Don Antonio de Meneses hijo de Don Carlos de Noroña como cavallero de tanto valor, y entendimiento, evitando el peligro de muchos que le debieron las vidas; en descubriendo la capitana de Portugal a la Real de Castilla, abatiò el estandarte, y hizo salva con cinco piezas, y la de Castilla respondiò con tres, y luego la de Portugal izò el estandarte. Mucho fuè el regocijo con que los de la una, y otra armada se recivieron, las cortesias, y cumplimientos de los Generales, y de los Cavalleros Portugueses, y Castellanos, conforme a su nobleza, sin incurrir alguno en achaque que pudiesse notarsele y como el intento de todos era igual del bien de la causa publica un mismo parecia el espiritu que le llevava mostrandolo a porfia los unos y los otros, Don Fadrique de Toledo con cuerdas y bien dichas razones exortò a todos a la union, y paz, y amistad, y a la obediencia que es la que dà efecto a las armas prometiendo castigo al que faltasse en algo aunque fuesse el mas principal de exercito. Recibieronse (10) las armadas de lo que tuvieron necessidad, y haviendo conferido segun las ordenes de la derrota que se havia de tomar se determinò que por estar el tiempo mui adelante, y por evitar el peligro que hay, assi en la salud de los cuerpos, como en las calmas a que estan expuestos aquellos mares al pasar la linea equinocial se dexasse a Pernambuco, derecho se encaminasse a la Baîa de Todos Santos y en esta conformidad dexando a Cabo Verde, prosiguieron las armadas su viage.

---

(10) Lê-se *rehicieronse.*

LIBRO SEGUNDO

En tanto pues, que navegavan prosperos nuestros Españoles aunque no sin padecer enfermedades en los grados mas cercanos a la linea, contaremos del modo que se havian los enemigos victoriosos, y fortificados en la ciudad de San Salvador, y Baîa de Todos Santos, y tambien lo que los del Pais, y los Portugueses hicieron en daño de los Olandeses, que luego, que tomaron la ciudad, despacharon a las Islas un patache con nuevas del suceso, y aviso como sin perdida, ni aun de la municion, se havian hecho dueños de aquella plaza en que esperavan permanecer, y que el tiempo que podria tardar el Rey de España en intentar recuperarla (que a su creer seria mas de um año) no le perderian acudiendo a otras empressas de mucha utilidad, para cuyos effectos pedian socorro, y con brebedad trahido, de tal manera se hizo el enemigo Dueño de la mar, y tan sin miedo obrava a su albedrio la fortuna de su parte que los sucesos excedian al deseo porque sin navegar ni pelear aumentò el caudal, y enrriqueciò en gran manera, porque los que venian del Pirù à España por la via de Buenos Aires, creyendo la Baîa puerto seguro, con tristes sucesos esperimentavan la poca seguridad de las cosas humanas cayendo en manos del enemigo, donde creyeron hallar amparo, el Provincial de la Compañia de Jesus, y doce Compañeros que venian de venian de (*sic*) visitar los collegios de la parte del sur, fueron los primeros engañados, y presos, y Don Francisco Sarmiento que venia del govierno del Potosi con sus hijos, y hierno y toda la familia tuvieron el mismo suceso, que entrando de noche en la Baîa, con el dia conociò su desgracia, esta nave que les vino a las manos fuè de tanto valor lo que trahia de oro, y Plata que lo tasavan en seiscientos mil pesos, y de los pasageros hicieron prisioneros quantos creyeron de rescate, como fuè Don Francisco, y su familia, y otros sino fuè un soldado que le hallaron unas cartas para el Rey de España de cosas tocantes a la Provincia de Chile que a este le mataron, otros muchos navios de Castellanos, y Portugueses tomaron con este engaño padecido, aunque algunos se escaparon del peligro por avisos que de la torre Garcia de Avila les dieron, con una nave dos Pataches, y tres lanchas acometiò el enemigo los ingenios del azucar hallò advertida

la gente que alli tenia de guarnicion el Capitan a guerra Amezquita, y defendieronse sin recivir daño alguno, con muerte de diez Olandeses, quedando la nave casi en seco, y aunque se disponian los Portugueses a quemarla no fuè tan aprisa que con la maña que para tales casos tienen los olandeses no anticipassen el remedio al daño, sacaron la artilleria, con que aliviado el baxel, pudo salir, y llegò a la Baîa, hallandose falto de mantenimiento el enemigo imbiò una nave, y algunas lanchas a Camamu, que dista de la Baîa por la vanda del sur como diez y ocho leguas donde intentaron robar las estancias donde crian las vacas, en el numero, igual fuè la perdida a la ganancia de los Olandeses porque ocho quedaron muertos, por otras tantas vacas, que llevaron, no se contentò el Olandes con embiar a su Republica, nuevas de sus felicidades sino parte de los frutos adquiridos con ellas, y assi a veinte y ocho de mayo, remitiò a las Islas una nave de ochocientas toneladas que llamavan la Rapossa cargada de azucar, tavaco, y Corambre, y por el mes de Julio, otras quatro naves menores, con los mismos generos de mercaderias, y en ellas a Diego de Mendoza Hurtado, y al Provincial de la Compañia de Jesus. Jaques Guillermo General de los olandeses con once navios bien artillados, y solo con gente de mar sin llevar alguna de guerra saliò de la Baîa, y aunque recataron mucho el designio se supo que fuè a cargar de sal, y a este mismo tiempo el Almirante Pedro Pers Ingles (11) con seis navios, y dos pataches, y en ellos mas de ciento, y veinte piezas de artilleria, y ciento, y cinçuenta mosqueteros sacados de entre toda la gente los mas diestros, y mejores saliò la buelta de Angola Juzgando por muy importante tener plazas en aquel Reyno para la correspondencia de las mercancias, y para llevar negros a la Baîa, intento que se conociò antes, y que se previno en España, y assi los Governadores de Portugal tuvieron ordenes del Rey, para que aquel Reyno se socorriesse con cuydado, como se hizo con el capitan Benito Vaña Cardoso. Pedro Pers, diò vista a la ciudad de Loanda en el Reyno de Angola a treinta de Octubre de seiscientos, y veinte y quatro asistiendo à la vista sin desembarcar ni vatir treinta dias enteros, a lo que se creyo esperando descuido que facilitasse la entrada, y como el Governador estuvo prevenido, y asistiesse en todos tiempos vigilante, y cuidadoso como tan buen cavallero, y soldado quitò el efecto al designio, y assi a treinta de Noviembre se alargò sin haver hecho mas effecto que tomar una nave de Hevilla, (*sic*) y otra de Canaria cargada de vino que por desgracia apostaron a aquellas costas. Esta armada de Pedro Pers corriò los mares del Brasil hasta doce de Marzo de mil, y seiscientos y veinte y cinco en que aportò al

---

(11) O Autor refere-se a Jacob Willekens e Pieter Pieterszoon Heyn. (*J. H. R.*)

paraje que llaman la Capitania del Espiritu Sancto que por la vanda del Sur dista de la Baîa cien leguas donde el mar forma una Isla en tierra firme entrando un brazo por la parte del corte que en semi sirculo rodea seis leguas de capacidad entrando angosto como doscientos pasos continuandose la misma anchura todo lo que baxa la Isla, por la parte del Poniente hay un rio de agua dulce que desagua en la ria, que llaman de la poblacion, en que hay mucha cantidad de ingenios de que son dueños los moradores de la Villa de Victoria de que es Señor, y Capitan Francisco de Aguiar Coutiño, lugar grande, y de no poca vecindad que dista de la Barra, y boca de la Ria que sirve de puerto, una legua; todo el sitio desta isleta se levanta a manera de monte aunque con elevacion moderada, haciendo la parte en que esta fundada la Villa, que es a las mismas Riberas, una eminencia superior a lo demas, por cuya ocasion el sitio del lugar es mas sano, mas alegre, y defendido, el terreno es muy fertil, la estancia gustosissima, y de gran provecho para los habitadores que viven seguros defendidos de la estrechura de la Barra que a la vanda del norte tiene un cerro, o montaña en cuya cumbre está una ermita dedicada a la devocion, y nombre soberano de la Virgen Madre de Dios nuestra Señora, que del sitio se llama de la Peña, que con especial devocion, y piadoso culto es venerada de todo el estado del Brasil, y con votos, y ricas ofrendas visitadas de proprios, y estrangeros, cuya devocion se aumentò con haverla havitado el Padre Jozeph de Ancheta de la Compañia de Jesus cuya santa, y exemplar vida fuè edificacion a todo el pais, y su doctrina utilissima porque se convirtieron muchos Indios que recivieron el Santo Baptismo. En esta parte (pues) retiro apacible hurto del mar, habitacion segura, y deleitosa de muchos Religiosos que alli tienen monasterios, grangeria de los habitadores que desfrutando la fertilidad de la tierra son fructuosos a otras provincias donde transportan sus dulces fructos, se vivia seguramente sin medio (*sic*) que huviesse enemigo que perturbasse aquella paz pero un ingrato forastero que haviendose avecindado alli, y merecido por sus delitos ser condenado a pena de muerte de que indigno fuè perdonado desagradecido el tal (que se llamava Pedro Framengo) a la piedad que no merecio conociendo que el enemigo andava en aquellos mares, creyendo que pues no acometia aquella plaza ignorava su importancia, recatado como aleve saliò de la Isla en un Batelillo a persuadirle que embistiesse el lugar, y tomasse aquel puerto significandole, y encareciendo su importancia, y que era de calidad que una vez apoderado del era impossible, poder humano recuperarle, porque con poco arte ayudada su natural fortificacion, se hacia inexpugnable, y la tierra adentro era muy estendida, muy capaz, y muy fertil, de muchos Indios, a quien presto reduciria, y venceria fa-

cilmente, y encareciendo las utilidades de la empresa se la facilitò proponiendo el estado en que se hallavan los havitadorés, seguros, y desarmados sin prevencion, y aun sin miedo.

El Ingles capitan de Olanda que sentia haverse de volver a la Baîa sin haver obrado cosa porque mereciesse premio admitiò la platica, y juzgò la empresa como se la significavan facil, util, y segura, y fueralo sin duda, y a nosostros de incomparable daño si con providencia que ignoran los mortales, no huviera Dios para socorro de tanto peligro trahido acaso a quel puerto a Salvador de Sà Venavides hijo de Martin Correa de Sà Governador del Rio Janero que con un socorro como ya diximos vino pocos dias antes de Lisboa despachado de su padre a servir a su costa con docientos, y sesenta hombres blancos, y Indios que en tres caravelas, y tres canoas venian al socorro del reconcavo; acaescio pues que estando en aquel puesto de camino Salvador de Sà con su gente el enemigo con toda confianza se entrò por la barra adentro a doce de Marzo a la hora de tarde, y sin querer reconocer la Villa, se entretubo aquella noche hasta que el dia siguiente desembarcò trecientos mosqueteros, que ocuparon luego el arraval, asegurando, (segun su usanza) a la gente, pidiendoles que no huyessen. El Capitan Aguiar poco prevenido aunque con mucho valor temiò el conflicto, y pareciole que la plaza estava perdida, y aconsejanvanle (*sic*) el retirarse a los ingenios, pero su valor venciò el efecto, y alentado con la gente de que ya se via (*sic*) dueño, y con tener de su parte a Salvador de Sà con el espiritu bizarro que heredo de sus aguelos (*sic*) que como grandes capitanes sirvieron a su Rey, y a la patria tan gloriosamente, y assi juntos sin embarazarse con el peligro animosos se dispusieron en defensa, no solo creyendo poder evitar el daño sino esperando victoria, juntose la gente toda que sacò de las caravelas, y canoas, que retirò a la parte contrapuesta de la ciudad, encubriendolas de la maleza que havia en aquellas orillas, con ella, y con sesenta mas personas que havia en el lugar se fortificò, previniendo primero una cosa digna de alavar por bien pensada conocio como el enemigo era muy diestro en las armas de fuego, que trahia, y que en ellas lo suyos eran poco platicos, y que llegando a las manos seria de mas efecto con la espada que con arcabuz, y los Indios con flechas, de buen efecto, y assi ordenò que los blancos dexassen los arcabuces, y que con las rodelas que se pudieron hallar, se armassen solo con espadas, prevenido esto ordenò que seis pedreros que estavan en lo baxo de la ciudad donde no se pudo esperar pudiessen ser de efecto, se subiessen arriba. De la ciudad bajan nueve calles, que terminan en el arraval las bocas, trincheò con las puertas que quitò de las casas porque no dava el tiempo a cortar faxina, aunque la havia a la mano, con las puertas fortificadas las calles, puso en

cada una veinte hombres blancos, y Indios, en la plaza puso sesenta, y el con veinte acudia a ver por la parte, que el enemigo se determinava a entrar de las nueve calles para acudir a ella, y esforzar la defensa, todo estava lleno de matorrales, y maleza, que es cosa casi natural en toda la tierra. Puesto en esto estado las cosas, animados los soldados con exemplo, y con razones del valiente mancebo que les governava, conociose que el enemigo se aplicava por la tercera estancia a la parte del Norte, y Salvador de Sà acudiò a ella, y entre las matas de la maleza encubiertos puso de mas de los que havia a una parte ocho soldados y a la otra igual cantidad, y con seis quedose el capitan en medio de las dos esquadras, el enemigo presumido, y bizarro, marchava la buelta de la ciudad a la parte donde Salvador estava encubierto, y quando llegò casi a pisarle saliò el noble Portugues apellidando Santiago, y en el mesmo (*sic*) punto los de la mano derecha, y siniestra del mismo modo con valentia, y denuedo español diciendo Santiago, acometen al enemigo que embarazado de lo improviso de la accion, y de la presteza con que les ofendian creyendo mayor numero, y aun excesiva cantidad de gente que les acometia sin orden se retiravan, apresurados huyan, arrojando los mosquetes que juzgavan carga inutil, aunque no para que desembarazados, pusiessen mano a la espada, que covardes tuvieron siempre en las correas; a los que el miedo hizo ligeros alcanzaron las flechas de los Indios, que siguieron el alcanze hasta el mar donde se recogieron los enemigos vencidos infamemente de quarenta. y seis hombres, que fueron con los que Salvador de Sà les acometiò. Quedaron muertos en el campo veinte, y cinco, y muchos heridos, y por despojos mas de cien mosquetes, una vandera, una caxa, y otras cosas, embarcados yà los Olandeses, desde la orilla se les ojò el lamentar, y de la manera que sin tiempo se castigavan de su covardia, atribuyendo a mas alta causa el triste efecto, todo lo restante del dia, se estubo el enemigo quieto oyendoles como rezar, y a la tarde vieron que acompañado de grandes alaridos echaron un cuerpo a la mar, quisieron intentar bolver a la empresa, y Salvador de Sà, que no se asegurò por el buen suceso de que diò gracias a Dios, que esforzò su juventud, mostrose a la defensa, y fuè ocasion para que el enemigo zarpase, y se fuese, Salvador de Sà sacò sus caravelas, y canoas, y traxolas donde se pudo embarcar mas comodamente, yendo embarcado echò un Indio a tierra, que desde un arbol alto vio como el enemigo havia entrado por el Rio de la poblacion a hacer aguada, y que alli havia tomado, y desecho unas canoas de las del servicio de los ingenios, y haviase savido que antes tomara un patache; tanto por dar fin a la empresa, quanto por asegurar que ido el, pudiesse el enemigo atreverse a bolver, Salvador de Sà procurò hacerle mas daño, y assi se entrò el Rio arriba,

y al desaguadero puso las proas de las dos canoas hacia la mar, trincheandose, y con las otras se atravesò, y quando llegaron los pataches del enemigo a abordar dieron sobre ellos valientemente, matandoles 40 (12) de la gente sino fueron cinco, que se cogieron vivos. El uno dellos un soldado de muy buen talles, y con buen adomo, que otro de los prisioneros dixo, que era capitan, y barbaramente animoso en lengua castellana pidiò que le matassen, que no queria vida infame, y sin dar lugar à que pudiesse estorvarselo su amo un Indio que le tenia asido, y que estava sintiendo el dolor de una herida, con un machete le rompiò la cabeza, de los otros se supo, que el muerto, que echaron a lar mar el dia antes era el almirante de aquella armada, hombre entre ellos de los de mayor importancia, y que el Capitan a quien matò el Indio era persona estimada por su buen juicio tanto como por valentia. Tomado el Patache, y con los prisioneros bolviò Salvador de Sà al puerto del Espiritu Santo, donde reciviò devidos parabienes, y agradecimientos comunes, pues debian todos a su valor la libertad, que gozavan. El dia siguiente apareciò de paz el enemigo, pidiendo por cartas muy corteses que le socorriessen con algun refresco a ley de buena guerra, y que le rescatassen los prisioneros, o dixessen que personas eran, para dar quenta a su Republica, y les diessen los pataches, que les hacian *gran falta por el precio que quisiessen que alli trahian* mucho oro, y otras cosas de precio con que commutallo. Respondiò Francisco de Aguiar, que ellos eran vasallos del Rey de España de quien ellos eran enemigos, y que no tenian orden de dar otra cosa que polvora, y valas, y servir con el uso de las armas que tuviessen; replicaron dos veces con otras cartas, y cansado ultimamente Aguiar les escriviò que se fuessen muy a priesa, o, que saldria y los quemaria a todos, temieron efectiva la amenaza, y assi diciendo que antes de un año havia de ser toda la Provincia del Brasil del Conde Mauricio su Señor.

Luego que el enemigo entrò, la ciudad, y sus vecinos huyeron, ya diximos que Mexquita acudia à la guerra como capitan el qual viejo y con achaques de la edad y con la alteracion del modo de vida diferente mucho a la que tubo en quietud se hallava cansado, y las cosas necessitadas de dueño proveyose por los a quien tocava aquel govierno criar, dos coroncles que fueron Antonio Cardoso de Barros, y Lorenzo Cavalgante de Alburquerque, en cuya juridicion permaneciò poco el govierno de la guerra por diversidad de condiciones o por otros accidentes que hacen malo el govierno de dos con igual poder; este daño socorro el Governador Alburquerque

---

(12) Grafia obscura. O traçado do *t* toma a forma de um 4; todavia, parece dever-se ler *toda*.

nombrando por General al Obispo Don Marcos Texera, cuyo valor, y entendimiento, y el amor que tenia a las cosas publicas, y el cuydado con que les asistia le hizo juzgar a proposito de aquella ocupacion, que aceptò de buena gana, y para mejor poder acudir a lo que devia, dexò la asistencia del lugar de Espiritu Santo y vino al Rio Bermejo que distava de la ciudad una legua, alli tomò sitio y se aquartelò con buena disposicion, y bien fortificado con trincheras dobladas en cuya fàbrica travaxò el Santo Prelado, hizo plata formas, y reductos segun la disposicion, y en el fuerte Real y otros que hizo puso la artilleria que tuvo de una nave Vianesa que por un rio que desagua en la Baîa entrò en ella y por entre toda la armada enemiga pasò segura con admiracion y gloria, la gente que tenia el Obispo eran mil hombres blancos, y quinientòs Indios. Obligacion parecia al olandes procurar desaloxar al Obispo pero no juzgò la empresa facil, y assi aunque con asaltos mui frequentes recivia daño, no se atreviò a salir a campaña con su gente, como ni al Obispo se le permitia por los capitanes que le asistian, que acometiesse la ciudad, como lo determinò hacer, recatados de la artilleria en que el enemigo era aventajado, y assi con escaramuzas, y con asaltos frequentes le tenia inquieto haciendole gran daño que en dos ocasiones le mataron doscientas personas. El enemigo que conociò el valor del Obispo, presumiò infiel poder reducir con persuasiones al que con armas esperava vencer, y asi el General le escriviò una carta con estilo propio de Hereges encubriendo el veneno con dulzura de palabras, pidiendole desistiesse de la oposicion que les hacia con las armas ofreciendole segura amistad, y libre la ciudad en que pudiesse vivir como gustasse sin que pudiesse temer violencia alguna, porque solo deseavan respetando su persona servirle, y gozar su communicacion de que esperavan muchas utilidades, y la buena disposicion de muchas cosas importandes que deseavan tratar con el, para lo qual le pedian que por diez dias siquiera, viniesse a la ciudad ofreciendoles rehenes que le asegurassen del buen tratamiento. El Santo Obispo respondiò segun su obligacion, que el era Catholico hijo de la Iglesia cuyas leyes prohivian la comunicacion con los Hereges como ellos eran, y que asi no solo por diez dias pero ni un instante les queria oir ni comunicar y que creyessen que ser dueño del mundo todo, con vida larga segura, y quieta, no estimava en tanto como cumplir con su obligacion de cristiano, y dar exemplo como buen Prelado aquellos hijos de Jesu Christo que le encargo aunque indigno, y que esto lo havia de hacer sin temer peligro ni escusar riesgo, no desistiò el Olandes de repetir con cartas la instancia de su intento, pero el Obispo no admitiò otra alguna, remitiendolas sin abrirlas y solo tratò de defenderse, y ofender al enemigo. Por la parte del Carmen que caia a la vanda de el Norte

saliò una esquadra de olandeses con guia de la tierra la buelta de una quinta de los Padres Jesuitas que distava de la ciudad una legua, codiciosos de las lamparas de Plata, y vasos santos que alli havian retirado. Los indios de aquella hacienda y otros que se les llegaron salieron al encuentro, y haviendoles muerto quarenta y cinco, se retiraron los demas; unos Indios del Capitan Antoniò Cardoso de Barros en el mismo arraval de Carmen mataron, y hirieron algunos, y continuando por aquella parte el Capitan Manuel Gonzalez, matò ocho Olandeses, y hiriò a muchos y fuera muy considerable su daño sino le huyeran muy a prisa con un golpe de gente hasta ciento, y veinte mosqueteros, y treinta negros. Saliò el Coronel Juan Dort la buelta de Tapasipe, en los quarteles se tuvo noticia desta salida y acudieron algunos soldados, el Capitan Francisco de Padilla, con tres o quatro soldados blancos, Alfonso Rodriguez con su compañia de Indios, y llegando al agua de Niños descubrieron al enemigo, el coronel venia por diferente camino con catorce de a cavallo, y viò entre las matas al Capitan Padilla, y hallandole cerca le disparò una pistola, con que no le ofendiò, Padilla con brio, y atencion encarò el arcabuz con cuyo tiro hiriò al cavallo del coronel que juntos cayeron en tierra, y con gran presteza el Portugues le puso el pie sobre el pecho haviendole herido de una cuchillada y aunque el coronel le pidiò que no le matasse diciendo que era el General no quiso perdonarle la vida, matole al fin y quitole la espada, y cortole un dedo en que se trahia una sortija para que fuessen testigos de la victoria, y los demas soldados triumpharon della, aunque sangrientamente, porque demas de despoxalle (*sic*), le cortaron partes de su cuerpo, cosa que los Olandeses tuvieron por denuestro afrentoso, y se quexaron dello con razon, los demas fueron de los nuestros muy mal tratados muertos muchos, y obligados a retirar-se con gran prisa a la ciudad donde se lamentò la muerte del (13) General en cuyo lugar eligieron a Alberto Scolt, y de alli a quince dias deste buen sucesso que fuè a diez y siete de Junio unos soldados de los nuestros que sin orden havian salido asaltaron el fuerte de Tapasipe, y captivaron al capitan que estava en el, que vino a Lisboa preso al fin de la jornada.

En los primeros de Septiembre acometieron un cuerpo de guardia los capitanes, Padilla, Brandão, Machado, y Morales, y saliendo muchos de los olandeses a pelear en numero desigualissimo de los nuestros, quedò el enemigo vencido, y muertos mas de cincuenta, y heridos muchos que se retiraron a la ciudad, fuè la ocasion honrrada, y porque el obispo general (a usanza de aquel Reyno)

---

(13) Trata-se de Allert Schouten, que substituiu Johan van Dorth no govêrno da cidade conquistada. (*J. H. R.*)

en premio de la victoria armò cavalleros a los quatros capitanes; tantos malos sucesos ponian en miedo a los olandeses que para asegurarse aumentavan las ocasiones a su daño, y asi saliò una compañia de mosqueteros a procurar ofender nuestras trincheas (*sic*) y salieron los Capitanes Manuel Gonzales, y Luiz Pereira de Aguiar y los retiraron afrentosamente captivandoles al sargento, y obligandoles a guarecerse de la artilleria; saliendo unas compañias en unas lanchas abuscar bastimento de carne en la Isla de Itaparica, embistiolos el Capitan Alfonso Rodriguez Adorno, tomandoles una lancha, y en ella tres piezas pequeñas de artilleria matò trece y hirio a muchos y obligoles a embarazarse (*sic*) el agua a la boca, haviendo tambien el capitan Pedro Campos tomandoles otra lancha, y hecho mucho daño. En quatro meses que estuvo por quenta del Obispo el govierno de la guerra se obraron estas cosas, tan felizmente sin que perdiesse cosa de importancia. Los Hereges no solo hacian guerra con armas materiales a los cuerpos, y tierras, sino con las espirituales intentavan mayor daño contra las almas, introduciendo la doctrina de sus errores sus ministros, daño que se temiò mas, y que Su Magestad del Rey como tan Catholico previno con ordenes de que se acudiesse a evitarle como el major y assi aunque en las cosas de la guerra parecia, segun los sucesos la persona del Obispo muy a proposito porque por su buen orden y cuydado se creyò no haverse acabado de perder aquel estado se juzgò que para quel ministerio militar havia capitanes que pudiessen suplir su falta, y para enseñar, no muchos maestros, y assi el governador Mathias de Albuquerque mandò que el Obispo asistiesse al govierno espiritual de sus feligreses advirtiendoles, y evitando el peligro de la comunicacion de los Hereges y de su mala doctrina, y que las cosas de la guerra tuviessen dueño en el capitan Francisco Mariño de Eza, persona como diximos, de experimentado valor en la India oriental, el Obispo muriò dentro de muy pocos dias dexando dolor a que obligò su falta, y su vida religiosa, y santa invidia justa, y exemplo digno de toda imitacion. Francisco Mariño vino a los quarteles con las mas municiones que segun la cortedad (*sic*) de las cosas pudo traer que le diò el governador, y patentes para los de Seregipe, y las Islas adjacentes para que le acudiessen quando fuesse necessario, y obedeciessen sus ordenes. La fortificacion, y los quarteles que el Obispo hizo, no le pareciò mal a Mariño, pero juzgó estaria mejor, mas cerca de la ciudad, porque para qualquier suceso era bueno tener los soldados, menos que andar, y asi acercò las trincheas, y las plata formas, y lo demas, un tercio de la legua que antes distava continuaronse los asaltos con igual felicidad, y mucho daño del enemigo, por la parte de San Benito el capitan Francisco de Padilla desafiò para el dia siguiente al capitan Fran-

cisco, Quartel Maestre, y para denunciar el desafio el capitan Padilla tomò un negro de los que asistian al enemigo, y cortole las manos, y puesta al cuello la carta le remitiò a la ciudad aceptado (pues) el desafio de parte a parte, salieron de la ciudad docientos mosqueteros y cien negros, y de nuestros quarteles numero de la mitad, y se peleo tan valientemente que con poco combate se dieron por vencidos, y huyeron a la ciudad los Olandeses con mas infamia que daño. Los asaltos frequentes que de nuestra parte se hacian (que no se pueden referir todos) de tanto daño al enemigo, tenia ocasion en que la parte del Carmen, y San Benito era todo lleno de maleza, por donde sin ser vistos e sin peligro de la artilleria se llegava a sus puertas, y asi dexaron las escaramuzas, con que intentavan en vano evitar los asaltos, y ocuparonse en rozar la maleza para que en la campaña rasa, pudiesse obrar mas libre la artilleria, pero nuestra gente salia de los quarteles a impedir la roza, y travaronse muchas veces de modo que aun en en (*sic*) el remedio hallaron daño, porque los Portugueses matarian en dos veces mas de treinta de los Olandeses. A este tiempo ya havia llegado Don Francisco de Mora con titulo de capitan a guerra, o mayor, y hechas notorias sus patentes al General, vino al campo, diò la carta del Rey a Francisco Nuñez Mariño, que obediente y agradecido entregò el baston a Don Francisco de Mora, que luego puso su mayor cuydado en fortificar las partes por donde se pudo temer que el enemigo intentaria hacer daño à los ingenios, y proveyo que el capitan Manuel de Soza de Eza (14) tuviesse cuydado de la seguridad de los baxeles con que se acudia al bastimento y a conducir la gente que venia al campo; los asaltos cesaron ultimamente, y las escaramuzas, porque el enemigo escarmentado, y receloso evitò el daño, dejando libres los aravales del Carmen, y San Benito, y echado vando que pena de la vida ningun soldado saliesse de la muralla aunque fuesse provocado, haciendo con esta orden, que tuviesse merito de obediencia, lo que havia de ser necessidad, con esto, Don Francisco de Mora se estuvo fortificado, y cuydadoso en sus quarteles y fortificaciones esperando la armada de España, que segun la disposicion en que la dexò quando vino, la juzgava muy vecina, y aun admirava su tardanza. Las armadas caminaron felizmente aunque en los grados mas vecinos a la linea padecieron terribles calmas, pasaronla en cinco de marzo y en veinte y siete descubrie-

---

(14) Manuel Souza d'Eça, ou de Sá, nasceu na capitania de Ilhéus, participou da conquista do Maranhão, veio com Francisco de Moura lutar na Bahia e morreu no cárcere, devido a desavenças com Francisco Coelho de Carvalho. Cf. Frei Vicente do Salvador, *História do Brasil*, Prolegômenos de Capistrano de Abreu, 3ª edição, S. Paulo, 1931, p. 460-61. No vol. 26 dos *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro* ocorrem excelentes relatórios e memoriais de Manuel Souza d'Eça. Cf. p. 277-81, 281-89 e 345-49. (*J. H. R.*)

ron tierra del Brasil en altura de doce grados y treinta minutos algo a barlovento de la Baîa, seis leguas distantes della se mando ir a reconocer la tierra y tomar lengua al Capitan Joseph Hurtado, y al Piloto Sevastian Loureiro, truxeron aviso de como el enemigo havia dexado los arravales del Carmen y San Benito, y fortificadose en la ciudad donde tenia gran cantidad de muy buena artilleria asi de la que truxo de Olanda como de la que sacò de las naves que havian derrotado a aquel puerto y de las otras, que havian cogido, y que dentro estavan mas bien fortificado que por de fuera porque las calles estavan atrincheadas con plata formas tan capaces, y fuertes que tenian artilleria, y en la plaza asestadas ocho piezas grandes, en la playa tenian tres valuartes con veinte piezas, y capacidad de cien mosqueteros cada uno, tres traves fortificados con piezas, tres estacadas fuertes y de mucha defensa cortinas muy anchas, y largas donde cavian doscientos mosqueteros con traveses, y piezas de artilleria, quatro reductos en varias partes, y uno mas capaz en forma de media luna donde cavian doscientos, y cincuenta mosqueteros con buena artilleria, y fuera de los muros viejos un fuerte que servia de plaza de armas con diez piezas de artilleria las mejores. En la mar tenia veinte y dos navios seis de guerra de a seiscientas, y setecientas toneladas de a quarenta y treinta piezas cada uno. Destos algunos havian venido en varias veces de Olanda, y el ultimo tomò un patache de quien supieron la venida de la armada y asi se prevenieron segun el peligro que le amenazava y con mas cuydado; de tres navios de fuego en que tienen especial havilidad, y su mayor confianza era en los ingenios, y gente de fortificacion de que tenia buen numero, no casò temor a los nuestros esta nueva, ni por creer al enemigo fortificado, y con tanta defensa, desfalleciò la esperanza de vencerle, antes lo tuvieron por mas cierto, que el Rayo no obra en lo flaco. Viernes Santo aunque con poco Viento se acercaron mas a tierra, y se diò fondo distancia como de tres leguas de la punta de San Antonio donde havia un fuerte que aunque dentro de la misma Baîa distava una legua de la ciudad, estando alli, vino un aviso de Don Francisco de Mora, y el dia siguiente que ya la armada llegava a la boca de la Baîa, vino en una chalupa, a quien acompañava la gente de la tierra que con la salva protestavan el gozo con que recivian nuestras armadas de cuya fuerza esperaron la satisfacion al daño recivido, recuperacion de la perdida, y venganza del agravio; hablò Don Francisco de Mora al General de quien fuè recivido con la estimacion que se devia a su calidad y buen servicio, de su relacion se verificò la que tuvieron antes nuestros Generales y dixo que la gente con que el enemigo se hallava eran dos mil y ochocientos hombres de naciones varias Ingleses, Alemanes, Franceses, y Olandeses y quinientos negros

parte dellos traidos de las costas de Angola por donde havia andado en corso aquellos dias y parte de otros que haviendo de sus dueños, pretendieron libertad con perdida de la fèe, y contò mucho de lo que havemos referido. Luego que la armada de España fuè vista del enemigo, un baxel de guerra que asistia de guarda, se retirò como lo hizo el que estava junto al Fuerte de San Antonio, y el Sabado Santo al amanecer reconociò nuestra armada disparò pieza dando señas de lo visto; y respondieronle de la Ciudad con otra pieza para que se recogiesse, y luego el enemigo retirò las naves cerca de la ciudad al abrigo de los tres baluartes de la marina, y devajo de su artilleria por parte donde havia muy poca agua, tanto que aun dos brazas havia penas creyendo seguridad. En el vagio nuestras naves pescavan mas fondo, y temiendose que los pataches les pudiessen hacer daño aseguraron el peligro, echando frontero de su armada tres baxeles a pique con que a su modo se atrinchearon nuestra armada a este tiempo se iba mejorando para la entrada, ocupando la boca de la Baîa por cerralle el paso, que siempre se temiò su huida. Diò fondo nuestra armada al Norueste del fuerte de Santo Antonio junto a la Baîa; viose con gran cuidado, y desvelo toda la noche embiando chalupas de ronda, tanto por la seguridad del daño, que se pudo temer de los navios de fuego de que huvo aviso, quanto porque la Baîa es muy ancha, y temian la huida del enemigo. Amaneciò alegre el dia de Pascua de Resurreccion, fausto, siempre y en la Religion de los nuestros, tenidos entonces por feliz anuncio de Victoria. Aquella noche desembarcò el Marques de Cropani como Maestre de Campo general, los de la Ciudad engañados del deseo creyeron al principio quando descubrieron la armada que la que veian era de Olanda que les venia a socorrer, otros mas advertidos, por el numero y otras señas que por ventura alcanzaron a ver, conocieron la Verdad, que era el poder de España que venia a recuperar aquellas plazas, y castigar su atrevimiento en havellas ocupado, y por mostrarse alegres si fuesse cierto lo que engañados creyeron, o bizarros si lo que temian, hincheron el muro y las naves de su armada de Vanderolas de diversos colores, juntose a consejo, y acordose que quatro mil hombres se pusiesen en tierra, la mitad aquel dia que eran los tercios de Don Pedro Osorio, y Antonio Muñiz Barreto, y el lunes siguiente el tercio de Don Juan Orellana, y el de los Italianos cuyo Maestre de Campo era el Marques de Torrecusa, y el martes Don Francisco de Almeida con su compañia de la Almiranta y las de los Capitanes Manuel Diaz de Andrade, y Gonzalo de Sossa, luego se emprezò a desembarcar la gente que fuè facil, y breve conducir de las naves, a tierra, porque Estevan de Brito Freire que tenia en el reconcavo, hacienda, rico, y buen cavallero que aunque viejo, y enfermo, alentado de su

valor vino aventurero a la jornada, con carros, y varcazas y doscientos esclavos de servicio socorrio al desembarcadero, y assi en las Varcazas saliò la gente, como digo, breve y facilmente. El Almirante general Don Juan Faxardo, y el General de la armada de Portugal quedaron en las naves con la demas gente formando media luna para evitar la huida del enemigo, que era a lo que se tenia gran atencion. El Maestre de Campo general, que es Pedro Rodriguez de Sancti Estevan Marques de Cropani natural de Malaga gran Capitan, y de larga experiencia y acertado consejo cavallero de la orden de Calatrava, y su theniente Diego Ruiz el de la (*sic*) Correa natural de Granada uno de los mas valientes y advertidos soldados que ha dado España a sus exercitos. En desembarcando la gente en tierra la pusieron en orden marchando la buelta de la ciudad yendo en su seguimiento el General Don Fadrique de Toledo, hicieron alto junto a la hermita de San Pedro que dista de la ciudad como un tiro de Cañon, desde alli fueron tres compañias de Arcabuceros a tomar puesto donde aquartelarse, de estas compañias eran capitanes Don Henrrique de Alagon hijo del Conde de Sastago sobrino de el General Don Fadrique, joven de aliento, y valor correspondiente a sus generosos principios, el otro era Don Diego de Espinoza cavallero de brio y esperiencia y el tercero Don Pedro de Santi Estevan sobrino del Maestre de Campo general que con la virtud de sus costumbres hacia seguros los efectos de su valentia estas compañias tomaron puesto cerca de San Benito que està de la ciudad tiro de arcabuz cerca de la puerta a la vanda del Norte, donde el enemigo tenia su mayor fortaleza, y por donde entrò la ciudad quando la ocupò, en tomando el puesto mui aprisa empezaron a corta fagina unos, y otros y a abrir las trincheas para fortificarse, y defenderse, que el enemigo no se descuidava en tirarles, acudiendo a estos servicios la gente honrrada primero, con tal brio, y tanta maña que daba aliento verlo, y esperanza que tal denuedo no havia de tener resistencia en fuerzas mas crescidas que las del enemigo, entre tanto que se travajava en las fortificaciones que era al primero de Abril se tratò de subir la artilleria, cosa que al principio no se juzgò facil, y que se facilitò presto, porque el Baluarte que tenia el enemigo en la marina en el puesto de Monserrat, viendo que nos ivamos acercando a la ciudad le desamparò dexando alli tres piezas de hierro, y una de bronce desencavalgadas, y inutiles, con esto quedo libre la ensenada pequeña de agua de meninos donde se desembarcase la artilleria, y por alli se conduxo a la ciudad con menos travajo que se creyò al principio antes de haver desamparado el enemigo a Monserrat : que por otro camino que era el de San Antonio si (*sic*) desembarcara, se havia de andar mas de dos leguas y media del mal camino, asi por los arenales, como por la es-

pereza que se havia de rozar. Encargose esta faccion, de sacar la artilleria y subiola a Don Francisco de Azevedo cavallero de la orden de Alcantara que venia por General de la esquadra de las quatro Villas, mozo de grandes partes mucho entendimiento, y valor, y que en esta ocasion satisfizo a sus obligaciones, con tan comun aceptacion que mereciò alabanza por sus aciertos. Subia pues la artilleria a los quarteles del Carmen, y por San Antonio al quartel de San Benito con gran travajo, hasta que los Generales Don Manuel de Meneses y Don Juan Faxardo descubrieron camino que llamaron Puerto Nuevo que fuè de grande utilidad asi para llevar la artilleria, como para poder acudir a los socorros de bastimento y todo lo necessario, el Domingo que fuè el dia en que mas travajò. El siguiente lunes, como dixe, desembarcaron los otros dos tercios de Don Juan Orellana y de Antonio Muniz Barreto y los Italianos con Torrecusa a que se juntò la gente de la tierra, que estava a cargo de Don Francisco de Mora, el Maestre de Campo general con gente de la tierra, que sabian los puestos, y con los ingenieros, fueron a ver la disposicion para aquartelarse, y señalar sitios, y donde se havian de abrir las trincheas, y entre tanto que esto se hacia se retirò la gente al puesto de la hermita de San Pedro donde al llegar hallaron al General Don Fadrique, que llevado de su espiritu, sobresaliendo su obligacion, solo con dos camaradas, venia a ver, lo que otros se contentan saver por relaciones tuvo aviso de Mathias de Alburquerque, que el enemigo queria aquella noche juntar nuestras armadas algunas naves suyas de fuego, que tenia prevenidas, avisosele al General Don Manuel, y al Almirante Don Juan Faxardo no mas de para que lo supiessen, que para advertirles fuera diligencia ociosa en la atencion de tan buenos Cavalleros, y asi Don Manuel de Meneses toda la noche se ocupò en dar aviso a las armadas, y dalles orden del modo que havian de estar prevenidos. Con doce arcabuceros (sin que se lo pudiessen estorvar algunos que lo intentaron) se llegò don Fadrique a ver las fortificaciones del enemigo tan cerca del que le oya (*sic*) hablar, y los golpes del clavar, y travajar en que nunca cesavan, acion bizarra para soldado particular. Despues de que con el Maestre de Campo Orellana, y el Sargento Murga, y el Governador Coscon persona en materia de fortificacion de los mas platicos, haviles, y de major experiencia, y con las compañias del Maestre de Campo Don Juan de Orellana, y Antonio Muniz Barreto, y los mas cavalleros, titulos, y Señores de Portugal fueron la buelta del monasterio del Carmen que se juzgò por el mejor puesto asi por tener algunas cosas, como por estar a eminencia del enemigo y tener a la mano la fazina respeto de lo montuoso del sitio y caminando a la sorda y con mucho cuidado aquella noche, al amanecer se hallaron en el puesto sin

que el enemigo los huviesse sentido que pudiera serles de estorvo si asi nos sucediera. En el puesto de San Benito, donde estavan los tercios de Don Pedro Osorio, y Don Francisco de Almeida, y el Marques de Torrecusa haviendo señaladose quarteles y frentes de vanderas, empezando a abrir las trincheas, y cortar fagina, armando las barracas, haciendo plata formas para la fortificacion, ocupados solo en aquello sin que el estado de las cosas dejase lugar a enpesar, ni a temer que el enemigo osara salir de la ciudad sin haver prevenido las armas de fuego, ni lo necessario para el uso dellas, ni haver llegado el tercio de los italianos que quedava de retaguardia. De improviso vieron como de la ciudad venia una compañia como de doscientos mosqueteros que venia la buelta del quartel de San Benito al parecer fiados en su artilleria que les cubria primero encontraron con una Compañia de las de la tierra, que estava en la vanguardia, poca resistencia hallò en ella el enemigo, pues sin estorvarse de su oposicion pasò adelante, venia tocando el arma, tan sobresaltada, que pudiera a otros de menos brio, y mas hallandose tan desarmados, que ni arcabuces tenian, y para los que huvo faltò cuerda, descuido culpable, y que pudo ser de mucho daño, sino supliera el valor lo que faltò de prevencion, el Maestre de Campo General como tan gran soldado aun no turvado con caso tan de improviso, como diò el tiempo lugar dispuso la fortificacion de modo que fuese posible la defensa, el Maestre de Campo Don Pedro Osorio viendo, que el enemigo se acercava ordenò a Don Henrrique de Alagon que con su compañia, que estava con otras en la vanguardia, que la suya y las demas saliessen a hacerle rostro al enemigo. Don Henrrique obedeciò alegre sin reparar que su compañia estava desarmada que solo tenian ocho arcabuces, y algunos chuzos. Don Henrrique marchava a paso largo, y el Maestre de Campo Don Pedro Osorio que hallò cerca al enemigo, y sin reparar que estava de man (*sic*) puesto, y que la artilleria del muro les tenia (*sic*) a Cavallero, llevado de la actividad de su brio, atento al valor mas que a las obligaciones del oficio, pudiendo esperar a que se nos avecindasse, y que no estuviesse debaxo de su artilleria saliò por una calle angosta por donde el enemigo venia, y juzgando que por otra pudiera cortarle le buscò por ella, y hallò que por alli tambien venia, y entonces diciendo Santiago, reciviendo la carga de los mosqueteros, cerrò con tal corage, y tanto ardimiento que en breve los nuestros se mezclaron con los enemigos, tan cerca que con solos los chuzos y las espadas se peleava tan valientemente que causando miedo, y admiracion, provocaròn a embidia a los que por las armas en otras edades fueron dignos de mas gloriosos blasones. Aquel despreciar los tiros de los mosquetes y de artilleria, sin recelo no se podia creer de mortales, porque parecia que a tanto valor, y tal no-

bleza havia de tener respecto el fuego que no le guardò a nadie, y que aquello no era pelear con quien se defendia sino herir en rendidos sin resistencia. De los quarteles acudieron con sus compañias, y pelearon segun su obligacion Don Diego Ramirez de Haro a quien Madrid diò patria, y en sus valentissimos Alcaydes esclarecidos progenitores, siguiendo al enemigo que se retirava llegò al muro sin recivir daño, aunque alli una vala le atravesò desde el pecho a la garganta notable herida de que sanò brevemente reservando el cielo su vida para que tengan cumplimiento las esperanzas que tiene el mundo de tan Valiente y buen Cavallero Don Diego de Espinosa, y Don Pedro de Sancti Estevan fueron los otros dos capitanes, que socorrieron. Don Diego de Espinosa no quedò inferior en esfuerzo peleò valiente aunque poco tiempo, porque muy breve le mataron. Don Pedro de Sancti Estevan tambien fuè muerto con mucho sentimiento de todo el exercito, y aun con invidia de los que estiman lo eterno, pues de su vida debiò creerse que la muerte fuè transito a la gloria que merecieron sus virtudes. Don Juan de Caviria acudiò con su compañia y se empeño de modo que sin tiempo no fuè el primero, en pelear no se le aventajò alguno, y con tanta dicha que aunque llegò donde el que mas cerca no le hirieron perseverando en pelear hasta el ultimo punto en que les mandaron retirar, y fueron tantas las valas que le pasaron cerca que del ruido ensordeciò por tres dias. Don Martin de Arrea, y Narvaez, socorriò con su compañia y peleo valentissimamente cumpliendo con la obligacion en que le ponia la nobleza de Vizcaja de que es heredero, y la Real sangre de los Duques de Narbona, que le daban el espiritu con el apellido. Don Pedro Osorio seguia la empresa a que diò principio, hirieronle en un brazo aunque no de modo que le impidiesse pelear hasta que con una vala naranguera le partieron el muslo, y retiraronle donde solo tuvo de vida el tiempo que huvo menester para confesar muriò al fin, y con el las mejores partes de valor, gallardia, entendimiento, y cortesia que adornaron con admiracion espiritu de Cavallero español. Era Don Pedro Osorio hijo del Marques de Astorga bien visto, y bien estimado de quantos le trataron, y de mi que fui su amigo, debiera ser mejor celebrado en esta ocasion pues sus partes le hicieron digno de mayor alabanza, pero la cortedad del caudad (*sic*) no dà lugar al desempeño Don Henrrique de Alagon, con lo blanco de las mangas de la camisa en que iba se hacia advertido para que notasen en su valor, excesos de la edad aunque proporcionados efectos de su Espiritu, con una vala de mosquete le quitaron la espada de la mano aunque no por eso se retirò sobradamente atrevido hasta llegar a la muralla de la ciudad siguiò al enemigo animando con voces a los soldados intentando introducirles su brio con las razones. Quando (mal grado del suceso) faltò instrumento a

su ira en que perseverò reciviendo muchos tiros en la rodela, y en el morrion hasta que una vala le rompiò el brazo, y por no morir de sangrado se consintiò retirar como se hizo con Don Diego de Guzman hijo de Don Pedro de Guzman hermano del Arzobispo de Sevilla que fuè Patriarca de las Indias, que hasta herirle mui mal en el muslo peleò con tan aventurado brio, que si en su sangre parecia cosa natural, sobre natural se pudo juzgar en sus pocos años, honrrole Don Fadrique con una compañia de infanteria, merced que tuvo tanto de empeño como de premio, el Marques de Cropani prendiò a un Aleman que en su corpulencia, puso a peligro el menor cuerpo, del Maestre de Campo, y Don Francisco de Faro hijo del Conde Don Estevan que peleava como tan buen cavallero, y gallardo mozo, asiò el Aleman, y le sugetò, y tuvo preso en que se mostrò valiente con el enemigo, y cortes con el Maestre de Campo General. Durò el combate una ora y mas; todos pelearon de manera que obligaron a los enemigos a retirarse, tanto admirados como oprimidos, y decian despues los que asistieron a la muralla que estuvieron persuadidos que sin escalas la asaltaran creyendo fuego, material el ardor de su corage. Demas de los referidos murieron otros muchos que llegaron a cincuenta, y cinco gran daño aunque menor del que se pudo temer, porque se entendiò que el designio de salir el enemigo en la forma que lo hizo havia sido para ir trayendo a los nuestros con la escaramuza devajo de sus muros para que alli la artilleria les acavase, como presumieron poderlo hacer, y en efecto consiguieron parte de intento, por la inobediencia de los soldados, a quien como praticos, y cuerdos intentaron retirar, y reprimir el Maestre de Campo General, y su theniente Diego Ruiz, porque vieron que no era valor sino temeridad seguir un enemigo amparado, de mucha artilleria, y mosqueteria con que tenia guarnecida la muralla. Mucho quita a las obras de fortaleza no acompañarlas la prudencia, obedecer en la guerra es el valor digno de premio que grangea opinion, y merece fama, entre los que murieron en esta ocasion demas de los referidos fueron Don Francisco de Aguilar Cavallero de la orden de San Juan natural de Ecija, de cuyo valor contaron los enemigos muchas muestras Don Joseph Manrrique, natural de Malaga en el verdor de sus años, que mal logrò tal sucesso, donde se aventajò de modo que arrimado al muro muriò de muchas heridas, el Capitan Luis de Gama, Portugues, que se igualò a los que de su apellido, y nacion celebra la fama por valerosos, Frai Francisco Guerra de la orden de San Francisco, con celo santo valor, y osadia de virtuoso, y verdadero Religioso animando obrò grandes efectos andando siempre en las ocasiones de mayor peligro con gran utilidad, y edificacion. Retirado el enemigo bolvieron a sus puestos los capitanes el General Don Fadrique mostrò el justo sentimiento que huvo de

la muerte de Don Pedro Osorio apresurò las diligencias a las fortificaciones hacer plata formas, valuartes, y bateria, plantar la artilleria, y lo demas necessario segun la ocasion, y fuè cosa (aunque devida en tan honrrada milicia) para advertir la diligencia, y cuidado que los cavalleros pusieron en la fabrica destas cosas, porque a porfia cada qual se aventajava al otro con honrosa emulacion de vencerse en el travajo, los que por sus fortunas ignoraron que le havia, los Cavalleros Portugueses y entre ellos los mayores eran los que mas lucian sin tasarse a dias ni a cosas particulares, tanto que el general mandò que sentase cada qual plaza en compañias conocidas para que solo quando les tocase sirviessen intentando evitarles no la gloria que se devio al servicio, sino la emulacion peligrosa en los exercitos. Los italianos con su Maestre de Campo Torrecusa no obravan menos lucidamente que los españoles, mas huvieron menester detenerles que aguixarles, menos era el numero, pero sus facciones aventajadas, su obediencia, desvelo, asistencia, y cuydado mereciò la imbidia con que les miravan, y el Maestre de Campo Torrecusa parecia haver heredado el valor, y espiritus (*sic*) de los capitanes de Roma que sin duda no le igualaron. Cumpliose al fin todo con buen orden, y disposicion, y sentaronse los quarteles y en ellos las vaterias, fueron dos los quarteles, el primero por ser la mas cercana parte a la desembarcacion fuè el de San Benito que estava de la ciudad a la parte del Sur donde asistian los tercios de Don Pedro Osorio que governò despues de su muerte Don Juan de Vitriano Sargento mayor del tercio, el de Don Francisco de Almeida, y los Italianos de que era Maestre de Campo el Marques de Torrecusa en este quartel se hizo primero una bateria desde la frente de vanderas, con tres piezas, y despues haviendose llegado mas cerca se hizo otra dentro del patio del mismo convento de quatro piezas y otra fuera de la Iglesia que llamaron de los Naranjos con otras quatro piezas, las compañias del tercio de Don Pedro Osorio fueron Don Juan de Ojeda Don Alonso de Rocafur Don Martin de Arres y Narvaez de la orden de Calatrava hijo de Don Francisco de Arres, y Narvaez natural de Antequera, Don Juan de Chaves, y Mendoza, Don Diego de Espinosa, Don Francisco de Aguilar, Don Antonio Fuster, Don Diego Ramirez de Haro, Juan Paez Florian. En este tercio de Don Pedro Osorio, demas de las compañias que eran de su tercio, estuvieron otras de Don Juan de Orellana, cuyos capitanes Don Garcia del Castillo, Don Henrrique de Alagon, Don Juan de Gaviria, Juan Jul, (*sic*) Don Phelipe de Bortuendo, Lope de Eraso, Geronimo Lopez de Mendoza, Don Luis de Aguilar, Diego Alvarez Trincado, Don Alonso de Tapia, Don Geronimo de Roxas, Don Antonio Trancoso, Don Pedro Velez Marzana, Don Diego de Guzman, en este quartel el Maestre de

Campo Don Francisco de Almeida con su tercio en que havia los Capitanes Gonzalo de Sousa, Manuel Diaz de Andrade, Geronimo Cavalcanti, la compañia de Constantin de Melo porque el quedò en la mar, agregose à este tercio Salvador de Sà, y Venavides con su gente, los cavalleros que (*sic*) portugueses que estuvieron en este quartel Pedro de Silva, Rui de Moura Señor de la Puebla, y Meadas, Don Alvaro Coutiño Señor de Almourol Don Francisco de Portugal, Don Juan de Sousa, Antonio Correa, Señor de Belas, Don Antonio de Castelbranco Señor de Pombeyro, Don Lorenzo de Almada, Francisco Muñiz; Las Compañias del tercio de los Italianos que asistieron en este quartel fueron Joseph Curtes, Geronimo de Arena, Juan Dominico Rusto, Don Miguel de Ponte Corbo, Hector de la Calze, Leandro Costanzo, Juan Andrea Leonardez, Mario Landulfo, Don Francisco Tovilar, Juan Puderico, Manilio fermoso, Juan Dominico Nochero, Pedro Real.

El segundo quartel era el del Carmen que estava a la parte del Norte en que asistian el Capitan Don Fadrique de Toledo, respecto de lo qual se llamò de la Corte, y el Maestre de Campo General que desde San Benito donde primero estava fuè y asistiò con el General por la importancia de su consejo, y los tercios de Don Juan de Orellana y de Antonio Muñiz Barreto y Don Francisco de Mora con la gente de la tierra que serian mil y quatrocientos, huvo en el tres baterias, una con seis piezas con que se batian los baxeles del enemigo, otra de seis piezas con que se batia la ciudad, que llamaron la del Carmen, y la tercera mas principal, y de mayor disposicion, y traza era de quatro piezas no mas que se llamò de Don Fadrique que fuè trazada, y hecha por el capitan Don Pedro Manijon muy buen soldado, y que en materia de fortification, y disposicion cientifica, y pratica de las cosas de la guerra es de los mas estimados ministros que tiene el Rey de España. Havia en esta bateria una pieza muy buena de la nueva fundicion de Vallesteros incigne maestro de su arte, esta apuntò y disparò la primera vez. El General que no dexò ocupacion ni oficio de la guerra donde no pusiese las manos, y el entendimiento, estuvo primero en este quartel el Maestre de Campo Don Juan de Orellana cuyas compañias se dividieron quedando algunas en el Carmen y otras fueron a las Palmas, las compañias de este tercio que asistieron a estos quarteles fueron la de Don Francisco Ponce de Leon del avito de Alcantara, Don Diego Brochero, Pedro Cessar de Meneses, Don Pedro de Porres, y Toledo de la orden de Calatrava Don Rodrigo Porto Carrero, Andres Diaz de Franca, Don Fernando de Martos, Don Martin Carlos, Don Juan de Tarsis, Juan Baptista Ponce de Leon, Lucas de Roxas, Don Rodrigo Truxillo, Don Antonio de Luna, Don Pedro Nuñez de Villaciencio, Don Antonio de Tovar de la orden de San Juan,

Sevastian Vazquez Coronado, Don Alonso de Alencastre hijo del Duque de Aveiro, de los Portugueses, que quedaron en el Carmen fueron Don Alvaro de Habranches, Don Sancho de Faro, la Compañia de Antonio Muñiz Barreto, Ruy Barreto de Mora, Cristoval Cabral, los cavalleros particulares Portugueses que asistieron en este quartel del Carmen fueron el Conde de Vimioso Don Alonso de Portugal, el Conde de Tarouca, Don Duarte de Meneses, el Conde de San Juan de La Pesquera Luis Alvarez de Tavora, Antonio de Tavora su hijo mayor, Don Juan de Portugal hijo de Don Nuño Alvarez de Portugal Governador que fuè de aquel Reino, Don Alonso de Noroña, Don Juan Tello de Meneses hijo del General Don Manuel de Meneses, Antonio Tellez de Silva, hijo de Luis de Silva, Duarte de Alburquerque Señor de Pernambuco, Juan de Silva Tello señor de Aveyras hijo del Regidor Diego de Silva, Don Francisco Luis de Faro hijo del Conde Faro, Alvaro Perez de Tavora hijo de Rui Lorenzo de Tavora del consejo de estado de Portugal, y Virrei de la India, Don Henrrique de Meneses señor de Lourizal, Don Juan de Lima hijo del Vizconde Rodrigo de Miranda Henrriquez, Pedro de Silva de Acuña Alvaro de Sousa hijo de Gaspar de Sousa Governador del consejo de estado, Manuel de Sousa Coutiño heredero de la Casa de Bajan, Don Diego de Vasconcelos de Meneses, Don Sevastian su hermano, Don Nuño Mascareñas de Acosta, Nuño Gonzales de Faria hijo de Nicolas de Faria Almotacel mayor, Sevastian de Sà de Meneses, Nuño de Acuña, Don Rodrigo de Acosta hijo de Don Gil Yañez de Acosta, Don Juan de Meneses hijo heredero de Don Diego de Meneses el roxo, Don Diego de Noroña, Antonio de Sampajo Señor de Villa Flor, Lope de Sousa, Don Manuel Lobo, Don Alvaro Coutiño hijo del Mariscal Don Francisco Coutiño su hermano, Juan Alvarez de Moura, Alvaro de Sousa hijo de Simon de Sousa, Martin Alfonso de Miranda, Morgado de Oliveira, Juan Mendez de Vasconcelos, Don Rodrigo de Silveira hijo mayor de Don Luis Lobo de Silveira señor de Cersedas, Fernando Silveira su hermano, Simon de Miranda, Martin Alfonso de Tavora hijo del Repostero mayor, y otros muchos. Las compañias de Italianos que estuvieron en el Carmen que de ellas era Maestre de Campo el Marques de Torrecusa que asistia en San Benito, Marco Valerio, Romano, Don Carlos de Acia, Valerio Mormile Conde de Sant-Angelo. El puesto de las palmas que los de la tierra llaman la Huerta del Correiro que era al Nordeste a este puesto mandò el General venir parte de la gente del tercio de Don Juan de Orellana, y Muñiz Barreto que estavan en el Carmen, quedandose alli el resto y la gente del Maestre de Campo general, y de Don Francisco de Mora con la gente de la tierra, y parte de la nobleza de Portugal, (y mandose llevar artilleria) pidiò Don Fa-

drique gente de las armadas del estrecho y de Portugal, y mandose llevar artilleria, que tuvo mucha dificultad de conducirla, pero facilitolo la buena maña de Tristan de Mendoza que en un pantano muy hondo que hacia dificultoso el paso hizo un puente por donde pasò la artilleria, oficioso servicio, util, y considerable. Las baterias deste quartel fueron de mas efecto que las de los otros por cojer la ciudad mas de lleno, y tenerla a cavallero, no huvo alli mas de una bateria de seis piezas, la artilleria toda era muy buena y los artilleros excellentes, fueron thenientes de la artilleria en la tierra el Capitan Pedro Cortes de Armenteros theniente general de la artilleria de Portugal, natural de Torreximeno persona de valor conocido en Flandres, y en otras partes. En la mar fue theniente el Capitan Sevastian Granero Castellano de Belen, las compañias del Maestre de Campo Antonio Nuñez de Barreto que asistieron en este puesto de las palmas, fueron las de Tristan de Mendoza, Don Antonio de Mendoza, Simon Mascareñas, Lanzarote de Franca, Domingos Gil de Afonseca, Antonio Alvarez de Siqueira, Benito de Rego Barbosa Juan Casado Jacome, Diego Ferreira, Manuel de Morales; y los cavalleros Portugueses que sin ser capitanes asistieron a este quartel fueron Jorge de Melo hijo del Montero mayor, Henrrique Henrriquez de Miranda Luis Cesar, Francisco de Melo de Castro, Don Lope de Acuña Señor de Santar, Don Francisco de Ezà, Francisco de Mendoza Hurtado, Christoval de Mendoza su hermano, Don Manuel Coutiño, Don Antonio de Melo, Henrrique Correa da Silva, Martin Correa da Silva. En la marina a la parte de San Benito se hizo otra bateria contra los baxeles, que hicieron el general de Portugal Don Manuel de Meneses, y Don Juan Faxardo que fuè de mucha importancia, puestas las cosas en esta disposicion empezò nuestra artilleria a batir de San Benito, tirò primero con tanto corage, y tan a prisa, y con tanto acierto que de la segunda vez no quedava la pieza, a que asestavan en el lugar que tuvo, cayendo desencavalgada, o rota sucediendo lo mismo en los otros quarteles donde las baterias eran cuidadosas, y executivas, desde el Carmen se hacia gran daño a la armada, desde la bateria de San Benito sucediò un caso raro que una pieza disparò, y metiò la vala en la Iglesia mayor que distava de la parte desde donde se tirò mas de mil y setenta pasos que sin hallar embarazo en ninguna cassa, o edificio de toda la ciudad que atravessò casi a lo largo entrò en la Iglesia donde los hereges tenian su Junta, y hacian su predicacion y diò en un escaño donde estavan algunos sentados de los quales matò la vala a tres y las astillas hirieron a muchos causando pavor a los restantes, infelices, mal corregidos con tal aviso, prezitos en el mal, a quien no advirtieron peligros, la ciudad se batia con gran furia, y mucho daño, las trincheas se iban acercando al foso y

muro de manera que desconfiados los enemigos de su defensa tratavan de las fortificaciones de dentro para retirarse a ellas, aunque ni en aquellas se prometian seguridad porque del quartel de las palmas les havia derrivado muchas casas, y con la artilleria no se dexava hacer la fortificacion de la ciudad donde llovian valas. Don Manuel de su Capitana, con dos sagres pequeños, que tiravan saquillos de valas de mosquete, desde muy cerca matò gran numero de gente que asistian en la marina a la guarda de la armada; grande era el cuidado en vatir, y mucho el daño que las baterias hacian, y aunque los enemigos no se descuidavan, no igualaron nuestro corage, que la justificacion de la causa que dava efecto a nuestras armas parece que se le quitava a las suyas porque se puede juzgar milagroso que tantas valas tiradas del enemigo hiciessen tan poco daño, que fueron muy contados los muertos, el ingeniero nuestro Juan de Oviedo muriò, y Martin Alonso de Oliveira de Miranda que llamavan el morgado de Oliveira cuñado del Conde de San Iuan, que estando a la ventana de su casa herido de una vala en una pierna muriò, dexando dolor, y justo sentimiento que tan buen cavallero, y tan valiente soldado muriesse sin dar accion al valor llevò a la jornada. Muriò herido en las trincheas Don Fernando de Meneses Cavallero de mucha calidad, y valor, primo de Don Diego Ramirez, el Capitan Felice soldado conocido en Flandes por sus servicios, muriò tambien, y otros de igual puesto y de inferior orden. Visitando un dia el General Don Fadrique los quarteles, y trincheas en las palmas un chinazo derrivado de un golpe de vala, le quitò el sombrero de la caveza, pero no aquella osadia intrepida digna de su sangre con que se exponia a todos los peligros, reconociendo las baterias muchas vezes por mas que los consejeros le advertian que era exceso en su officio: guardando Dios su vida para la publica utilidad, y experimentose porque antes desta ocasion quando nuestras baterias se hacian, desde una ventana del Carmen mirava del modo que el enemigo hacia plata formas en oposicion de las nuestras, y sucediò que haviendo estado largo rato en esta ocupacion observando las circunstancias, y ordenando segun la ocurrencia, apenas se quitò de la ventana quando diò en ella un cañonazo. El Marques de Cropani envejecido con tanta utilidad de la corona de España, osadamente se ponia a vista de toda la artilleria, y mosquetes como si su persona fuera immortal de la manera que lo serà su fama, animava disponia, ordenava, en esta, y aquella parte con gran valor, egual acierto, acompañandole y ajudandole su theniente Diego Ruiz, y el primero dia que se diò principio a la bateria del Carmen, haviendo el enemigo hecho con veinte y dos piezas gran daño en los nuestros, saliò el Marques acompañado de los capitanes Don Juan de Tarsis, y Don Pedro Manjon a la bateria y puesto a

la vista del enemigo instava a que nuestra artilleria no cesase, que havia parado por estar caliente, y viendo el peligro tan notorio a que asistian expuestos pedia a los que con el estavan se retirasen diciendo que el por viejo no importava perderse juzgando su molestia (*sic*) por demas importancia las vidas de los que le acompañavan que la suya. En el quartel del Carmen asistian a la ora de medio dia en las trincheas, el Sargento mayor Murga, y otros dos capitanes, y algunos soldados, y en frente dellos tremolava una vandera del enemigo con algo mas de brio que a los nuestros les fuè ocasion a enfado, y dixeron que desearan mucho que aquella vendera se quitara del puesto que tenia, entre los que alli asistian uno era Juan Vidad, Aragones de nacion, soldado de la compañia de Don Alonso de Alencastro hijo del Duque de Aveiro, que lo havia sido en Flandes mozo de buen talle, y mejor resolucion, ofreciose a quitar la Vandera, el Sargento mayor le diò licencia para que lo intentase. Admitida la empresa, avisose a la artilleria y mosqueteria del caso, y diose orden que tuviessen asestado a la parta (*sic*) donde estava la Vandera para que si era necessaria hicieran la defensa posible, y fuè a lo que creo, disposicion superior para que todos estuviessen atentos a ver el brio de un español y quan poco estiman los peligros donde su nacion pueda ganar credito, y dar gloria a su Rei por ser Dueño de tales Vasallos con esto el soldado sin espada ni con otra arma ofensiva que una daga, con denuedo bizarro se llegò al muro y cubierto en el, esperò que la posta de aquel cuerpo de guardia tomase el paseo buelto a la Vandera, quando vio que le tomava subiò ligero ajudandose de lo mal tratado de las baterias y a veces con la daga, y quando ia se viò devajo de la Vandera creyendo por cierto que havia sido visto se detuvo, para si otra cosa no pudiesse, para si otra cosa no pudiesse (*sic*) asir del tafetan de la vandera y mostrar que no le havia faltado animo para llegar alli, sino disposicion en las cosas para no tomarla, pero no quiso Dios que se malograse empresa tan lucida y asi acaesciò que no havien dole visto la posta bolviò el paseo, y el español sin perder tiempo se puso luego sobre el muro, y con las dos manos arranco la Vandera del puesto en que estava tan fixa que huvo menester tiempo, y fuerzas para sacarla y tremolandola como si fuera en sus quarteles se la puso al ombro, y se echò la muralla abaxo, el olandes al bolver vio lo que pasava, y diò voces arma, arma, y con tanta prisa que creyeron asaltavamos la ciudad y a ser cierto lo que temieron no lo sintieran tanto, como quando conocieron la perdida de la Vandera, todos puestos al muro llovieron valas sobre el soldado animoso que sin daño escapò libre, que los osados en causas justas, bien se pueden creer defendidos de mas a tal fuerza que les ampara, fuè el

corrimento de los enemigos de modo que intentando vengarse asistieron a la muralla todo el dia, y noche tirando a los nuestros sin reparar en el gran daño que recivian de nuestra artilleria, y el poco que nos hacian, porque de ellos murieron aquel dia mas de ochenta, y muy pocos de los nuestros. El valiente mozo aplaudido con razon de todo el exercito reciviendo mil parabienes que agradecia cortes; acompañado del Sargento mayor, y de otros capitanes fuè a la estancia de Don Fadrique ante quien puso la Vandera, y dixo formales palavras : *esta vandera Señor que pongo a los pies de Vuestra Excelencia he quitado* (sic) *al enemigo, y quisiera traer quantas tiene por haver acertado mejor a servir a Vuestra Excelencia.* Don Fadrique le abrazò cariciosamente, y le hizo merced de ocho escudos de vantaja aunque a la fama quedò reservado lo que faltò a la satisfaccion de tan grande hazaña. Un Portugues de mas alto espiritu nacimiento, y fortuna, intentò otro dia imitar la osadia del Aragones. y subiendo el muro, entrò donde pudo tomar una vanderilla de tafetan carmesi, que daba señas en la forma, de haver sido paño de calix.

LIBRO III

A este tiempo ya el enemigo conocia la ventaja de nuestras armas y sentia su violencia, y quisiera ya que perdiesse la plaza, conservar el tesoro adquirido, y la reputacion de vencedor, ningun medio se ofrecia bueno para conseguir el fin de estos deseos, sino embarcarse y procurar huir el fin infausto que le proponia el discurso. obligavale a desear esto con mas cuidado ver quan de mala gana le asistian los Franceses, Alemanes, y Ingleses que era la mayor, y mejor parte de su exercito que como gente conducida a merced y que de la victoria no esperava medras cuya codicia les hiciesse olvidar el peligro, asistian descontentos amenazando huida, y pasarse a nuestros quarteles cosa que algunos pusieron en execucion de quien nuestro general supo el estado que tenian las cosas del enemigo : el qual para escusar la execucion a estas amenazas con castigo les intentò reprimir y assi mostrando que despreciava el servicio, que no se hacia muy de voluntad, echo un Vando que el que de la plaza quisiesse pasar al exercito del Rey de España se le daria licencia, dos fueron los que recivieron engaño en creer que era verdadero y seguro el vando, que se declararon quererse pasar con nosotros, a los quales hizo el Coronel ahorcar luego : con la voz del castigo, ceso un poco hablar del intento aunque no la inquietud de los animos que perseverò siempre, y en el Coronel no poco miedo se introduxo por cuya causa doblava las postas, y vivia muy recatado, procurando entretener los mal contentos con la esperanza del socorro de las Islas de que tuvieron aviso y aun se admiravan de su tardanza, crescia la instancia de los soldados, persuadiendo que se entregase la plaza, y el coronel conocia su peligro si lo hacia pues era cierto que se le havia de recivir mal, y castigar como gran culpa, retirarse era lo que mas codiciava, y no lo podia conseguir por la vigilancia continua en que vivia nuestra armada, y los que la tenian a su cargo, y asi acordaron de poner fuego a nuestros baxeles, no tanto creyendo poderlos quemar quanto para obligar a que temerosos del incendio se alargasen y les diessen lugar de salir, esta determinacion no se atrevieron a executar los enemigos. Haviendose entendido estos disignios temiose que con tiempo hecho, y favorable alguna vez se pudiese escapar sin ser posible evitarselo, y asi el Marques de Cropani

Maestre de Campo general diò orden al Capitan Gaspar de Carasa y a Don Francisco de Mora que con Salvador de Sà, y Venavides, y algunos Alferes reformados pusiese fuego a la armada del enemigo, que de otra manera se asegurava mal su huida, esto hizo Coprani (*sic*) tambien por haver entendido que los mas platicos del exercito juzgavan esta diligencia por muí importante y aun quisieron executarla ocasion porque estando embarcados en las canoas entendiò Don Juan Faxardo la orden que se havia dado de intentar quemar la armada de el enemigo y que aquella noche que era veinte y dos de Abril se havia de executar, y que el Capitan Carasa y Don Francisco de Mora, y Salvador de Sà estavan ya prevenidos, y aun embarcados para hacerlo, y juzgando el Almirante Don Juan Faxardo, y el General de Portugal Don Manuel de Meneses que la execucion era dañosa, y no facil escrivieron un papel al General Don Fadrique advirtiendole los inconvenientes que tenia intentar quemar la armada del enemigo porque ya se hallava prevenido de modo que sin duda alguna haria pedazos a los que fuessen a la faccion y que la noche no era aproposito por ser la oposicion de la luna cuya luz haria patente lo que solo con la escuridad fuera posible, demas que segun el estado de las cosas aquellos baxeles se havian de mirar como haciendo del Rey, y no querer que los perdiesse, y que si el enemigo se diesse a partidos, como era de esperar lo havia de hacer muy presto, era forzoso que con qualquiera se les huviesse de dar embarcacion para bolver a sus tierras, y que seria terrible trance si por haver quemado sus baxeles viniese a ser forzoso dar de los nuestros, cosa de tantos inconvenientes, esta carta reciviò Don Fadrique yendo desde su quartel a las palmas, y en leyendole bolviò a su estancia, a donde estava el Marques de Cropani, y dixole como tenia aquella carta de Don Juan Faxardo en que representava tantos inconvenientes del orden que havia dado de quemar la armada de el enemigo, que le pedia se mirase mejor, que en cosa de tanta importancia era bien satisfacer a todos, Cropani mal sufrido dixo que el mirava con mucha atencion las ordenes que dava que fuessen buenos, y del servicio del Rey, que creyendolas tales las dava y nunca innovava en ninguna, que Su Excelencia como superior diesse la que juzgase convenir mas, porque el no havia de dar otra, altercose en el negocio variamente que cada qual de las opiniones tuvo quien las siguise, no sin fundamento de razones, y aun con su poco de afectos de amor proprio; Al fin Don Fadrique se diò a partido con el Marques a quien siempre procurò tener gustoso y dixole que si no hallava inconveniente en ello que no se executase el orden aquella noche, y se suspendiese para otra, el Marques dixo que Don Fadrique lo mandase, y asi se hizo, y de haverlo hecho no se siguiò inconveniente estas platicas no faltò quien las hiciesse savidas a los

sitiados especialmente a los que pretendian que con la guerra cesase su peligro, y viendo que la retirada con que los cortavan, se hacia imposible bolvieron a persuadir al Coronel entregase la plaza diciendole que si lo dilatava se irian a los quarteles de los españoles sin que vandos executados lo pudiessen evitar porque ellos havian sido engañados quando se embarcaron en Olanda por haverles dicho que la jornada a que venian era a poblar un Pais riquissimo, y de grandes comodidades que se havia descubierto de nuevo, no a pelear ni conquistar tierras del Rey de España con quien sus Principes guardavan confederacion amistad, y parentesco, y que a haverlo savido, en ningun caso vinieran, y si perseveraron hasta esta ocasion fue creyendo que se reduxeron a partidos honrrosos de que se hicieron indignos, por haver puestose en defensa y al fin dixo un frances de mejor razon y mayor osadia : "Señor Coronel V. S.ª crea que si no entrega la plaza, y nos libra del peligro de la defensa que ha de experimentar los daños de una determinacion de soldados descontentos, loco es quien no se acomoda al estado que Dios quiere que tengan las cosas, su providencia reservò para el imperio de los Reyes de España estas estendidas Provincias del Brasil y las que se le siguen y continuan que ignoraron los Tolomeos, y los mas sabios cosmographos, que no las demarcaron en sus cartas, por haver *creido inhavitables las tierras* destos climas, intentar (pues) inquietar a tan gran dueño en la posesion que le dieron los Cielos, no es justo, no es seguro, no es facil, y mas quando es tal como el que hoy reina que aunque con imbidia fuerza que confesemos que su poder excede al mayor que tenga otro qualquier Principe del Mundo, dar principio a la empresa fue locura, y es mas que ignorancia esperar buen suceso en ella que la desproporcion de las fuerzas no dexa lugar a confianzas, sino es que las nuestras vanas se acreditan en las monstrosidades de la fortuna que burlando de las cosas temporales, fabrica Alcazares de polvo y reduce a nada las cosas, que admiramos por grandes, dicha fuè, (o dispocicion de mas alta causa que mira fines que ignoramos) haveros hecho tan sin resistencia dueños de esta plaza, no daros el cielo prendas de su favor, porque como saveis que no se encamina a vuestro abatimiento el buen suceso que os tiene presumidos ? Y que no disponga la Justicia divina que asi en esta jornada como en los socorros, que esperais que se junten vuestras fuerzas todas para que anegadas, y vencidas quedeis castigados de vuestras reveldias, y vuestros tristes sucesos sean util escarmiento en la posteridad; quanto mejor os huviera sido haver logrado aquellas primeras felicidades con que entrastes en esta Baîa tan sin costa, tan sin riesgo y con tanta utilidad, que sin las mercaderias imbiadas a las Islas, monta mas de dos millones lo que en oro, plata, y otros generos haveis tomado que para despoxo,

no era pequeña cantidad, y para ganancia de mercaderes excesiva, si la codicia ha crecido, con los haveres, sufrid que destemplanza tal, tenga castigo en la perdida de todo lo adquirido : y disponeos (*sic*) con paciencia a la adversidad, pues imprudentes no supistes conservaros prosperos, y vencedores, rendios pues, segetaos à la fuerza del caso y a la ocurrencia de los sucesos, que esperar socorro que baste a constratar el poder que os oprime, es desacierto, que ni el caudal de vuestra republica puede tanto ni los Principes que os asisten con fines particulares han de querer ayudar para que vuestro poder crezca tanto que exceda al suyo, y si hoy quisieran hacer un esfuerzo, los estados, y los contribuyentes al puesto de la gran compañia, podràn juntar Un socorro, no lo dudo, pero quando llegue a manos de tan poderosa armada, y de exercito tan pujante como el de el Rey de España que corona estos mares, y combate nuestros muros, que efecto han de consequir con el ? Pues quantos baxeles, quantos hombres vinieren, serà dar aristas al fuego, o otra facil materia que le haga mas lucido, no poderosa (*sic*) à extinguirle o apagarle, pues siendo estos discursos tan legitimos, como quereis que no deseemos, o que rindiendoos atajeis el daño, o que nosotros que le conocemos no procuremos evitarle dejandoos, si obstinados perseveraredes (*sic*) en vuestro yerro, porque quien, como no sea de vuestra nacion, por un sueldo corto sin esperar otras medras querrà asistir a lances de tanto riesgo como a los que oy estamos expuestos ? Donde ni interes ni gloria se puede grangear, gloria cierto es que no devemos esperar alguna, pues quando fuera posible que venciesedes, dirase que los olandeses vencieron aunque de nuestro valor haya sido fruto la victoria pues utilidad, qual puede esperarse de Piratas, y mercaderes ? Con codiciosos ninguno medra, no dà quien quita a todos morir defendiendo la patria y por adquirir Reinos a mi Principe son fines que me pueden tener en la guerra, y hacer sufribles sus riesgos, y descomodidades, porque si muero defendiendo mi patria, me defiendo a mi mismo, que soy parte de aquella Republica, y si vivo adquiero para mi y muriendo, para mis hijos y para mi familia, y si peleo por adquirir estados a mi Principe me aventuro en causa propia, procurando crescan las fuerzas, y el poder del que tiene cuydado, y por oficio defenderme, pero ayudar a que vuestras fuerzas crezcan, y se aumenten, ni es justo ni es conveniente, sino de gran daño para nosotros, para nuestras patrias, y nuestros Principes : que si pobres nacidos en el mar donde las barcas os son cunas y casas, sin caudal propio os haveis hecho temidos, mas en fuerza de barbaro atrevimiento que del valor que no tuviestes; pues si este poder (a tantos formidable) creciese con el dominio destas ricas y fertilissimas Provincias, cuya capacidad ni la registraron pasos, ni midiò la Geometria, que fuera del Mundo ?

Y quien se hallara seguro de vuestras tiranias ? Decis que los hados os previnien tales augmentos, y que no sois los primeros que de tal baxeza se levantaron a la gloria de muchos imperios, bien puede ser cierto lo que pensais, aunque el cielo que govierna nuestras cosas con acierto, y con piedad no permitirà tal suceso, si bien confesaremos que si los hados tienen decretado que asi suceda que serà en vano procurarle evitar medios humanos, pero nosotros puestos de parte de la razon determinamos desampararos, no queriendo que en ningun tiempo se diga que nuestras fuerzas ayudaron tales desatinos de la fortuna". A estas razones se siguiò un tumulto, y confusion de voces con que todos pedian que se entregassen al partido, que se pudiesse hacer mas comodo, sin desechar alguno, como les dexase las vidas, mezclando amenazas terribles con que intentavan reducir a su voluntad la del coronel, que temia no solo perder la plaza y con ella la reputacion y honor, sino la vida a manos de los amotinados de quien si la escapava no havia porque esperar poderlo hacer del Conde Mauricio, y de su Republica, cuyas ordenes fueron morir en la defensa de lo que una vez se tomase, confuso (pues) y con razon temeroso, el Coronel provò con buenas razones si podia corregir el desorden de los soldados, y reducirles a que esperasen el socorro fiado de la variedad natural del querer humano, y que podria amanecer otro dia en que se hallassen de acuerdo diferente, y a si previniendo silencio con la mano, con señas, y con palabras suyas, y de los oficiales dixo : "Haviendo sido testigo de vuestro valor, (amigos, y compañeros) y de las hazañas que he mirado con invidia, confieso que llego a desconoceros quando os miro tan rendidos y os oigo de la manera que solicitais la paz, y que por alcanzarla no repareis en honrra, ni estimais reputacion, tan presto cansan las armas a los que cansò la ociosidad ? Varones que obraron como yo he visto temen morir ? Estimando en mas un breve tiempo de vida trabajosa, que la gloria immortal que les espera muriendo honrradamente ? O quanto errè quando os crei los mas valientes del mundo ! Pues veo que el miedo del peligro puede tanto en unos corazones que os obliga a desear que rendimamos los peligros a precios de las honrras, culpas son estas, de que espero que quando reportados y advertidos de lo que errastes en tan desigual intento, os ha de castigar vuestra verguenza, el trance en que se halla esta plaza, yo le confieso apretado, aunque no de calidad que no devamos esperar que pueden mejorar las cosas, y lo que mas siento es que os ajais olvidado tanto de vuestras obligaciones que puestos de parte del enemigo, hableis del gloriosamente, y de nosotros con tan grandes lucimiento, que con verguenza me acuerdo, aunque como amigo lo sufro esperando vuestra emmienda, el poder del Rey de España, lo estendido de su Monarquia no se ignora, que bien

savemos que el sol en quanto rodea, no dea de mirar siempre las armas de España, que marcan Puertos, fortalezas, y ciudades por toda la capacidad del orbe, pero si admirais su grandesa pondera-reis su fortuna, si bueltos los ojos a su principio advirtieredes, que como a nosostros fuè patria el mar, a ellos la aspereza de las mon-tañas de quien aprehendieron lo terrible que les hace mas temidos que apacibles, y aunque veis estas gentes sugetar a tantos, creedme amigos, que no es osada presumpcion creer que podamos vencer a los que fueron tantas veces vencidos, pues no huvo nacion en el mundo que nos les sugetase, y si no digalo la arrogancia con que se jactan descendientes de nuestros septentrionales que les dieron leyes, y governaron tantos siglos, quando mas fieros, quando su natural fortaleza, no estava enflaquecida con los regalos de la opu-lencia, que tan peligrosa les ha de ser, pero no es tiempo de dis-currir en materias tales sino de persuadiros que errais mucho en persuadirme que entregue la plaza, y que admita partidos que for-zosamente han de ser deslucidos, y que menguen la reputacion de mi Republica, que ha tantos años que se mantiene libre del poder a quien hoy quereis que nos rindamos, decis que fuè con engaño quando os truximos a esta jornada no se que os mueva decirlo pues saveis que asi de nuestras razones, como de los aparatos y preven-ciones conocistes que veniamos a pelear a una conquista de una muy rica, y fertil provincia con cuyas commodidades os induximos para que gustosamente vinierades, faltose en algo de lo prometido? Vuestros encarecimientos testifican por la verdad de la promesa. Decis que nuestro intento mira estabelecer en estas provincias, no solo correspondencia de mercaderes sino imperio que nos le pueda prometer mas estendido, y en tierras mas ricas, y abundosas, la verdad es esa, y porque no podiamos esperar que assi sucediese si Vuestra ayuda fuesse tan segura como nos la prometistes, y la creyamos confiados, y para esperar que en el progreso haya de ser dichosa la empresa? Pareceos que son malos principios la felicidad con que nos apoderamos deste puerto, y ciudad que es lo mas prin-cipal, y mejor desta Provincia? El poder de el Rey de España y el nuestro no le confirais por mayor haciendo cotexo de las fuerzas de nuestra Republica con las de su Monarquia, que confesamos el exceso de su parte, pero hoy aqui en el Brasil, en que se nos aven-tajan? Armada tienen los españoles con artilleria y lo demas que les hace fuertes, nosotros tambien la tenemos y si inferior en nu-mero de baxeles, aventajada en el mejor uso que nosotros tenemos de las velas, y los timones, gente tienen, y si mas que la nuestra, ellos están en la campaña expuestos a los temporales, y nosotros estamos en la ciudad fortificados, y defendidos, con mantenimientos, y mu-niciones para muchos meses, pues siendo esto asi corréos, y tened

verguenza que sea solo animo y valor el que nos falta, demas de que esperamos socorro, que es fuerza que llegue muy presto, segun los avisos que saveis que tenemos, y de que vienen sesenta naves, y seis mil infantes, pues si estas fuerzas se juntan con las que tenemos, de que poder pueden ser vencidas ? No querer esperar el suceso destos avisos pasa de ignorancia a locura, y de locura a desesperacion querer que nos rindamos sin haver recivido daño notable en veinte y seis dias de sitio que muro ha caido con el continuo batir que han tenido los enemigos ? Que plata forma estã arruinada ? Que baluarte desecho ? El mayor daño recivido es alguna artilleria desencavalgada, y eso que importa ? Pues quedan en sus puertos tanta que podemos decir que sobrava las nos (*sic*) desacomodaron, pues es la sobervia desta nacion tal que con estar nuestras cosas en el estado veis, si tratamos de partidos ha de ser tan aventajado el que nos concedan que no le pudieran negar, quando la ciudad estuviera aruinada, pues como he de venir yo (aunque muera por defenderlo) en que tan sin tiempo nos rindamos con las fuerzas enteras, y con esperanza del socorro ? No quiera Dios que saque mentirosas las confianzas, que de mi tuvo el Conde Mauricio, y los estados que me entregaron este exercito, que tiene hoy mas peligro en sus mismos soldados que en las armas del enemigo, pues es cierto que no podrã mas de quitarnos las vidas, y vosostros intentando el rendimiento acabais nuestras vidas, y nuestras honrras. A risa me provoca entre tantas ocasiones de dolor veros tan finos, y correspondientes a la confederacion y parentesco de vuestros Principes con el Rey de España, quando savemos que se coligan contra el los Principes de Alemania y del Norte, y los Reyes de Inglaterra, y Francia, pues como por defender al que ellos pretenden acavar, porque su gran poder les tine recatados, bolveis la casaca con tanta nota de vuestro credito pretendiendo que nos rindamos ? Pues no ha de ser asi, vive Dios soldados que hemos de morir en la defensa de la plaza, y pelear hasta que moramos todos, y no ha de suceder, asi, que vencer tenemos, y a poca costa, si vuestro descaecimiento se alienta un poco, y solo de vuestro valor ha de ser efecto la victoria que a vosotros como a la principal causa de alcanzarla, se ha de aclamar con glorias, y triumphos que contara la fama, y los mayores intereses, vuestros han de ser, pues demas de que en lo adquirido, y en el despoxo, tendreis la mayor parte, cada qual se puede prometer que tendrá, (y yo en nombre de mi Principe, y Republica se lo prometo) un muy grande, y rico estado en estas provincias, donde traiga sus hijos, y su familia para que trasladados de lo yerto de nuestros payses a la templanza destos tan regalados, y fertiles, tengan una larga, y dichosa vida; Hijos, Amigos, Compañeros nos affeeis con accion desigual vuestra nobleza, ni con la infamia del

rendimiento lo esclarecido de vuestra hazañas, el socorro vendra presto, de Dios lo fio, esperemos (pues) peleando como valientes soldados, que yo determino morir, y no rendirme.

La fuerza de la aprehension que los soldados hicieron de que las importava rendirse quitò la eficacia a las razones, y obligò a que sin respectar la persona de el Coronel, puesta mano a las espadas acometiessen de tropel a quererle matar, diciendole injurias de que por su covardia ellos eran mas dignos, mataranle sin duda si la defensa de los que le asistian no fuera mucha, aunque si para escusarle la muerte fuè bastante, no para que con golpes, y heridas en el rostro no le maltratassen, sosegose el tumulto, y el motin cesò deponiendo al coronel de govierno, y sostituyendo otro en su lugar, que se acomodò mejor a la voluntad de los soldados que pretendian que la plaza se entregase, y asi asegurando que se haria dando breves plazos al efecto, se sosegaron. Los Olandeses sentian mucho el estado que tomavan sus cosas, y ver abortadas las confianzas que concibieron de sus augmentos. Lastimavanse, y con razon ver quan triste cambio havian tenido las dichas primeras, y a costa de su paciencia experimentavan la instabilidad de las cosas humanas, considerandose ya sugetos, y rendidos a los que quizá presumieron tener por esclavos, lloravan, y culpavan con sentimiento la dilacion del socorro que les prometieron : y lo cierto era que en Olanda no faltò diligencia para procurar imbiarle, pero el querer ni la diligencia, no bastan todas veces donde es menester caudal para la execucion del deseo. Hallavase la Republica muy falta de dineros, los mercaderes de la compañia, no tan ricos que pudiessen hacer nuevo, y mayor gasto sobre el que havian hecho, y como aun no havia havido ganancia considerable del primero empleo, se recatavan de empeñarse mas, no admitiendo las esperanzas en satisfaccion, ni aun en quenta de lo gastado, solicitaron con instancia a la Republica de Venecia, les prestase docientos mil ducados para despachar el socorro, ni se los negaron, ni ofrecieron los Venecianos. Pudo ser que la dilacion mirase a fines de impedir el socorro, no falta quien lo crea, que al fin hombres catholicos profesores de la lei de Evangelio mucho hicieran si se determinaran positivamente a favorecer empresa tan injusta ! Con que hereges enemigos declarados de la Iglesia Catholica Romana intentavan tomar una provincia de Catholicos; que asistir los Venecianos a los Olandeses, como lo hacen, con quarenta mil florines cada mes, aunque es accion que dá que discurrir, como mira a su conservacion y a tener quien les defienda, dea lugar a que no se pueda condenar tan a prisa esta dilacion que los Venecianos hicieron en dar los docientos mil ducados que no dieron (que pudo ser tuviesse principio en su religion, o en (*sic*) o otra razon de conveniencia que advirtiessen) fue muy util, porque

respeto della no pudo el socorro de Olanda despacharse a tiempo, que llegasse a ser de efecto : y asi descaecido el animo, y la voluntad del Coronel se rindiò a tratar partidos lunes veinte, y ocho de Abril, por la parte del Carmen parecio sobre el muro un tambor vestido de blanco, y con un papel en el sombrero a quien acompañaban algunos capitanes, y soldados suyos con mucha gala, y bizarria, en que mostravan el deseo, y gusto que tenian del buen efecto de lo que se venia a tratar, coronaron la muralla los soldados olandeses, y como del quartel de las Palmas no pudo entenderse en fin de aquella demostracion les dieron una carga de artilleria, y mosqueteria de que recivieron mucho daño los enemigos hasta que del Carmen nuestra gente con lenzuelos y otras señas les hicieron cesar. El tambor fue baxando por lo arruinado, que havian hecho las baterias, y desde alli le trujo el Sargento mayor Murga a las trincheas donde se entendio que trahia una carta para el General el qual estava entonces en el quartel de San Benito visitandole con el Maestre de Campo General, y asi entre tanto que ele avisavan, y venia, por dos oras suspendieron las armas, vino al fin Don Fadrique leyò la carta, y aiò que el enemigo decia haver entendido que un trompeta de nuestro exercito havia hecho llamada, que acudia a ver lo que mandava, bien se conociò que fuè ademan con que encubria la resolucion de rendirse, y que era tambien con fin de conocer la voluntad del General, y si las admitiria a partido, porque no teniendola, se retiraran de tratar dello. Don Fadrique respondiò a los enemigos, que en lo que decian haver el trompeta llamado havian recivido engaño, y que en los exercitos del Rey de España no se acostumbra llamar a los que tienen sitiados, que si alguna cosa tenian que decir la oiria cortesmente no siendo contra el servicio de Dios, y del Rey, y asegurado el tambor durando la suspension de las armas, bolviò a la ciudad, paso luego la palabra de que se tratava de partidas, y algunos de nuestro exercito con mas apresuramiento que de tan valerosos hombres se pudo creer quisieron entrar en la ciudad, y los sitiados no consintieron que alguno contrase con los ojos abiertos a lo menos por los lugares de la fortificacion unos juzgando con razon por indignidad a su valor, templaron el deseo no queriendo ser curiosos a tanta costa, otros los consintieron reciviendo por ello reprehension del General, y aun de otros inferiores, el dia siguiente martes veinte, y nueve de Abril bolvieron a pedir al General, recibiese rehenes, y los embiase para tratar de la platica del rendimiento. Don Fadrique juntò consejo donde propuso de la manera que el enemigo tratava de rendirse que para ello pedia rehenes de personas con quien poder tratar del caso, y ofrecian para el mismo efecto embiar los de su parte: y que seria bien acordar de las condiciones para que los que huviessen de ir supiessen a que se podrian alargar,

confiriose sobre lo propuesto, y huvo varios pareceres, unos estimando la paz reparavan poco en algunas circunstancias de lucimiento, otros presumidos en su valor, y confiados en las armas de los Españoles deseavan que el partido fuese aventajado, y quien creyendo que pudiesse llegar el socorro al enemigo, cuerdo deseava que se concluyese con el negocio muy a prisa cobrando lo perdido sin desear mas : hallando peligro en una hora de tardanza, y otros conociendo la flaqueza de los sitiados, y que el miedo es de calidad, que admitido en un corazon le abate a la mayor baxeza quisieron que el enemigo ya que no dava lugar con su rendimiento, a que pudiese pagar con la vida su atrevimiento, que no le quedasse brio para bolver en si. En efecto se acordo que fuessen rehenes el theniente Diego Ruiz, y el Governador Juan Vicente de San Felices, que haviendo entendido todo lo que se havia tratado acordassen en lo posible, y mejor. Del parte del enemigo vinieron à nuestros quarteles el Capitan Masfelt y el Capitan Cust los quales quando vinieron quiso el General Don Fadrique, que muy despacio viessen, y considerasen nuestras fortificaciones, y ordenò que aquella noche saliese la guardia, y entrase con toda bizarria, y pasase por debaxo de las ventanas de su aloxamiento haviendo ellos hecho lo diferentemente con los nuestros, porque al principio intentaron que havian de entrar los ojos cubiertos, pero Diego Ruiz no lo consintiò, y acordose al fin, que entrasen de noche, al ir Diego Ruiz a la ciudad a tratar de las condiciones le advirtiò el Marquez de Cropani que donde pudiessen oirlo los franceses, e Ingleses dixese que por su consideracion y respecto y porque Vasallos de los Reyes de Inglaterra y Francia con quien el Rey de España tiene amistad, y parentesco no pereciesen, havia oido la platica, que faltando este respecto en ningun caso se viera, y asi confiriendo Diego Ruiz en las condiciones, y no viniendo en que no les havian de dexar salir armados dixo en altas voces que por los Ingleses, Franceses y Alemanes sentian que no se efectuassen los conciertos porque les deseavan guardar las vidas como amigos, y los Capitanes Olandeses sintieron el arte de las palabras, y que se encaminava a desaficonarse de su amistad, y reducillos a la aficion de España, y dixeronle que aquello no se havia de decir, y que excedia. Diego Ruiz replicò con aquel brio que no reconocia superioridad en quien no fuese su Rey, o su capitan, que aquello havia de ser como decia y no en otra manera, y que destrocasen los rehenes que con la artilleria les enseñaria lo que havian de hacer, sintiendo san Felices (15) que se desconcertase el partido y Diego

---

(15) Escreve-se Giovano Vicenzo Sanfelice, conde de Bagnoli, pronunciando-se Banhólo, no dialeto napolitano. Cf. Barão do Rio Branco, nota manuscrita no exemplar da *História das Lutas de Varnhagen*, que lhe pertenceu e que está hoje no Itamarati. (*J. H. R.*)

Ruiz conocia que aquel era el camino de efectuarse con reputacion y deciendo los olandeses que en buen ora que le queirian bolver a sus quartelles pero por otra parte que por la que havia entrado les dixo, que se riesen de aquel cuydado porque no savian que persona era la que tenian alli, que aunque de noche, les havia reconocido las fortificaciones, y les diò señas de ser asi citando lo que en cada parte de las por donde entrò havia con este les obligò a pensar de nuevo en el caso, y procurar evitar el peligro que les amenanazava, (sic) aquella noche que fueron los rehenes estava el General Don Fadrique cansado de que le fuese forçoso esperar aquellos plazos, y por divertirse saliò acompañado de algunos capitanes, y fuese al alojamiento de Don Alonso de Noroña, con quien tratò de aquellas cosas, y le dixo que se hallava tan cansado de hacer tratos aunque forzosos que determinava no esperar otra respuesta ni oir mas sino responder con la artilleria. Don Alonso como tan buen cavallero entendido, y prudente le dixo à Don Fadrique que le pedia les tratase a los olandeses de modo que se hallasen antes vencidos de la cortesia que de las armas Martes veinte, y nueve de Abril, los sitiados escrivieron a Don Fadrique como en confianza de su nobleza tenian determinado rendirse, y entregar la ciudad con las condiciones que en papel aparte proponian, las quales eran :

1. Que entregando los Olandeses la ciudad, se les havia de dar tres semanas de tiempo en que aderezar sus baxeles, para los quales se les havia de dar vastimento, agua, y otras cosas necessarias para el viage por nuestra quenta.

2. Que pasadas las tres semanas saldrian de la ciudad con toda su hacienda, artilleria, y municiones, y los capitanes, y soldados con sus armas, las vanderas tendidas, cuerdas encendidas, valas en la boca, y tocando las caxas, los marineros, y capitanes en sus naves.

3. Que les havian de dar quatro naves de a trecientas toneladas para acomodar sus gentes, y cosas.

4. Que haviendo de partir en la forma referida, entonces nuestra armada se havia de recoger de tras del fuerte de San Phelipe para que con toda seguridad saliessen.

5. Que los Ministros eclesiasticos havian de salir con su ropa, y libros sin recibir agravio, o daño.

6. Que no se les havian de pedir bienes algunos de los que por conquista, o robo tuviesen adquiridos en general, ni en particular.

7. Que los Portugueses de nacion Hebreos que se quedaron con ellos en la ciudad despues de salir, no havian de ser molestados.

8. Y que cumpliendo estas condiciones entregarian libres las personas de Don Francisco Sarmiento, y las de sus hijos, muger, y Hierno, y a Don Alonso Bamba, y a fray Vicente Palla (16), y su compañero, y que los presos de una, y otra parte se entregasen sin rescate.

9. Que para el seguro, y cumplimiento de lo acordado se diesen rehenes de parte a parte, y el exercito no se acercase mas a la ciudad ni pudiese entrar en ella antes de haverse embarcado, y hecho à la vela obligandose a no les seguir con Navios de Armada.

No pudieron ignorar los Olandeses que segun el estado de las cosas era insolencia lo que pedian, y que no era para esperar se les havia de conceder, pero quisieron, o pidiendo mucho obligar a que les diessen algo, o con los tratos dilatar algun tiempo por ver si en el les llegase el socorro. Don Fadrique respondiò que el se hallava con un exercito poderoso, y gruessa armada señor de la mar, y de la tierra con mucha gente como podian haver visto sin mayor numero que como no necessaria aun no se havian desembarcado, y que ellos estavan sitiados de modo aprestados que era imposible llegar socorro que les pudiesse defender de tanto poder como el que les oprimia, pues con treinta y quatro piezas gruesas se batia la ciudad por todas partes con tanto efecto como savian, y enseñavan las ruinas de los muros de donde les tenia arrojado su artilleria estando ya las trincheas sobre el foso, y que teniendo tal estado las cosas ni los sitiados era bien conforme a uso de guerra que pidiessen tan aventajados partidos ni justo que el General los concediesse, aunque usando de la benignidad, y clemencia que su Magestad del Rey de España usa con los que se rinden a su poder en nombre suyo les otorgava las Vidas, y ofrecia pasage a su tierra, y que pudiessen llevar la ropa de su vestido y a su costa, (con anticipada seguridad de la paga) mantenimiento para el viage, restituyendo libres los presos que tuviesen, y en primer lugar y ante todas cosas la persona del Governador Diego de Mendoza Hurtado, a esta respuesta replicaron los Olandeses que lo que havian pedido era lo que juzgavan necessario para su viage, y que en efecto se hallavan en la ciudad fortificados, y defendidos, y con esperanzas de breve socorro, y que estavan resueltos de no salir de la plaza desarmados, sino defenderla enquanto les durase la vida, y que dar la persona de Diego de Mendoza no era en su mano pues se savia que estava en Olanda;

---

(16) Frei Vicente Palha, aqui referido, é Vicente Salvador, no século Vicente Rodrigues Palha, autor da *História do Brasil* editada e comentada por Capistrano de Abreu. A obra foi impressa integralmente pela primeira vez nos *Anais da Biblioteca Nacional*, vol. 13, 1889, e com excelentes prolegômenos por Capistrano de Abreu em 1918. A 3ª edição é de 1931, revista por Rodolfo Garcia. (*J. H. R.*)

Don Fadrique respondiò al Coronel, y al Consejo, que el havia procurado con la buena cortesia que usava con los Olandeses acomodar aquellas cosas segun su obligacion, y que pues no havia lugar quedaba disculpado que con trocar los rehenes se cumplia con todo, que alla tenian al Governador San Felizes con quien tratarian lo que se podia hacer. Con esta resolucion de nuestro General la tomaron los sitiados de imbiar dos capitanes con poder bastante para efectuar lo que pudiesen obligandose al cumplimiento de lo que ellos acordasen tomando por este camino la purga sin verla, y dexando lugar los superiores a disculpas con su Republica, en treinta de Abril se tomò este acuerdo por los sitiados, y despacharon a Guillelmo Stop, Hugo Antonio, y a Francisco Duchs (17) con un instrumento en forma, llegados al quartel del Carmen los tres Capitanes, y propuesta su embaxada, y con muy buenas razones representando quanta obligacion es usar de clemencia, y hidalguia especialmente que los Principes que por su grandeza se aventajan a otros, reiterò las razones de conveniencia que havia de su parte asi del estado de su fortificacion, como de las esperanzas del socorro, y como nò ay la guerra estado de tanta felicidad que se deja juzgar seguro pues no ay poder tan grande que no estè sugeto a mudanzas, y que aunque estuvieran apretados, y oprimidos de major fuerza que la nuestra havia lugar a poder la fortuna mudar de semblante bolviendo a ponerse de parte de aquellos, que favoreciò, y a quien parecia que ya desemparaba. Don Fadrique les ojò apacible, y respondiò cortès, proponiendoles como por su reveldia se havian hecho indignos de la clemencia que su Magestad usa siempre en aquella ocasion, en que tan sin fundamento, mas por corresponder a la desaficion de otros Principes, que con intentos de propria utilidad havian intentado su daño, atrevimiento que justamente se pudiera castigar con todo rigor, pero que determinava templarle, y les ofrecia hacer quanto la ocasion diesse lugar, fueronse a su alojamiento los Olandeses, y juntose el consejo, donde se tratò de ajustar las condiciones de la entrega, perseveravan todos en procurar el breve efecto a la platica, considerando grave daño en la dilacion de un ora, por cuyo respecto venian los mas en que se les consintiesse salir a los sitiados con armas, Diego Ruiz instava mucho en que por ningun caso havian de sacar armas. Un cavallero de los que alli asistian le dixo que tan valiente era como el, y le parecia que no era razon dar lugar a las replicas que sobre aquel articulo havia de hacer, pues se havia

---

(17) Assinaram as capitulações Willem Stoop, Hugo Antônio e François du Chesne. Êste último aparece com o nome estropiado para Duchs, Duquesneck, Duquesme, nos vários cronistas luso-hispano-brasileiros e nos historiadores brasileiros. Cf. J. de Laet, «História ou Anais dos feitos da Companhia das Índias Ocidentais», *Anais da Biblioteca Nacional*, vol. 30, p. 91. (*J. H. R.*)

conocido que sobre aquel punto solo era en lo que havian mas reparado los enemigos, y que era de mas importancia no dar un hora de tiempo en que pudiesse llegar el socorro, que la gloria de aquella ventaja del partido. Replicole Diego Ruiz diciendo que el salir, o no con armas no era cosa que una vez resuelta havia de estorvar ni gastar tiempo, y preguntò al que le havia replicado que quando que estuviesse fuera de la ciudad el enemigo, respondiole que el dia siguiente a las nueve de la mañana, y Diego Ruiz le replicò, pues a esa ora los tendrè desarmados, o me corten la caveza. Con esto se resolviò que se les negase las armas, y haviendo propuesto a los olandeses lo acordado se resolvieron segun lo dicho que fuè que los olandeses entregarian a su Magestad el Rey Catholico de las Españas Don Phelipe Quarto, y en su nombre al Marques Don Fadrique de Toledo la ciudad de San Salvador en que estavan, en el estado, y de la manera que se hallava aquel dia que eran treinta de Abril de seiscientos, y veinte, y cinco con toda la artilleria, armas, vanderas, municiones, pertrechos, vastimentos, navios, dinero, oro, plata, iojas, mercancias, Negros, Negras, esclavos, cavallos, y los presos que tuvieren, y con condicion que havian de hacer su viage derecho a Olanda, no tomaran las armas contra la Magestad del Rey Catholico de España, ni sus vasallos en cuyo nombres les concediò el General Don Fadrique que libremente pudiesen salir de la ciudad los Coroneles, Ministros, Capitanes, oficiales, y los criados de todos ellos, y la gente de mar, y los soldados Olandeses, Flamencos, Ingleses, Francezes, y Alemanes solo con la ropa de dormir, y vestir, permitiendo a los Coroneles, Capitanes, y oficiales poderlo llevar en baules, o caxas, y a los soldados en sus mochilas a cuestas, saliendo todos juntos sin armas hasta los navios, permitiendo a los Capitanes llevar espadas debaxo de condicion de haver de ser visitados por las personas que el General nombrase, para ver si llevavan algo mas de lo capitulado : entregandoles los presos que se hallasen vivos, y dandoles armas para su defensa del viage, y todo lo necessario para su navegacion asegurandoles el buen tratamiento, y que el Coronel, entregaria aquella noche una puerta con cuerpo de guardia dentro de los muros obligandose el General de dar al Coronel rehenes bastantes, y satisfacion que asegurase el efecto de lo capitulado otorgaron la escriptura en esta conformidad, y obligaronse a lo en ella contenido por lo que a cada uno tocava, por la parte de los olandeses Guillelmo Stop, Hugo Antonio, Francisco Duchs, y de la del Rey de España Don Fadrique de Toledo Marques de Valdueza General de mar, y tierra, el Marques de Cropani, el Maestre de Campo Don Francisco de Almeida, Almirante de la armada Real de Portugal Don Juan de Orellana, Antonio Muñiz Barreto Maestre de Campo, Don Geronimo Quixada

Auditor general de la armada de Castilla Diego Ruiz Juan Vicente de San Felice, todos del consejo, que lo otorgaron, y firmaron en treinta de Abril de mil, y seiscentos y veinte, y cinco, fuè condicion de lo capitulado que aquel mismo dia se havia de entregar libre à nuestra gente una puente (*sic*) de la Ciudad, para cuyo efecto esperavan cerca della el Maestre de Campo general, y los Maestres de Campo Orellana, y Barreto, el Sargento mayor, y Don Manuel de Guzman hermando (*sic*) del Marques de Toral, y el Capitan Don Pedro Manjon, y otros muchos Capitanes; mucho fuè el detenimiento que los sitiados tuvieron en dar cumplimiento a lo acordado, y a la entrega de la puerta tanto que ya muy tarde cerca de anochecer, viendo el Marques de Cropani que la dilacion era mucha, y temeroso de posibles novedades ordenò al Sargento mayor Muga, que hablase a la gente del muro, y les dixese como no dava la puerta en conformidad de lo acordado, Murga cumpliò el orden, y respondieronle, que la puerta estava terra plenada que entrasen nuestros soldados, y la abriesen de una, y otra parte se vivia con desconfianzas, porque de la nuestra se temia arrepentimiento, y ellos en nosotros que les quisiessemos degollar, y asi recatados los de adentro cerraron la puerta de la muralla vieja cablandola tambien con tablas, y maderos gruesos, y los soldados en la muralla asistian armados los mosquetes a punto, y asestados, teniendonos a cavallero sin otra señal de paz que un papel blanco que cada uno trahia en el sombrero con que intentavan asegurar del amago de los mosquetes, el Mãrques de Cropani pareciendole que era mucho pedir, que abrissen ellos mismos la puerta que ya era nuestra, y por no desconcertarse por poco ordenò que las mas compañias que fuesse posible se fuessen acercando al puesto mas por parecer advertido que por temeroso, y de la compañia de Don Francisco Ponce que estava de vanguardia hizo que saliessen veinte soldados con los quales saliò el mismo Marques, y Don Manuel de Guzman, y Don Pedro Manjon, y frai Francisco Guerra que a ninguna ocasion que pudo juzgar peligrosa faltò oficioso, y util siempre, y arrojando una escala al muro subieron por ella todos con azadones, y picos, y enentrando (*sic*) empezaron a derrivar la fortificacion de la puerta, dando principio el Marques con cuyo exemplo, ninguno huvo perezoso, dexò orden que las compañias de Don Francisco Ponce, y Andres Diaz de Franca, y Don Alfonso de Alencastre le siguiessen, y por la misma escala entrassen, y haviendo entrado la compañia de Don Francisco guarneciò el Baluarte que estava a la mano izquierda de la puerta que se abria, y la de Andres Diaz el contrapuesto de la mano derecha asistiendo a la puerta de la muralla vieja en que estava el enemigo, gente de Don Alfonso de Alencastre, abriose la puerta no sin travajo, que el miedo fabrica fuertes las defensas, y

el Marques mandò echar un vando, que pena de la vida, y traidor al Rey ningun soldado pasase de donde estava. El tambor empezò a echar el vando tocando la caxa, y el Marques diò orden que sin caxa se echase, haviendo sentido mucho oirla tocar, porque temiò alterar el animo del enemigo, de quien sospechò arrepentimiento, y todos los que se hallaron al abrir la puerta asistieron en ella toda aquella noche, quedando por la parte de afuera otras compañias de socorro, la gente del enemigo que armada (como dixe) asistia al muro perseverò en el hasta el dia siguiente, y viendolo el marques, y juzgandolo a desorden, embiò al Sargento mayor Murga que dixese al Coronel que mandase quitar su gente del muro que de la manera que estava hacia que pareciesemos los sitiados nosotros, y que diese lugar a que la gente entrase al primer barrio para socorrerse del daño que havia padecido con la mucha agua que sobre ellos havia llovido toda la noche, dioseles entrada aquel dia mismo jueves primero de Mayo en que la Iglesia celebra la memoria de los Apostolos Santos Phelipe, y Diego el menor, la gente que se hallo dentro de los enemigos fueron mil, y novecientos, y diez y nueve, tomaronse diez y seis vanderas de infanteria, el estandarte que estava en la torre de la Iglesia mayor, y el de la capitana de la armada sin otras de los navios que fueron veinte y uno los que se hallaron entre grandes, y menores docientas, y sesenta, y tres piezas de artilleria, muchas dellas de bronce, y muy buenas, seiscientos negros, algunos pocos portugueses Judios, y de otros que siguieron la fortuna del vencedor, a quien ahora castigava el miedo, la poca fidelidad, y sobrada desconfianza, mil quintales de polvora innumerable cantidad de pelotas y otros instrumentos de fuego arrojadizo, dos mil, y quinientos mosquetes, mas de trecientas pistolas, y escopetas, quinientos morriones, y docientos petos de prueva cien quintales de cuerda, mucho cobre, y plomo en pasta, y mas de quinientas sillas de cavallo con sus aderezos; en recoger estas cosas, y acomodar muchas se tardò quatro dias, hasta que en cinco de mayo despues de haver desenterrado de la Iglesia mayor algunos cuerpos de Hereges que alli se enterraron, y expiado el tempo de lo impuro que contrajo con los infieles que le profanaron tanto en sus ceremonias supersticiosas como de otras maneras, se celebrò misa en accion de gracias por la merced recivida en la recuperacion de aquella ciudad, celebròse con grande solemnidad, y muestras de regocijo, dijola en vicario general que en la sede vacante tenia la juridicion y con el Dean, y cavildo, el govierno del obispado. Assistieron a la fiesta los Generales, Almirantes, y Maestre de Campo general y demas Maestres de Campo, los Capitanes, Señores, y Cavalleros del exercito, increible fuè el contento deste dia en los corazones Catholicos, y leales de nuestra gente que veian restituidos a Dios sus templos, y a su

Rey las fortalezas olvidando con esta accion festiva, y gustosa el pesar que tuvieron en no haver llegado a pelear con el enemigo. Predicò segun la ocasion Fray Gaspar de la Ascension de la orden de Santo Domingo. Cumplido, pues, con esta parte de tanta obligacion tratò Don Fadrique de embiar aviso al Rey del buen suceso que havian tenido sus armas, y como havian vencido a poca costa, y con tanta gloria como se deve esperar sucederà siempre a un Principe cuyas fuerzas, y cuydado se ocupan solo en procurar la exaltacion de la fee Catholica, y Religion Christiana.

LIBRO IV

En catorce del mes de mayo en un Patache bien prevenido con ciento y quarenta soldados escogidos y catorze piezas de artilleria embiò Don Fadrique a su sobrino Don Henrrique de Alagon, y con el a Don Pedro de Porres, y Toledo con carta, y relaciones de todo lo sucedido, partiò Don Henrrique, y antes de llegar a la torre de Garcia de Avila, que dista de la Baîa por la vanda del Norte diez leguas viò unas velas, y bolviò a diez y seis a dar aviso de lo que pasava, el socorro del enemigo, cuyo capitan era fulando Oveja soldado de opinion, y de partes, quando llegò a Cabo Verde supo como nuestras armadas havian pasado por alli por los primeros de Marzo, y entonces despachò un Patache muy ligero, y bien prevenido con carta para el Coronel, y consejo, que estavan en la plaza de la Ciudad de San Salvador dandoles quenta como iba el socorro, y que llegaria brevemente, y que esperasen sin rendirse, al llegar este patache al morro de San Pablo encontrò dos caravelas de Portugal que venian despachadas, la una de Lisboa con mantenimientos (*sic*) para la armada de Portugal, otra de la isla de la madera con vino que embiavan sus vasallos de la Capitania de Machico al Conde de Vimioso, el patache rindiò las Caravelas y con gran cuydado procurò tomar tierra por saver el estado que tenian las cosas, y no lo pudo conseguir, porque en toda la costa havia mucho cuydado, y bastante resistencia, desconfiado el Capitan del patache, y creyendo que la Ciudad estava por ellos, determinose embiar dos Portugueses de los que havia preso en las caravelas con la carta que trahia para el Coronel, mandando à los Portugueses llevasen la carta, y trouxesen respuesta della dentro de veinte y quatro horas aperciviendoles que si no bolvian avia de degollar a todos los compañeros que quedaron en su poder. Los Portugueses lo miraron mejor, y estimando mas la salud de todos de la de muchos fueron al General Don Fadrique, y le dieron la carta, que leyò, y diò a que la leyese el Marques de Cropani, el qual fuè de parecer, que supuesto que el enemigo venia creyendo que la plaza estava por el, se le ayudase en su engaño, y para esto se quitase de sobre la torre de la Iglesia mayor el estandarte de España que alli estava, y se bolviese a poner el que estuvo con la divisa de Olanda, y que nuestra

armada se apartase de la ciudad, y se puesiese donde estuvo antes de tomar la plaza, y que un galeon estuviese de guardia a la boca de la Baîa y en reconociendo la armada de enemigos avisase para que se disparase de la ciudad a nuestros baxeles, y de los baxeles a la ciudad, y se diesen cargas de mosqueteria con que era forzoso que el enemigo creyese que la tierra estava por ellos con que los del socorro intentarian valer a los suyos, de lo qual se havia de conseguir precisamente, que cogidos en medio no pudiesse escaparse hombre ni baxel de la armada. Don Fadrique ojò por bien pensado el ardid (*sic*) de Cropani aunque no le juzgò por justo por tener tanto de engaño, y asi creyendo que sin incurrir en grave culpa no se podia executar no lo admitiò diciendo que donde el governase no se havian de usar tales medios para vencer. Mandò Don Fadrique, que dos baxeles saliesen a dar caza al que venia con el aviso del socorro, y no lo pudieron conseguir aunque salieron con toda diligencia, porque el patache ligero se les escapò facilmente hasta que despues de dos dias se bolviò a ver, y entonces Tristan de Mendoza Cavallero Portugues pidiò licencia para irle a buscar, tubola, y fuè en un baxel muy ligero que iba por quenta del Capitan Diego de Barajon, y con otro Patache de Gregorio Suarez Pereira que como mas ligero dieron alcance. Con gran diligencia, y cuerda prevencion avisò Don Fadrique que a todos los puertos de las Indias de la nueva España, y del Pini (*sic*) con el capitan Cosme de Coto Barbosa Capitan de la armada de Portugal a quien eligiò Don Manuel por ser persona de facion, aun para mayores cosas, como el enemigo venia en socorro de aquella plaza, y que respecto de hallarla ocupada por el Rey de España creia pasaria a aquellos mares, que se le hacia saver para que la prevencion escusase el peligro, despues, domingo de la Trinidad veinte y cinco de Mayo parecio la armada del socorro a la parte del sur, distante como seis leguas de la Baîa, previnose luego la ciudad con artilleria hizose embarcar la gente rendida en sus proprios baxeles, dado fondo sin velas, y sin timones, ni chalupas, desarmados todos, guarneciose la ciudad con dos mil hombres, y pena de la vida se mandò que fuera dellos ninguno quedase en la ciudad, Don Fadrique deseò que el Marques de Cropani quedase en la ciudad creyendo que fuera su mayor defensa, pero el lo rehusò diciendo que quando todos iban a pelear, no se havia de quedar a guardar la casa. Quedò Don Francisco de Mora de quien no se tuvo, ni debiera tener menos confianza. El Lunes se vino acercado el socorro, los baxeles puestos en forma de media luna gallardamente, y con mucha bizarria creyendo a lo que se pudo entender que la plaza estava por ellos, y aunque en un consejo que se hizo el dia antes se acordò que nuestros baxeles guardassen el puesto que ocupavan, por dar lugar que el enemigo se fuesse empeñando mas,

y se nos acercase, viendo la bizarria con que entrava, se tomò nuevo acuerdo, y se ordenò que los baxeles estuviesen sobre una Ancla, y se cogiese la otra. A las diez del dia que ya el enemigo venia llegando cerca de la boca de la Baîa se diò nuevo orden, que nuestra armada se fuese mejorando la buelta de donde venia el enemigo, y se hizo dando un bordo, y otro porque el viento no era favorable, y los íba descaeciendo sobre unos vagios, y el enemigo que ya con un antojo de larga vista havia reconocido en la torre de la Iglesia la vandera de España caminava con mucho brio a la buelta de nuestra armada, cercandose unos a otros hasta que ya se hallò dentro de la Baîa guardando su armada la forma de media luna yendo guiando dos capitanas juntas, y otro baxel con muchos gallardetes que llevava el cuerno derecho donde se creyò que iba el consejo. Quando asi se hallaron los enemigos dentro de la Baîa cerca de nuestra armada se pusieron en forma de pelea las velas mayores sobre las palanquines ultimas, y mas proximas disposiciones a la pelea. Don Fadrique que se alegrò mucho creyendo que havia llegado la ocasion del combate, aunque Cropani nunca lo creyò, sino que eran haceñerias con que davan a entender lo que en ninguna manera querian hacer, y asi se lo dixo a Don Fadrique que havian de huir los enemigos, y no querer pelear, replicandole Don Fadrique que errava en su juicio *pues a tales disposiciones era imposible dejar de seguirse el com*bate, y el Marques pidiò sugeto diciendo que savia que no havia de ser menester porque los enemigos havian de huir, y no pelear. Nuestros baxeles sin recoger velas ivan acercandose procurando abordar con el enemigo, y con estas demostraciones bizarras los unos contra los otros hasta llegar algunos de nuestros baxeles a menos de tiro de arcabuz porque el viento no dava lugar a todos por ir a la deshilada no tan juntos como los del enemigo: que quando ya parecia que su peligro era cierto, y nuestra dicha grande en poderles dar caza, virò de repente, y las velas que havia izado, las largò muy a prisa, huyendo, y dexando las chalupas que llevavan por las popas, que porque no les embarazasen, o quanta ira se augmentò en los nuestros pareciendoles haver perdido la gloria de la victoria que tuvieron por cierta, gritos davan como ofendidos procurando alcanzar al enemigo en quien el miedo augmentò la ligereza. Algun rato les siguieron nuestros baxeles hasta que la Real iva dando en unos baxos, y los Pilotos dieron voces avisando el peligro por cuya causa virò la Real disparando una pieza señal de recoger, porque se havia visto ya que el galeon Santa Theresa havia dado en el vajio en que estuvo sentado toda la noche valiendole su fortaleza que a ser menos pereciera sin duda, padeciendo el enemigo el mismo peligro de los vajios, por cuya causa se detuvo, y diò fondo cosa de dos leguas de nosotros. El deseo hizo creer que el enemigo bolveria el dia si-

guiente, y asi lo mas que fuè posible se procuró nuestra armada arrimar hacia la parte del fuerte de San Antonio por hallarse mas a barlovento, si se ofreciese la ocasion, pero fueron diligencias perdidas porque el enemigo se retirò, y aunque parecia cosa a proposito el seguirle no fuera acertado segun el estado que tenia la armada, falta de agua, y de mantenimientos, y los vientos contrarios con que nos exponiamos a un evidente peligro sin razones de esperar buen suceso, demas que saliendo nuestra armada sin saver adonde, y expuesta a un temporal, era cosa posible, que con el mismo los enemigos bolviessen a la Baîa, y que hallandola sola, sucediese peor que al principio, al fin no se juzgò buena resolucion seguir al enemigo por mas que algunos por parecer bizarros no repararon en ser tenidos por imprudentes. Don Francisco de Mora avisò al General el dia siguiente que tenia por cierto que la Capitana del enemigo se havia perdido tocando en Taparica, creianlo por haver el mar resacado pedazos de los castillos de proa, y popa, y el farol y algunos barriles de manteca, y otra cosas de lavor flamenca, en gran manera afligido el enemigo que trujo el socorro se hallava frustado (*sic*) el intento, la plaza perdida, y con ella las esperanzas que tuvieron el Conde Mauricio, y los estados reveldes de aumentar el poder, y creer en fuerzas, hacia mayor el sentimiento de las causas, ver el tiempo contrario, la armada con *mal tratamiento del largo viage*, y accidentes, del, la gente que en esperanza del provecho vino sufriendo muchas descomodidades, sentian por junto el dolor que toleraron, enfermos muchos, cansados todos, poca agua, y ningun regalo, y cotros (*sic*) mantenimientos, unos culpan la resolucion mal advertida de los que dieron principio a empresa de tanto peligro, otros a la fortuna que halaga con esperanzas, y castiga el exceso de confiar en ella con fines desdichados, pero siendoles forzoso buscar *remedio se resolvieron por la parte de el* Norte *buscar algun puerto* en que aliviar los enfermos, hacer agua, y repararse agun tanto, dieron vista a Pernambuco con veinte, y ocho Naos a sotavento de la ciudad distantes quatro leguas por la vanda del Norte. Mathias de Alburquerque no faltò à su obligacion ni con valor, ni con diligencia, previnose fortificando la ciudad, y los puestos de importancia, prevencion de que el enemigo se hallo embarazado, y asi pasò a Paraîba cuya barra havia hecho sondar el dia antes, de donde fuè derrotado con fuerza de temporal haviendo dado principio a su entrada, y vinieron a parar en una Baîa desierta que llaman de la traicion que està a la vanda del Norte espaciosa mucho aunque de poco fondo, el enemigo oprimido de tantas desgracias, puso vandera de paz, a que correspondieron unos Indios gentiles, que havitavan aquellas costas de quien fueron gustosamente recividos, mas en oposicion, y por hacer pesar a los Catholicos de los pueblos conve-

cinos, que por beneficio de los Olandeses de los quales desembarcaron seiscientos, parte se alojó en el lugar del Indio que los havia acogido que hicieron cuerpo de guardia en la Iglesia que fortificaron con cuidado. El mayor numero se aquartelò cerca del mar donde hicieron trincheras, y cortaduras en sitio de quatrocientas varas en quadro con disposion (*sic*) bastante segun orden militar, poniendo en lo mas seguro de la fortificacion algunas barracas donde los enfermos se curasen de que murieron muchos, asistiendo de los Indios como docientos flecheros parciales que nuestra armada les havia de seguir, y asi lo primero se previno de limpiar los navios hacer aguada, y lleña. Los Indios (como dixe) enemigos de sus vecinos persuadieron a los Olandeses a entrar por el Rio de Mamangape donde fueron de mucho daño a los ingenios, y corrales de vacas, de donde truxeron algunas para alimentar sus enfermos y cinquenta caxas de Azucar, que remitieron a Olanda en un patache con que avisavan de lo sucedido. Los Indios hecha ya su ira con confianza de poder destruir a los Catholicos de la Comarca pidieron al olandes trecientos soldados con que se ofrecian hacerlos dueños de las Capitanias de Paraìba, y del Rio Grande. En Pernambuco tuvo Mathias de Alburquerque nueva destas cosas, y como el enemigo estava fortificado, y con la ayuda de los Indios de otras tres Aldeas, que se le havian juntado osava hacer entradas muy dañosas en los ingenios, y haciendas del distrito, temiendo que si el daño recreciese, llegase a ser igual, sino mayor que el que los vencidos hicieron, en Todos Santos, determinò juntar todas sus fuerzas, y procurar desalojar al enemigo, yendo el en persona a la faccion. Los de Pernambuco reconocieron el daño que podia venir a aquella plaza si faltase della tan valiente, y cuydadoso capitan, y asi le persuadian no quisiesse dar lugar con su ausencia a los peligros que temian, rogandole mucho embiase otro capitan a la Baîa de la Traicion, y Mathias de Albuquerque que se acomodase mal a estos ruegos pareciendole mas conveniente quitar el enemigo, que obrase el daño que estava haciendo, y evitar el que podia causar adelante que justamente se podia temer que no asistir (*sic*) en Pernambuco donde la defensa era cierta, asi por la barra como por la gente, y armas que tenia, estas razones no admitian los de Pernambuco, y viendo que con ruegos no podian impedir, que el Governador, les desamparase, con requirimientos, y protestas (*sic*) judiciales le consiguieron, en cuya consequencia se embio a Francisco Guello de Carvallo Governador de Marañon, que con la gente, artilleria, y municiones que se pudo acudiese a procurar desalojar el enemigo, ordenando que dos Padres de la Compañia fuessen con el para que como personas que tenian mano, y alcanzavan estimacion, y respeto de los Indios Christianos les impidiesen acudir al

socorro de los infieles, Mathias de Alburquerque escrivio al General Don Fadrique dandole quenta del estado en que se hallava el enemigo, y del grave daño que resultaria a todo el estado de el Brasil si quedase en sus confines partiendose las armadas a España pidiendo que no saliesen de los confines hasta haverle desalojado de donde estava obligandole a retirarse y para que esto sucediese, le embiase mil hombres, y alguna artilleria con que desde tierra le pudiesen batir. Don Fadrique correspondiò, embiando a Pernambuco al Governador Vicencio de San Felizes y al Governador Francisco de Valle Cilla, Hector de la Calce Valiente mancebo capitan de Infanteria Italiana, personas platicas, y de confianza, los quales partieron la noche de diez y nueve de julio con orden que tomasen razon de todo, y segun la necesidad dispusiesen el socorro, que haviendose enterado de lo que pasavà, dexaron orden en Pernambuco de que se aprestasen carros para la artilleria, y otras prevenciones necessarias para la jornada, que quedaron sin execucion, como no necesarias, ya porque llegando Francisco Cojello de Caravallo, dos leguas de donde estava el enemigo se aquartelò junto al Rio de Mamanguape (*sic*) com mucha gente asi de la que llevò de Pernambuco, como de la que havia en la tierra y de Indios que conduxeron los Padres de la Compañia, con mucha municion, buena artilleria, y vastimento necessario, porque en acudir todo fuè advertido, y diligente Mathias de Alburquerque, los Olandeses aunque estavan bien fortificados reconocieron nuestras ventajas, y haviendo tenido malos sucesos que en dos escaramuzas les havian muerto mas de cien hombres, y advirtiendo que la amistad de los Indios era poco segura determinaron que las naves fletadas bolviesen a Olanda, y las de los estados se repartiesen en dos esquadras que la una fuese la buelta de Angola, y la otra a las Indias de Castilla, asi se entendiò de unos prisioneros que se tomaron en la ultima escaramuza. Primero dia de Agosto lebò (*sic*) ferro el enemigo, y se hizo à la vela la buelta del leste, procurando ir hacia el sur, y no pudiendo conseguirlo diò fondo tres leguas, a vista de tierra, donde se detuve tres dias, y a quatro de Agosto bolvio a tomar la derrota del leste dando indicios de querer bolver al sur, y permanecer en las costas del Brasil, alentandole para ello hallarse con mucha agua, y leña, y otros vastimentos, perto ni el designio era ese, ni el tiempo les diò lugar. Los Indios que havian creido mas util el hospedaje de los olandeses arrespentidos, y temerosos del castigo, ya sentian haver errado, y augmentando la culpa con su reveldia pusieron a peligro la paz de aquellos lugares que fuera de mucho daño si Francisco de Cojello con tres compañias no les acometiera, y les castigara con muerte de ciento, y cinquenta, y prision de docientos, y cincuenta. El resto, que huyo vino a manos de Francisco Gomez de

Melo que los matò, y captivò en cinco de Agosto, y en el mismo dia Antonio de Alburquerque matò, y captivò quatrocientos Indios junto a Paraìba, con que se sosegò el motin que fuera dañosisimo a todo el estado si llegara a revelion como se temiò lo fuese. Nada desto que sucedia en Paraìba ni la determinacion del enemigo se savia en el exercito de San Salvador, Don Fadrique, y los del consejo altercavan sobre tomar resolucion si se havian de bolver a España sin esperar otro aviso, o limpiar del todo primero aquellos mares de los enemigos con que se hallavan infestados. Unos juzgavan conveniente, y aun necesario, que la armada bolviese a España con mucha brevedà por no tener otras fuerzas sino aquellas para defender las armadas de las Indias que ya era tiempo que llegassen. A otros parecia obligacion echar del todo el enemigo de las costas del Brasil que era a lo que el Rey les havia embiado, y lo que corria por su quenta, y que davan poca satisfacion si se contentasen solo con haver echado de la Baîa a unos, si quedava otros que pudiesen hacer igual y mayor daño, y a procurar desalojar al enemigo de onde estuviese se ofreciò con valor digno de su sangre Don Alvaro de Losada, el Marques de Cropani dixo que supuesto que se juzgava importante, y de tanta manera necesario que la armada acudiese a España al socorro de las flotas de las Indias que Don Fadrique partiesse a ello, y le dexase dos mil hombres, y alguna artilleria con que desalojaria al enemigo de donde estuviese, y defenderia que pudiese entrar en otra parte, con que se cumplia con todo, que savia del Rey embiaria por el, o buscaria camino por donde bolver a España, cosa que no se atreveria a hacer, ni a los ojos de su Rey sin dejarles seguras aquellas Provincias. Muchas cosas hacian dificultad para tomar resolucion, porque los mas deseavan gracias a Dios por la fee, y Religion en que los mantiene de cuyas virtudes creian ser premio, ayudarles, y defenderles aumentando la acion de gracias por haverles dado Rei Catholico. Alegres parabienes reciviò el Rey de la *Santa, y hermosissima* Reina su esclarecida esposa, de cuya virtud son fructos tales sucesos, que festejò devota con agradecimientos a Dios, y bendiciones que hizo del deseo, no quedando inferiores, ni en afecto, ni en demostracion los Señores Infantes Carlos, Fernando y Maria alegria de nuestra edad y fecundas esperanzas de España. E (*sic*) Conde de Olivares a cuya diligencia y cuydadoso servicio sè devia tanto del buen efecto, aunque muchos se lo decian asi por verdad, gozavase en haver acertado a servir con felicidad en ocasion de tan grande importancia, y daba a su Principe la gloria de los sucesos, pareciendole que lo que se gasta en premiar no mengua el Patrimonio del Principe, sino que es caudal que se dà a logro.

FIN

Advertencias que de necessidad forçada importa al servicio de su Magestad, que se consideren en la Recuperacion de Pernambuco, y del justo, verdadero, y christiano arbitrio de un millon, duzientos, y sincoenta mil ducados, en que se deve fundar la conservacion del Estado del Brasil, la restauracion del comercio de la Mina, y Guinêa, y el señorio, y desinfestacion de nuestros mares.

Hechas por Luys Alvares Barriga Cavallero Portoguez.

Estaren los Olandeses señores del puerto de Pernambuco vá ya por el fin del quarto año, con riesgo de se perder el Estado del Brasil con grande daño de Hespaña, y teneren estos herejes usurpado há mas de treynta años el grandissimo comercio de la Mina, y Guinêa, bastante a hazer poderoso un grande Monarcha, en que tienen fundadas las fuerças, con que sustentan su injusta guerra; perturbando con ella en tantas partes esta Monarchia con intento de su total ruyna, y se averen hecho, dueños de nuestros mares, robando todo lo que se navega; de lo que se puede affirmar que han extinguido el comercio de Portogal con perdida grandissima de las reales rentas de las aduanas, y extrema miseria de los vassallos deste pobre reyno, me forçó tomar la empresa de ver si en punto tan apretado seria possible hallar remedio a tanta desventura.

Con mucho trabajo, y larga especulacion alcansé este remedio, hallando un arbitrio justo, y sancto de un millon, ducientos, y sincoenta mil ducados cada año, sin tocar en la Real Hazienda, ni en los vassallos; y antes recebiendo todos mucha merced, para que juntandose a los dineros deste mi arbitrio algunas cosas, que los rebeldes tienen usurpado, ó impedido, se hiziesse la copia de un millon, quinientos, y veynte mil ducados cada año con que se sustentasse siempre levantado un tal poder en la tierra, y en la mar, que fuesse bastante, por los medios que tambien tengo hallado, a tener

siempre defendido el Estado del Brasil, recuperar el puerto de Pernambuco, y el comercio de la Mina en mucha parte, y con esperanças de que sea todo, y desinfestar nuestros mares, segurando el comercio.

Pareciendome tenia hecho un grandissimo servicio a Su Magestad, y grandissimo beneficio no solo a este reyno, mas a todo Hespaña, meti todo en un libro, que despues de lo aver conferido con personas de quien podia bien fiar la approvacion de cosas tan grandes, offreci al Excelentissimo Señor Conde Duque llevarle este arbitrio, y estos medios, porque no replicando lo escrito, era fuerça que estuviesse yo presente para satisfazer las obgeciones, aviendo quien con ellas pretendiesse dañar mi trabajo, y ser cosa justa que se lo presentasse yo mismo.

Esta offerta hize a Su Excelencia por una propuesta breve que se la dió un cavallero principal en mano propria, informandole de palabra de la confiança, que podia hazer, de mi verdad, la qual remetiendola a otras manos fue Su Excelencia informado tanto en contrario, que ni de respuesta me hizo merecedor.

Y no bastó la diligencia que se hizo con Su Excelencia en mi discredito, sin se respetar el daño que se hazia a Hespaña, y deservicio a Su Magestad, sino que de palabra se hizieron ademanes tanto em mi disfabor, como si yo tuviera comettido delictos, y embustes grandes; desdicha que padecen los vassallos auzentes de la verdadera noticia, que convenia su Principe tuviesse dellos, y el Ministro Supremo que le assiste, que basta quien les anda cerca para hazer que los notables servicios parescan culpas, y infamias.

Teniendo ya la materia por desesperada, por se aver cerrado la puerta a mi justo intento, se tiene de nuevo movido con calor la platica de se poner en effeto la restauracion de Pernambuco, que se platica por medios de tanto riesgo, que justamente se puede temer, que succedan dellos grandes desventuras; y porque es justo que en el principio de una empresa tan grande se discursen los medios efficazes con todas las razones, que en cada uno dellos se representan; para que se intenten con la seguridad devida, soy forçado en esta occasion, aunque cargado de agravios, no faltar al servicio de Su Magestad y al bien de su Monarchia, a escrevir este libro, que es el ultimo esfuerço, que en la materia puedo hazer, que quando no sirviere demas, mostrará el tiempo adelante, que de los daños que succedieren tuvo la culpa quien impedió el remedio, que no faltó quien lo mostrasse patente (1).

---

(1) Depois das duas breves *Propuestas* de 1631 e 1633 e das *Advertencias* escritas aos 65 anos o A. fêz seu último esfôrço na *Propuesta*, escrita aos 66 anos, que se segue. (*J. H. R.*)

El orden deste libro es empeçar por mostrar los grandes daños, que se deven temer a la Corona de Castilla, si los rebeldes quedaren con el Estado del Brasil, ó con parte del en las manos.

Y luego mostrar la grandesa de aquel Estado, y lo mucho que importa a la Real Hazienda de Portogal; las grandes esperanças que justamente se deven tener del, el intento, que los rebeldes tienen de su conquista.

La descripcion del puerto de Pernambuco, las fortificaciones, y el poder con que los rebeldes lo tienen señoreado, y lo pretenden defender.

Los pareceres que hâ de los medios por donde se deve recuperar este puerto, y las razones que muestran patentes los daños, que de los tales medios se deven temer.

Y ultimamente muestro con razones indubitables el medio mas seguro, y mas efficaz, y mas, importante a todo Hespaña, bolviendo proponer mi arbitrio.

La experiencia tiene mostrado patente, que el intento de los rebeldes de Su Magestad en las cosas que emprenden, es hazerense señores de las conquistas de Hespaña, que es lo mejor, y de mas importãcia que tiene el mundo, de que doy por exemplos, que empeçando con embiaren algunos pocos vaxeles quasi a hurtadas al rescate de la cuesta de la Mina, vino ser tanto su atrevimiento que se hiziera señores de todo aquel comercio, y lo defienden ya por suyo.

En la India Oriental es cosa notoria, que empeçaron embiando dos o tres vaxeles comercear en aquel Oriente, y a partes remotas de adonde llegavan las fuerças de los Portogueses, y luego fueron poco a poco siguiendo su intento, con lo que les tienen quitado de las manos el clavo, la maça, las nuezes noscadas, parte de los sandalos, la camphora, la pimienta, pues la abundancia de la que trahen a Europa, y la esparzen por todas las partes, adonde tiene valia, baxó tanto de precio a que viene a Portogal, que es ya de mas costa que provecho.

Y asi adquirieron lo mejor del comercio de Iappon, y del de Charamãdel, y del de Cambaya, y de la Persia; y aun lo poco que dexan a los portogueses, lo buelver robar de ordinario. Conto que tienen ya en aquellas partes un Estado poderoso, fundado en las fuerças, y fatorias que tienen en la tierra, y en los muchos vaxeles, que trahen armados en la mar, y aun se deve temer, que hagan mas daño.

En el Estado del Brasil empeçaron poblar lexos de los Portogueses, y luego fueron descubriendo sus intentos, con cometieren yá abiertamente su conquista, determinando señorear sus grandes

riquesas, y no se puede dudar de que con el medio de lo señorearen, tienen intento de se hazeren dueños de las immensas riquezas del Perû, y desminuyeren las de Nueva Hespaña; los daños que se pueden recelar se verán por los medios que iré mostrando :

Todas las personas que consideraren el sitio, en que Dios puso el Estado del Brasil, hallarán que sin duda es el mas aparejado, que en el mundo se puede imaginar para estos rebeldes hazeren en el plaça de armas de sus armadas para defenderen las conquistas, que tienen intentado, y emprẽdieren las que mas pretienden, a que tambien los ayudará mucho la immensidad de bosques de arboledas de admirable grandesa, que aquella tierra tiene para poderen hazer los vaxeles, que la imaginacion los pidiere llevando de Europa lo que les faltare para su fabrica; por lo que se puede affirmar por cosa cierta, que con esta comodidad, y de la quedaren cerca, si quedaren con parte del Brasil en las manos intentarán la conquista de la abundantissima mina de Potosi, para lo que les quedarán abiertos dós caminos.

El uno es metiendo sus armadas en el mar del sur por el nuevo estrecho de San Bicente, que es mas facil de passar que el de Magallanes, y estâ en sincoenta, y sinco grados, que por aver de ser su derrota norte sur quede el camino mas breve, que los grados que se navegan por otras derrotas, y metiendo en aquel mar una armada semejante a las con que costumbran executar sus empresas, quedarán vedando la navegacion de Manila con Nueva Hespaña, y con el Perû, y la del Perû con la misma Nueva Hespaña, y con Panamâ adonde conbia (*sic*) la plata, y recibe lo que lleva de Europa, porque el camino de la tierra es mucho largo y de trabajo grandissimo por las difficuldades que tiene.

Y no se puede dudar de que trabajaran estos rebeldes de señorearen algun puesto en la cuesta del Perû, y que por ally intenten con justas fuerças de señorearen aquellas minas, que por les quedar lexos el socorro se puedé recelar, que les caygan en las manos. El otro camino es intentaren la conquista de Buenos Ayres, aunque este es mas difficultoso.

Hay tambien mas que considerar, que si estos enemigos, quedaren con parte del Brasil en las manos, que deven querer labrar assucares; a lo que se les seguirá la necessidad de los negros para los ingenios, que los obligará a que los quiten a los Portogueses, y serlesha facil quitarenselos, assi como les quitaron el comercio de la Mina, porque las partes cabeças de sus rescates estan tan poco aparejadas a se defender, como lo muestro in otro libro mio, y es notorio; demas que los vaxeles destos rebeldes con que, intentaren rescatarlos por las cuestas, y vedarlos a los Portogueses andan de

ordinario mas aparejados para pelear, de lo que van los vaxeles de Portogal a aquellas partes.

Y vedando estos rebeldes los negros a los Portogueses se perderá de todo lo que del Brasil fuere suyo, porque se perderán los ingenios, que consiste solo el sustentarlos en teneren negros, que fabriquen los assucares, y faltará mucho la labor de las minas de Nueva Hespaña, que se haze ya mucha parte con negros, por la grãde falta de los naturales.

Y deve tambien considerarse, que si estos rebeldes quedaren señores de riquesas tan immensas, que sus vastos intentos ayudados del immenso odio que tienen a Hespaña, los inçitarân a que emprendan perturbar su sossiego, y que estando ellos mucho enrequecidos, la hallaran mucho empobrecida, y tan despoblada, como a todos es notorio.

A todas estas consideraciones se sigue que descriva la grandeza del Estado del Brasil, las muchas riquesas que importa a la Corona y vassallos aquello que en lo presente en el se labra, si en la navegacion huviere seguridad, las esperanças que justamente se deven tener de se venir, a sacar del riquesas immensas: las fortificaciones, y el poder con que señorean rebeldes el puerto de Pernambuco, las grandes difficultades, que muestra la razon militar, para se pretender echarlos dellas a biva fuerça, y los daños que se deven temer de se intentar hazerlo.

Los medios con que se deve defender la tierra de Pernambuco, y assi qualquiera otra parte de aquel Estado del Brasil, adonde los enemigos pretendieren firmar el pie, y abrirle el comercio juntamente con grande seguridad, sin que los rebeldes se puedan aprovechar de cosa alguna, que es verdadero medio de los consumir, y de los obligar, a que dexen sus intentos.

El Estado del Brasil empieça en la Bahya de Bicente Yanes Pinson, a quien los mappas de los Flamengos situan en quatro grados del norte, y corre hasta la capitania de San Bicente, que tiene elevado el Polo Antartico veynte y quatro grados. Pongole aqui el limite por no averen los Portogueses en lo que tienen poblado, passado desta capitania, aunque la demarcacion de las coronas de Portogal, y Castilla llega cerca del rio de la Plata: tiene por la cuesta cerca de mil leguas, y por la tierra dentro se larga tanto espacio, que puso limite a la ambicion la impossibilidad de se poblar.

Este Estado se tiene modernamente dividido en dos goviernos, uno es del Seara, que está en tres grados, y un tercio de la parte del sur está la capitania de San Bicente inclusivé. Deste govierno es cabeça la ciudad del Salvador de la Bahya de Todos los Sanctos, y tiene de cuesta quinientas leguas. Los Portogueses tienen solamente

poblado la marina, no entrando por la tierra dentro mas de aquello, a que dan comodidad los rios, y la buena conduta de los assucares.

El otro govierno se incluye del Seara hasta la Bahya del Pinson, de que es cabeça la ciudad de San Luys situada en la Bahya del Marañon, de quien el govierno toma el nombre, en su poblaçion se trabaja hasta el tiempo, que esto escrivo tibiamente, por lo que está poco poblado tiene de cuesta mas de quatroçientas leguas.

Advierto que todas las leguas de que trato en este libro, las cuento conforme andan arrumadas las cuestas en nuestras cartas de navegar, y los grados, cuento con alguna diversidad aunque poca por la hallar entre nuestras cartas, y los mappas de los Flamencos, y algunas informaciones que tomé no me determinando en lo mas cierto, porque se platica hazerse nuevo padron para se emendaren las cartas; y assi quien hallare algun yerro, que nunqua en este mi intento puede ser considerable, sepa la causa del.

Las razones a que se deve tener respeto para que Su Magestad sea servido de mandar con muchas veras defender este Estado, demas de las referidas. La primera es. El provecho que tiene la Corona, y vassallos de lo que del se saca todos los años, porque de los assucares computando unas cosechas con otras es un millon, y ducientas mil arrobas, el palo que es estanque en los mas baxos precios, en que se tiene cõtratado de muchos años a esta parte son sincoenta mil ducados, moneda portoguesa de a dies Reales, que es la que se deve entender en todo lo que tratare este libro. Viene mas de allá mucho tabaco, y si se diera licencia que se traxera gingibre, y algodon se cultivara en aquel Estado mucha quantidad de una, y otra cosa, con lo que no haria falta lo que viene de la India.

Considerandose bien las cosas referidas asi de lo que pagan en las aduanas por entrada, como lo que pagan quando salen del Reyno por la mar; y puertos secos, y lo que pagan las mercaderias, que por razon deste comercio trahen las personas, que lo vienen buscar vale todo a la Real Hazienda si viniere con seguridad, mas de quinientos mil ducados, y sin hazer ninguna despesa.

De la parte que caye en el govierno del Marañon no ay duda que poblandose se vendrâ sacar mucho provecho, porque las cañas en breve tiempo se hazen gruessas, y grandes, por lo que si se hizieren ingenios se podrâ sacar otra tanta quantidad de assucares, segun muchas opiniones.

Tiene este govierno mucho tabaco, y se affirma, que tiene la yerva de que se haze el anil, y muchos maderos de tintas, y grandissima quantidad de leguas de tierras llenas de bosques de admirable grandesa los arboles que hâ en ellos, y en effeto es tierra de que se tienen grandes esperanças.

La segunda razon es aver en esta provincia oro, y esperanças de minas de mucha plata. Del oro se no puede dudar pues es cierto que Gonçalo Piçarro lo halló en los indios habitadores del Parâ, quando fue al descubrimiento de la canela, con el qual se levantó Orellana en el Vergartin, que alli hizieron, como lo affirman los que escrevieron esta jornada, y en lo presente se tiene por cierto que los Olandeses, que tienen poblado en el Cabo del Norte, sacan oro por rescate de los gentiles, que habitan las orillas, y islas del mismo rio (2).

Y en la capitania de San Bicente tiene mostrado la experiencia que ay oro, por lo que siendo estos los extremos de los veinte y quatro grados, que la provincia del Brasil tiene de la parte del sur que comprehenden, de cuesta, por ella correr a varios vientos poco más, ó menos de ochocientas leguas, y hallandose oro en ellos se no puede dudar, que la tierra, que caye em medio, lo deva tambien tener, si lo supieren buscar.

De las minas de plata es notorio que há algunos años, que vino un hombre a Hespaña offrecerse a descubrir en la parte que caye en el govierno de la ciudad del Salvador minas de mucha plata; contanto que si tuviessen effeto, le hiziessen las mercedes, que pedia. No se las hizieron, y pretendiose que las descubriesse por otros medios differentes de su intento y assi no se conseguió el effeto.

Del govierno que caye en el Marañon traxó a Portogal Manuel de Sosa (3), que embiaron por capitan del Parâ una piedra zuela que cogió de la mano de un gentil, en que se hizo experiencia, y respondió con excessiva quantidad de plata a respecto de su grandeza.

---

(2) Os holandeses, antes de 1598, começaram a freqüentar a Amazônia. No princípio do séc. XVII êles possuiam plantações e dois fortes no Xingu. Em 1621, veio ao Amazonas, Bernardo del Carpio O'Brien, cuja figura tem certa importância na história da penetração holandesa naquela parte extrema do Brasil. Retornando à Holanda em 1623, lá organizou uma forte expedição que saiu da Zelândia em 1629 e em 1634 estava desbaratada. Cf. Rio Branco, *Questões de Limites, Guiana Francesa*, 1ª Memória, Rio de Janeiro, 1945, p. 51 e 54; Capistrano de Abreu, Prolegômenos ao livro V da *História do Brasil* de Frei Vicente do Salvador, 3ª ed., p. 455, 461-463; George Edmundson, The Dutch on Amazonas, *English Historical Review*, v. 18, p. 642-663 e v. 19, p. 1-25. (*J. H. R*).

(3) Manuel de Sousa d'Eça escreveu — Derrota del Rio de las Amazonas, dada por el Capitan M. de Sosa Dessa al Señor Virrey, 7/Julho, 1615, original no Archivo General de Indias, *Anais B. N. R. J.*, v. 26, 1904, p. 277-279; a Breve Relacion de la Jornada de la Conquista del Marañon, Madrid, 9/Julho, 1615, original no Archivo General de Indias, reprod. *Anais B. N. R. J.*, v. 26, 1904, p. 281-287 e Sobre as cousas do Gram Pará, id., id., 345-348. Foi Capitão Geral do Pará (1626-1629). Seu nome é indiferentemente grafado d'Eça ou de Sá. Segundo Capistrano de Abreu (obr. cit., 3ª ed., p. 460) é êle a mais simpática figura dos primeiros tempos da nova conquista. Nasceu em Ilhéus, acompanhou Jerônimo de Albuquerque, lutando em Guaxinduba. Sua *Breve Relacion* é, segundo Capistrano de Abreu, um jôrro de luz sôbre a jornada, que deve sempre ser lida ao lado de Diogo de Campos Moreno e Frei Vicente do Salvador. Chegou ao Pará em 1617, investido no cargo de Provedor da Fazenda Real da Capitania. Foi prêso e morreu no cárcere (Cf. Capistrano de Abreu, obr. cit., p. 460-461). (*J. H. R.*)

Y dexando de parte señales tan evidentes, y viniendo a la razon natural por ella se prueva que deve aver en esta tierra mucho oro, y mucha plata, porque siendo el sol el padre que engendra los mortales en la tierra, cosa es evidente que la que fuere affecta a produzirlos, que quanto fuere mas oriental, los criará en mas abundancia, y mas perfetos. Conforme esta razon el Perû, y la tierra de la provincia del Brasil es todo continuo. El Perû produze mucho oro, y mucha plata, la tierra del Brasil es mucho mas oriental. Luego se sigue que deve tambien produzir, mucho oro, y mucha plata (4).

Contra las opiniones que tengo referido se pueden poner quatro objeciones. En la primera pueden dezir, que no es possible saliren deste Estado todos los años el millon y duzientas mil arrobas de assucar referidas; puedese fundar esta objecion, en que el Año de *1631* fue Don Antonio Oquendo con su armada, y sinco vaxeles de la Corona de Portogal a este Estado, y con hallar cosechas de mas de dos años, no llegó la quantidad de los assucares, con se cargaren todos, a la quantidad referida.

La segunda objecion puede dezir, que no produze toda la tierra oro, y plata. Lo que es cosa induvitable, pues en Europa se hallan estos metales en algunas partes, y en otras nó: por lo que puede bien ser que los aya en el Perû, sin que los aya en el Brasil.

La tercera puede dezir que si en el Estado del Brasil huviera oro, y plata, que de buena razon huviera los naturales tener noticia destos metales en tantos centenares de años, que lo posseyeron, antes que los Portogueses, pues se sabe que los habitadores del Perû, y Nueva Hespaña tenian hallado oro, y plata, quando los Castellanos descubrieron aquellas tierras.

Quarta que aviendo mas de ciento, y veinte años, que los Portogueses empeçaron poblar el Brasil, que no es possible que dexassen de hallar oro y plata si lo huvieron.

A la primera objecion respondo, que del Año de *1624* en que los Olandeses tomaron la ciudad del Salvador de la Bahya de Todos los Sanctos hasta el Año de *1631* andaron siempre los mares del Estado del Brasil, y los del camino, y los de la cuesta de Portogal tan llenos de pyratas, que fueron muy pocas las embarcaciones que allá pudiessen yr a salvamiento; y lo mismo succedió a las que de allá partieron cargadas de assucares, porque las demas dellas no llegaron al Reyno, por cayeren a los pyratas en las manos.

---

(4) A crença no ouro de S. Vicente, já estava exposta nos Diálogos das Grandezas do Brasil, de Antônio Fernandes Brandão, e assim também a de que por ser o Brasil mais oriental devia possuir mais minas (ed. da Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro, 1930, p. 28 e 63). (*J. H. R.*)

Esta grande perdida dio causa, a que faltassen los negros, y las demas cosas necessarias, sin las quales es impossible poderen labrar los ingenios, y a las gentes les faltaron las harinas, vinos, y todo lo demas, que les iva para su sustento, vestidos y calçados, y que lo que allá llegava valiesse a excessivos precios.

Por lo que viendo los hombres de aquellas partes las faltas que tenian, y el poco caudal que les davan los assucares; assi por les costaren precios grandissimos las cosas, que les eran necessarias para los labrar, como por les faltaren las plaças para los navegaren, y la mayor parte de los que navegavan, cayeren en mano de los pyratas; con lo que no podian comprar las cosas necessarias a su sustento, se compusieron con lo que podian llegar sus fuerças, labrando unos en sus ingenios mucho menos assucar, de lo que de antes labravan, y otros arrancaron los cañaverales, y los plantaron de mandioca, de que se haze la harina, que en aquella tierra sirve comunmente de pan; y assi no puede hazer exemplo hallar nuestra armada tan pocos assucares, y antes deve despantar, y tenerse por grãde la quantidad que halló, y se traxo en los vaxeles de guierra, y en la flota, que vino en su compañia.

Demas que los assucares, que la armada halló, eran solamente de la Bahya, y quedaron de la parte del norte los del Rio Grande, los de la Parayba, los de Itamaracá, los de Pernambuco, los de Seregipe, y de la parte del sur, los de Puerto Seguro, los de los Ilheos los del Spiritu Sancto, los del Rio de Janeiro, y los de San Bicente; y con todas estas razones aun traxo Don Antonio en su compañia una flota de veinte y dos vaxeles redondos de particulares, y una caravela latina cargados de assucares, y todos sus vaxeles traxeron tambien carga razonable.

Y aunque las razones referidas, sean bastantes para provar mi intento, quiero yo por mas satisfacion mostrar por cuenta evidentissima el millon y ducientas mil arrobas que refiero.

En los años que del Estado del Brasil salian las cosechas de los assucares por entero; lo que aun succedia en tiempo del govierno del marquez de Alenquer (5), venian unos años por otros a Lisboa de treynta y dos mil caxas de assucar; arriba lo manifesto, afuera alguno, si es possible sacarse a escondidas, como se murmura. Lo que se puede ver de los libros de la descarga de la Aduana.

Destas caxas supuesto que algunas traygan a dies y seys arrobas, son poquissimas las que trayen la tal quantidad, porque las demas trahen veinte, y veinte y quatro; y assi tomando un medio, y

---

(5) D. Diogo da Silva e Mendonça, Conde de Salinas e Marquês de Alemquer, governou entre 1617 e 1619. (*J. H. R.*)

poniendo unas caxas por otras a dies y nueve arrobas suman seyscientas, y ocho mil, esto es solo de Lisboa.

De Lisboa hasta Viana sino entravan otras tantas caxas eran pocas menos, en la Isla de la Madera entrava grandissima copia. Lo que se prueva con se saber de cierto, que aun en el Año de *1627* tomaron los pyratas sobre aquella isla diesysiete vaxeles cargados de assucar, que yvan ally descargar, y en las Islas Terceras entrava otra suma grande.

Y assi teniendose consideracion a lo referido, y a que los pyratas en la cuesta del Brasil, y en la de Portogal tambien robavan su parte, bien se puede affirmar por evidencia indubitable, que salen de aquel Estado no solo el millon, y ducientas mil arrobas, sino muchas mas.

A la segunda objecion respondo, que si en Europa se halla en algumas partes oro, y plata, que no es en general, sino en partes, mucho limitadas, y que assi lo puede aver en unas, y en otras no, sin que la naturalesa les haga agravio, porque lo particular tiene siempre su limite.

Y que en el Estado del Brasil es mucho defferente la razon, pues se sabe que en todo lo que de la America es descubierto por los Castellanos se halla en general oro, y plata. Lo que se prueva con el exemplo de se hallar en el Perũ, y Nueva Hespaña, y en las islas Españolas, y Cuba, quando fueron descubiertas; y que assi no es cosa digna de se creer, que quando la naturalesa fue con esta parte del mundo en general tan prodiga destos metales, que los negasse solamente al Estado del Brasil, siendo toda la tierra una, y ella mas oriental.

A la tercera respondo, que los naturales del Perũ y Nueva Hespaña, antes que los Castellanos allá fuessen, tenian entre sy policia a su modo, y andavan vestidos, y hazian edificios, y labravan oro y plata por teneren uzo destos metales: y que los naturales del Brasil eran los mas barbaros, que la naturaleza formó, y sin ninguna policia, y andavan desnudos, ni tenian noticia de otros edificios, mas que de una caza de paja, en que se recogian muchos, sin teneren mas muebles, que una red para dormir, y un arco y flechas, y que assi no tenian industria para buscar minas, ni conocimiento de oro, y plata para lo estimar, aunque lo hallassen sobre la tierra.

A la quarta objecion respondo que los Portogueses por naturaleza nunqua fueron investigadores de minas; y que esto es tanto assi, que no se hallaran quatro hombres en toda la nacion, que habitando entre ella las sepan labrar; por lo que fueron siempre mas inclinados a cultivar la tierra del Brasil, procurando sacar della el provecho, que tenian mas al ojo que andar buscando minas, de que

sabian el arte (6) [...] quanto a lo que caye en el govierno de la ciudad del Salvador, porque de lo que caye en el govierno del Marañon tienese empeçado poblar ha pocos años, y investigado menos della.

Y con seren las ultimas causas bastantes a no se hallaren minas aunque ayan muchas, se tiene hallado oro en el Parâ, y en San Bicente, y la noticia de minas de plata, que tengo referido, y a no se averen descubierto quiçâ tiene dado causa la desesperacion del galardon, y el temor de otros se hazeren dueños del trabajo ageno: y assi se muestra indubitablemente, que no tiene fuerça, ninguna de las quatro objeciones.

Y bolviendo a la materia capital digo que la tercera razon que obliga a conservar esta provincia con muchos recelos, es ser la parte que caye en el govierno del Marañon de mucha mas grandeza, que la que caye en el govierno de la ciudad del Salvador, porque aunque tenga menos leguas por la cuesta, consta esta su mayor grandesa de la grande capacidad, que tiene por ella ser aforrada de muchas Islas, y tener muchas bayas y rios; y vale tanto este respeto, que solamente el grandissimo rio Parâ es capaz de constituyr con sus margenes, y en las muchas islas, que dentro en sy tiene, un grande reyno: por lo que junto este respeto a las grãdes esperanças, que tengo referido, obliga a que su conservacion se considere con muchas veras.

Los enemigos que estos dos goviernos tienen, quanto a los naturales es la guerra de poca consideracion. Los enemigos de la mar son los Franceses, y Olandeses, y se pueden recelarlas de mas naciones del norte, los Franceses mostraron patentemente los deseos, que tienen desta tierra; porque del destricto que caye en la ciudad del Salvador, y su govierno no ha parte de donde los no echasen a biva fuerça en tiempo de los Serenissimos Señores Reyes predecessores de las Catholicas Magestades, y modernamente en tiempo de la Catholica Magestad del Señor Rey Don Philippe Tercero de Hespaña, que estâ en el cielo, echaron Daniel de la Truxe Señor de la Reverdiera de la Baya del Marañon, adonde se tenia fortificado con muchos Franceses en la isla de San Luys.

Los Estados rebeldes en tiempo de Mauricio de Nasau determinaron la conquista desta provincia, y a principio con dissimulacion empeçaron poblar en el cabo del Norte, que caye en el govierno del Marañon, y ya en estos tiempos se affirma, que tienen poblaciones fortalecidas en el Parâ (7); con lo que se deve mucho recelar el daño, que dellos se puede recebir, y que es forçado arrancar tan

(6) Ilegível. O texto se encontra corroído pela traça.
(7) Vide nota nº 2.

mala yerva de rayzes; mas esto no es lo principal, que aora se siente, y aunque toda la buena razon de Estado pide execucion en ello, porque se no puede acudir a tanto juntamente se haze aqui este acuerdo, para que se tenga memoria, y no aya descuydo a todo el tiempo, que la comodidad diere lugar.

Y como vieron estos rebeldes la facilidad que hallaron en este primero intento, passaron con el atrevimiento adelante, y assi en el Año de *1624* tomaron la ciudad del Salvador de la Bahya de Todos los Sanctos, con intento de que quedando en medio deste govierno en la plaça que es su cabeça, les seria facil con sus muchos vaxeles trabajaren todo lo demas, tomando todo lo que fuesse para aquellas partes, y lo que dellas saliesse, con lo que necessitarian toda aquella gente a se les rendir, y que para sustentaren esta guerra con poder bastãte, mientras no tuviessen todo lo demas señoreado, les darian las presas la despesa necessaria, y despues de lo señorearen les sobraria todo.

Y aviendo hallado, en la defension de aquella plaça las difficultades, que se la hizieron largar, y no desistiendo de su pretension emprendieron Pernambuco, determinando que si les saliesse la empresa, fortificarense en su puerto, accommodando tanto el arte a la naturalesa, que lo hiziessen inexpugnable, y de meteren tanta gente en la tierra, y en la mar en aquella parte, que demas de lo teneren seguro, señoreassen aquellos mares, poniendo aquellos habitadores de aquel Estado quasi un assedio con lo que van siguiendo el intento de su conquista.

Y saliendoles la empresa como la desseavan, en todo lo demas tienen seguido lo que tenian imaginado lo que patentemente iré mostrando, empecando por la descripcion del puerto de Pernambuco, y por las fortificaciones, que estos herejes tienen.

El puerto de Pernambuco es causado de un recife de piedra, que corre norte sur, no digo que corra francamente por la linea recta destos vientos, sino a su respeto, que es solo lo que importa saberse para declaracion de lo que escrivo. Tiene en medio una abierta, que es la barra; no es capaz esta entrada, ni el puerto de vaxeles grandes, y a los de los Portogueses les dá aun menos licencia, assi por teneren quilla, como porque de suyo son mas cargados por razon de la madera, de que son hechos, y de la mucha elevazon de hierro, que tienen, que es causa de demandaren mucha agua, mas de los de Olanda. Entran por esta barra vaxeles, mucho mayores, los quales pueden tambien estar dentro del puerto; porque demas de demandaren menos agua, que los vaxeles Portogueses, son chatos, y aunque queden en la baxa marea en seco, no les haze daño por quedaren derechos.

Este recife lo que caye de la barra a la parte del sur es aparente, porque no lo cubre el agua, y tiene una abierta angosta, a que llaman Barreta dos Afogados, capaz de embarcaciones pequeñas, y lo que caye a la parte del norte es sobre aguado.

Despues de entrada la barra, es el puerto menor de lo que demuestra para effeto de recebir vaxeles, porque tiene hazia el norte unos vaxios, y a la parte del sur otros; supuesto que dos del sur tienen algunas canales, que se dexan navegar de las embarcaciones, de que es capaz la Barreta dos Afogados.

Entrando por la barra hazía poniente limita el puerto una lengua de arena, llamada el Recife, que empieça en la villa de Olinda, y va corriendo hazía el sur por espacio de una legua; y porque todas las medidas, que hago en esta descripcion deste puerto, son a respeto de la grãdeza desta legua, prepongo que es medida conforme la geometria, dandole tres millas, y a cada milla ocho estadios de ciento y veynte y sinco passos cada uno, y esto siempre se deve entender, que es poco mas ó menos; por lo que si huviere algun yerro no podrá ser considerable en el intento que sigo.

És vañada esta lengua de arena de la parte de su levante, y de la del sur de la agua del puerto, y de la de su poniente la separa de la tierra firme el rio llamado do Varadouro, y la agua salada, que con el se mezcla, quedando espacio angosto, adonde el rio vá solo, y mucho mas ancho adonde vá mezclado con el agua salada.

Entrando por la barra a poco espacio della há un puesto llamado — o Posso — que es lo mas hondo, que ay en el puerto, y es capaz de hasta dies vaxeles de toda la grãdeza, a que la barra diere entrada.

En la punta austral de la lengua de arena tenian los Portogueses una poblacion abierta, llamada del Recife, que señorea el puerto, y en distancia de ducientos, y sincoenta passos desta poblacion hazia la villa tenian un castillo poco fuerte, que se hizo con designio de guardar la barra a la mano izquierda de su entrada se hizo despues otro castillo para se guardar mejor.

La villa de Olinda la tenian los Portogueses fortalecida mas debilmente, y aunque estea en sitio superior a la tierra, que le caye en contorno, no fuera su perdida de consideracion a respeto de la gran importancia desta empresa, si se defendieran los castillos, y la poblacion del Recife, porque no podieron los rebeldes señorear el puerto, y no lo señoreando no podieran sustentar Olinda, y desvaneciera su empresa.

Esta es la verdadera informacion del Estado en que estava el puerto de Pernambuco, quando los rebeldes lo señorearon. Mostraré aora lo que ellos tienen fortalecido.

Despues de los rebeldes averen ganado el puerto de Pernambuco por les aver mostrado el sucesso de la ciudad del Salvador, lo que les convenia hazer para lo conservar: lo primero que huzieron fue meter mucha mas gente en su defension, porque se puede affirmar, que tienen en la tierra en sus presidios mas de tres mil hombres, y en la mar en su armada mas de otros tres mil, y aunque de ordinario echan vaxeles fuera, siempre de nuevo les entran otros, y no se puede dudar que si la necessidad los obligare a meter toda esta gente en la tierra para conservar lo que tienen ganado, que lo haran embiando los vaxales, (*sic*) que no podieren entrar en el puerto para Olanda, con sola la gente que les pueda marear las velas.

Muchas personas, y aun de los que vienen de aquel payz, quieren sustentar con grande porfia, que no tienen los rebeldes en Pernambuco tanta gente, sino mucha menos, y no sê si conforman con ellos las relaciones, que vienen a Su Magestad ni la causa de su fundamiento en desminuyeren el poder al enemigo, y porque no paresca que sustento opinion mal fundada daré las razones que ha para que se tenga por indubitable lo que digo.

Los rebeldes tienen dividido su gente, en siete fuerças reales distinctas unas de otras, que tienen dentro del puerto de Pernambuco, y en seys reductos, y en una en Itamaracá otra al fin de la varzea, otro en puerto Calvo, de las quales trataré luego, y en los vaxeles pequeños, que tienen en su puerto, y en los grandes que no pueden entrar, en el que tienen una legua a la mar (8); por lo que digo que siendo estos hombres maestros de razon de Estado, es impossible saberse el numero de su gente con verdad, ni aun de los que estan en sus mismos presidios, y vaxeles, por estaren tan divididos, y que solamente lo deven saber sus cabos, y que aquello que ellos quisieren que se sepa, se le no deve dar credito, que son las relaciones que de allá vienen; sean quales fueren.

Y porque de se despreciar el enemigo suele muchas vezes ser la total ruyna de las empresas grandes, conforme toda la dotrina de la verdadera razon de Estado, y disciplina militar se no deve dar credito a las relaciones quando la razon patente muestra que se fundan en la incertidumbre, que tengo mostrado, y assi, el credito que se diere a las tales cosas, se deve fundar siempre en las demõstraciones, que se tuvieren experimentado, que muestran la verdad que se deve tener por infalible, como se verá de la razon siguiente.

(8) Vide nota 1 da *Propuesta*. Aqui, o A. acrescenta ainda o forte de *Orange*, na ilha de Itamaracá, e o da vila de *Pôrto Calvo*, chamada, a partir de 12 de maio de 1636, vila do Bom Sucesso, e cujo forte foi por isso denominado de *Boa Ventura* por Barléus, e por Nieuhof de *Povoação*, devido à vila (Cf. Duarte de Albuquerque Coelho, *Memórias Diárias da Guerra do Brasil*, Recife, 1944, p. 236; Barléus, ed. bras., obr. cit., formato pequeno, p. 144; Nieuhof, ed. bras., obr. cit., p. 18; Breve Discurso sôbre o Estado das Quatro Capitanias, in *R. J. A. G. P.*, v. 6, n. 34, 1887, p. 180). Duarte de Albuquerque Coelho chamava o forte de Pôrto Calvo ou Bom Sucesso, obr. cit., p. 252. (*J. H. R.*)

En el Año de 1631, fue Don Antonio Oquendo al Brasil, y llevó una armada de quinze galeones, y quatro pataxes, llevando en su compañia el socorro, que devia dexar en aquellas partes, y teniendo el intẽto que devia traher la flota de los assucares, que estava en la Bahya de Todos los Sanctos, y porque parecio que no podian los enemigos, conforme las informaciones que avia, tener en Pernambuco poder, con que fuesse possible resistirle, se cierrarã los puertos, para que no fuesse la nueva a Olanda, con que embiassen soccorro a los suyos, que fue prevencion de grandissimo effeto.

Tuvo el enemigo nueva en Pernambuco de la armada de Don Antonio, y del socorro que pretendia dar, y de la flota que devia traher, y solamente de lo que tenia en aquellas partes armó treynta y dós vaxeles, de los quales eran dies y seys galeones de mucha grandeza, y determinando romper nuestra armada, impedir el socorro, y tomar la flota por no la errar, dividió la armada en dos esquadras iguales, yendo con una en la buelta de la tierra, y con otra en la buelta de la mar.

Y iva cada una dellas tambien proveida de gente, y de todo lo necessario a una batalla naval, que determinava qualquiera de las esquadras que hallasse la armada de Hespaña envestir con ella, como succedió a la esquadra que fue en la buelta de la mar, con el suçesso que es notorio.

Y assi queda mostrado, que teniendo los rebeldes por cosa ordinaria en Pernambuco, tanta gente, que en la necessidad les bastó armasen treynta y dos vaxeles, y tales que divididos en dos esquadras cada una dellas se atrevia envestir nuestra armada, y que en el mismo tiempo les quedaron con presidios bastantes en Pernambuco siete fuerças reales, seys reductos, y Olinda, y en Itamaraca otra fuerça real, que hecha bien la cuenta aun parece poca gente los seys mil hombres referidos, para que pudiessen suplir a tanto.

Y demas que los presidios de la qualidad de lo que es este, muchas vezes suelen variar una hora para mas, y otra para menos, segun la necessidad lo pide, y el bueno, ó malo govierno de los que tienen a cargo proveerlos; por lo que siendo el Consejo de Olanda tan vigilante, como se haze sentir, se deve tener por cierto, que estando con intento de conquista el Brasil, y teniendo hecho plaça de armas desta conquista Pernambuco, que antes añadiran gente que dexarle desminuyr.

Y por teneren estos herejes tanta gente, y ir ya corriendo por la fin del quarto año, que señorean aquel puerto, lo tienen fortalecido admirablemente, como lo iré mostrando, conforme las mas ciertas informaciones que se tienen hasta Março del Año de *1633*.

El castillo de la Barra lo reduzieron a forma de poder hazer mayor effeto, y le tienen metido toda la gente, y artilleria, que les parecio bastante.

La poblacion del Recife, que está en la punta austral de la lengua de arena, le hizieron todas las fortificaciones, con que entendieron quedaria inexpugnable, que les ayuda ser aquella plaça vañada de agua por tres lados.

El castillo que en la misma lengua de arena tenian los Portogueses, unos affirman que lo reduzieron a forma mucho fuerte, y que le metieron toda la artilleria necessaria; y esto se tiene por mas cierto, y otros, que lo echaron por tierra para les quedaren mas francas las defiensas necessarias para cobriren la plaça del Recife por el lado de la tierra; mas de lo que se no puede dudar es que si estos herejes lo conservaron, que lo tienen mejor fortalecido segun su costumbre, y que se lo echaron por tierra, que fue para la poblacion del Recife quedar mucho mas fuerte.

En la misma lengua de arena hazia la villa de Olinda ciento, y sincoenta passos adelante del castillo, que fue de los Portogueses hizieron los rebeldes otro castillo, de la grãdeza, que les concedió la capacidad del sitio con todas las fortificaciones, con que entendieron quedaria bien defendido, y le metieron toda la artilleria, que les fue possible accommodarle, y mucho adelante hazia la misma villa en el puesto, a que llaman Buraco de Santiago hizieron un reducto con su trinchea en defension de una grande cortadura, que se affirma que alli tienen, de que algunos dudan, en lo que vâ poco, porque el sitio es accommodado para la hazeren todas las vezes que la necessidad lo pidiere, y no solo esta, mas todas las que les fueren necessarias, yendose retirando hasta llegaren a su castillo.

La punta de las salinas que la separa de la poblacion del Recife, y de la isleta de Sancto Antonio la agua del puerto, que entra a se mezclar con los rios do Varadouro, y el de Capivaribe la ayslaron los rebeldes, y hizieron en ella una fortaleza, que demas de defender aquel sitio, sirve de traves, aquien por la lengua de arena quisiere cometer la poblacion del Recife.

En Sancto Antonio, que es un puesto ayslado del rio llamado Capivaribe, y de la agua del puerto, hizieron los rebeldes en la plaça adonde estuvo el monasterio de aquel sancto, una grande fuerça mucho fortalecida distante de la poblacion del Recife, ciento, y novienta passos, y le metieron grande numero de artilleria.

En la misma isleta a poco mas de ducientos passos de la tal fuerça, hizieron estos herejes un castillo mucho fuerte, y capaz de mucha artilleria, que se la metieron: y en la defension de la passaje del rio para esta isleta hizieron sinco reductos.

No trato de las fortificaciones de la villa de Olinda por no seren considerables, ni el enemigo hazer demonstracion de las querer sustentar; ni del fuerte que se dize, tienen estos rebeldes en la varzea, ni de otro que se affirma tienen en puerto Calvo, porque no tengo entera informacion destos fuertes para tratar dellos con la verdad con que escrivo; y assi tambien porque las fortificaciones relatadas son solamente las en que consiste la suma desta empresa.

El puerto de Itamaracâ tienen los Olandeses señoreado con un castillo fuerte por sitio, y arte.

Considerandose bien las siete fuerças, que los rebeldes tienen hecho en el puerto de Pernambuco, no se deven tener por fuerças separadas a respeto de la defension, sino por fortificaciones unidas, hechas a respeto de hazeren aquel puesto inexpugnable, y la razon porque se deve conceder el tal respeto, es porque la mas alexada destas fuerças estâ a ducientos, y sincoenta passos, y todas ellas dentro de menos de nuevecientos passos, con que en media hora se pueden socorrer las demas lexos, y estaren situadas por manera que les no pueden quitar la communicacion, y que unas sirven de ayudar a defender las otras.

Hay personas que pregonan, que las fuerças referidas no son capazes de se hazer consideracion dellas, porque las de la lengua de arena no aviendo ally otra tierra, son hechas de la misma arena suelta, y de faxina, y las de la isleta de Sancto Antonio, por ser tambien aquel terreno de su natural mezclado con arena, no tienen firmesa; por lo que unas y otras a pocos cañonazos se desmoronarân, y quedarán los rebeldes perdidos con sus fortificaciones deshechas.

Estos tales fueran indignos de respuesta, sino se mezclaran con otros acompañados de tanta authoridad, que se admitten sus pareceres, y los dan sin consideraren el daño que hazen al servicio de su Rey en desminuyren el poder al enemigo, sin teneren razones fundadas en cosas mucho ciertas, y de las ruynas de que las semejantes personas tienen sido causa estan las historias llenas, y tambien puede servir de exemplo la armada con que Don Antonio Oquendo fue a la Bahya, que siendo embiado sin se pensar el grande poder, que los rebeldes tenian en aquellos mares, podiera costar este engaño su total ruyna con grande daño de Hespaña si el enemigo no dividiera el poder, y Dios no acudiera con el fuego socorrer nuestra causa, y porque se vean las razones que obligan tenerselo cõtrario de lo que las tales personas dizen, los mostraré patentes.

Los rebeldes se fortificaron en Pernambuco va yá por fin del *quarto año*, en que siempre fueron señores de la mar; por lo que si en las partes adonde hizieron sus fortificaciones les faltó para ellas buen terreno, lo podrian llevar de adonde lo hallassen mejor, tanto

en el puerto, como en la cuesta; y assi se no deve creer que les faltó, y adonde les fue necessario piedra les sobró de las casas de la villa de Olinda, que se sabe tienen muchas desechas, y adonde les fue necessario ladrillo y cal, quando en aquellas partes no podiessen hazer una y otra cosa se no deve dudar que las llevarian de Olanda, y siendo estos hombres por naturaleza grandes fortificadores, y vigilantes, y teniendo tanto tiempo. y aparejo de se fortificaren se deve justamente creer que seran sus fortificaciones mucho bien entendidas tanto en la fortaleza de la materia, como en la hechura, y assi toda la verdadera razon de Estado obliga que de nuestra parte se haga todo con la prudencia, y seguridad, que el servicio de Su Magestad manda.

Y advierto, que lo que refiero destas fuerças aunque es certissimo se deve tener entendido que como las cosas semejantes, que dependen del arte estan sugetas a la voluntad de los que las posseen, que aquello, que es oy que puede mudar forma mañana, mas deve tenerse por cierto, que si estas fortificaciones la mudaren, que será siempre para estos herejes se fortalecieren mejor, por ser su costumbre trabajaren de ordinario por hazeren inexpugnable aquello que posseen, conforme la larga experiencia que dellos se tiene.

Fuera del puerto de Pernambuco cerca de una legua a la mar tienen los rebeldes los galeones grandes de su armada, que no pueden entrar en el puerto, dizen que en el inbierno los mudan a una parte, adonde estan abrigados.

Con la seguridad de tantas y tales fortificaciones dominan los Olandeses este puerto, en que assi en el, como fuera, tienen muchos vaxeles a punto de poderen executar sus intentos, con los quales en las monciones que lo permitten trahen la cuesta del Estado del Brasil tan opprimida, que se tiene a grãde ventura aquello que se les escabulle de las manos, que es muy poco, assi de lo que le vá a entrar, como de lo que della sale, con lo que tienen los habitadores de aquellas partes tan apretados con les faltaren todas las cosas, que les son necessarias tanto a la labor de los assucares, como a la commodidad de las personas, y con les tomaren las cosechas, que navegan, que quasi los tienen metidos en desesperacion.

Siendo el Estado del Brasil tan importante a Hespaña, como lo tengo mostrado, y dependiendo su conservacion de se recuperar el puerto de Pernambuco, y de se amparar todo lo demas, pide el servicio de Su Magestad que se trate con muchas veras, y grande consideracion de la guerra, que se deve hazer a los rebeldes, que lo tienen occupado, para los obligar a que lo larguen, y los intentos que tienen, de que ay sinco pareceres.

Quatro destos pareceres tienen solo el intento a los medios, por donde se deve intentar la tal guerra sin repararen en las difficulda-

des, que en cada uno dellos se representan, ni en la certidumbre, con que la buena razon de Estado manda que se intenten las empresas semejantes por no las arriesgaren, a que desvanesca la machina que se tomare por fundamiento de su restauracion, con que sin remedio se acaben de perder.

El quinto parecer vá endereçado no solo a la seguridad del medio con que se deve hazer la guerra a Pernanbuco, mas tambien al intento de como despues de recuperado deve quedar todo el Estado del Brasil seguro, para que ni Olandeses, ni otra nacion alguna lo pueda bolver perturbar. Y a la guerra con que se deve sacar de las manos a estos herejes el importantissimo comercio de la Mina, y franquearse en nuestros mares la navegacion a las embarcaciones, que vinieren de las conquistas.

Y porque los yerros comettidos en las semejantes empresas, causan de ordinario su total ruina, obliga el servicio de Su Magestad que para la conservacion desta su Monarchia, se discurse con muchas veras cada uno destos pareceres, primero que se metan en effeto; para que assi se alcanse lo bueno, ó malo que cada uno tiene.

PRIMERO PARECER

Los del primero parecer dezian que se avia de hazer la guerra en Pernambuco a los rebeldes, defendiendoles la tierra, y se devia proveer el Estado del Brasil de todas las cosas necessarias, y navegarense sus assucares en embarcaciones sueltas a la desfilada, porque assi se consumirian con las despesas, que hiziessen, y les seria forçado largaren aquel puerto.

Este parecer tiene ya mostrado la experiencia de cerca de quatro años, que es errado, y que se perseverare en lo seguiren, que será el medio cierto de se perder aquel Estado; porque las embarcaciones a la desfilada cayen quasi todas en mano al enemigo a la ida, ó ala buelta, como es notorio; de lo que se sigue que estos herejes con lo que roban sustentan ó en todo, ó en la mayor parte sus despesas, y siempre de ordinario se van mas fortificando.

Ya a nuestra gente les causan las perdidas de las embarcaciones tan grandes faltas, que muchos de los de Pernambuco llegaron andar descalços, y quasi desnudos, con lo que por momentos van faltando los defensores, y la de mas gente de aquel Estado se vá metiendo en desesperacion por la falta, que ha de las cosas de que tienen necessidad, que haze que las pocas que hallan costen a excessivos precios, y por la falta que les haze el precio, que devian sacar de los assucares, que los enemigos les roban, que los tienen mucho empobrecidos, con lo que no tienen caudal para compraren lo que les falta.

SEGUNDO PARECER

Los del segundo parecer dizen que se embie una armada para que ande en la cuesta de Pernanbuco, y corra hasta la Bahya de Todos los Sanctos, defendiendo que no vayan vaxeles enemigos a las tales partes, para que assy falte a los rebeldes el socorro, y las presas. Lo que serâ causa de se consumiren, y no poderen suplir las despesas que hazen en quereren sustentar el puerto de Pernambuco referido, y que assi les será forçado largarenlo, y los intentos de su conquista.

Éste parecer aunque lo puso en platica soldado, que entiende bien la mar, y tiene experiencia de la cuesta del Brasil, y es oydo de los que mejor entienden las materias de Estado, y guerra, tiene tantas razones en contrario, que obligan que se cõsideren todas primero, que sea admittida su approvacion, las quales iré mostrando.

En las ciento, y veynte leguas, que tiene la cuesta del Brasil desde la Bahya de Todos los Sanctos hasta la Parayba, que es el paraje, adonde la armada prepuesta deve andar para hazer los effetos pretendidos hay dos monciones en la del imbierno, que entra por Abril, y sale por fin de Agosto son los vientos generalmente suestes, susuestes, y les suestes, y con muchas borrascas, y corren las aguas como una salta a la parte del norte; por lo que los vaxeles que salen de un puerto, es impossible bolverlo a ferrar. No trato de caravelas, ni de otros vaxeles semejantes, que estos siempre tienen lugar, quando no ha borrascas de hazeren camino, cerca de la cuesta, y por entre recifes; y solo hablo de vaxeles de que deven ser compuestas las armadas, y por razon de las tales monciones es impossible en imbierno andar la armada guardando aquella cuesta, ni hazer los effetos prepuestos.

Dizen los authores del tal parecer que en el imbierno deve la armada estar surta en el mar, que caye en frente del puerto de Pernambuco con austes para en las borrascas aguardaren los vaxeles mejor, y que por aquel puerto ser cercano al equinocial há ally pocas borrascas, y ninguna grande, por lo que podrán los vaxeles estar surtos, sin temer daño; con lo que defenderan que no entre socorro a los rebeldes, y defenderân las presas, que se navegan.

La razon que ay contra este particular es, ser cosa notoria, que en aquel paraje, y en otros, que aun son mas llegados al equinocial ay borrascas grandissimas, de que doy por exemplo, que en el Año de *1625* viniendo la armada de la Corona de Portugal de la recuperacion de la Bahya, fue ally aguardar que saliesse de aquel puerto la flota de los assucares, que estava en el, para la traheren su guar-

dia, y que estando sobre hierro aguardando que saliesse, le dió tan grande borrasca; que forçó a los vaxeles, que largassen las anclas por mano, y se fuessen, sin poderen hazer conserva, echando cada uno por su parte, ni la flota pudo salir para seguir la armada.

Contra esta razon dizen los de la opinion referida, que Don Manuel de Meneses general de la armada, aguardó poco, porque si aguardara passara la borrasca, y quedara seguro, y que las semejantes borrascas succeden poquissimas vezes en aquel parage.

Contra esto se responde, que estando Don Manuel surto aguardando que saliesse la flota, cuya guardia cahia yá sobre su obligacion, y siendo tan grande marinero, y soldado de tanta confiança, como todo es notorio, que se no puede, ni deve creer, que se partiesse largando la flota, cosa tan importante, sino mucho obligado por ser la borrasca grandissima, y que le fue impossible aguardarla. Lo que bien se verifica, de que ni la flota pudo salir para la ir siguiendo, ni los vaxeles de su armada pudieron seguir su conserva: y a deziren que succeden las semejantes borrascas pocas vezes, basta que succedan algunas para que se recele que succedan a nuestra armada, y succediendo qualquiera borrasca los vaxeles que se levantaren, no tienen adonde poder hallar reparo, sino fuere metiendose en la Bahya de la Traicion, si alli lo há, ó bolverense a Portogal.

Conforme lo que tengo mostrado se deve conceder, que no podrá la armada prepuesta guardar aquella cuesta en el imbierno, ni estar surta sobre el puerto de Pernambuco, y que assi no podrá en el tal tiempo defender el socorro a los rebeldes: que le fueren de Olanda; demas que si se pudiesse dar cazo, que pudiesse nuestra armada estar en el imbierno surta sobre aquel puerto tambien fuera mucho difficultoso quitarle el socorro, como lo puede bien entender qualquiera mediocre marinero.

Y deve mas considerarse la grandesa de que deve ser la tal armada para se poderen esperar della los effetos prepuestos; y assi digo que si fuere semejante a la con que Don Antonio Oquendo fue a la Bahya en el Año de *1631* que era compuesta de quinze galeones, y quatro pataxes, que no será bastãte andar segura, porque la mitad del poder que los enemigos tenian en Pernambuco, les bastó para meteren Don Antonio en el aprieto, que es notorio, por lo que mãdarse una semejante armada andar en la cuesta del Brasil, no será otra cosa mas que offrecerla a los rebeldes, para que la rompan, y quedar Hespaña perdiendola juntamente con la reputacion.

Y si la tal armada huviere de ser tan fuerte, que ande segura de los rebeldes la poderen romper con treinta, ni quarenta vaxeles, deve ser compuesta de más de veinte galleones, mucho gruessos,

llenos de buena artilleria, y buena gente, y de mas algunos vaxeles ligeros para los alcanses, y una tal armada avrá menester para la despesa de cada año, cerca de un millon, y quinientos mil ducados, y esta despesa ordinaria no hâ en la Corona parte, de donde se pueda sacar, y aunque la huviera, seria despesa perdida, por no ser possible poder tener effeto el intento de en el imbierno defender el socorro a los Olandeses.

Y tambien seria la tal despesa perdida, porque no podria la tal armada defender las presas ni en verano, ni en el imbierno, porque en saliendo las embarcaciones de aquella cuesta hasta el Reyno irán siempre expuestas a cayeren en mano a los piratas; y lo mismo las que fueren del Reyno hasta entraren en ella. Lo que tambien será causa de la tal armada perecer, porque le faltarân todas las cosas necessarias, assi a la cõservacion de los vaxeles, como a la commodidad de los hombres: por lo que conforme a todas estas razones se no puede dudar de ser el tal parecer errado.

TERCERO PARECER

Los del tercero parecer dizen que la navegacion del cõmercio del Brasil se entregue a los vaxeles de Dunquerque, assi para traheren carga por su flete, como para daren guardia a las embarcaciones, que vinieren en su compañia, porque este medio será bastante a defender la mar, y que estando la tierra defendida perderân los rebeldes sus esperanças, y largarân el puerto de Pernambuco.

Este parecer es contra toda la verdadera razon de Estado, y guerra, y mucho contrario al servicio de Su Magestad lo que affirmo fundado en las razones que iré mostrando.

No se pueda dudar de que serâ yerro grande comettido contra la verdadera prudencia, meterse la navegacion, del importantissimo cõmercio del Brasil en mano de Flamencos, porque aunque metiessen alguna gente de guerra hespañola en sus vaxeles, nunqua la despesa mercantil sufrirâ que sea tanta, que al fin la fuerça principal no sea de aquella gente, y si se dixere que son vassallos de Su Magestad, y enemigos de Olandeses, y que pelean contra ellos se responde, que en effeto son una misma nacion, porque aunque las provincias sean separadas, el nombre de Belgas es commun, y la causa que defienden aquellos rebeldes es tenida en general en aquellos paizes por commun, y que attiende a su libertad, y las cosas de aquellas partes estan por manera, que se puede mucho dudar de que los más firmes muden en la occasion voluntad, de que no faltan exemplos. Y por remate digo, que con consideracion bien fundada, fue siempre vedado en estos Reynos yren estrangeros a sus conquistas, y que si esto fue fundado en razon prudente, que justa-

mente se deve juzgar por imprudencia grandissima meterse comercio tan importantissimo en manos de la tal gente, que si vinieren a faltar de su lealtad quedarâ perdido el Estado del Brasil sin remedio, pues que se no puede dudar que todo el depende deste cômercio

Y si la verdadera prudencia manda que se no confie la navegacion del comercio del Brasil de los vaxeles de Dunquerque, tambien la verdadera razon militar no lo consiente, por ser impossible con el medio de los tales vaxeles quedar segura.

La razon es porque los vaxeles de Dunquerque apenas llegan a quatrocientas toneladas portoguesas, por su puerto los no consentir mayores, y vaxeles tan pequeños son de poquissimo effeto contra vaxeles de ochocientas, y de mil toneladas, como en nuestros tiempos los trahen los rebeldes en sus armadas, y puede servir de exemplo quanto a la grandeza la armada, que en el Brasil aparejaron contra la de Don Antonio Oquendo, en que avia galeones mayores que la Olista capitania de Hespaña, que passa de ochocientas toneladas, y de la superioridad de los grandes el poco effeto, que en la tal armada, hizieron los vaxeles pequeños de una, y otra parte; demas de otros muchos exemplos, que lo muestran a la clara, y la razon es patente porque los vaxeles grandes trahen mucha mas artilleria, y mucho mayor, y pelea la gente en ellos por su superioridad mas fortalecida. Lo que todos es por lo cõtrario en los vaxeles pequeños.

Prueva desta mucha desigualdad se verâ en los mismos vaxeles de Dunquerque, porque nunqua cometieron armada considerable, que saliesse de Olanda, que todas passan a la vista de su puerto, y no les podian faltar avizos de sus partidas para las aguardaren, ó en la canal, ó al desembocarlo, y en nuestros tiempos sabemos, que salieron muchas, entre las quales fue la que tomó la Bahya en el Año de *1624* y la que fue en su socorro, y no llegó a tiempo en el Año de *1625* y la que tomô la flota de Nueva Hespaña en el Año de *1628* y la que tomô el puerto de Pernambuco en el Año de *1630* ni fuera justo comettieren los vaxeles de Dunquerque las tales armadas, y antes temeridad grande, porque tendrian su perdicion cierta.

Verdad es que tuvieron algunos buenos sucessos contra los Olandeses, mas fue hallandolos con pocas fuerças. Lo que no haze exemplo en el intento que sigo.

Luego pues si los tales vaxeles de Dunquerque estando armados, y sin carga alguna, no fueron capazes para cometter ninguna de las tales armadas, como será possible, viniendo cargados de assucar defenderense a sy, y a los vaxeles que traxeren en su compañia de qualquiera armada semejante a las referidas, que Olanda arme para tomar esta flota.

Y no se puede dudar de que Olanda, ó qualquiera otro enemigo poderoso arme con todas las fuerças, que pudiere meter en la mar para tomar estos assucares, tanto que entendiere vienen tan mal defendidos, porque una flota semejante trahe de ordinario mas de ochocientas mil arrobas, que puestas en las partes del norte valen mas de quatro millones de ducados, que es sobrado interes para los obligar a que trabajen de la tomar, y ni que estos vaxeles vengan a la desfilada traheran los assucares seguros, porque la mar anda tan lleno de enemigos, que a cada momento pueden hallar piratas superiores, que tomandolos con la ventaja de veniren cargados, ó los rindan, ó los echen a pique.

Ni hablo de la difficultad de tomaren la carga de Pernambuco, y Itamaracâ cuyos puertos tiene el enemigo, ni de la Parayba, que les estâ se puede dezir en los ojos del poder que tienen en aquellas partes, y assi concluyo, que todas estas razones confirman ser imprudencia grande la tal prepuesta.

QUARTO PARECER

Los del quarto parecer dizen, que mande Su Magestad hazer una armada con dies y seis mil hombres de guerra, para que pueda meter en Pernambuco un exercito capaz de echar los Olandeses de sus fortificaciones, y que, el tiempo que se dispendiere en los expugnaren guarde la armada la mar, porque no les pueda entrar socorro.

Siendo este parecer approvado de personas consumados (*sic*) en la milicia, assy de los que estan presentes en el Brasil, como de otros que tienen visto aquella guerra. Confiesso que cometto temeridad grande en hablar contra el, no aviendo de mi parte tanta experiencia, ni aviendo visto la guerra de Pernambuco, y escriviendo por informaciones, aunque ciertas.

Doy en mi descarga, que siendo los entendimientos de los hombres sugetos a passiones humanas, que puede succeder muchas vezes aun a los mas experimentados, determinaren la resolucion de una empresa sin las consideraciones devidas, de que se pueden causar daños sin remedio.

Y que assi siendo la resolucion deste quarto parecer de tal naturalesa que por parte de Hespaña se echa a la buelta de un dado el Estado del Brasil, y las cosas que de su perdicion dependen, y que por parte de los Olandeses se no arriesga mas que seren desalojados del puerto de Pernambuco, podiendo ellos facilmente, y aun con mas commodidad de sus intentos firmar el pie en qualquiera de las capitanias, que estan de la Bahya de Todos los Sanctos al sur, en que darán a Hespaña nuevo cuydado, y puede bien

ser hallandola con menos possibilidad de poderlos bolver a echar fuera y que no succediendo la empresa, como el tal parecer dispone, se puede con justa razon temer que quede desesperada; por lo que aviendo el medio del quinto parecer mas seguro para lo prezente, y para lo adelante, es justo que haga yo memoria, que siguiendose la verdadera prudencia primero que se meta en effeto la execucion desta empresa se discursa por las difficultades de que este parecer es acompañado, que ellas mostrarân el verdadero camino, que se deve seguir.

Lo primero que se deve buscar para fundamiento de lo que se discurriere es qual deve ser la composicion de la armada prepuesta en el tal quarto parecer. Lo que se hallarâ facilmente dexando de parte las reglas de la maestrança, y las de los regimentos generales, referiendola a la armada que la Magestad Catholica del Señor Rey Don Philippe Segundo de Hespaña, que estâ en el cielo embió a Inglatierra en el Año de *1588*.

Fue la tal Armada de Inglatierra compuesta de sessienta, y sinco galeones, y naves gruessas, en que avia muchos galeones de mas de mil toneladas, y de veinte y sinco urcas de trecientas hasta sietecientas toneladas; de treze zabras, y pataxes gruessos, y de dies y nueve pataxes menores de setienta hasta cien toneladas, que todos hazen numero de ciento, y veinte y dós vaxeles; ivan para servicio desta armada dies Caravelas, y dies falũas; llevava esta armada veinte mil, quinientas, y sincoenta y tres personas entre soldados avantajados, ventureiros, religiosos, officiales de guerra, justicia, y hazienda, hospital, y criados; y de gente de mar ocho mil, y sincoenta y dos, que todos suman veinte y ocho mil, seiscientas, y sinco personas, y bastimientos para seis mezes.

Ivan mas quatro galeras, y quatro galcaças de que no trato por no cayeren en el intento que sigo.

Y assi digo que si para se meter en la mar una milicia, de veinte mil, quinientos, y sincoenta y tres hombres se huvieran menester ciento, y veinte y dós vaxeles, tales quales los tengo referido, y con solos bastimientos para seis mezes, que quantos vaxeles se avrân menester para llevaren dies y seis mil hombres de guerra al Brasil, en que de fuerça se avrân menester bastimientos para un año por los deveren llevar para la ida, estada y buelta.

Puedese dezir que la gente que llevó la armada de Inglatierra no era mas que la necessaria a su armamiento, porque el intento que llevava era solamente franquear la mar al exercito, que devia passar de Flandes a Inglatierra, porque si huviera de llevar gente para formar exercito en tierra, que pudiera llevar el doble; y que assi no haze exemplo a la armada, que deve ir a Pernanbuco, porque la

parte de los dies y seis mil hombres prepuestos, que tocaren al exercito, que deve salir en aquel paiz, es fuera de su armamiento necessario; por lo que a comparacion de una y otra gente deve aver menester muchos menos vaxeles de lo que el exemplo de la armada de Inglatierra representa.

A lo que respondo que no niego lo que se dize, y que lo que prepongo es que se eche cuenta a los vaxeles, que deve aver menester una armada en que fuerça la necessidad ser hecha en grandeza bastante al intento de poder resistir a las fuerças de Olanda, que en estos nuestros tiempos son mucho considerables, y para llevaren en camino tan largo passando por las calores de Guinêa conservado el exercito de la tierra, que para no enfermar, y llegar sano para hazer su effeto es fuerça lleve commodo bastante, y que en este intento sirve el exemplo de la armada, que fue a Inglatierra, que siguiendolo se deve dar a todo su cuenta devida para no poder errar.

Y assi digo que echadas bien las cuentas con todas las consideraciones devidas se avrân menester para esta armada sessienta vaxeles, de los quales sean mas de veinte vaxeles mucho gruessos, y los demas que tambien sean vaxeles de consideracion, para se poder esperar dellos, que en la occasion den justamente su ayuda.

A esta cuenta que es infalible se sigue la primera difficultad, de se poder sacar de la Monarchia que Hespaña tiene en Europa tantos vaxeles de guerra por causa de los pocos que tiene, y de los muchos de que tiene necessidad para segurar la navegacion de la plata, y defender nuestros mares; y si en effeto se sacaren tantos vaxeles para Pernambuco no puede aver duda de que quedara todo lo que se navegare por ellos, y assi nuestras cuestas expuestas a grandes desventuras.

La segunda difficultad es la falta de la misma gente, por causa de los pocos hombres que se quieren arriesgar serviren en la corona de Portogal, de donde de justa razon deve salir la mayor parte; y causa no quereren servir las malas satisfaciones, que hallan los que no son faborecidos, que si las satisfaciones fueran iguales conforme los merecimientos sobraran hombres, que sirvieran con sus personas, y dispendiendo sus haziendas, como siempre lo hizieron en tiempo de los Serenissimos Reyes, predecessores de las Catholicas Magestades.

La tercera difficultad es de los dineros, que se avrân menester para esta armada, cuya quantidad se alcansarâ por la comparacion de la armada que fûe a Inglatierra, de la qual es opinion recebida, que se dispendieron en ella mas de seis millones de ducados, y la armada prepuesta para Pernambuco, aunque en los vaxeles se pueda reduzir a la mitad en la quantidad de la gente es mas de tres quar-

tos, y de los bastimientos mas de vez, y media, por lo que reduziendose a la general opinion, que se tiene de lo que costó lâ armada de Inglatierra, no se avrâ menester para la armada de Pernanbuco menos despesa, que de mucho arriba de tres millones de ducados, si todo fuere aprestado effectivamente, como la razon militar lo pide.

Estos dineros no haziendo Su Magestad merced dellos delos que há en la Corona de Castilla, no hay en la Corona de Portogal, de donde se saquen, y de los vassallos es impossible sacarse cosa alguna sin que queden derrocados por tierra, por seren los vassallos de Portogal miserabilissimos, y aunque ai quien publique lo contrario, offresco mostrar lo que digo con razones evidentissimas, en que no puede aver falta.

Todas estas difficultades juntamente hazen un impossible tan grande, que mucho difficultozamente puede ser vencido, mas para passarmos a los de mas tropeçones prepongamos que todo lo referido se allana, y que la armada se mete en effeto, y que llega a Pernanbuco con toda la gente biva, y sana.

Esta armada despues de llegada a Pernanbuco por no tener puerto en que la metan, es fuerça que quede en la mar expuesta a poder ser cometida de la armada enemiga; y por la tal causa, y assi por vedar el socorro, que quisiere entrar a los rebeldes de necessidad deve quedar guarnecida de toda la gente, que le fuere necessaria, porque si no quedare mucho segura, no quedará libre de la poder succeder romperenla, que si tal acayeciere serâ causa de se perder la empresa juntamente con el Estado del Brasil, y de se meter Hespaña en mucho aprieto. Por lo que no puede quedar con menos gente de armamiento, que sinco mil hombres, con lo que a lo mas que podrâ echar en tierra seran onze mil hombres, que juntandole la gente de guerra del paiz se podrâ hazer a lo mas un exercito de treze mil hombres.

Entra aqui luego la consideracion si serâ bastante un exercito de treze mil hombres para echar seis mil enemigos soldados exercitados en la guerra un puesto mucho fortalecido por naturaleza, y arte bastecidos de todo lo necessario, y de excessiva quantidad de artilleria.

Y no digo que tendrán los rebeldes seis mil hombres solamente sino muchos mas, porque se deve considerar que quando Olanda socorrió la Bahia con una tal armada, que viendo en aquel puerto las armadas de las Coronas de Castilla, y Portogal intentó a su despecho socorrer la plaça, de que no desistió sin se certificar que estava rendida, se deve justamente entender que sintiendo los rebeldes, que en Hespaña se mete en orden poder considerable para

recuperar Pernanbuco, que le embiarán tal socorro de que puedan esperar esté segura su defension, attento a lo mucho caudal que en esta empresa tienen metido, y a las grandes esperanças que tienen desta conquista, y las machinas grandes no se pueden effetuar sin seren sentidas. Esta consideracion la dexo, que la determinen los que mejor la entienden.

Este exercito despues de formado en tierra, deve considerar el medio mas breve, con que pueda dar fin a esta guerra; para lo seguir este medio no puede ser otro mas que ganarse un puesto de donde se puedan batir a cañonazos francamente los vaxeles, que estuvieren en el puerto para los echar a pique, ó forçarlos a que se rindan, que es lo mismo que vedar que no procure mas entrar ninguno por la barra, y de donde se puedan tambien offender las embarcaciones pequeñas de los rebeldes, que por la Barreta dos Afogados pretendieren entrar; y ganandose este puesto, y teniendolo con presidio, que lo pueda seguramente conservar, quedara la empresa concluida, sin ser necessario perderse mas tiempo, ni gente sobre los demas puestos, que los rebeldes tienen fortalecido.

Considerandose bien de como la naturaleza formô el puerto de Pernambuco se hallará que el puesto que se prepone no puede ser otro sino la poblacion del Recife, que estâ en la punta austral de la lengua de arena, que los rebeldes tienen reduzido a una plaça mucho fortalecida, porque esta poblacion solamente señorea traz este puerto y solamente della se puede quitar el socorro que se pretendiere dar a las otras plaças.

Esta plaça no há puesto de que pueda ser batida, porque del lado que mira a levante no tiene otra bataria, sino de la mar, en que ha los defetos que diré adelante: del lado que mira al sur no tiene bataria por ser todo agua del puerto del lado que mira a su poniente, no tiene parte, de que se le pueda plantar bataria sino del puesto, en que los rebeldes tienen hecho la plaça mayor de la isleta de Sancto Antonio; del lado que mira al norte no há puesto de que se pueda batir sino de la lengua de arena ganandose primero el reducto, y los castillos, que los rebeldes tienen en su defension.

Conforme lo que tengo mostrado no puede esta plaça ser cometida, sino por uno de dós caminos, ó por la lengua de arena, ganandose primero las fortificaciones, que en ella estan hechas, ó por la isleta de Sancto Antonio, ganandose primero las fortificaciones, que en ella tienen los rebeldes.

Y porque en materias de tanta importancia no deve quedar cosa alguna sin se determinar, advierto que si huviere persona que diga, que bastarâ ganarense los castillos de la lengua de arena para se seguir el effeto prepuesto sin ser necessario ganarense las demas

fortificaciones, fundados en que del castillo que hizieron los rebeldes a la barra son pocos mas de ciento, y novienta passos, y del que tenian los Portogueses ducientos y sincoenta, que dandoles el sitio del Posso mucho mas cerca, porque de los tales puestos quedaran impidiendo, que no entre cosa alguna por la barra, que es el mismo effeto que señorear el puerto.

Respondo que la tal opinion es errada, porque aunque los tales castillos queden tan cerca de la barra, la bataria que dellos se hiziere no puede ser bastãte a impedir los vaxeles, que por ella quisieren entrar, ó salir. La razon es que los vaxeles que cometten las tales entradas, ó salidas van siempre con viento en su fabor, y passan presto con poco, ó ningun daño, de que doy los dós exemplos siguientes.

Uno es que la Magestad Catholica del Señor Don Philippe Segundo de Hespaña, que estâ en el cielo, mandó detener mas de treinta vaxeles de Olandeses, que estavan en el puerto de Setuval para cargaren de sal, y para que estuviessen mas seguros les tomaron las velas, ellos hizieron otras a escondidas, y una noche que hazia claridad, por ser el lleno de la luna, las metieron en las antenas, y se fueron, y con seren batidos del castillo de San Philippe en el puesto adonde dieron las velas, y por mucho espacio hasta los encubrir el terreno, del sitio adonde el castillo estâ edificado, y despues del castillo de Outan, de donde les fue forçado passaren mucho cerca por la canal bañar el castillo, no fue bastante la artilleria destos castillos con ser bonissima, y en numero mas que mediano para les vedar la salida, ni echaren ninguno a pique, y llevaron tan poco daño, que de ally siguieron la derrota de la isla de Mayo, adonde hizieron su carga de sal.

El otro exemplo es que en el Año de *1607* fueron ocho vaxeles de Olanda grandes, y con mucha gente sitiar el castillo de Mocambique, y entraron por la barra, y despues de no lo poderen ganar, se bolvieron salir sin les poder vedar la entrada, ni la salida la mucha, y buena artilleria, con que el castillo los batió, y siendo la canal angosta, que los forçó iren mucho cerca del; por lo que se deve conceder conforme estos exemplos, que los castillos de Pernambuco referidos, no pueden ser bastantes a vedaren los vaxeles, que por aquella barra quisieren entrar, ó salir.

Y tambien la bataria del puerto no queda a los tales castillos franca porque los vaxeles que estuvieren en el se pueden cubrir lo que les fuere bastante con la plaça del Recife, y los vaxeles, que estuvieren en el Posso, ó se podrân salir, ó irense juntar con los demas, que estuvieren reparados.

Y demas que de los tales castillos no se podrá impedir la comunicacion que los vaxeles olandeses, que estuvieren a la mar,

quisieren tener en pequeñas embarcaciones por la Barreta dos Afogados con la plaça del Recife, y las plaças de Sancto Antonio; y assy no siendo capaz el sitio de los castillos para se poder alcansar del el fin del intento, que se deve pretender, ni aviendo otro de necessidad se deve ganar la plaça del Recife.

Advierto que los passos que refiero en este libro se deven entender conforme la geometria, que son mayores que los andantes, y en el numero pocos más ó menos por no poder aver mayor certidumbre, como ya lo tengo dicho.

Aviendo de necessidad de se ganar la plaça del Recife para se dar fin a esta empresa, y aviendo de necessidad forçada de ser por uno de los dos caminos, que tengo mostrado, iré mostrando las difficultades, que en cada uno dellos, se deven offrecer, y primero las de la lengua de arena, que es el camino del lado del norte.

Primero que por este lado se plante la bataria a la plaça del Recife se deven ganar los dos castillos, el que hizieron los Olandeses no puede ser batido mas que por dós lados; por el de su levãte, que es vañado de la agua del puerto, y por el de su poniente, que es vañado del rio do Varadouro mezclado con la agua de las mareas; por el que mira al norte se le no puede plantar bataria, sin se ganar primero la cortadura del buraco de Santiago, y el reducto, y mas defensas que ally tienen hecho; el lado que mira al sur lo defiende el castillo que fue de los Portogueses, y siendo echado por tierra las forticaciones, que los rebeldes tienen hecho en su sitio.

El castillo que fue de los Portogueses, y siendo echado por tierra, que se affirma es falso, las fortificaciones, que los Olandeses en su sitio tuvieren hecho no puede ser batido mas que por dós lados; por el de su levante, que es vañado del rio do Varadouro mezclado con el agua salada; el lado que mira al norte lo defiende el castillo, que hizieron los rebeldes, y el que mira al sur es defendido de la plaça del Recife.

Discurramos aora por las dós batarias de entrambos estos castillos, que se les pueden hazer libremente, que por razon del sitio, y de estaren cercanos uno de otro, se pueden tener las defensas por communes.

De los lados que miran a su levante no ay parte alguna, de donde puedan ser batidos, sino de los vaxeles, llegando los lo que fuere possible al Recife, y tambien se puede intentar, poniendo la artilleria en barcaças con sus reparos, que la cubran, porque assi se acercara mas la bataria. Estas batarias de la mar para se intentar por ellas ganarense puestos fortalecidos, son de poco, ó ningun effeto. Lo que mostraré por los dós exemplos, que se siguen.

En el Año de *1625* fueron dies y nueve vaxeles de Olandezes *para ganar el castillo de San George de la Mina,* batieronlo de la mar quatro dias continuos, en que fue opinion de los que lo vieron, que le tiraren mas de dos mil balazos, en que huvo muchas balas de veinte y sinco libras, y al fin no le hizieron mas daño, que matarles dós hombres, recebiendo, ellos en sus naves mucho de la poca artilleria, que nuestro castillo tiene. Este successo consta de la carta de Don Francisco Sottomayor, que escrivió a Su Magestad y se estampó en Lisboa en el Año de *1628* (9).

El otro exemplo es que los mismos Olandeses quando tomaron este puerto de Pernambuco el Año de *1630* con secienta y siete vaxeles, la primera parte por donde lo intentaron fue batiendo nuestros fuertes de la mar, y al fin desengañados de por alli poderen tener effeto sus intentos se resolvieron hazer su conquista por la tierra.

Y assi constando por estos dós exemplos, que dies y nueve vaxeles en el castillo de la Mina, hizieron tan poco effeto, siendo hecho a lo antigo, y por la misma razon debil, y en el mismo puerto de Pernambuco hizo tambien poco por la mar la armada destos rebeldes, teniendo nuestros castillos poca, y mala artilleria; parece que sin duda alguna se no puede esperar que haga nuestra armada por este lado effeto de consideracion contra fortalezas hechas en tiempo largo; y antes se puede recelar, que reciba mucho daño a respeto de la mucha artilleria, que tienen los rebeldes, y de seren mucho diestros en ella, y este es el mismo defeto, que tiene la bataria, que de la mar se quisiere intentar a la plaça del Recife.

De los lados destos castillos, que miran a su poniente ha que considerar, que no se les pueden acercar a las murallas con trincheas, ni hazerenles Minas por causa de entre ellos y la tierra firme se meter el agua que tengo dicho, y lo mas cerca, que se les puede plantar la bataria, y acercar las trincheas, es a la orilla de la agua, ganandose el suelo, adonde fuere apantanado con madera, tierra, y faxina; en lo que tambien avrá difficultad, por quedaren los castillos cerca, que deven defender la obra a cañonazos.

Ganado el suelo quedará la artilleria con que se batir el castillo, que fue de los Portogueses, si la llegaren a la orilla del agua en distancia de ducientos, y sincoenta passos, y la con que se batir el castillo que hizieron los rebeldes a mas de ciento y treinta passos,

---

(9) Relaçam milagrosa que alcansou dom Francisco Souto Mayor, governador da fortaleza de S. Iorge da Mina contra os Rebeldes, e inimigos Olandeses, de dezanove naos, o anno de *mil seiscentos e vintecinco,* aos *vintecinco* de *Octubro,...* Lisboa. *Jorge Rodrigues,* 1628, *in fol.* 2 fls. in. Ramiz Galvão, Catálogo da Coleção Diogo Barbosa Machado A.B.N.R.J., vol. 8, 1880/81, nº 1656. (*J. H. R.*)

y no puede aver duda que deven ser contrabatidas con grande copia de artilleria, y que los enemigos deven tener mucha gente, con que reparen lo que les fuere batido, y lo defiendan.

A la bataria de necessidad se deve seguir el assalto, que se deve dar en una de dós maneras, ó en la baxa marca por el vado en que irán los assaltadores a lo menos el agua a la rodilla, ó en la marea llena en embarcaciones, pequeñas, y en qualquiera dellas iran expuestos a la artilleria, y mosquetaria del enemigo los poder consumir primero que lleguen hazer effeto.

Dizen tambien que el espacio de agua referido se puede ganar con madera, tierra y faxina, tomandose los negros de los ingenios para gastadores. A lo que respondo que las semejantes fabricas, son mas faciles de platicar, que de meter en effeto, porque deven ser defendidas de la mucha gente, y artilleria, que los rebeldes tienen, y se deve trabajar en ellas a costa de mucha gentè, porque para se hazeren las semejantes obras no bastan los gastadores sin aver quien los ampare en lo que de ordinario se esparze mucha sangre, y nuestra gente nunqua puede ser tanta en aquel paiz, que permitta la razon militar que se arriesgue a peligros evidentes, en que los enemigos pelean cubiertos de sus fortificaciones.

Quedanos por discurrir las difficultades, que se deven hallar, pretendiendo ganarense estos castillos por el lado del norte : la primera es ganarse la cortadura del Buraco de Santiago, y el reducto, y mas defensas que en ella estuvieren hechas. Lo que deve costar algun trabajo; allanado este primer tropecon deve nuestra gente caminar mas de mil passos por una lengua de arena suelta, y tan angosta, que en lo mas ancho lo serâ quanto un hombre pueda echar una piedra con la mano, y todo este camino deve ser varrido del castillo, que hizieron los rebeldes con toda la artilleria, que le pudieren accommodar, y deven hazer toda la resistencia possible, primero que se gane puesto en que se plante la bataria.

Despues de ganado puesto, y plantada la bataria se deve ganar el castillo, que hizieron los rebeldes, y despues el que fue de los Portogueses por todos aquellos medios; que la dotrina militar tiene mostrado tanto a los que pretienden expugnar, como a los que defienden.

Siendo todas estas cosas vencidas se devè plantar la artilleria para se batir la plaça del Recife, y primero que se proceda en este intento se deve ganar el castillo, que los rebeldes hizieron en la punta de las salinas, porque sirve de offender a quien por esta parte intentare la plaça referida, que por ser la en que consiste la suma desta empresa, de justa razon deve ser bien defendida. Aviendo mostrado las difficultades, que há para vencer por el ca-

mino del lado del norte, falta que muestre los que se deven hallar por el camino de la parte de poniente.

Para se batir la plaça del Recife por el lado de poniente no ha parte de donde se pueda hazer francamente, sino de la plaça principal que los rebeldes tienen hecho en la isleta de Sancto Antonio, como ya lo tengo dicho, que en rigor es lo mismo, que averse de ganar la isla.

Para se aver de entrar en esta isla de necessidad forçada deve ser por el rio llamado Capivaribe, porque por la parte del puerto tienen los rebeldes sus vaxeles, y aunque no los tuvieran no se podria hazer la entrada por esta parte, porque las lancharas de nuestra armada, ó algunas caravaletas metiendolas por la Barreta dos Afogados, y passando las lanchas por el recife de piedra, irian una, y otra cosa expuestas a la artilleria, y mosquetaria tanto de la plaça del Recife, como de las dos plaças que el enemigo tiene hecho en la tal isleta, que seria bastante a consumirles la gente primero que llegarse tomar puesto.

La passaje del rio es defendida de sinco reductos con sus trincheas, y las demas fortificaciones, que estos herejes le tendran hecho, y las que le sabrán hazer en la occasion, si la necessidad las pidiere. Lo que todo es forçado que se gane para passar el exercito a la isla. Entrada nuestra gente en ella le quedará para ganar un castillo, y una plaça real hecho todo por Olandeses en espacio de quatro años que basta para se entender, que será todo mucho fortalecido, y con mucha artilleria, y muchos soldados, y muchos instrumentos de fuego, como estos rebeldes los suelen tener en las plaças, que defienden. Dexo aora a la consideracion de los que vieron ó leyeron sitios de plaças, que los Olandeses tengan defendido lo que costarân estas de gente, y de tiempo.

Ganadas estas plaças se podrâ plantar en la de Sancto Antonio la artilleria a la orilla de la agua para se batir la plaça del Recife, y la bataria quedará en distancia de ciento, y novienta passos. Esta bataria y los assaltos tiene todo las mismas difficultades, que tengo mostrado en las batarias, y assaltos de los castillos; y por ser la plaça en que consiste el remate desta guerra se deve entender, que se hallará en ella grande resistencia, como ya lo tengo dicho.

Y tambien si se dixere, que aqui se podrâ ganar el agua con madera, tierra, y faxina, se responde, que se hallarán las mismas difficultades, que en los castillos se tienen dicho, y aun aqui mayores a respeto de la agua del puerto, que en las mareas carga aqui mucho.

Y porque algunas personas dizen que tambien la bataria que se hiziere desta isla a los vaxeles del puerto, hará el effeto preten-

dido, se responde que se dexe entender lo cõtrario, porque se pueden encobrir con la plaça del Recife por todo el espacio que há hasta el porto, con lo que aunque de la tal isla se vean algunos vaxeles, se les no podrá tirar, sin sobrellevaren la puntaria a las pieças para salvaren las defensas y trinchea que estan hechas, desde la plaça del Recife hasta el castillo que fue de los Portogueses, y assi tirando las pieças con aver entre ellas y los vaxeles, que pretendieren batir tropeçones, que les hagan sobrellevar la puntaria será impossible hazeren mucho effeto.

Del castillo de la barra se no haze caso porque si se señoreare el puerto por la manera referida, será impossible sustentarse, por tener poco ambito, y romperen en el las olas de la mar con tanta furia, que algunas vezes le meten el agua dentro; por lo que es incapaz de alojar presidio de consideracion, ni conservar los bastimientos mucho tiempo, porque la humedad los harâ corrõper presto.

Tengo referido todas las difficultades, que de justa razon se deven considerar en caso que se pretienda echar los rebeldes a biva fuerça del puerto de Pernambuco, representando cada una delas, acciones de por sy falta que vaya discursando algunas difficultades, que en general tocan a toda la suma de la empresa.

Sobre el segundo parecer tengo mostrado, que no puede ninguna armada estar surta en el imbierno sobre el puerto de Pernambuco; por lo que nuestra armada para que pueda estar sobre aquel puerto el mas tiempo que fuere possible se le deve ordenar su partida en los primeros de Setiembre, y nos será bueno ser la partida antes, porque cogerá aun calmas grandes, y las aguas en Guinêa, con lo que le enfermarâ la gente, y correrâ riesgo morirle mucha; y partiendo por el tiempo que refiero, llegará a Pernambuco por fin de Otobre, que siendo armada grande, y aviendo de ir unida, bien avrâ menester los dos mezes para la jornada, y quedarán al exercito para hazer su empresa los sinco mezes, que ha de fin de Otobre, hasta fin de Março, y passados ellos es fuerça se vaya la Armada.

No dudo que avrá quien diga, que no pudiendo nuestro exercito acabar su empresa en los sinco mezes prepuestos, que la podrá hir continuando, y que nuestra armada podrá invernar entre la isla de Sancto Alexo, y la tierra firme, ô en la Bahya de la Traicion, que son puestos el de la isla de Sancto Alexo a quatorze leguas del puerto de Pernambuco, en la parte cõtraria del cabo de San Agustin, y el de la Bahya de la Traicion, a mas de veinte leguas a la parte del norte.

Respondo que no argumento si serán los tales puestos capazes de recebir nuestra armada, ni si serâ de defeto quedar tan lexos de

nuestro exercito, y solamente digo que parece cosa impossible aguardar en aquellas partes una machina tan grande mas tiempo de lo referido, por ser aquella tierra incapaz de sustentar tanta gente tiempo largo, y de dar adereços a tantos vaxeles, que el mucho tiempo necessitarâ a los averen menester, y para iren de Hespaña las cosas necessarias quedales mucho lexos, y avrâ menester otra armada mucho gruessa, que ande al camino, porque se no puede dudar de que los enemigos trabajen impedir a todo su poder lo que fuere de socorro a nuestra gente, y todos estos impossibles son mucho patentes.

Y pueden servir de exemplo de lo que digo las armadas de las corona de Castilla, y Portogal, que fueron a la recuperacion de la ciudad del Salvador de la Bahia de Todos los Sanctos, que entrando en aquel puerto en veinte nueve de Março del Año de *1625* y saliendo del en quatro de Agosto, que no fueron mas de quatro mezes, y seis dias, venian ya muchos vaxeles con grandes faltas, y avia muchos soldados descalços, y quasi desnudos.

Todas estas razones obligan que se considere, que si el tiempo, ó las cosas necessarias a sustentar el exercito en la tierra, ó la armada en la mar, forçaren, a que se dexe esta empresa sin se concluir; ó al exercito le acayecieren algunas desgracias en las difficultades, que de razon muestran las expugnaciones de los puestos, que tengo mostrado, defendidos de mucha gente, y mucha artilleria, como lo referi; ó algunas enfermedades, que quasi de ordinario suelen succeder a los exercitos en campaña, y en paizes, que por no seren abundantes de lo necessario es fuerça, falte a los soldados mucha de la comodidad que les es necessaria, que unas y otras cosas los suelen facilmente consumir, y derrocar las empresas, la desesperacion en que quedarân metidos los moradores del Brasil, y el peligro a que se pone perder-se sin remedio todo aquel Estado, y de llevar traz oy las cosas que a principio referi, que dependen de su conservacion.

Y tambien es mucho para considerar que intentandose esta empresa con tantas fuerças, y no se concluyendo la mucha reputacion que en todo el mundo quedarân perdiendo las invictas armas de Hespaña.

Y assi se viene concluir en este quarto parecer, que adonde el riesgo está tan evidente, manda toda la verdadera razon de Estado, que no se dexen cosas de grandeza tan immensa en el juizio de las poder determinar una desgracia mucho facil de succeder, y impossible de remediar despues de succedida; por lo que se deven buscar los medios mas seguros, que se puedan hallar.

QUINTO PARECER

Él quinto parecer considera, que aunque succeda echarense los rebeldes de Pernambuco, que ni con esso se viene conseguir la seguridad del Estado del Brasil, porque pueden estos rebeldes, ó qualquiera otra nacion bolver a aquellas partes, y firmar el pie, ó en los Illeos, ó en Puerto Seguro, ó en el Spiritu Sancto, que en todas estas tres capitanias ay tierras excelentes para cañaverales, y disposicion para hazeren ingenios en mucha quantidad, y en cada una dellas hallarân poca resitencia a respeto de la poca gente que tienen, y en Puerto Seguro tienen mejor puerto que Pernambuco por ser capaz de vaxeles grandes, que pueden estar de treze a ocho braças, segun el rotero ordinario, y assy quedarán estos herejes mejor accommodados para poderen conseguir sus intentos, con los que bolverán las materias quedar en el riesgo, que de prezente estan puestas, y será necessario a Hespaña juntar nuevo poder para los echar fuera, y quiçá la tomen con impossibilidades sin remedio como en principio deste quarto parecer antecediente lo tengo dicho.

Considera mas, que a cabo de una despesa tan grande como será la de la armada si se metiere en effeto, no se vienen desinfestar los mares para que los comercios de las conquistas Portoguesas los naveguen sin temor de que los enemigos les puedan hazer daño: y que el importantissimo comercio de la Mina queda en mano destos rebeldes: por lo que bien consideradas todas estas cosas se muestra evidentissimamente, que la necessidad de las Coronas, y la reputacion de Hespaña piden en su remedio mayores effetos.

Y assi tiene el intento a que se haga el servicio de Su Magestad con menos despesa, mas seguridad, y por medios tan efficazes, que se queden alcansando todos los effetos, que a la necessidad de las Coronas, y a la reputacion de las invictas armas de Su Magestad son devidos.

Lo que se alcansarâ constituyendose un poder de tal grandeza, que sea bastante a echar por medios seguros los Olandeses de Pernambuco, de quien tambien depiende Itamaracà, y tanto apunto, que despues de echados a todo el tiempo, que pretendieren bolver al Brasil que hallen luego este poder presente para los echar fuera de lo que intentaren porque nunqua mas pueda succeder a Hespaña tomarenla con las impossibilidades en que está puesta con Pernambuco.

Y que sea este poder ordenado por tal manera que haga en la Mina a los rebeldes la guerra, que la razon militar permitte, y con tales fuerças que les saque de las manos mucha parte de aquel comercio, y se pueda esperar que lo larguen todo.

Y que franquee el comercio del Brasil tanto de las cosas necessarias a aquel Estado, como de todo lo que de allâ viniere, y por tal orden que no puedan los enemigos aprovecharse de cosa alguna, e que assi franquee en nuestros mares la navegacion a las naves que vinieren de la India, y a las demas embarcaciones, que vinieren de las conquistas, que esta es la verdadera desinfestacion de los mares de Portogal; con lo que florecerâ el comercio en la mayor grandeza, que se pueda desear con grandes augmentos de las reales rentas, y muchos emolumentos de los vassallos.

Este poder deve ser dividido en dós partes. Una parte metido en la tierra defendiendola a los rebeldes, por manera que no se puedan aprovechar de cosa alguna, ni hazer daño en ella.

La otra parte deve ser una armada en la mar constituyda por tal manera, que justamente se puedan esperar della los effetos referidos; porque assi estãdo los moradores del Brasil, y sus haziendas seguros de se les hazer daño por la tierra, y teniendo en abundancia a justos precios las cosas, de que tuvieren necessidad, y navegando todos sus assucares francamente, estarân mucho contentos, y unidos en su defension.

Y los rebeldes estando desengañados de no averen por la tierra alcãsar cosa alguna, y faltandoles de todo las presas de la mar, serâ fuerça que se consuman con las incõmodidades de estaren encerrados en sus presidios, y con las despesas que con ellos hizieren, si los pretendieren sustentar mas tiempo; y assi aviendo este poder siempre levantado, y oppuesto a sus intentos tanto en Pernambuco, como en qualquiera otra parte, a que fueren de necessidad forçada dexarán sus intentos, y quedará siempre aquel Estado, y el comercio de la mar con toda la seguridad, que se le deve pretender, y los rebeldes con una nueva guerra en la Mina, que es de donde sacan lo principal de sus riquesas.

La despeza deste poder deve costar cada año un millon, quinientos, y veinte mil ducados, como lo muestro en la tercera parte del libro principal que tengo hecho sobre esta materia; y porque de la Real Hazienda no ay parte de que pueda salir la tal despesa, ni de los vassallos puede salir cosa alguna de consideracion, sin que queden derrocados por tierra, por estaren los vassallos de Portogal mucho pobres; y aunque ay quien con intentos errados dize lo cõtrario, offresco mostrar por evidencia indubitable lo que digo, todas las vezes, que me fuere mandado; por lo que deve salir esta despesa de las cosas siguientes.

De un millon, duzientos, y sincoenta mil ducados del arbitrio, que a principio deste libro digo, que offreci sin tocar en cosa alguna de la Real Hazienda, ni en los vassallos, y antes haziendoles Su Magestad mucha merced.

Y los ducientos, y setenta mil ducados, que faltan deven salir de la renta del Consulado, que en lo presente importa de sincoenta e sessienta mil ducados solamente, y es patrimonio de las armadas, que deven guardar el comercio por proceder del tributo, que los hombres de negocio concedieron sobre sus mercaderias con essa condicion en Julio del Año de *1591*.

Y de treze mil, y quinientos quintales de palo brasil, que en lo presente no renta cosa considerable, por lo teneren los rebeldes impedido.

Y del comercio de Cabo Verde, que de muchos años a esta parte no renta cosa alguna, y antes dispiende, porque aunque los contratadores pagassen algo en Portogal estanto lo que quedaron a dever a la ordinaria de aquel govierno, que despues se pide a la Real Hazienda, que hechas bien las cuentas se hallará ser infalibre lo que digo.

Y del comercio de la Mina que de muchos años a esta parte no renta coza alguna, y antes despiende lo que es notorio.

Y no digo que si se administraren las tales cosas por el orden, que en mi libro tengo mostrado, que se sacarán los duzientos y setenta mil ducados solamente, sino muchos mil ducados, mas para Su Magestad se servir destas sobras en otras cosas.

Y assi se viene concluir que el millon, ducientos, y sincoenta mil ducados de mi arbitrio es todo cosa nueva, que no toca en la Real Hazienda, ni en los vassallos: y que los ducientos y setenta mil se vienen sacar de aquello que los rebeldes tienen impedido, y usurpado, y con esperança de se sacar muchos mil ducados, mas lo que nunqua podrá tener effeto, sino por el medio que tengo prepuesto.

De la quantidad del poder de la tierra, y de la armada de la mar y medios por donde se deven executar los effetos prepuestos lo muestro todo en mi libro referido, que destas materias tengo hecho, aunque lo tengo en los borrones, porque y solo lo pueda entender, y depositado fuera de mi mano, puesto em persona segura, porque no puedan agrabios hazer que yo lo queme, offresco mostrar todo con las declaraciones necessarias, siendo Su Magestad servido mandar dar medio con que yo vaya a la corte offrecerle mi trabajo, porque sin mi presencia será impossible seren acertadas estas materias, porque tienen objeciones, a que es cosa forçada mostrarense los medios de seren vencidas, los quales no puse en escripto, y los tengo reservados en mi pecho, porque siempre dependa todo de mi.

Ni será justo que Ministro alguno pretenda que yo le muestre este mi arbitrio, ni los medios por donde las cosas prepuestas se deven executar, porque materias de tanta grandeza solamente per-

teneçen a los Reies, y a los Ministros Supremos que les assisten, que las pueden juzgar sin passion.

En la prepuesta que imbié al Excellentissimo Señor Conde Duque, que referi a principio deste libro he dicho que le no embiava el arbitrio por ser impossible ser entendido sin yo estar presente, y que no podia ir a la Corte por las impossibilidades en que me tienen puesto las despesas que tengo hecho con un hijo, que tuve en Tanger, sirviendo una encomienda por carta de Su Magestad que aun no se le tiene dado; y con otro que tuve onze años en Malta, y otro en las armadas, el qual de prezente estoy aprestando para lo embiar servir a la India.

Y assi representé a Su Excellencia que la Real Hazienda me devia seis mil ducados liquidos, y que no pedia dellos pagamiento, y solo dezia, que mandasse depositar esta mi deuda en mano de la persona que fuesse servido, para que me hiziesse la despesa de la jornada, conforme Su Excellencia fuesse servido limitar, respetando mi qualidad, vejez, y enfermedades, y que lo que sobrasse lo bolviesse entregar a los thesoreros reales, sin yo tocar dinero alguno.

Remettiendo Su Excellencia esta prepuesta a otras manos, que viendo mi arbitrio ser de quantidad immensa, y a respeto de nuestro grandissimo Monarcha, y del bien de Hespaña importantissimo desesperando de lo poderen penetrar con intento de se le hazeren dueños, y solamente aviendo alcansado de mi, que cierta quantidad destos dineros devian salir de algunos fletes, que una parte de la armada traxesse, demás del discredito, en que me pusieron con Su Excellencia publicaron contra mi las cosas siguientes.

Primera. Que no era yo buen vassallo, pues que este mi arbitrio que offrecia entrava pidiendo mercedes anticipadas, y no se sabiendo aun la certidumbre del.

Segunda. Que los fletes no es cosa nueva, ni por mi inventada, porque muchos años antes se metió en platica sustentarse con ellos, y con el Consulado, y el palo brasil una armada que navegasse los assucares, y que en lo prezente se buelve hablar en ella, y que no le falta mas que la execucion.

Tercera. Que por este mi arbitrio ser una quimera inventada por mi sin fundamento, era cosa conveniente al servicio de Su Magestad que no se me diffiriesse a cosa alguna.

Aun mas por lo que importa al servicio de Su Magestad y al bien de su Monarchia, que por lo que pide mi credito es justo, que responda yo a las tales cosas.

A la primera respondo, que es engaño manifiesto dezirse que offresco mi arbitrio pidiendo mercedes anticipadas, porque pedir que se me haga la despesa de la jornada a costa de lo que justa-

mente se me estâ deviendo liquido, no es pedir mercedes anticipadas, antes es hazer servicio, porque offrecerme salir de mi caza en edad de sessienta y sinco años, y mucho enfermo, es offrecerme a trabajos, y discomodos de mi persona, y dezir que se me haga la despesa á costa de lo que se me deve, es dar, y no pedir.

Porque de se me hazer la despeza a costa de mi deuda, ninguno provecho se me puede seguir; porque la deuda quedarã disminuida, y yo iré con el riesgo de me cargaren mis enfermedades en edad tan grande, adonde de fuerça por estar fuera del commodo de mi caza correrâ riesgo mi vida.

Y los que me arguyen por culpa, y interes grande estoque prepuse, deven mostrar qual es el provecho, que de aqui se me sigue, que yo no sé otro mas que el grande gusto con que pretiendo hazer este servicio a mi Rey, y este beneficio a Hespaña.

A la segunda respondo que no niego que es verdad, que muchas vezes se puzo en platica la armada, que se dize, y mucho antes, que los Olandeses metiessen tanto poder en la mar, como lo tienen hecho en estos nuestros tiempos, ni tuviessen intentado la conquista del Brasil, mas que viniendo a la conclusion se hallaran siempre tantas difficultades en la tal armada, que se halló converia no se tratar della.

Y que navegando en estos nuestros tiempos los Olandeses la mar con poder grande, y teniendo señoreado el puerto de Pernambuco, y el de Itamaracâ, y teniendo tanta gente, y tanta armada en aquellas partes, como lo tengo mostrado no ai duda, que se hallarân mayores difficultades que vencer; y porque se no dude de lo que digo lo mostraré trayendo primero algunas prepuestas, que es el basis, en que la armada deve ser fundada, y luego algunas delas difficultades referidas.

Preponese que a la gente del Brasil se les no deven poner tributos, ni acrecentar el precio a los fletes, y avarias a mas de lo que en lo presente corren, porque es tanta la despesa que hazen en la labor de los assucares, que si les quisieren poner mas algun tributo, ó subirles los tales fletes, y avarias no podran sufrir sus despesas, y será causa de no poderen reedificar los ingenios, ni los cañaverales, con lo que avrá menos cosechas, y tendran poco provecho las aduanas, y aun correrá riesgo de la armada poder tener la ayuda de los fletes, por lo que los tales hombres es forçado, que se les no ponga mas carga, y que antes se trabaje de les aliviaren lo que tienen.

Y si los fletes y avarias se consentiere que se pongan a quarenta y sinco ducados portogueses por toneladas, será navegandoles los assucares en una armada tan poderosa, que no puedan temer

les haga el enemigo daño, porque assi les no será necessario paga-
ren seguros, y de otra manera no podran sufrir tan grande precio.

2.ª La armada que se ordenare para navegar este comercio no puede ganar todos los fletes de aquel Estado, y es forçado que se partan los tales fletes entre la armada, y particulares, y no se guardando este orden, no se podrá sustentar el Brasil, porque le son necessarios cada año muchos esclavos, que les llevan de Angola, muchas harinas, y otras cosas que les llevan del Reyno, y de las Terceras, muchos vinos de la Madera, y Canarias, y las embarcaciones de particulares, que llevan estas cosas, expor la ganancia de los fletes que trahen a la buelta, que a la ida, no ganar cosa considerable y assi se faltaren fletes no irâ ningun.

A estas prepuestas se siguen las difficultades. La primera es entenderse qual deva ser la armada, a que se entregare la navegacion del comercio del Brasil, porque si fuere tal, como la que llevó Don Antonio Oquẽdo al Brasil, que referi sobre el segundo parecer, no es bastante por las razones que alli mostré, ni sirven en ella vaxeles pequeños, como tambien lo mostré sobre el tercero parecer; y assi la armada de que si deve confiar el tal comercio de fuerça deve ser tal, que no se pueda temer, que la puedan romper treinta, ni quarenta vaxeles enemigos. A esto se sigue que se diga de quantos vaxeles deve ser esta armada, su grandeza, y forma, armamiento de gente, y artilleria.

2.ª La armada que navegare este comercio no puede venir toda con carga, porque veniendo con ella, vendrá con respeto de flota mercantil, y correra riesgo del enemigo la romper con pocos vaxeles porque a cañonazos la desaparejarân, y le iran hechando los vaxeles a pique, sin los envestir, porque en este juego tienen los Olandeses grande destreza, y los vaxeles cargados grande desventaja, y assi la tal armada a lo menos deve traher sin carga alguna quatro galeones de a mil toneladas cada uno, y assessienta pieças de artilleria, y dós mil hombres de már, y guerra; mas otros quatro galeones de ochocientas y sincoenta toneladas cada uno a quarenta pieças de artilleria, y entre gente de mar, y guerra mil y seiscientas personas. Advierto que hablo de toneladas portoguesas; y mas quatro pataxes gruessos con la gente de mar, y guerra necessaria. Estos doze vaxeles en que deve aver quatro mil hombres por no averen de ganar cosa alguna, y deveren estar siempre levantados, tienen necessidad de una grande despesa.

Los vaxeles que vinieren con carga deve ser con respeto, que el vasel que tuviere ochocientas toneladas portoguesas no deve cargar mas de seiscientas toneladas mercantiles, y los de mas va-

xeles deven cargar al tal respeto, segun su grandesa, porque en el orden desta carga a la sombra de los otros que no la traxeren, podrán ser de provecho en la defension, y de armada de menores respetos se no deve confiar cosa tan grande, como es el comercio del Brasil.

Y assi un galeon de ochocientas toneladas portoguesas por aver de traher de flete solamente seiscientas toneladas mercantiles, no ganará mas de veinte y siete mil ducados, y avrá menester para su despesa, por aver de estar siempre levantado, y aver de tener la artilleria segun su grandeza, y trecientos y veinte hombres de már, y guerra computando assi la costa de las querenas, velas, xarcias, maromas, bastimientos, armas, moniciones, y el respeto de quando envegeciere hazerse otro de nuevo, sincoenta mil ducados, y aun no es mucho, y assi les faltará para su despesa veinte y tres, y aun mas; por manera que quantos mas galeones de los tales se hizieren; tanto más será mayor la despesa, que la ganancia; por lo que deven declarar quantos vaxeles de carga deve aver en esta armada, la despesa que toda ella deve hazer, y de donde deve salir lo que faltare; y assi la despesa que deve hazer la milicia, que prepuse para defender el paiz de Pernambuco, sin que haga daño a los vassallos, ni se saque de la Real Hazienda.

3.ª El puerto de Pernambuco, y el de Itamaracâ los tienen los rebeldes en la mano. Preguntase adonde se deve tomar la carga destas capitanias, y darles la que fuere de Europa; y como se deve hazer la reparticion de toda la carga del Brasil entre la armada, y los particulares.

4.ª La armada prepuesta para aver de ser qual la pide el servicio de Su Magestad y la necessidad de la Corona deve salir de Lisboa con tres intentos. Él primero hazer que se proveya el Estado del Brasil de todo lo que le fuere necessario, y que se naveguen todos los años todos sus assucares, y todo el palo de tintas; y assy todo lo demas que de allâ viniere, libre de los enemigos le hazeren daño, y correr todas las quatrocientas leguas que ay de San Bicente hasta el Rio Grande que es adonde se labran los assucares, procurando tomar, o echar a pique todos los vaxeles que hallaren en aquella cuesta; advertiendo que las cosechas de los assucares se labran en dos çafras, unos se acaban por Navidad, mas no se pueden cargar sino por fin de Hebrero, por razon de averen menester dós mezes para se purgar: otros se acaban por Mayo, que por la razon referida se acabaran de sazonar para poderen ser embarcados en principio de Julio.

El segundo intento deve ser correr la cuesta de la Mina, y Malagueta, procurando desbaratar los enemigos, que alli hallare, y dar todo el fabor possible a nuestro comercio, y para effeto deste particular prepongo los pataxes.

Tercero intento deve ser navegar toda la armada unida, todo aquello que le fuere possible, para que el comercio pueda ser defendido francamente, y hallarse unida en las Terceras en quinze de Julio de cada año para recoger las naves que vinieren de la India, y las demas embarcaciones de las conquistas, a quien tambien se deve ordenar su navegacion, para que lleguen en el tal tiempo al tal puesto, y traher todo hasta veinte de Agosto a Lisboa.

Preguntase en que tiempo deve partir la tal armada, y el orden que deve tener en las demas cosas, sin que pueda faltar en cosa alguna, advertiendo que se deve dar tiempo bastante a la tal armada para dar sus querenas, y adereçarse de todo lo que le fuere necessario, que para tantos adereços, que de fuerça deven durar muchos mezes en la mar, parece que tres mezes será tiempo corto para se hazeren en el orden que conviene, y mostrando como se podran salvar estas difficultades, que son una parte de las que se tienen hallado, mostraré yo despues todas las demas para que tambien las puedan salvar; y entonces confessaré yo que el arbitrio de los fletes no es mio, y no salvando todas, no podrân negar que a mi se deve.

A la tercera respondo que el dezirse que es conveniente al servicio de Su Magestad que no se me diffiera a ser oyda mi prepuesta, que no sê en que pueda tener fundamiento el tal parecer; porque se ella fuere falsa, ningun daño se puede seguir de se apurar, y solo redundará en mi afronta: y si fuere verdadera se alcansará el remedio, que solamente puede aver en la restauracion desta Monarchia, señoreandose la mar, y el comercio quedando sin temor de recebir daño, que es tan grande el interes que procederá de aqui, que bastarà engrandecer las rentas reales, y a enriquecer los vassallos. Confiesso que no entiendo la buena razon de Estado, en que se funda esta contradicion.

Ya dezirse, que este mi arbitrio es una quimera inventada por mi sin ningun fundamiento digo, que doy muchas gracias a Dios, porque hasta esta edad, a que fue servido que yo llegasse, no ay persona que me viesse mentir, ni tratar quimeras, ni hazer cosa afrentosa; y lo que no hize en tantos años parece que cometten juizio temerario aquellos, que quieren persuadir que yo lo haga en mi vejez; y estoy cierto de que los que me conocen, no deven creer a los que tal quieren persuadir.

Concluyo con dezir, que el Brasil pide remedio presto, y efficaz, y que quanto mas se retarda, mas se difficulta, y que depende este remedio de las cosas, que en este libro tengo mostrado, en que se funda mi arbitrio, y que si se perdiere el Brasil, que llevará traz sy todo aquello, que a principio referi: y pues ya que a mi arbitrio lo quieren bolver en quimera, deven aquellos que lo hazen buscar con sus entendimientos tan superiores otro medio mas verdadero, y mas efficaz, con que se pueda dar remedio a esta Monarchia, sin dissipacion de la Real Hazienda, ni daño de los vassallos; porque con los tales daños no será servir a Su Magestad, sino offenderlo, consumiendo los vassallos, y despoblando el Reyno, como yá se vê patente: porque no há Rey rico con vassallos miserables, ni poderoso con el Reyno despoblado.

Advertencias

En la grandeza de la isla de Sancto Antonio trato solo de la tierra que se puede platicar que es lo que queda dentro de las fortecaciones del enemigo y lo demas por ser apantanado lo tengo por cosa separada y por ser mas deficultoza la entrada por aquella parte que por la pasaje del rio no trato dellas por entender se no deve intentar.

Quando emprendi escrevir estas materias avia en todo el Estado del Brasil falta de lo que levase en ropa haora se dize que esta Pernambuco abundante lo que no aze contra mi yntento porque como las tales cosas dependen de la navegacion lo que oy abunda mañana puede faltar segun el enemigo puziere deligencia en guardar la cuesta y puedese tener por cierto que por momentos la ira poniendo maior y que asi la abundancia con menos firme de lo que es la falta la qual de razon se deve temer que suceda presto. En el quarto parecer digo que los vaxeles Olandeses que salieron del puerto de Setuval despecho de los castillos partieron de noche deve entenderse que esto fue del pusto adonde estavan sobre hierro mas que quando llegaron a la barra era ya mucho de dia y que asi la bataria que les izo el castillo de Outam, no fue de noche sino con dia claro.

A las informaciones de la materia y forma de las forteficaciones de los rebeldes que se trayen de Pernambuco digo que no se las deve entero credito fundo esta openion en el excenplo (*sic*) de que quando estos rebeldes residieron la ciudad de Salvador de la Bahia de Todos los Sanctos la no dexaron reconocer antes de saliren dellas porque los hombres que llegaran a la puerta despues de rendida

los no dexaron estar alli ni entrar dentro sin les ataparen los oyos lo *que sucedio a un sargento mayor* y a un capitan como de mas de ser notorio lo escrive el padre guerrero en el tratado que izo desta jornada.

Y asi quando esta nacion estan pervenida en sus accines (*sic*) que una plasa ya rendida la no dexaron reconocer seis oras antes del tienpo devido junstamente se deve creer que estando en Pernambuco en el punto mas bivo de la guerra que no dexaran penetrar ny reconocer sus cozas a sus enemigos por les no dar noticia dellas que es uno de los mas prencipales puntos de la dotrina melitar que ellos profesan y observan inviolablemente.

PROPUESTA

de las advertencias, que de necessidad forçada, se deven justamente descursar, sobre la seguridad y certeza con que se deve recuperar el puerto de Pernambuco, defenderse y conservarse el Estado del Brazil, recuperarse el comercio de la Mina, desinfestarse nuestros mares, y del fundamento, que deve tener la despesa del poder con que se deven hazer los tales effectos sin dar opression a la Real Hazienda, ni tocaren cossa alguna a los vassallos.

POR LUIS ALVARES BARRIGA CAVALLERO

portugues.

Difinicion de la propuesta

El intento que tengo en esta propuesta es mostrar por las advertencias en ella contenidas las verdaderas causas que lo fueron de los Olandeses aver usurpado el importantissimo comercio de la Mina; y aver reduzido el Estado del Brazil a puntos tan apretados, que justamente se deve tener recelos que les quede en las manos, y de se aver robado del comercio que se navega las grandes sumas de millones de ducados que son nottorias.

Y mostrar por evidencia induvitable los grandes daños que se deven temer a España si los rebeldes quedaren dueños del Brasil, y la grande facilidad con que lo podran conseguir tanto que quedaren señores de Pernambuco o de qualquiera otro puesto (1) de aquel estado.

Y azer patentes las dificultades que se repressentan y desgracias que se deven temer si se pretendiere echar aquellos enemigos del puerto de Pernambuco a biva fuerça si no se diere primero fundamento firme a la conservacion de aquel estado, y al poder con que se deve señorear la mar.

Y porque para hazerse los tales effectos se tiene necessidad forsada de una despeza continua de muchos cientos de mil ducados

(1) Na reprodução fotográfica do original, encontra-se repetida a palavra «puesto».

siempre firmes y en la Real Hazienda de Portugal, no ay parte de donde puedan salir, y de los vassallos es inpussible sacarse, aunque los acabe de consumir es el fin del intento de la propuesta ofrecer a Su Magestad mostrar yo medios infalibles, de donde se pueda sacar la tal despesa justamente como al principio lo referi.

PROPUESTA

Todas las personas que descursan las cosas de nuestra Monarquia con el fundamento de la verdadeira razon de estado afirman por conclussion indubitable ser inpossible recuperarsse lo que se tiene perdido de las importantissimas conquistas del Cabo de Buena Esperança azia nuestra parte ni tenerlas defendido, ni el comercio que se navega tener seguridad alguna enquanto Su Magestad no se hiziere señor de nuestros mares metiendo en ellos una armada tan poderossa, y ordenada su navegacion por tales medios que los quede dominando; y en el Estado del Brasil que es la conquista que pide el tal respeto una milicia paga y que esté siempre a punto bastante a poder hazer la devida resistencia a los enemigos que lo intentaren.

La razon es clarissima porque navegando los rebeldes de Su Magestad libremente, y podiendo hazer lo mismo las otras naciones, y en las ocaziones que sus intentos se lo piden con gruesas armadas pueden a su alvedrio hazerse dueños de aquello que pretendieren, y fortalezerlo mucho a su voluntad primero que pueda ser socorrido, con lo que dificulten la recuperacion, en tanto grado que se pueda justamente dudar della: y por el comercio desta Corona navegar sin aver quien lo defienda, pueden assi estos rebeldes, como los demas piratas hazerse dueños de sus riquezas, y todo mostrare en los quatro exemplos que se siguen.

1.º Intentaron los rebeldes de Su Magestad el comercio de la Mina, y por dar fundamento a su pretension hizieron una fuerça Real en Cabo Corso tres legoas de nuestro castillo de San George, y todos los anños embian aquella parte cantidad de vaxeles grandes y pequeños, los grandes para defender en la mar el comercio, porque no pueda aver quien lo intente impedirselo, y los pequeños para hazerlo metidos por la marina en las partes adonde los rescates acuden.

Si Su Magestad tuviera en nuestros mares una armada que justamente se pudiera llamar señora dellos acudiera la parte que della fuera bastante a correr la costa de la Mina todos los años, y rompiera las naves enemigas, con lo que quitaria a estos herejes de las manos aquellas riquezas, que son el principal fundamento en

que estriba la despeza, con que sustentan su injusta guerra, perturbando en tantas partes esta Monarquia: y solamente el tal respeto de la armada los pueda obligar a dexar aquel comercio, como lo muestro por razones indubitables en otra parte que sobre este particular tengo escrito, y assi por no aver quien los inpida poseen estos rebeldes riquezas tan grandes ha mas de treinta años, y las tienen ya por suyas.

2.º Intentaron los Olandeses la conquista del Brazil y para efecto de darle principio, tomaron la ciudad del Salvador de la Bahia de Todos los Sanctos en el Año de *1624*. Lo que pudieron hazer por no aver en la mar armada que temiessen, ni en la tierra quien les rezistiesse sino gente visoña de los que abitavan aquel pais atentos a lo cultivar, y beneficiar su comercio.

Y no se deve juzgar a poco valor de aquellos habitadores perder tan facilmente aquella ciudad, sinó a ser dificultoso gente sin exercicio de las armas poder risistir en plazas debiles a soldados exercitados; prueba desto es, que aquellos mismos que no pudieron defender aquella plasa, tanto que perdieron aquel primero espanto, defendieron la tierra no dexando al enemigo, que la pudiesse penetrar un solo paso, ayudados de los bosques espessos de que es poblada, en que pocos hombres que los sepan pueden consumir muchos enemigos que los pretendieren entrar.

Y por mucha prissa que se dio España a recuperar aquella plaça embiando la armada de la Corona de Castilla, y la que se pudo juntar en la de Portugal, no pudieron llegar los recuperadores en menos de diez messes, y assi tuvieron aquellos enemigos todo aquel tiempo para se fortalecer: y lo tubo Olanda para embiarles una tal armada de socorro, que reconociendo las armadas de España en el puerto de la Bahia, pretendió a su despecho socorrer la plaça, de lo que no disistió esta reconocer que estava rendida. Y no desminuyendo del mucho valor de los recuperadores se puede justamente affirmar que recuperarsse aquella ciudad con la facilidad que huvo, fue por particular merced de Dios, porque la armada que embió Olanda de socorro, partió en los principios de Noviembre, y en el Canal tuvo tales borrascas que le fue forçado recogerse a los puertos de Inglaterra, adonde la tuvieron los vientos contrarios encerrada sin dejarla salir todo el tiempo que nuestra gente huvo menester para concluir su empresa.

A la qual tambien ayudó, que al tiempo de la defension se desunieron las voluntades de los soldados de los rebeldes, por ser compuestos de varias naciones, y si la armada del socorro les llegara a tiempo, bastara su respeto hazer que los soldados se unieron, y assi con los soldados unidos, y el socorro juntamente, se pudiera dudar

mucho de la empresa, y a lo menos se deve tener por cierto, que costara mucha sangre, y mucho tiempo: y se desvaneciera, con lo que la plasa quedara en poder del enemigo, puedesse tener por cosa indubitable, que ya oy todo el Brasil estuviera en su poder.

De lo referido consta sin duda alguna, que todo el daño sucedido, y todo aquel que estubo arriesgo de suceder, fue por no aver en aquel Estado la milicia que pide el respeto de su defension, y en la mar la armada ordenada por tales medios que tuviera todo goardado, porque si hubiera la tal milicia y la tal armada, ni el enemigo intentara la empresa, ni si la intentara, le pudiera suceder otra cosa mas que perdersse.

3.° Despues de haver los rebeldes dexado la ciudad del Salvador, y averse buelto a Europa, no disistiendo de sus intentos, bolvieron a pretender con mayores fuerzas la conquista de aquel Estado en el Año de *1630* señal cierta de que traen esta pretension viva en los corasones; e intentaronla por la capitania de Pernambuco, por ser el sitio de su puerto fortissimo por naturaleza para efecto de lo poder defender y sustentar fortaleciendosse en el por arte, y ser la capitania mas rica, y que sola ella vale tanto, como lo demas de aquel estado.

Fueles facil ganar este puerto y la villa, por todo estar debilmente fortalecido, y los defensores ser gente visonna aunque animossa, lo que se echa bien de ver en que con poco numero de hombres deffendieron la tierra sin que los rebeldes los pudiessen entrar asta que les fueron algunos socorros con la ayuda de los quales la defienden corre ya por cinco annos.

Y estan estos herejes metidos en aquel puerto fortaleciendolo mucho a su gusto, y de ahi van siempre de nuevo intentando medios de facilitar su conquista: Y assi es cossa patente que si en la tierra huviera melicia bastante a defenderla, y en la mar una armada que justamente pudiesse ser temida, que fuera impossible a estos enemigos con el medio desta empressa, aver puesto el Estado del Brasil en el aprieto en que lo tienen, porque tuvieran opossicion bastante no solo a les atajar sus intentos mas a los romper y consumir.

4.° De muchos annos a esta parte se tiene robado en la mar tanta cantidad del comercio desta Corona que se estima esta perdida en sumas de millones de ducados increibles, con lo que los vassallos se tienen mucho empobrecido, y asta la plaça de Lixboa, que era la mas rica del mundo està tan pobre, que no tiene ninguna semejança de lo que fué.

Si en la mar huviera una armada ordenada por manera que flanqueeara este comercio no puede aver duda de que todas las sumas de millones de ducados referidas en que se estiman estos

robos estuvieran metidas en Portugal y en sus conquistas, que fuera causa de las rentas reales estar muy engrandesidas, por que todas ellas dependen del comercio, y el Reino y las conquistas estuvieran prosperas. Aviendo mostrado por razones, patentemente indubitables los daños que tienen sucedido contra la reputacion de las invictas armas de un tan grande Monarcha como lo es la Magestad Catholica del Rey Nuestro Sennor que Dios guarde muchos annos, por no aver en el Brasil y en nuestros mares la armada y la milicia a principio referidas se sigue, que la necessidad forsada obliga a que sea Su Magestad servido mandar que se ponga en efecto una y otra cossa. Contra lo que tengo concluido asta aqui en esta mi propuesta se tiene levantado una obgecion, que es dezirsse que lo que tengo discursado en ella atiende solamente mostrar las causas de que procedieron los dannos sucedidos en las conquistas de nuestros mares, y en el comercio y los medios por donde se deve atajar que no sucedan otros semejantes.

Y que las semejantes advertencias no tienen ya lugar en el tiempo presente, porque el comercio de la Mina está en poder de los rebeldes el de Guinea en lo que toca al oro, marfil ambar, cera, corambre, que se saca por bezeguiche y palo de tintas, que se saca de la Sierra Leona tambien es ya todo suyo, y que el puerto de *Pernambuco*, el de *Itamaraca*, y el Rio Grande tambien tienen ya todo en su poder, y que pretenden señorear otros puestos por la costa, con los quales, y con sus armadas que traen por toda ella tienen intento de poner aquellas gentes entanto aprieto, que la necessidad los fuerce a que se rindan.

Y que assi no toca ya aqui propuesta de advertencias de las causas que lo fueron de los daños que se tienen recebido, ni de los medios por donde se deven atajar otros semejantes, y que solamente se deve tratar de medios poderosos por donde se recupere lo perdido, y que despues de recuperado entonces podrá tener lugar la propuesta.

Respondo que la armada y melicia contenidas a principio desta mi propuesta, siendo ordenado todo por los medios que tengo imaginado, atienden no solamente a conservar y defender lo que se posee, mas tambien à recuperar el puerto de Pernambuco con todo lo demas que del depende, y con tanta certeza, que no se podrá imaginar otro medio mas eficaz, siendo tan seguro ni de menos despesa; y atiende tambien a là recuperacion del comercio de la Mina en la mayor parte con esperanças bien fundadas de que sea en todo y de su respeto salir la recuperacion del de Guinea.

La orden por donde la tal armada deve recuperar el comercio de la Mina, y de su respecto salir la recuperacion del de Guinea lo mostraré en otro escrito mio, que ya lo tengo referido: y solamente

trattaré aqui los efectos que della y de la milicia propuesta se deven esperar justamente en la recuperacion del puerto de Pernambuco defenssion y conservacion del Brasil y del comercio: mostrando primero lo que importa a España recuperarsse este puerto, y las dificultades que tiene su recuperacion traidas sumariamente, y lo que tambien importa defenderse y conserbarse qualquiera otra parte de aquel estado.

Por ser muy nottorias las riquezas del Brasil tanto las que en lo presente son patentes, como las que justamente se deven esperar, no trato dellas en este mi intento: y solo digo que pusso Dios aquel Estado en tal sitio del mundo que indubitablemente se deve creer, que quien lo poseyere teniendo fuerças bastantes en la mar bien gobernadas podrá señorear todas las riquezas que se tienen descubierto.

Porque la nabegacion de la India Oriental queda mucho mas cerca del Brasil, y con las monciones mucho mas faborables de lo que queda de ninguna otra parte de Europa: en el camino tienen el rescate del oro de Sofala y Monomotapa con las minas de plata que se afirma ay en aquellas tierras, y el comercio de toda aquella costa, de que se saca mucho ambar, marfil, evano, y otras cosas, las naves que de Olanda fueren al Brasil pueden de camino hazer el comercio del rescate de la Mina para lo que les sirve la monsion, el comercio de Angola tambien quéda mas a la mano: de la navegacion de las Indias Occidentales diré adelante.

Y si estos herejes quedaren con Pernambuco en las manos no se puede dudar de que les venga todo el Brasil a ellas con mucha facilidad, porque dependiendo la conservacion de las gentes de aquel Estado de las cosechas de los asucares que son sus haziendas y su remedio, y dependiendo las tales cosechas de aver negros que las fabriquen, porque los ingenios y partidos de cañas tienen necessidad dellos en grande cantidad, evidente cossa es que si los rebeldes se los quitaren que prestamente quedarón aquellas haziendas ó de todo perdidas o en grande desminuicion, y ajunto este respeto al de traer infestada aquella costa con sus vaxeles, se puede justamente temer, que metan aquellas gentes en tanta desesperacion que los obliguen a que se rindan, porque los hombres sin haziendas, y perseguidos, les fuerça la necessidad a que busquen su remedio.

Y quitar a los Olandeses los negros a los Portuguesses les será cossa facilissima, porque Cacheo cabeça de los rescates de Guinea no tiene ninguna defension, y Loanda cabeça de los rescates de Angola tiene muy poca, y tomando estas dós plazas y defendiendolas por la costa con los vaxeles que traen en sus rescates que andan mejor armados de lo que van los portugueses àquellas partes,

se los quitaren de todo. Y aunque algunas personas dizen que si los rebeldes quitaren los negros de Guinea y Angola que se baldran los portugueses de algunos negros que se tiene metido la tierra a dentro y de los gentios, tanto de los naturales como de los del Marañon, se les responde que todo tiene sus dificultades y grandes, y que lo berdadero es la conserbacion de Cacheo y Angola.

Y quedando estos enemigos dueños del Brasil no puede haver duda de que arán alli plaça de armas de sus armadas, combidados de las comodidades que de alli les quedan para las demas conquistas, y hazerse señores de las riquezas del mundo, y de la infinita cantidad de maderas que en aquella tierra hay para poder hazer todos los vaxeles que les pidiere la imaginacion, y de la largueza de tierras que tienen pra sembrar cañamo para xarceas y maromas, y quiçá hallen otras comodidades.

La navegacion para Indias por la parte de nuestros mares quedará a estos rebeldes facilissima y muy breve, y si quisieren intentar la conquista del Perú como deve ser su intento podran meter sus armadas por el estrecho nuebo de San Vicente en el mar del Sur, porque es mas facil de passar que el de Magallanes, con lo que le quitaran la navegacion que tiene por la mar con Nueva España, y con Panamá adonde embia la plata, y recibe las cosas que le van de Europa, porque el camino de la tierra es muy largo y dificultosso·

Y ganando algun puesto en la costa del Perú, e intentando aquellas minas con poder considerable, se deve justamente rezelar que las consigan, porque el socorro de Espanna queda lexos y cassi impossible.

Y si estos hereges quedaren senñores de riquezas tan immensas ni la misma Espanña quedará libre de perturbarle su sosiego, y quien considerare bien los pasos por donde estos rebeldes caminan, facilmente conocerá que aspiran a la destruicion de la Monaquia de Espanña.

Estos son los rezelos que conforme las reglas de la verdadera prudencia se deven tener si los Olandeses quedaren con Pernambuco en las manos: passemos ahora a discorrir sumariamente por las dificultades, que se deve creer se allarán en la recuperacion de su puerto si se pretendiere hecharlos del a viva fuerça.

Los rebeldes se tienen fortalecido en el puerto de Pernambuco en las partes que iré relatando: en la poblacion del Recife en el castillo que fué de los Portuguezes, y en otro que hizieron mas adelante, a quien alguna gente de aquella tierra llama de Diego Paes en la plasa, que hizieron en la isla de Sancto Antonio adonde estuvo su monasterio en otro castillo que hizieron en medio de aquella isleta, y en otro mas que hizieron en la punta de las Salinas. Todas

estas seis plazas tienen llenas de mucha artilleria y estan metidas en menos espacio de mil pasos geômetros y estan hedificadas por manera que en la defension se ayudan unas a otras, y que tambien no les pueden quitar que se socorran, y tienen las baterias, minas, y asaltos dificultosos por todo ser arena y agua: No trato aqui de la fuerça que tienen en la varzea, ni del castillo de la Barra, ni de la villa de Olinda, por que toda la dificultad de la empressa consiste en las seis plazas referidas (2).

Tienen mas en defension de la isla de Sancto Antonio sinco redutos, y uno azia el Buraco de Santiago: y advirto que estas fortificaciones pueden variar conforme la voluntad de los que las poseen, yo escribo lo que es en lo presente.

Algunas personas que vienen de aquella parte, o porque les parece, que agradan en desmenuir el poder al enemigo, o porque en la realidad assi lo entiendan, dizem que las fortificaciones de los enemigos son todas muy debiles por seren echas de faxina y arena, por no haver mejor terreno en los puestos adonde estan hechas, y que assi no son capazes de hazer resistencia, porque se desmoronan facilissimamente.

Y porque las empresas fundadas en informaciones, que las hazen faciles, quando se viene al efecto, si se halla lo contrario causan dannos irreparables, digo que importa al servicio de Su Magestad que en estas informaciones se tengan las advertencias siguientes. La Nacion Olandeza es muy zelosa de dexar reconocer sus cosas en la guerra, lo que se tiene experimentado en largos annos, y dello daré un exemplo que es muy nottorio.

Rindieron estos enemigos la ciudad del Salvador de la Bahia de Todos los Sanctos, despues de la averen rendido, poco antes de hazer la entrega, llegaron algunas personas principales de nuestra parte a las puertas de la ciudad, los Olandeses los echaron sin consentir que reconociessen cossa alguna, y solamente dexaron quedar un capitan, y un sargento mayor por que consintieron que les bendassen los ojos.

Luego pues si una ciudad rendida poco antes de hazersse la entrega, no la dexaron estos rebeldes reconocer, como se deve creer que metidos en el puerto de Pernambuco, y estando en el mas agrio punto de la guerra dexen reconocer sus fortificaciones a los enemigos siendo contra todos los preceptos de la doctrina militar. Otra advertencia es que siendo estos enemigos de su natural grandes

---

(2) Na realidade o A. escreve 6 e fala em 5 fortes que são o de São Jorge ou da Pena, de Diogo Paes ou Bruyn, de Ernesto, Cinco Pontas e Salinas. Os que se seguem são o de Afogados ou Príncipe Guilherme, construido em 1633, e que assegurava o caminho para Várzea e o Castelo da Barra ou do Mar, construído pelos portuguêses em 1614. (*J. H. R.*)

fortificadores, y teniendo metido tanto caudal en Pernambuco que no se deve creer, que se esten confiados en la defension de fortificaciones debiles.

Puede en esto servir de exemplo la ciudad del Salvador de la Bahia de Todos los Sanctos que no teniendo aun en ella los Olandeses dos mil hombres cabales la fortificaron en solo diez meses que la poseyeron admirablemente a respeto del poco tiempo que tuvieron y de la poca gente que tenian y de serles forsado estar siempre con las armas en las manos.

Y assi siendo los Olandeses que estan en Pernambuco coatro mil segun las relaciones de aquellos que aun dizen menos copia se deve tener por cierto que corriendo ya por el *quinto anno* que tienen aquel poerto en las manos que con tanto tiempo y tanta gente tendran sus fortificaciones muy seguras, y que si les faltò buen terreño para su fabrica en el suelo a donde las tienen hecho, que con ser senñores de la mar lo llevarian de donde lo hallasen mejor, y que si les faltò piedra la llevarian de la villa, adonde se entiende tienen algunos edificios desechos, y que si les faltò cal y ladrillo que lo llevarian de Olanda, y esto se deve tener por induvitable en ley de soldados, que professan la milicia, y que son gobernados por un consejo tan vigilante como es el de Olanda. Consideresse aora la gente, que se avrá menester para vencer las dificultades que se deven hallar en echar a viva fuerça quatro mil soldados de un tal sitio fortissimo por naturaleza, y fortalecido por arte con tanta gente, y entanto tiempo con mucha artilleria, armas, moniciones, y bastimentos, y no se les pudiendo vedar el socorro, por manera que la necessidad los pueda obligar a que si rindan, porque el invierno no cõsiente a nuestra armada que en el tiempo que cursa lo defienda, ni aquella tierra le puede suplir las faltas que de fuersa deve tener pretendiendo estar en aquellas partes largo tiempo.

A lo que se deve juntar que tanto que se sintiere en Olanda que en Espanña se arma con poder considerable para el Brasil, que deven embiar a su gente todo el socorro, que les fuere possible, porque quando no faltaron a la Bahia con una tal armada qual la tengo referido, se deve creer en toda la razon de buen govierno, que no faltaran a Pernambuco adonde han metido mucho mas caudal y de donde tienen grandes esperanças.

Considerando yo todas las cosas que asta aqui tengo discursado, por aver muchos annos, que la razon las está mostrando justamente, andando imaginando en el remedio, procurando salvarlo de la impossibilidad a que la Corona y los miserables vassallos estan reduzidos, vine a allar que no puede aver otro tan eficaz, ni tan cierto, ni mas facil como lo deve ser el de la melicia y armada a prin-

sipio desta propuesta referidas, siendo ordenadas una y otra cosa con los tres intentos siguientes.

1.° Siendo Su Magestad servido mandar a Pernambuco poder competente para que eche los enemigos de lo que tienen ganado, y sucediendo la jornada con la felicidad que se puede desear, no ay duda, que despues de venido el tal poder para España, que quedará el Estado del Brasil expuesto a poder los rebeldes bolver a el como lo quedò despues de recuperacion de la Bahia, y se deve creer que lo aran conforme los intentos que tienen mostrado.

Y quando no intentaren estos herejes aquel estado por Pernambuco ni por la Bahia, se podran hazer sennores de las capitanias, que estàn de la Bahia al Sur, y prinsipalmente de los Illeos, Puerto Seguro y Spirito Sancto, que tienen poca gente para les poder resistir, en las quales hallaran dispossicion para plantar muchas cannas, y hazer muchos ingenios, y tendran todas las demas comodidades que tengo referido, con lo que meteràn el Brasil en nuevo aprietto y España en nuevo cuydado.

Y demas se deve considerar que el comercio desta Corona quedarà como a principio referí que lo está ha muchos años sin que se mejore un sola punto: y que el importantissimo comercio de la Mina y Guinea, quedará en mano del enemigo como lo esta passa ya de treinta annos.

En este primero intento propongo la melicia de la tierra y la armada de la mar, porque la melicia quedara haziendo oposicion bastante a quien pretendiere cometer el Estado del Brasil, y la armada siendo ordenados, assi los vaxeles, como su navegacion por la orden que mostrare en su lugar, correrà en el verano aquella costa y conserbara aquel Estado, recuperarà el comercio de la Mina, dara calor a la recuperacion del de Guinea, desinfestará nuestros mares, por manera, que el comercio no pueda recivir ningun danno, y estos son los efectos, que el servicio de Su Magestad la verdadera razon de estado de necessidad forsada estàn pidiendo.

2.° En caso que embiando Su Magestad a Pernambuco el poder referido, y que en su recuperacion allé oposicion tan gallarda, que no pueda concluir la empresa (de que se deven tener muchos rezelos por las razones que tengo mostradas) no puede haver duda de que quedaran los hombres de aquellas partes metidos en desesperacion, y Espanña con la reputacion perdida, y todas las cosas en evidente riesgo. E neste segundo intento la melicia y armada que tengo propuestas quedaràn haziendo oposicion bastante a los enemigos, y trabajando de los echar de lo que tienen usurpado amparando el Brasil, defendiendo el comercio, con lo que todo quedará

seguro sin que pueda tener lugar la desesperacion de aquellas gentes.

3.° No se podiendo efectuar poder bastante para hir recuperar Pernambuco como corre ya por el quinto anño que no se puede meter en orden, y mandando justamente la verdadera razon de Estado, que no se embie sino fuere muy grande y muy seguro porque no se arriesgue, lo que del quedare dependiendo, echando todo a la buelta de un lado: en este tercero intento digo que seran bastantes la milicia y armada de my propuestas, para echar los rebeldes de Pernambuco y del *Brasil*.

La razon es patente, porque defendiendo la tal milicia mezclada con la gente del Brasil la tierra a los enemigos sin que se puedan aprobechar della ni dannarla, y defendiendo la armada el comercio abriendolo a Pernambuco, y a todo lo demas Estado para que aquellas gentes tengan todas las cosas que le fueren necessarias de Europa, y navegen sus asucares sin que puedan recivir daño, serà causa de estos rebeldes se desengañar de su pretension, y que viendo que no se pueden aprovechar de la tierra ni de la mar en cosa alguna, y que sus vaxeles deven ser perseguidos de nuestra armada, en el verano, en toda la costa del Brasil, que larguen lo que poseen, o queriendo insistir obstinadamente que se consuman con las despesas que hizieron sin ningun probecho, y con las incomodidades que tendran dentro de sus presidios, porque la milicia y armada nunca podran faltar si se siguiere la orden que yo en todo diere.

Conforme lo referido, la melicia y armada que tengo propuestas *atienden no solamente a defender* y *conservar* las *conquistas* y el comercio, mas juntamente a recuperar lo perdido con mucha seguridad y sertesa, y assi tengo satisfecho la obgecion.

Siguesse aora que muestre que tales deven ser la melicia y la armada propuestas, quanto a la melicia de la tierra digo, que deven ser dos mil hombres de paga siempre levantados puestos en la parte adonde la necessidad los pidiere: no cuento en este numero los pressidios que ay en aquel Estado, porque esta melicia deve ser extravagante como cossa hallada de nuevo para la conservacion del Brasil.

Entiendo que esta melicia deve ser bastante ayudada de la gente del pais para defender la tierra fundando este parecer en los exemplos de la resistencia que los enemigos hallaron en la Bahia y en Pernambuco que refiero en principio destas advertencias.

Puede haver quien diga que la guerra está tan adelante y que la hazen ya los enemigos con tantas fuerças que se puede dudar si serà bastante el tal numero de gente, respondo, que en el tiempo presente la gente que está en Pernambuco sustenta la guerra aun-

que con trabajo, porque siempre va perdiendo los puestos que el enemigo señorea y no les puede defender algunas entradas en que hazen daño, y que de la tal gente, aunque se deve tener por extraordinaria, no hablo yo, y que los dos mil hombres que señalo deve ser la melicia ordinaria de aquel Estado en guerra y en paz, y que este tiempo en que la guerra está tanto en su punto los deve ayudar a defenderla la gente que en ella assiste porque anssi facilmente tendran refrenados los enemigos, sin que se atrevan a salir de sus presidios que es lo que se deve pretender en el intento que sigo.

Y para se ver con la certesa devida la grandeza que deve tener la armada propuesta para poder ser del efecto que la necessidade precisa de la Monarquia la está pidiendo, fuerça la verdad con que voi tratando materia de tanta grandeza, que lo muestre con mucha clareza, lo que arè rifiriendo mi opinion al sucesso de la armada de Don Antonio Oquendo en el Año de 1631 como mas proximo, y mas natural a mi intento.

Partiò Don Antonio Oquendo de Lisboa para la Bahia de Todos los Sanctos con quinze galeones, de los quales el mayor era La Olista, su Capitana, de nuevecientas toneladas o serca (hablo en todo lo que dixere de toneladas de Portugal) La Capitana de Bartolosa, y la almiranta en que yba ballezilla de ochocientas cada uno o pocas menos, San Buena Ventura de setecientas y los demas de ahy abajò, y con quatro pataxes, todos estos vaxeles llevavan mucha y buena artilleria, y buena gente.

Quando se aprestó esta armada en Lisboa pareciò que no podian tener los Olandeses poder que la igualasse, y assi generalmente se creya: mas el gobierno sin tener respeto a tal opinion ordenò que los puertos se cerrassen, porque no pudiesse hir avisso a Olanda, lo que fue de grande efecto por ser causa de que no embiassen socorro a Pernambuco.

Despues de Don Antonio estar en la Bahia, tuvo el enemigo en Pernambuco nueva de nuestra armada, y de como determinava traer alguna carga de asucares, y la flota que estava en aquel poerto, y hechar socorro de gente en Pernambuco. Tanto que el enemigo tuvo la tal nueva determinando romper nuestra armada, tomar la flota, y desbaratar el socorro, de aquello que tenia en aquellas partes armò treinta y tres vaxeles en que entravan diez y seis galeones de mucha grandeza.

Y por pretender los Olandeses no errar la armada de Don Antonio devidieron la suya en dos partes, y endo con la una en la buelta de la mar, en que havia ocho galeones muy grandes, y ocho vaxeles menores y con la otra en la buelta de la tierra en que avia otros ocho galeones de mucha grandeza y nueve vaxeles de menos

porte, e ivan los enemigos tambien apercebidos que qualquiera de las partes que encontrasse la armada de España determinava embestirla. Partió Don Antonio de la Bahia con su armada trayendo en los galeones della alguna carga, y en su compañia traya mil y trezientos soldados en doze caravelas que era el socorro, que devia dar a Pernambuco, y trahia mas veinte y dos vaxeles redondos y una caravella, que era la flota de los asucares, y todo viene a ser numero de sinquenta y quatro vaxeles.

A pocos dias de navegacion encontró nuestra armada los diez y seis vaxeles del enemigo, que havian hido en la buelta de la mar, que benian determinadamente embestirla. Viendo Don Antonio su determinacion ordenó su armada para los aguardar, poniendola por tal manera, que no pudiessen llegar a la flota ni al socorro sin que primeiro le diesen la batalla.

La capitania enemiga llevando otro galeon mas en su favor abordó nuestra capitana a quien socorrió la Capitana de Bartolosa, qui sola tambien socorrer un pataxe nuestro que forsandolo el viento y el agua a caer en la proa al enemigo a dos o tres cañonazos le echó a pique.

Despues destos quatro galeones aver estado algunas ora peleando con muerte de mucha gente se encendió fuego dentro de la capitana de los rebeldes, y no lo pudiendo apagar con la rebuelta de la refriega, se fue saliendo con el traquete que tenia dado, y se quemó cerca de nuestra armada, y el otro galeon que traxo en su ayuda, viendo que su capitana se quemava sin remedio se fué y se ajuntó con los otros suyos.

En otra parte fué, la almiranta enemiga con otro galeon mas que llevó en su ayuda, pelear con nuestra almiranta, y la hecharon a pique, y estando peleando se encendio fuego en el galeon companhero de la almiranta olandeza, y no lo pudiendo apagar se quemô. Otros galeones enemigos embistieron el galeon San Buena Ventura, y despues de averle muerto todos los hombres particulares que tenia lo rindieron y lo llevaron.

Viendo los Olandeses su capitana y otro galeon mas quemados, y que les quedavan solamente seis galeones efectivos, y que los otros por ser pequeños no era fuerça considerable, y que supuesto que de nuestra armada avian echado a pique la almiranta y un pataxe, y rendido un galeon que aun le quedava cuerpo de vaxeles considerable, y la flota tambien devia hazer grande representacion, y que tenia la gente del socorro de que podia rehazerse de la que le huviessen muerto contentaronse de la mejoria de llevar nuestro galeon y se fueron.

Don Antonio aviendo entendido de los prissioneros, que mandò tomar en el agua adonde se echaron de su capitana por no se quemar, la otra parte de la armada que avia ydo buscarle en la buelta de la tierra, y viendo que si se jutasse con los vaxeles que tenian salido de la refriega constituyrian grande poder a respeto de la armada que el tenia como capitan prudente aunque vido llevar su galeon San Buena Ventura no quisso seguir los enemigos y tratò de dar orden al socorro que tomasse tierra aunque fuesse algo lexos de Pernambuco para que se acudiesse a la conservacion de aquella capitania y de traer la flota y su armada a Espanna. Del sucesso destas dos armadas se deve induvitablemente inferir las cosas siguientes: primera que sino fuera la desgracia del fuego que acaeciò al enemigo, que corriera mucho riesgo ser nuestra armada rompida, porque perdidos los quatro galeones demas fuerça que la armada tenia parece que con los demas avria poca dificultad: y bien se echo de ver en que todos ellos no hizieron efecto considerable, y para averse de perder los tales quatro galeones faltava solamente determinarsse la refriega de la capitana enemiga y del galeon su compañero con nuestra capitana y Bartolosa a quien Dios acudiò con el fuego ensendido en el enemigo, porque de los otros dos ya nuestra almiranta estava echada a pique, y San Buena Ventura rendido.

Segunda se deve considerar que quando la mitad de la armada que los Olandeses tenian en Pernambuco puso en tanto riesgo toda nuestra armada que si la encontraran con toda su armada unida que se deve tener por induvitable que consiguieran su intento.

Tercera, que se deve tener mucha consideracion a las fuerças con que los Olandeses arman en la mar en nuestros tiempos tanto en grandeza de vaxeles como en numero; y quanto a la grandeza se afirma de los que se hallaron en la armada de Don Antonio que con el galeon Olista nuestra capitana ser de nuevecientas toneladas ó serca, que quedava muy inferior a la capitana enemiga y se duda si era igual al galeon que traxo en su ayuda y que los otros galeones que pelearon con nuestra almiranta y con San Buena Ventura les eran muy superiores.

Y quanto al numero ya queda referido que los rebeldes que estan en Pernambuco metieron en la mar contra nuestra armada treinta y tres vaxeles, por lo que induvitablemente se queda mostrando, que quando los enemigos de solo lo que tenian en el Brasil metieron en la necessidad en la mar una tal armada, que si Olanda, tuviera avizo para les mandar socorro, que hallara nuestra armada fuerças mucho mayores.

Quarta echosse dever en esta refriega que galeones con carga queda muy impedidos para sustentar una batalla, y que los vaxeles

pequeños ni con carga ni sin ella son de efecto contra galeones grandes, lo que tambien se tiene visto en otros exemplos que mostrare en otra parte.

De lo referido se saca por conclusion induvitable que la armada de Don Antonio Oquendo por ser limitada estuvo a pique de la romper el enemigo y perder la reputacion de Espanña y dar a los rebeldes sumas grandes decientos de mil ducados en los asucares que les quedarian en las manos, y meter las gentes del Brasil en desesperacion de se defenderen: por lo que de justa razon se deve tener por regla de estado infalible no se confiar la honrra de España, y el remedio del Brasil, y su comercio, de armadas no digo solo tan limitadas como la de Don Antonio Oquendo mas ni aun dos vezes tanto. Y a los que dizem que no tienen los rebeldes en las partes del Brasil de ordinario poder semejante al que pusieron en la mar contra la armada de Don Antonio porque aquel con que se hallaron en aquella ocasion fue un acaso que pocas vezes sucede: respondo que el acaso que en aquella ocasion sucedio no es cierto que dexe de poder suceder otras vezes, y que el consejo de Olanda es vigilante y su tierra aparejada para con facilidad juntar armadas gruesas y que para lo poder hazer demas de lo mucho que sacan de la India, Mina, Guinea, y de lo que roban del comercio del Brasil que son ayudados de los que son poco aficionados al Espanna y que tienen el mar abierto, por lo que siempre se deve temer allar al enemigo con fuerças grandes.

Y la reputacion de nuestro gran Monarqua que Dios guarde muchos annos, y de sus invictas armas obliga, que para sus armadas ser señoras de los mares por donde navegaren como la razon lo pide y la necessidad de la Monarquia obliga sean muy fuertes y tremendas a todos los enemigos que navegaren y con mucha mas razon deve ser la de mi propuesta por aver depender della los grandes efectos que tengo referido.

Y para nuestras armadas deveren ser tremendas se deve tambien considerar la poca firmeza que tienen los potentados del norte en sus amistades, que se echo bien dever en el sucesso del Año de *1625* en que estando Inglatierra en pas con Espanna confirmada con venir el mismo Rei que reinava a la Corte de Madrid, la quebrantò el ingles en un repente, embiando a nuestras costas una tal armada, que se tuvo a particular merced de Dios no tomar los galeones de la plata, y romper las armadas que benian de la recuperacion de la Bahia desparzidas y destrozadas de las borrascas que tuvieron, que si tal sucediera quedara el Rei de Inglatierra muy rico y España puesta en grandes trabajos sin la plata y sin sus armadas: por lo que en lei de toda buena razon de estado, no deven las ar-

madas de Su Magestad navegar, confiadas en pareceres sutiles de aquellos que trabajan ingeniossamente por apocar de boca las fuerças al enemigo, ni en palavra de amistades de los potentados del norte sino en el numero y fortaleza de sus vaxeles artilleria y gente con que andaren armados. Por todas la razones que tengo mostrado digo que la armada de mi propuesta deve ser ordenada en numero de vaxeles grandes y bien armados por manera que quede tan fortalecida, que se pueda tener firme confiança, que no la puedan romper sincoenta vaxeles de Olanda.

Y si huviere quien diga que podran los enemigos armar con mayor poder respondo que de lo infinito no se argumenta, y solo digo que de poder ordinario no podra haver en nuestros mares otro igual a nuestra armada, por lo que en caso que los enemigos armen con poder tan extraordinario, que se pueda temer de nuestra armada resistirle, que en la tal ocasion se podrá pedir a Su Magestad que sea servido mandar le juntar algunos vaxeles, de las esquadras de la Corona de Castilla con lo que quedaran siempre los enemigos inferiores, y que assi sin ser necessario hazerse vaxeles de nuevo sino con lo que se tuviere de ordinario tendrá Su Magestad siempre señoreados nuestros mares que es lo que con mas veras se deve pretender.

A *la propuesta de la melicia y armada referidas* se me puede poner por obgecion dezirsse que para sustentarsse una y otra cossa es necessario una grande despesa, y que las rentas reales de Portugal están reduzidas a punto tan estrecho que ni aun ayudadas de los nuebos tributos la podran hazer con mucha parte, demas que por razon de los tales tibutos (*sic*) tener muy empobresido los vassallos y la pobreza irlos consumiendo se teme que vengan las tales rentas en grande desminuicion, lo que ya se echa de ver en algunas, y que si las rentas reales no son capazes de hazer la tal despeza, que menos la podran ayudar los vassallos, por la miseria en que están puestos, y que assi o devo yo mostrar de donde pueda salir o confessar que mi propuesta no tiene fundamento.

Respondo que anteviendo yo quando intenté esta empresa el aprieto a que la Real Hazienda se iva reduziendo y la miseria extrema en que se ivan poniendo los vassallos a sus passos contados, y que para se sustentar la melicia del Brasil era necessario que se le embiasse cada año ochenta mil ducados la mitad en dineros y la otra mitad empleados en las cosas que valen en aquellas partes para que se les diessen a cuenta de sus pagas al precio de la tierra, porque si faltasse algo que seria poco se les podia satisfazer con una parte de las rentas de aquel estado.

Y que para hazersse la despeza de cada año a la armada con los respetos devidos a la necessidad que della se tiene en el intento

que sigo haziendole la quenta sumariamente sin considerarsse las limitaciones de los regimientos de los almazenes, eran necessarios un millon y quiñientos mil ducados que luego le busque la tal despeza y que fuesse cierta, y no pudiesse faltar, y que fuesse sin opression de las rentas reales y sin tocar en los vassalos.

Lo principal desta despesa, digo que deve salir de un millon duzientos y ochenta mil ducados de un arbitrio mio que ofrezco a Su Magestad y los trezientos mil ducados que faltan para suplimiento de la tal despesa, se deven sacar de cosas que los rebeldes tienen inpedido en mucha parte que tanto que huviere la milicia y armada propuestas puestas en efecto quedaran luego corrientes.

Advierto que los ducados de que trato en toda esta mi propuesta entiendo de moneda portuguesa de a diez reales el ducado.

Despues de poblicar (*sic*) que tenia este arbitrio para offrecer a Su Magestad llegó a mi noticia, que algunas perssonas, o por que les pareció cossa impossible poderse sacar una cantidad tan immensa de un Reino tan limittado y tan miserable como lo esta Portugal, y afirmando yo que ni deve dar opression en la Real Hazienda, ni tocar en los vassallos o por querer desacreditar todo aquello que no es suyo, costumbre pessimo de muchos portugueses de nuestro tiempo y que tiene hecho harto daño, lo tienen persuadido por cosa aeria y sin fundamento, procurando por este medio quitarmelo a mi, y andaren rastreando algunas cossas del para lo hazer suyo, quando no pudiere ser en todo ser en parte y al fin dannarlo.

Contra los tales digo que quando la Monarquia está reduzida a punto tan apretado como a todos es nottorio y en parte se echa bien de ver de lo que tengo escrito y se arbitra su remedio como yo lo hago, que es regla de prudentes dudar de lo que se arbitra asta lo aver apurado, porque deven pensar que lo que ellos no alcançan, lo pueden otros tener sabido.

Y que por lo contrario es inprudencia e inpiedad grande trabajar de inpedir un arbitrio de tanta grandeza, con desacreditarle sin poder dar otra razon del fundamento que tienen para hazerlo mas que dezir, que por su grandeza es inposible.

Y si lo quisieren desacreditar por ser yo el autor, afirmo que asta esta hedad en que tengo entrado en sessenta y seis annos no ay perssona que me viesse mentir ni hazer cossa contra mi reputacion en paz ni en guerras, y que la misma doctrina di a tres hijos que tengo, que la tienen asta este punto guardado, embiando uno a Tanjar servir una encomienda en hedad de diez y nueve años, otro a Malta en hedad de diez y siete adonde asistiò onze, y otro en las armadas, que aora anda en la India serviendo a Su Magestad. Por lo que se deve creer que quando en hedad tan larga traxe tanto la

mira en hazer lo que devia, que no devo querer despues de viejo dar en un tan gran absurdo como lo seria arbitrar quimeras sin fundamento, que me quedaria siendo entre los hombres de grande verguensa.

Y aun digo que mi arbitrio se deve en rigor tener por mucho mayor de lo que le publico porque aviendo de salir del la despesa de la armada propuesta, y proceder de la tal armada y orden de su navegacion, navegarse el comercio de la Corona sin recivir daño y la recuperacion del comercio de la Mina en todo o en la mayor parte, no puede aver duda que del comercio procederá subir las rentas de las aduanas a grandes sumas de mil ducados mas de lo que oy rentan, y que del comercio de la Mina aunque sea en parte se sacaran otras sumas tambien muy grandes, y se deve considerar que todo esto que se aumentare en la Real Hazienda se sacarà a los enemigos de las manos, por lo que si todos los tales efectos se devieran contar, se pudiera pregonar el tal arbitrio por mucho mayor que de dos millones de ducados, mas yo no quento mas de lo que es arbitrio solamente, y los tales efectos los tengo por dependencias suyas. Los dineros de mi arbitrio se deven sacar de algunos medios infalibles y faciles de executarse, mas de tal naturaleza, que si las reglas por donde fueren compuestos en algos e quebrantaren quedará la materia desvanecida.

Uno de los tales medios es la carga de los asucares que una parte de los vaxeles de la armada propuesta deven traer lo que declarando yo por pedirmelo un ministro, luego se me puso la obgecion siguiente.

Dizem que los fletes no es cosa nueva ni por mi inbentada, por ser patente que los vaxeles de particulares que van al Brasil los ganan, y que assy los podran ganar los vaxeles de las armadas de Su Magestad que allà fueren.

Y que muchos anños ha que se puso en platica hazersse una armada para navegar el comercio del Brasil y sustentarse su despesa con los fletes, consulado, y palo de tintas, y que aun no faltavan personas, que deseavan bolverlo a tratar, por lo que ni los fletes ni la armada se podian llamar arbitrio mio.

Respondo: que aunque la obgecion en la aparensia muestre ser verdadera que es engañossa y mal entendida porque ganar los fletes del Brasil las armadas de Su Magestad no es cosa facil y tiene grandes dificultades aviendo de se guardar la orden que connviene a la seguridad del comercio y a la de las mismas armadas: y porque el parecer de los que tuvieren la obgecion por buena, no causse en algun tiempo danños irreparables respondere a ella largamente por la materia y el servicio de Su Magestad en que ella và fundada anssi lo pedir.

En tiempo que el Serenissimo Señor Archeduque (3) que esta en el cielo governava Portugal se hizo una junta por mandado de la Magestad Catholica del senñor Rey don Phelippe el primero que está en el cielo, en la qual entraron los mejores capitanes de mar portugueses que en aquel tiempo havia, y se tomaron pareceres de otras perssonas diestras en la materia que se tratava.

Propusosse en esta junta el medio que prodria haver para se ordenar que se tuviesse siempre levantada una armada bastante a defender el Brasil y su comercio si huviesse enemigos que lo intentassen, y defendiesse el comercio de la Mina, y desinfestasse nuestros mares, y que se hiziesse su despesa ordinaria con los fletes de los asucares renta del consulado y palo de tintas.

Propusosse mas en esta junta si era cosa que combiniesse ayudarse la tal armada de vaxeles del norte de amigos y vassallos, y que sirviessen por el interes del flete que devian ganar.

En lo que tocava a vaxeles de estrangeros se considerò que ni los vassallos de aquellas partes ni las amistades de los que no lo eran se devian tener por tan firmes tanto que se tuviesse guerra con aquellas gentes que se pudiesse hazer confiança verdadera de su lealtad, y que no se podiendo recelar guerras en el Brasil ni en la Mina con otras naciones mas que con las del norte, que seria malissima razon de Estado meterse vaxeles de aquellas partes en aquel comercio. Considerosse mas que siempre fue vedado en tiempo de los Serenissimos Señores Reyes predecessores de las Catholicas Magestades dejar ir estrangeros a las conquistas del Cabo de Buena Esperança azia nuestra parte, y que quando aquellos Serenissimos Señores Reyes que estan en el cielo siendo perfectos maestros de la verdadera razon de Estado, como bien lo mostraron en lo mucho que en sancharon su Monarquia, y en tenerla bien defendida y conservada, hallaron que combenia observarsse el tal estilo que no se podia dudar ser justa cosa reprovarsse en todo la propuesta como se reprovó, porque si fuessen admitidos vaxeles de el norte al comercio del Brasil faltando de lealtad caussarian danños grandissimos.

Despues con el tiempo adelante, mostrò la experiencia con quanta razon se tuvo por estilo en tiempo de aquellos serenissimos señores Reyes que están en el cielo no dexar ir estrangerôs a las tales conquistas, y ser bien acertada la consideracion que tuvo la Junta en reprovar la propuesta, porque tanto que se pervertio el estilo referido fue causa de que un hermano de Juan Baptista Revelasco con la ocasion de haver metido la mano en el comercio de la

(3) Trata-se do Vice-Rei, Cardeal Alberto, Arquiduque da Áustria, nomeado em 1583. (*J. H. R.*)

Mina que su hermano tenia contratado se huyesse a Olanda, y se afirma que el fué causa de los rebeldes aver usurpado aquel comercio.

Y tambien el averse pervertido el tal estilo fue la verdadera causa de los danños que en el Brasil se tienen padecido y de estar expuesto a suceder otros mayores porque un olandes, que vivio algunos años en el Brasil hyendosse a su tierra persuadiò al Consejo de Olanda aquella conquista, presentandole en la villa de la Haya una propuesta, en que probava los grandes provechos que della vendrian a los Estados, y los grandes daños que vendrian a Espanna. Y viniendo a los otros puntos de la propuesta la primera consideracion que se tuvo fue que del Brasil salian todos los años de un millon y duzientas mil arrobas de asucar arriba, mucho palo de tintas, y otras cosas, y que este comercio de un año puesto en Inglatierra, que era el potentado con quien en aquel tiempo se tenia guerra, valdria mucho mas de sinco millones de ducados, que era cantidad bastante para encender la condicia de aquella Reina, o la de qualquiera otro potentado de aquellas partes, que tuviesse poder para que solo o con liga armar sobre este comercio y sobre la armada que lo navegasse, y que si sucediesse tomarlo perderia mucha reputacion España, y los enemigos ahorrarian la despesa, y les sobrarian muchos cientos de mil ducados para continuar la guerra intentando otras cosas en daño de la Monarquia (4).

A esta consideracion se siguió hazerse quenta de los fletes que la armada podria ganar con respeto de que para poder tener nombre de armada de que justamente pudiessen esperarse los efectos propuestos mucha parte della no devia traer carga, porque si todos los vaxeles viniessen cargados, antes se podria reputar por flota mercantil que por armada real, la razon es, porque encontrando enemigos sin carga que fuessen demandar la armada que traxesse todos los vaxeles cargados los podrian a cañonazos hir desaparejando, y echandolos a pique, o los obligarian a que se rindiessen. Y que los vaxeles que viniessen cargados devia la carga ser tan moderada que a sombra de los otros galeones que viniessen dispoestos a pelear pudiessen hazer la resistencia devida, y juntando

---

(4) Pelo conteúdo da proposta deve tratar-se da obra de Jan Andries Moerbeeck, a que nos referimos na nota 1ª da *Recuperacion del Brasil*. Moerbeeck não estêve no Brasil. A correspondência de D. Diogo de Meneses ao rei, da Bahia, 22 de abril de 1609, registra o flamengo Manuel Vandale detido na Bahia e que depois se evadiu. Registra também o flamengo François du Chesne ou Ducks capturado no Rio de Janeiro, detido na Bahia de onde se evadiu voltando como um dos capitães das fôrças holandesas que atacaram a Bahia. Êle assinou o têrmo de capitulação de 30 de Abril de 1625. Nenhum dêles nada escreveu, ao que se sabe. Assim deve o Autor referir-se a Moerbeeck, que, por engano, julga ter estado no Brasil. Cf. Varnhagen, História Geral do Brasil. 3ª ed. 2 vol., p. 201/202, nota 94 e Frei Vicente do Salvador, História do Brasil, 3ª ed., p. 492, 551, 583 e 584. (*J. H. R.*)

los fletes que la armada en la orden referida podria ganar las rentas del consulado y palo de tintas, se halló que no era cantidad bastante que pudiesse sustentar una tal armada, que un caso semejante al imaginado pudiesse defender asi y el comercio que traxesse debajo de su guardia.

Considerosse mas la dificultad que avia para vaxeles grandes tomar la carga en tanta distancia de leguas en que ella cae y los pocos poertos que avia capaces dellos la limitacion de las moniciones para se poder correr todos los años la costa del Brasil la diversidad de la navegacion que havia, para la misma armada poder defender el comercio de la Mina, y el tiempo que se avria menester para desinfestar nuestros mares, las quales dificultades aunque en aquel tiempo se trabajó mucho en ellas no se halló medio de poder ser vencidas en la orden que refiero, que fueron todas ellas consideradas.

Por lo que se vino a concluir, que pues que el Brasil no avia asta aquel tiempo enemigos que lo intentassen, porque los Franceses ya se havian echado del; y en el comercio de la Mina no avia de quien se pudiessen tener recelos, y que todos los comercios navegavan libres sin haver quien los ofendiesse asta llegar a las Islas Terceras, y que no avia otros enemigos que saliessen a nuestros mares con poder considerable, mas que los ingleses, y que ni ellos salian con el tal poder todos los años: que era bastante hazerse una armada cada año que fuesse a aguardar los tales comercios a las tales islas para los traer defendidos de los piratas, a la qual se podria hazer la despeza con una cantidad de dineros moderada, y que este era el mismo estilo, que se siguió en tiempo de los Serenissimos Señores Reyes predecessores de las Catholicas Magestades.

Y que quando Inglatierra o los otros potentados del Norte armassen con poder grande que se pediria socorro a las armadas de la Corona de Castilla, y esta orden se guardó algunos annos, ayudandosse una Corona a la otra lo que era bastante en aquel tiempo por las razones que quedan mostradas.

Del tiempo que se hizo la junta a esta parte se alteraron mucho las cossas, que en ella fueron consideradas, y aunque conste de la tal alteracion de lo que a principio referi fuersame el intento que voi siguiendo, que la buelva a repitir para que vaya todo ordenado con mas clareza.

El comercio de la Mina lo urusparon los rebeldes ha mas de treinta annos sin les costar golpe de espada, y lo defienden ya como cosa suya: el comercio del Brasil que es el mayor que tiene el mundo lo roban estos herejes con sus vaxeles al entrar, y al salir de aquella costa, y por el camino de manera que es poco lo que se les và de las manos.

Y no contentos de robar riquezas tan immensas tienen intentado la conquista de aquel Estado en que tienen ya ganado el puerto de Pernambuco con la villa de Olinda el de Nazare, el puerto, y la isla de Itamaraca, el castillo del Rio Grande, y de ordinario van buscando medios de facilitar su conquista.

Asta el tiempo que se hizo la junta referida no avian nunca salido a nuestros mares en vaxeles de alto bordo, turcos, ni moros, y en nuestros tiempos salen a ellos en grande copia, y assi los tales piratas como los de Olanda roban todo el comercio, que a ellos llega infestando los mares de la Isla de la Madera sin dexar en ellos cosa libre, y lo mismo en los de las Terceras, y en los de la costa de Portugal del principio asta el fin della.

Los Olandeses asta el tiempo referido no salian a nuestros mares con armadas de que se hiziesse consideracion para poder ser temidas, y en nuestros tiempos por razon de se aver enriquezido con lo que tienen quitado a la Corona de Portugal, y con lo que roban de su comercio navegan ya con armadas poderosas como lo iré mostrando.

En el Año de *1624* hizieron la empresa de la ciudad del Salvador de la Bahia de Todos los Sanctos con una armada de veinte y seis naves gruessas, que tenian a nuevecientas ochocientas, y setecientas toneladas y con dos pataxes mas.

En el Año de *1625* llegó una armada en socorro de aquella plaça de treinta y quatro baxeles, y tal que reconociendo las armadas de las Coronas de Portugal y Castilla en aquel puerto, pretendió a su despecho socorrer la plaza, de lo que no desistió hasta reconoçer que estava rendida como ya lo tengo referido.

En el Año de *1628* embiaron a Indias una poderossa armada, que tomó a la flota de Nueva España.

En el Año de *1630* hizieron la empresa del puerto de Pernambuco y de la villa de Olinda cabeça de aquella capitania, con una armada en que avia sinquenta y sinco naves y doze pataxes.

En el Anno de *1631* armaron estos rebeldes contra la armada que llevó Don Antonio Oquendo, de solo aquello que tenian en el Brasil treinta y tres vaxeles, entre los quales avia diez y seis galeones de mucha grandeza, lo que ya mostrè bastantemente, y si Olanda tuviera avizo de la armada de Don Antonio, no puede haver duda de que mandará socorro bastante a se constituir poder grande.

Y assi se viene a concluir por todas las razones referidas, que no tiene ya lugar lo que determinó la junta y que la armada que imagina la obgecion no puede ser del éfecto que la necessidad de la Monarquia está pidiendo, y que toda la razon devida obliga que sea Su Magestad servido mandar poner en efecto la armada de mi propuesta, porque solamente della se podran esperar los efectos del

remedio de las conquistas, y del comercio, y de las que fueren de menos fortaleza, se deven siempre temer desgracias grandes. A todo lo que asta qui tengo referido se sigue que muestre las dificultades, que la junta considerò, las quales de necessidad, las deve salvar la armada, que pretendiere ganar los fletes de los asucares, y dar el justo remedio que pide el estado presente de la Monarquia, las quales dificultades se deve tener por cosa sin duda, que no passaron por la imaginacion a quien pusso la obgecion cayendo toda la tal obgecion dentro de las tales dificultades.

Y es trabajo grande que tienen los que escriven materias semejantes a esta mia, porque se sugetan mostrar lo que proponen con razones infalibles y exemplos induvitables y dar satisfacion a lás obgeciones, que le fueren puestas aunque sean tan fuera de camino como lo es esta.

Las dificultades referidas las mostraré por algunas propuestas, y preguntas de que guardaré la declaracion para quando mostrare el arbitrio en lo que toca a esta parte de lo que tengo tratado, y para las tales propuestas ser mejor compreendidas traere primero algunas advertencias, que es fuerça se tengan en la memoria.

1.ª La tierra del Estado del Brasil está situada norte y sur, y supuesto que la costa se vá metiendo a varios vientos, no queda siendo considerable en este mi intento.

2.ª El invierno entrà en aquella costa por el principio de Abril y sale por fin de Agosto, en que siempre los vientos que cursan son suestes, y susuestes y les suestes, y muchas vezes con borrascas, y corre el agua como una saeta a la parte del norte por manera que el vaxel que largare el puerto en que estuviere le será impossible bolver a ferrarlo si no fuere con navegacion de largo tiempo, no trato de embarcaciones ligeras, que siempre tienen lugar, quando no hay borrascas, aunque con trabajo.

El verano entra por principio de Setiembre y sale por fin de Março en que siempre ventan nordestes, y lesnordestes, y corren las aguas al sur aunque blandamente, mas por manera que el vaxel que hiziere un dia de camino azia la parte del sur avrá menester para lo bolver a cobrar sinco seis y aun mas dias.

3.ª Las plazas en que se labran los asucares y se tiene el comercio caen todas en las trezientas y quarenta legoas de costa que ay de la Paraiba a San Vicente y es la parte mas infestada de los enemigos.

4.ª Del Estado del Brasil salian antes destas guerras todos los annos de un millon y dozientas mil arrobas de asucar ariba. Prueva desto es que en Lisboa entravan en unos años por otros

treinta y dos mil y quinientas caxas, lo que se puede ver de los livros de la descarga de la Alfandega en los Años de *1619*. *1620* esto es lo manifesto destas caxas, aunque se diga que algunas trahian a diez y seis arrobas eran pocas porque las demas trahian de veinte arriba, lo que es nottorio, y tomandosse por medio para llevar la quenta cierta poner unas por otras a diez y ocho que son tres caxas por tonelada suman quinientas y ocheinta y cinco mil arrobas, mas en efecto eran muchas mas.

De Lisboa hasta Viana entravan casi otras tantas caxas, en la Isla de la Madera entrava tanta copia que se afirma de quien se halló en ella el Año de *1627* que vió tomar a los piratas en el tal año diez y siete vaxeles cargados de asucar que hivan a descargar en aquella isla, y demas se salvaron otros muchos.

En las Terceras entrava otra suma grandissima de asucares, y assi teniendosse consideracion de lo referido y a lo que los piratas robavan en varias partes por venir las embarcaciones desarmadas, se puede afirmar por evidencia induvitable que no solo salian de aquel Estado el millon y doscientas mil arrobas de açucar referida sino muy mayor cantidad.

5.ª A los hombres del Estado del Brasil no se les pueden poner tributos mas de los que tienen, ni echarles fintas la razones, tenerlos estas guerras y los robos que les hazen en la mar muy empobrezidos, por lo que a poca carga que les pongan los enprobrezeran de manera que faltaran mucho en la labor de los asucares, lo que será grande perdida de las rentas reales de las aduanas y faltaran los fletes a la armada, que es uno de los medios en que deve estribar su conservacion.

6.ª Lo comun que de algunos annos a esta parte corré los asucares es a quarenta y cinco ducados de flete y avarias por tonelada, y aun que algunos vienen a menos otros vienen tambien a más, y todos traen gran riesgo, porque de ordinario roban los piratas la mayor parte, y aquellos que los quieren segurar les llevan por el seguro pago luego de veinte por ciento arriba, y con las falencias que tienen los seguradores.

Y si Su Magestad fuere servido mandar meter en efecto la armada de mi propuesta, vendran libres de poder ser robados los asucares que en ella se navegaren, y no les será necessario a los dueños pagar seguros, por lo que se podran firmar en la tal armada los fletes, y avarias a quarenta y cinco ducados por tonelada lo que será igualmente justo a la armada, porque ayudarà mucho su despesa, y a las partes porque conforme las razones referidas les será de grande beneficio.

7.ª Los fletes del Brasil no es possible que los puedan ganar todos las armadas de Su Magestad porque de necessidad forsada se deve tambien dar parte a los vaxeles de particulares, que alla fueren; la razon es porque en aquel Estado son necessarias muchas cosas, que no las poeden las armadas hir a buscar a las partes donde las ay para llevarla, que son negros para los ingenios, y partidos de cañas, vinos de las Canarias e Isla de la Madera, harinas de las Terceras, y lo que embia entre Douro y Miño, y los vaxeles de particulares que se ocupan en las tales cosas es solo por el interes del flete de los asucares que deven traer, que es lo que les vale mucho, que la ganancia de lo demas es poco considerable, por lo que sino tuvieren los tales fletes faltarán las tales cosas en el Brasil, sin las quales no se puede passar en aquellas partes. Entendidas las advertencias referidas relatare las propuestas y preguntas que son las siguientes.

1.ª Proponesse que conforme las razones asta aqui descursadas, que por evidencia induvitable se deven tener por infalibles deve ser la armada de mi propuesta de tanta fortaleza que pueda esperarse della firmemente la recuperacion de lo que asta lo pressente se tiene perdido en el Brasil, la defension perpetua de aquel Estado, la recuperacion del comercio de la Mina, la defension de todos los comercios, que de nuestras conquistas se navegaren sin que pueda haver poder del enemigo que le pueda impedir ninguno de los tales efectos.

Para nuestra armada haver de ser compoesta con los respetos que se tienen propoesto de fuersa deven ser sus vaxeles grandes y bien armados, porque ya tengo mostrado la ventaja que hazen los vaxeles grandes a los que son menores, y aun bolveré a mostrar con mas clareza, y provado con exemplos patentes al tiempo que declarare el arbitrio: y que assi deve traer cantidad bastante de vaxeles sin carga alguna, dispoestos a tomar la batalla si el enemigo la pidiere, y que pueden entrar en ella con esperança de la victoria.

Y que los vaxeles que traxeren carga sea ella tan moderada, que no les puede inpedir hazer justa resistencia a la sombra de los que no la traxeren.

E nesta conformidad deve traer la armada popuesta (*sic*) sin carga alguna sinco galeones de a mil toneladas cada uno, y a sincoenta piesas de artilleria: Mas quatro galeones tambien sin carga que ninguno baxe de ochocientas toneladas, y a quarenta piesas, todas las toneladas de que trato en esta propuesta la sentiendo de las de Portugal.

La razon destos galeones de a mil toneladas aver de ser cinco lo mostraré al tiempo que mostrare el arbitrio, y la que hay para

haver de venir una tal cantidad de galeones, y de tanta grandeza sin carga, digo que en efeto los tales galeones son solamente nueve, y que los rebeldes metieron en la mar, contra Don Antonio Oquendo, una armada de treinta y tres vaxeles, en que avia diez y seis galeones de tanta grandeza como los nueve que senñalo, lo que tengo mostrado, y que si Olanda tuviera aviso para embiar socorro a los suyos que fuera la armada enemiga mucho mayor.

Y que conforme a este exemplo no se deve tener por demasiado este cuerpo de vaxeles que senñalo para venir en guardia de los que vinieren cargados y de la flota y si la despesa que tengo hallado pudiera componer mayor armada aun la propusiera mayor, porque demas de se haver de entender que el respeto de las fuersas con que los Olandeses arman assi lo pide, que considero que las amistades de Francia y de Inglatierra, no son tan firmes, que se pueda hazer dellas confiança verdadera.

Deve aver mas en nuestra armada ocho pataxes que deve navegar tambien sin carga: No paresca que me contradigo en sennalar aqui vaxeles pequennos, que no lo hago por que entienda que puedan fortalezer la armada, sinó porque deven ser necessarios en la costa del Brasil, y en la de la Mina para dar alcances, y sacar las embarcaciones del enemigo que hallaren metidas en la marina: y para, quando la armada viniera nevagando con la flota debajo de su guardia, dar alcances a los piratas, que muchas vezes siguen las armadas para hazer presa en algun vaxel mercantil si sucede alargarse de la conserva.

Para armar estos diez y siete vaxeles son necessarios mas de quatro mil y quinientos hombres de guerra y mar, y por este cuerpo de armada no haver de ganar cosa alguna, y haver de estar siempre llevantado tiene necessidad de una gran despesa.

Los vaxeles de nuestra armada que deven traer carga no deve baxar ninguno de ochocientas toneladas, y deven traer a quarenta piesas de artilleria, y supuesto que despues de cargados no puedan jugar toda puede haver ocasion antes de la carga en que sea necessaria. Ni deve parecer demassiada la tal copia de artilleria a quien considerare la mucha que los Olandeses traen en nuestros tiempos, y a la que de ordinario se vè en el poerto de Lisboa en los vaxeles mercantiles que vienen y van, cargados de las mercadorias que traginan, y no teniendo otros enemigos mas que los Turcos y Moros, que salen a robar, y que nuestros vaxeles son galeones reales, y que tienen por enemigos declarados Turcos, Moros, Olandeses, y todas las naciones del Norte por amigos poco fieles.

En la conformidad referida el vaxel que tuviese ochocientas toneladas en su medida no deve traer de carga mas de quinientas y veinte y cinco toneladas mercantiles, y por razon de la tal carga, no

podra ganar al precio de los quarenta y cinco ducados referidos de flete y avarias, mas de veinte y tres mil seiscientos y veinte y cinco ducados.

Y avra menester para su despesa mas de quarenta mil ducados, respetandosse que deve traer de trezientos y veinte hombres de guerra y mar ariba, y siempre llevantados, las querenas, las xarceas, las maromas, y el respeto de quando envexeciere hazerse otro galeon de nuevo con lo que ganarán poco mas de media despesa. Pregunto, quantos vaxeles de carga deve haver en esta armada, lo que ganarán entre todos, lo que faltará para la copia del millon dozientos y ochenta mil ducados de mi arbitrio, y de donde se podrá sacar la tal falta sin que se toque en cosa alguna de la Real Hazienda ni en los vassallos, porque el tal millon docientos y ochenta mil ducados deve ser el fundamento en que estribe la tal despesa, y anssi se deven juntar los vajeles que yo senñalo para venir sin carga a los vaxeles que deven venir con ella, y dezirse quanta podra ser la despesa de la tal armada teniendosse siempre llevantada y con respeto de ser tan poderossa qual la tengo mostrado que la pide la necessidad de la Corona, y por esta orden se deve dar satisfacion a la tal propuesta.

2.ª Proponesse que para nuestra armada navegar con mas respeto que se deve buscar medio para que los vaxeles de particulares que fueren en la flota sean grandes y naveguen lo mejor armados, que el respeto de ser mercantiles les puede conceder.

Pregunto que medio podrá ser este que deva obligar al tal respetto, advertiendo que con los dueños de los tales vaxeles no se deve usar ninguna fuersa, que los obligue a mas de aquello que fuere su voluntad.

3.ª La armada propuesta para se haver de conformar en sus efectos con la necessidad que della tiene la Monarquia, para que se pueda esperar della la recuperacion de lo perdido, y la conservacion de todo lo demas, y la desinfestacion de nuestros mares, como lo tengo propuesto deve salir todos los annos de Lisboa con tres intentos.

Primero: correr las trezientas y quarenta legoas de costa que hay de la Paraiba a S. Vicente, procurando tomar o echar a pique todos los vaxeles de enemigos que hallare: abrir el comercio a Pernambuco, y a todo lo demas del Estado del Brasil, por manera que aquellas gentes tengan todo lo que les fuere necessario de Europa, y que navegue en si y en la flota que deve llevar y traer en su guardia todos los asucares, y las demas cosas que huviese.

Segundo: una parte de la armada que fuere bastante seguramente deve correr todos los annos la costa de la Mina procurando

romper los enemigos, que hallare y proveer nuestro castillo de San George de todo lo necessario y dar el calor possible a nuestro comercio y trabajar por impedir el que tienen los rebeldes.

Tercero: deve hallarse toda la armada unida en las Terceras en cada año, para alli recoger las naves de la India, y las demas embarcaciones de las conquistas y traer todo defendido a Lisboa.

Pregunto: en que tiempo deve partir nuestra armada para que pueda hazer los tales efectos, advirtiendo que se le deve dar de dos a tres meses de tiempo para se adrezar de querenas, y de todo lo demas que le fuere necessario.

Quoarto proponesse: que en la capitania de la Paraiba se labran en cada anno mas de cien mil arrobas de asucar, en cuyo poerto no es possible poder entrar los vaxeles de nuestra armada por razon de su grandeza.

Y que en el destrito de la capitania de Itamaraca se labran mas de sessenta mil arrobas, cuyo poerto tienen los enemigos, y aunque estuviera livre y sea capas de vaxeles grandes, es incapas para los de nuestra armada por algunos impedimentos que tiene su entrada que no pueden passar vaxeles grandes, que tuvieren quilla. En la capitania de Pernambuco se labran todos los años mas de quinientas mil arrobas de asucar, el poerto de Pernambuco lo tienen los rebeldes en la mano, y assi tienen el de Nazare en el cabo de Sancto Agustin, y ni que estos poertos estuvieran libres son capazes de vaxeles grandes, y en toda la tal capitania no hai que merezca nombre de porte mas que Tamandare ocho legoas a la parte del sur del cabo referido, que aunque por la sonda que se le tiene echo es capas de vaxeles grandes no tiene aun sido platicado dellos.

Conforme la quenta referida es la carga de los asucares destas tres capitanias de setencientas mil arrobas y muchas perssonas platicas de aquellas partes las ponen en mas, que reduzidas a caxas de diez y ocho arrobas hazen suma de treinta y ocho mil ochocientas y ochenta y ocho caxas, y aun sobran diez y seis arrobas, y en las tales tres capitanias se sacava la mayor cantidad de palo de tinta y lo mejor.

Despues de passada la capitania de Pernambuco en el rio de San Francisco, no hay carga de consideracion, y en Sergipe del Rei aunque haya asucares son pocos, y tambien en estas dos partes no hay poerto de consideracion alguna.

En la Bahia de Todos los Sanctos y en Sergipe que llaman del Conde se afirma que se labran serca de quoatro cientas mil arrobas de asucar; y assi queda mostrado e nesta orden, que en las ciento y veinte legoas de costa que hai de la Paraiba a la Bahia de Todos los Sanctos no hay otro poerto para vaxeles grandes quales deven

ser los de las armadas, que fueren al Brasil, mas que el de la misma Bahia y el de Tamandare (5) que queda referido, y que en las tales ciento y beinte legoas se labran mas de un millon de arrobas de asucar, y se saca quassi todo el palo de tintas que se trae.

De la Bahia al sur en distancia de duzientas y veinte legoas pocas mas o menos caen las otras cinco capitanias que hay en el Estado del Brasil, en las quatro primeras que son Illeos, Puerto Seguro, Espirito Santo y Rio de Janero se labran los demas asucares que hay en aquel Estado, y aunque en la capitania de San Vicente que es la ultima no se labren asucares, es fuersa que quando corriere la costa la armada llegue a ella por dar calor a las minas de oro, que tiene aquella capitania y trabajar de favorecer los medios que se puedan allar para la Real Hazienda poder tener probecho dellas.

Pregunto. Que siendo la carga de los asucares de las tres capitanias primeras de grandeza tan imensa como la tengo mostrado a lo que tambien haze que se considere mayor, el palo de tintas que se deve traer, y estando las fuerças de los rebeldes en las tales partes tanto en la tierra como en la mar, que medio puede haver para se tomar la tal carga, y dar la que se deve llevar de Europa, y por manera que no se dé opresion a los dueños de los asucares, ni a otra persona alguna, y sin que sea necessario hecharse los enemigos de ninguna de las fuerças que tienen.

Y assi como se deve tomar la mas carga en tanta distancia de costa, y enquanto tiempo, a esta pregunta para que quede satisfecha se le deve dar satisfacion mucho por menor, midiendo todo por los dias en que en cada una de las partes se deven despender en tomar la carga, y por los necessarios a la navegacion, y por las monciones haziendo las cuentas muy exsatas, mostrando, que por la tal orden no podrá faltar tiempo a la armada para poder hazer los efectos propoestos.

5.ª Proponesse que los hombres del Brasil están mui faltos por causa de lo mucho que los enemigos les tienen robado en la mar, y de las incomodidades de la guerra, que haze que no tengan plazas en que naveguen sus asucares, y de que allá tengan poca valia con lo que no les llegan cabalmente sus cosechas a que se puedan sustentar, y a comprar las cosas necessarias a sus fabricas, por lo que todos buscaron medios de acomodarsse a lo que cada uno puede llegar, y assi se labran en lo presente menos asucares de los que se labravan antes destas guerras.

Esta desminuicion es en grande detrimento de las rentas reales del Brasil y de las aduanas del Reino y de los fletes, tanto de

(5) No texto se encontra Tamarandare.

los que deve navegar la armada como de los de particulares por lo que de necessidad forsada deve trabajarse porque buelva todo a la grandeza que dantes tenia.

Para tener efecto y bolver se a reazer todo es inpossible obligar los hombres por fuerça, porque la fuerça no tiene poder contra la inpossibilidad, y asi de necessidad deve Su Magestad ser servido hazer àquellas gentes alguna merced que sea bastante a dar les facultad para poder reazer todo a la mayor grandeza que tuvo antes de estas guerras.

Pregunto, que merced deve ser esta que sea poderossa a dar facultad àquellas gentes, para que buelvan a reazer todo al estado que se propone para que en el Brasil buelva a haver la cantidad de asucares que de antes havia, y que en el aprieto en que en el tiempo presente estàn todas las cosas la pueda a Su Magestad conceder con facilidad.

6.ª Bolviendo a labrarse en el Estado del Brasil la cantidad del millon y dozientas mil arrobas de asucar que de antes se labrava, que es de lo que se deve tener grande cuidado para que florezca el comercio, y las rentas reales vayan en mucho aumento, y haya fletes para la armada y para la flota de los particulares.

Pregunto que siendo la tal carga de la cantidad referida y la del palo de tintas de mas de diez mil quintales quanto deve tocar a mar, y de las incomodidades de la guerra, que haze que no tengan la armada para que ayude su despesa, y quanto a los vaxeles de la flota para que queden contentos, y no puedan faltar al Brasil las cosas que le deve llevar.

Tengo dicho que guardo la declaracion destas propuestas y preguntas para quando mostrare el arbitrio, en que mostraré los medios por donde deven ser venzidas en que consiste la fuerça de mi propuesta, y fui tan largo en la respuesta desta obgecion para que se vea la facilidad con que ponen las que imaginan, aunque sea sin fundamento aquellos que pretenden desbaratar lo que no es suyo, sin respetar en el daño, que hazen a la Monarquia y desservicio a Su Magestad.

La ultima obgecion, que se me tiene puesto es dezirse que aunque se pueda conceder, que mi arbitrio sea verdadero que no tiene fundamento porque para poder tener efecto de necessidad se deve hazer primero la armada de mi propuesta, a lo que se sigue, que devo yo mostrar de donde se pueda sacar la primera despesa, con que se haga, y que pues no lo muestro que queda el arbitrio siendo aerio.

Y que la armada de mi propuesta es tal que no supe el tiempo presente su grandeza a respeto de no haver de donde se saquen los

dineros que de necessidad se deven despender en la ordenar, por lo que el remedio del Brasil se deve fundar en se le dar socorros y navegar sus asucares, para lo que deven bastar armadas mucho menores asta que haya con que se pueda ordenar un poder grande con que se echen los rebeldes de lo que tuvieren ganado.

Esta obgecion por ser fuera de toda la razon devida pudiera pasar sin respuesta, mas porque no haya cosa quede sin satisfacion la daré bastante, y por ser la obgecion divedida en dos partes dividiré tambien la respuesta satisfaziendo cada una de por si. A la primera parte respondo que los grandes arbitrios no es possible salir del entendimiento echos, porque siempre la primera forma se la deven dar los Reyes como dueños y senores de todo y de quien siempre deven depender, y que basta para satisfacion de quien los da mostrar patente la grandeza que dellos se deve esperar.

Doy por exemplo el arbitrio que se dio a la Magestad Catholica del Rey Nuestro Señor que Dios guarde muchos annos, de la Companñia de Comercios de la India Oriental, que siendo todo fundado en aquello que tenia la Real Hazienda, y entrava en ella todos los años sin se arbitrar de nuevo cosa alguna, y solamente por se dezir, que aquel medio arbitrado era de mejor administracion le mandó Su Magestad dar de su Real Hazienda cantidad muy grande de mil ducados, naves, artilleria, moniciones y otras cosas.

Y este mi arbitrio conforme lo refiero en esta propuesta sin tener fundamento en cosa alguna, que entrasse nunca en la Real Hazienda importa en un millon dozientos y ochenta mil ducados cada año, que deve ser el fundamento con que Su Magestad deve senñorear nuestros mares, que es la cosa que mas importa a la Monarquia de Espanna. Muestra los medios de se recuperar Pernambuco, deffenderse y conservarse el Brazil recuperarse el comercio de la Mina, desinfestarse nuestros mares, con que los comercios naveguen siguros, grande aumento en las rentas reales, grande desminuicion en el poder de los rebeldes, pues que todo lo que se aumentare a nuestra parte se les saca a ellos de las manos.

Y si solamente la razon de se dezir que por la orden de la Compannia quedaria el comercio de la India en mejor administracion fue causa de Su Magestad ser servido de la mandar ordenar con tanta despesa de su Real Hazienda, no puede aver duda que obliga mucho mas sin comparacion alguna a Su Magestad, por lo que toca a su Real servicio, y a la conservacion de su Monarquia, el arbitrio de mi propuesta.

A la segunda parte de la obgecion, respondo que la recuperacion de Pernambuco, y defension del Estado del Brasil es tan importante a la Monarquia de España como lo tengo mostrado en esta

propuesta, y que por el apretrado punto en que està puesto como es nottorio deve esta materia justamente ser la que con mas veras se haya de tratar en los consejos de Su Magestad.

Y en los tales consejos se deve condenar por hyerro notable la opinion que dize, que es grande la armada de mi propuesta, porque antes se deve tener por menor de lo que la pide justamente la razon.

Esta verdad la verá clarissimamente quien considerare lo que ya tengo referido, que fuerça el servicio de Su Magestad se buelva a repetir una y muchas vezes, y es que para guardia de nuestros vaxelès que traxeré carga, y àssi para guardia de la flota, propongo solamente nueve galeones, en los quales deve consistir la fuerça de la armàda, porque de los vaxeles cargados no se puede hazer quenta, mas que para una ordinaria defension de si mismos, y aun siendo favorecidos de los vaxeles que vinieren sin carga; ni de los pataxes se puede hazer caso fuera de los casos para que los tengo propuesto, y todo tengo ya mostrado con razones patentes.

Y considerandosse que los rebeldes de solo aquello que tenian en el Brasil como ya lo tengo dicho armaron en el Anno de *1631* contra la armada de Don Antonio Oquendo deziseis galeones de la grandeza de los de mi propuesta, y diez y siete otros vaxeles menores y que venia esta armada tambien proveida de lo necessario que a la mitad della le basto el animo para embestir la armada de Don Antonio, y que si Olanda tuviera avizo, para les mandar socorro, que no se puede dudar de que fuera la armada enemiga mucho mayor.

Y deve tenersse por cierto, que deven los rebeldes trabajar todo lo possible por romper nuestras armadas, que fueren al Brasil, porque en lo hazer consiste el fin de sus intentos, y considerandosse las armadas con que acostumbran armar en nuestro tiempos como las tengo mostrado se verá clarissimante que embiarsse àquel Estado armadas de menos fuerça de la que tengo propuesto no sera otra cosa mas que darlas en la mano al enemigo, y perdersse la reputacion de España y desesperar las gentes de aquellas partes de poder hallar remedio.

Ni la dificultad de se hazer la primera armada es tanta que se deva tener por impossible, porque los sinco galeones de a mil toneladas, se pueden ordenar de los que se nombraram para las quatro esquadras, los ocho patajes tambien se hallaràn en las armadas de Su Magestad sin ser necessario hazersse de nuevo.

Para los quatro galeones de a ochocientas toneladas, y para los demas vaxeles que deven traer carga, tambien deve aver algunos, los que mas fueren necessarios se poeden hazer de nuebo.

Y para se acodir a una necessidad tan grande, y tan prezissa deve Su Magestad ser servido que asta se componer esta primera

armada, mandarle aplicar la extracion de la sal, las medias anatas, las tercias del reino por emprestimo, consulado, y palo brasil, y lo que este anno sobrare del comercio de la India, despues de aprestada la armada que huviere de hir a aquellas partes.

Y porque pide toda la razon que se haga la armada dentro de un año, y puede suceder no ser las tales cosas bastantes a suplir toda la despeza como la pide una armada de que deve depender la reputacion de España y la seguridad de empresa tan importante deve Su Magestad ser servido mandar, que de la Corona de Castilla se socorra la de Portugal por emprestimo de dineros y artilleria.

Y para pagamiento deste emprestimo se deven firmar las aduanas del reino en aquello que en lo presente rentan efectivamente, y lo que tuvieren de sobras al segundo año, despues de la armada navegar se deve hir dando a la Corona de Castilla asta ser satisfecha.

Y no puede haver duda, que por razon de los comercios aver de navegar seguros que sean tantas estas sobras que brevemente sea pago el emprestimo, y despues se deven embiar las tales sobras todos los annos a Su Magestad como cosa que justamente se deve reputar venida de nuevo a su Real Hazienda.

Y para se pedir esta merced a Su Magestad con tantas veras que sea servido de la conceder, se deve considerar lo mucho que importan a la Monarquia de España los efectos a que tiene el intento esta mi propuesta, y que para los alcançar no puede haver otro remedio mas eficaz ni mas seguro ni mas barato, que el de la armada contenida en la tal propuesta, por lo que se deve creer que si fuere todo presentado a Su Magestad que quando es servido socorrer fuera de España a los que tienen necessidad de su ayuda con sumas tan grandes de cientos de mil ducados como es notorio, que no permitirá que se falte a sus mismas cossas en un apriettо tan grande en que toda Su Monarquia va interessada.

Y porque el Brasil está en mucho riesgo por razon del aprieto en que está puesto Pernambuco conforme las nuevas que de alla tienen venido ultimamente, deve Su Magestad ser servido que se embien con la brevedad possible mil y quinientos hombres de socorro aquella guerra, y que estos lleven dineros para sus pagas y para ayuda de se pagar a los que allá andan que es falta que se afirma tiene hecho daño, y que assi tambien lleven harinas para suplir la falta de bastimentos.

Y que juntamente se llamen los hombres de aquellas partes que andan en estas en sus pretenssiones y que sea Su Magestad servido mandarlos responder con que queden contentos; y que a los hombres que andan en aquella guerra, de que huviere informacion que sirven bien se les embien havitos y esperança de estas mer-

cedes, que en efecto no es darles cosa de momento y será causa quando vieren que se tiene dellos lembrança para que sirvan con mas calor, y será exemplo para que los demas acudan a la guerra con voluntad firme.

Y por haver ya entrado el verano de aquella costa en que los enemigos la traen infestada con sus vaxeles, se deve embiar este socorro en caravelas y no a mas que a tres o quoatro juntas porque vendo assi divedidas no prodràn por su ligereza recevir daño de los vaxeles grandes, y para las lanchas, y aun para los pataxes, siendo parte de los soldados mosqueteros les quedaràn con mucha ventaja.

Y a la buelta podran venir las tales caravelas con media carga de asucares, porque de las que assy vienen toman los piratas pocas, y las mas dellas vienen livres, y los derechos de la carga que traxeren ayudará mucho a la despesa que se hiziere con el socorro. La materia desta mi propuesta por ser la de mayor importancia que en la Monarquia de España se ofrece, pretendi llevarla a la Corte para la ofrecer a Su Magestad fueme impossible poder hazerlo por causa de lo que tengo despendido en servicio de las Magestades Catholicas que están en el cielo, y de lo que despendi con tres hijos en servicio de Su Magestad que Dios guarde muchos annos, no podiendo salir de mi casa con la comodidad que piden mi calidad vejez, y enfermedades.

No podiendo vencer mi impossibilidad embiè dos propuestas breves (6) al Ex.mo Señor Conde Duque una enfin del Anno de *1631* y otra en principio del Anno de *1633* en cada una dellas ofreci a Su Excelencia llevar mi arbitrio para que en la Corte fuesse visto en una junta estando yo presente, porque es impossible poderse entender sin que yo muestre de palavra muchas cosas que no es possible declararse por escrito.

Pedi a Su Excelencia que teniendo respeto, a mi impossibilidad proceder de lo que yo y mis hijos teniamos despendido en el Real servicio fuesse servido azerme merced de a la quenta de seis mil ducados que me son devidos en la Casa de la India procedidos de un padron que tiene por condicion expressa, que quando no huviere dineros en la tal Casa me paguen en lo mejor parado del Reino, mandar que se me pagase aquella cantidad que fuesse bastante para hazer la jornada de la Corte.

Fue Su Excelencias servido remitir mis propuestas a manos portuguesas como toda la razon de buen gobierno lo pedia, porque siendo la materia tocante a Portugal no podia informar della sinò

---

(6) Com estas Propostas desconhecidas, a *Propuesta* que aqui se reproduz e as *Advertencias* se verifica que o Autor escreveu quatro opúsculos sôbre a matéria. (*J. H. R.*)

quien tuviesse conocimiento de las personas y de las materias del Reino. Mas teniendo por costumbre los mas de los Portugueses de nuestros tiempos, que son oydos, trabajar por dañar todo lo ageno, que ellos no poeden hazer suyo sin respetar lo que dañnan al servicio de Su Magestad porque solo atienden al fin de sus intentos devió Su Excelencia ser tan mal informado de mi persona como bien se echó de ver en la poca quenta que hizo de materia de tanta importancia, y grandeza.

Entendi la mala informacion que de mi se dio de algunas palavras que me fueron escriptas de la Corte refiriendome lo que de mi se dixo en publico, que son causa de la larga satisfacion que doi a todo lo que escrivo en esta propuesta.

Y porque vinieron a concluir que mi arbitrio era una quimera inventada solo afin de alcançar la merced del pagamiento que pedia. Respondo a esta parte, que yo ni aquellos de que vengo ni mis hijos trattamos nunca quimeras ni hizimos cossa contra nuestra reputacion, de que doi por testigos todos que de my tienen noticia, y que assi no merece credito quien juzga por quimera aquello de que no tiene noticia, y solamente por ser parto de mi entendimiento, quando no me vio nunca errar en cosa alguna, lo que tambien ya referi; y que del pagamiento que pedi no podia yo nunca sacar interez, que me obligasse a hazer cosa indigna de mi persona, porque por largo que fuesse la jornada de la Corte lo consumiria.

Y assi concluyo que el arbitrio de mi propuesta, es una de las importantes materias que en el servicio de Su Magestad se ofrecen en toda su Monarquia, y que si es verdadero se deve tener que cometió delito grandissimo quien lo desacreditó con su excelencia para quedar impedido ha tres annos, en que se puede creer que estuviera ya Pernambuco en nuestras manos, y que si es falso que confesaré tener cometido infamia grande y digna de gran castigo.

Y aunque por tener esta mi materia personas desaficionadas, contra la voluntad de los quales, tengo por inpossible poder permanecer por me aver cerrado la puerta con el Señnor Conde Duque fuersame el apretado punto en que veo la Monarquia, que la buelva a intentar ofreciendola en manos desapassionadas y zelosas del servicio de Su Magestad para que juzgando mis fundamentos por buenos le quiten el discredito que le tienen dado para que bolviendo a manos de su Excelencia la juzge por el merecimiento de lo que le hallare, y nó por el discredito en que la tienen puesta aquellos que aun no tienen della noticia verdadera.

ÍNDICES DE NOMES E ASSUNTOS

DO

DIARIO DE HENRIQUE HAECXS

INDICE DE ASSUNTOS

ÍNDICE DE NOMES

ÍNDICES DE NOMES E ASSUNTOS

DA

HISTORIA DE LA RECUPERACION DEL BRASIL

ÍNDICE DE ASSUNTOS

INDICE DE NOMES

ÍNDICES DE NOMES E ASSUNTOS

DAS

ADVERTENCIAS...

ÍNDICE DE ASSUNTOS

ÍNDICE DE NOMES

ÍNDICES DE NOMES E ASSUNTOS

DA

PROPUESTA DE LAS ADVERTENCIAS...

ÍNDICE DE NOMES E ASSUNTOS